

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM LETRAS

EDUARDO SILVEIRA CABRAL DE MELO

**A FIGURA HISTÓRICA E FICCIONAL DO GAÚCHO:  
*O GAÚCHO*, DE JOSÉ DE ALENCAR, E *PERSEGUIÇÃO E CERCO*  
*A JUVÊNIO GUTIERREZ*, DE TABAJARA RUAS**

PORTO ALEGRE

2008

EDUARDO SILVEIRA CABRAL DE MELO

**A FIGURA HISTÓRICA E FICCIONAL DO GAÚCHO:  
*O GAÚCHO, DE JOSÉ DE ALENCAR, E PERSEGUIÇÃO E CERCO*  
*A JUVÊNIO GUTIERREZ, DE TABAJARA RUAS***

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Letras, pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Orientadora: Dr. Vera Teixeira de Aguiar

Porto Alegre  
2008

EDUARDO SILVEIRA CABRAL DE MELO

A FIGURA HISTÓRICA E FICCIONAL DO GAÚCHO:  
*O GAÚCHO*, DE JOSÉ DE ALENCAR, E *PERSEGUIÇÃO E CERCO*  
*A JUVÊNIO GUTIERREZ*, DE TABAJARA RUAS

Aprovada em 22 de janeiro de 2008

BANCA EXAMINADORA:

---

Profa. Dr. Vera Teixeira de Aguiar (Pres.)

---

Prof. Dr. Mauro Nicolas Póvoas (FURG)

---

Profa. Dr. Maria Luíza Ritzel Remédios (PUCRS)

Para Juliane

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho é o resultado final de um período de dois anos repletos de dificuldades. Meu interesse profissional na área de literatura, considerado irrelevante na empresa onde trabalho, representou um exercício semanal de enfrentamento com a gerência. Quando as aulas terminaram e havia a dissertação a escrever, meus problemas só aumentaram - a gerência se recusou a me conceder uma licença não-remunerada, durante alguns meses, para me dedicar exclusivamente à pesquisa. Além disso, a primeira orientadora desta pesquisa, prof. dr. Maria da Glória Bordini, foi demitida logo após a validação do projeto. Embora tivéssemos nossas discordâncias, foi uma perda importante. Nesse contexto difícil, encontrei força e apoio em pessoas especiais – a elas, eu agradeço.

Agradeço à minha esposa, Juliane, cujo estímulo para o ingresso no mestrado e depois, para cursá-lo e concluí-lo, foi decisivo, mesmo estando longe. À minha mãe, Rosa, pela atenção nos momentos difíceis da reta final. À prof. dr. Vera Teixeira de Aguiar, que aceitou mais um orientando sem ter obrigação disso. À Laís Legg da Silveira, pelo apoio irrestrito em momento crítico. À CAPES, cujo apoio à pesquisa é fundamental para o progresso do Brasil, e para o meu progresso também. Ao Luiz Maurício e ao Bruno, amigos de primeira hora.

## RESUMO

A dissertação analisa as conexões existentes entre as figuras histórica e ficcional do gaúcho, a partir de um *corpus* literário composto pelas obras *O gaúcho*, de José de Alencar, e *Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez*, de Tabajara Ruas, visando identificar e discutir os desvios existentes entre história e ficção e as mudanças na significação do gaúcho. Para esse empreendimento, é realizada uma reconstituição do conceito de gaúcho, com o devido levantamento histórico. O gaúcho apresenta uma construção muito diferente nas obras selecionadas, especialmente em *Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez*, o que demonstra o distanciamento entre a figura do gaúcho idealizado e o mundo real, histórico. Em *O gaúcho*, encontramos uma figura que idealiza a integração do gaúcho com o pampa e a natureza, fundando o parâmetro do regionalismo gaúcho. O cotejo entre o gaúcho histórico e o gaúcho ficcional evidenciará, sobretudo, uma tendência para a urbanização dos habitantes do Rio Grande do Sul e a sua gradual inserção no sistema político e social.

**Palavras-chave:** gaúcho, história, literatura regionalista, José de Alencar, Tabajara Ruas,

## ABSTRACT

This work analyses the connections between the historical and the fictional character of the *gaúcho*, from a literary composite based upon *O gaúcho*, by José de Alencar, and *Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez*, by Tabajara Ruas. It is aiming to identify and to discuss the differences between the history and the fiction of the *gaúcho* and also the changes of meanings of the concept of *gaúcho*. *Gaúcho* appears differently in the selected books, especially in *Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez*, wich shows the distance between the character of the idealized *gaúcho* and the real, historic world. The comparison between the historic *gaúcho* and the fictional *gaúcho* will show, above all, tendence for urbanization of the inhabitants of Rio Grande do Sul and it's integration in the social and political system.

**Keywords:** gaúcho, history, regional literature, Tabajara Ruas, José de Alencar

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1 A FIGURA HISTÓRICA DO GAÚCHO</b> .....	15
<b>2 A RESSEMANTIZAÇÃO DO GAÚCHO</b> .....	23
2.1 Historiografia e tradicionalismo.....	29
2.2 Meios de comunicação.....	40
2.3 Definição conceitual de gaúcho.....	59
<b>3 A FIGURA FICCIONAL DO GAÚCHO</b> .....	63
<b>4 O GAÚCHO</b> .....	77
<b>5 PERSEGUIÇÃO E CERCO A JUVÊNIO GUTIERREZ</b> .....	90
<b>CONCLUSÃO</b> .....	119
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	125
<b>ANEXOS</b> .....	131
A – Documentos MTG, página de internet.....	131
B – Lei Ordinária 8.813/89 do Estado do Rio Grande do Sul.....	134
C – Lei Ordinária 12.372/05 do Estado do Rio Grande do Sul.....	137
D – Boletim da Igreja Metodista Central de Porto Alegre.....	140
E – Escolas terão aulas de tiro ao laço, reportagem de Correio do Povo.....	143
F – Escolas particulares e registros de festas juninas.....	145
G – Caderno Cultura de Zero Hora sobre Paixão Côrtes.....	157
H – Um legado que sobrevive, reportagem de Zero Hora.....	170
I – Aquecimento global, reportagem de Zero Hora.....	173
J – Homenagem ao ministro, crônica de Juremir Machado da Silva em Correio do Povo.....	175
K – Transcrição de propaganda televisiva da cerveja Polar.....	177
L – Tarifa deve ser reajustada em até 11%, reportagem de Jornal do Vale Paraibano.....	180
M – <i>Case</i> premiado da propaganda Fala Tchê, da Claro Digital/Telet.....	183
N – Letra de música cantada na campanha eleitoral ao governo do RS em 2006.....	185
<b>CURRICULUM VITAE</b> .....	188

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação propõe o cotejo entre a figura histórica do gaúcho, tomada a partir da reconstituição dos períodos históricos em que ela se manifesta e dos significados que lhe são atribuídos, e a figura ficcional do gaúcho, reconstituída na sua trajetória literária e definida a partir das obras *O gaúcho* (1870), de José de Alencar, e *Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez* (1990), de Tabajara Ruas.

Existem estudos prévios cotejando as figuras históricas e ficcionais do gaúcho, como os de Augusto Meyer<sup>1</sup> e Antonio Hohlfeldt<sup>2</sup>. São estudos que já contam mais de cinquenta anos, no caso de Meyer, e mais de vinte e cinco anos, no caso de Hohlfeldt. Nossa contribuição para a produção pré-existente dá-se na atualização das perspectivas de análise, ao trazermos elementos novos da literatura regional gaúcha ainda não investigados dentro da ótica proposta, ao discutirmos o significado de “gaúcho” a partir de fontes mais recentes. O gaúcho é uma figura pouco explorada, se admitirmos como parâmetro de comparação, por exemplo, o estudo de gênero, no qual a personagem feminina é recorrente objeto de investigação – nacionalmente e também no Rio Grande do Sul. Nesse sentido, verificamos uma lacuna que pode ser preenchida com a realização deste trabalho.

O gaúcho é figura histórica, antes de ser figura ficcional, exigindo, pois, contextualização no nível da história. Como o objetivo deste trabalho é justamente o cotejo entre a figura histórica e ficcional, o diálogo entre literatura e história assume um necessário protagonismo. A distância temporal entre a publicação das obras selecionadas, mais de um século, colabora com esse propósito, apoiando a verificação de diferenças na construção da figura ficcional do gaúcho em contextos históricos e literários diversos. Antes de constituir um problema para o cotejo, é útil para a sua execução.

As obras literárias selecionadas para análise foram definidas em função da sua íntima relação com o tema proposto. *O gaúcho*, de José de Alencar, apresenta um gaúcho elaborado no contexto histórico do Brasil imperial, da formação do Estado nacional brasileiro. *Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez*, de Tabajara Ruas, responde a um momento

---

<sup>1</sup> MEYER, Augusto. **Prosa dos pagos**: 1941-1959. Rio de Janeiro : São José, 1960.

<sup>2</sup> HOHLFELDT, Antonio. **O gaúcho**: ficção e realidade. Rio de Janeiro: Edições Antares. 1982.

contemporâneo, quando o espaço do gaúcho já está definido e integrado ao Brasil e ao mundo, gerando problemas distintos daquele momento anterior.

Partindo de uma contextualização histórica e literária do gaúcho, que permita defini-lo como um objeto de estudo situado no tempo e sujeito a mudanças de sentido, nosso principal intento é verificar como se opera a construção da figura ficcional do gaúcho nas obras do *corpus* deste trabalho, onde o contexto histórico interfere e se confunde com essa figura ficcional; secundariamente, como essa construção, no século XX, elabora novos problemas, valoriza caracteres diferentes da figura ficcional do gaúcho do século XIX e apresenta alterações entre a história e a literatura.

Para atingir os propósitos desta pesquisa, adotamos inicialmente um conceito que delimite historicamente o que significa ser “gaúcho”, dentro do contexto brasileiro e rio-grandense, o mesmo contexto em que se desenvolvem a concepção e a trama das obras selecionadas neste projeto.

O termo “gaúcho” é descrito por Augusto Meyer<sup>3</sup>, Flávio Loureiro Chaves<sup>4</sup> e César Guazzelli<sup>5</sup> como uma palavra cujo sentido avança historicamente, inicialmente com tom pejorativo, mais tarde ganhando conotação positiva. No século XVIII, época do aparecimento do termo, ele definiria os desertores das tropas regulares do exército, os aventureiros paulistas (inicialmente denominados *gaudérios*), ladrões e vagabundos, todos contrabandistas de gado, e os preadores do gado chimarrão, vagos e livres pelo território dos pampas, sem fixação à terra.

Há discordâncias, porém, entre Meyer e Guazzelli, na questão do aparecimento do termo. Para Meyer, conforme também ressalta Chaves<sup>6</sup>, a terminologia que aparece inicialmente é *gaúchos*, com o sentido exposto acima, sendo que o singular *gaúcho* surgiria apenas mais tarde, em meados do século XIX, já significando o trabalhador, o peão de estância, “guerreiro e peão”, quando às atividades campeiras eram somadas constantemente as

---

<sup>3</sup> MEYER, Augusto. **Prosa dos pagos**: 1941-1959. Rio de Janeiro : São José, 1960. p. 38

<sup>4</sup> CHAVES, Flávio Loureiro. **Simões Lopes Neto**: regionalismo & literatura. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 32-33

<sup>5</sup> GUZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Matrero, guerreiro e peão campeiro: aspectos da construção literária do gaúcho. In: Encontro de fronteiras culturais. **Anais do I Encontro de Fronteiras Culturais**. Pelotas: Oikos, 2003. p. 33

<sup>6</sup> CHAVES, Flávio Loureiro, op. cit. p. 34.

atividades militares, nas escaramuças contra argentinos e uruguaios – o que era uma constante. Guazzelli não leva em conta a diferença entre plural e singular do termo, pensando no *gaúcho* mas também no *gaucho*, a versão platina da palavra, que na Argentina e no Uruguai atravessou processo de transformação semelhante.

O sentido do que era *ser gaúcho* muda historicamente, no que concordam Meyer e Guazzelli, na passagem dos séculos XVIII e XIX. Meyer entende que as razões para a transformação do significado do termo “gaúcho” são oriundas de questões econômicas, da centralidade da estância e da importância militar do peão. O gaúcho vagante, sem livre movimento pelo território do Rio Grande a partir do cercamento das propriedades, assume importância fundamental para manter a estância. Na estância ele vive, mantendo-a produtiva e protegida, contra invasões dos vizinhos castelhanos. Quando os gaúchos, homens vagos, fixam-se à terra, Guazzelli os identifica “subjugados como mão-de-obra nas estâncias de criação”<sup>7</sup>. Para ele, que chama essa fixação do gaúcho à estância como a sua “derrota”, ou seja, a extinção do gaúcho original, vago e livre, nesse momento é que se inicia uma literatura gauchesca para retratar os hábitos, costumes e valores desse indivíduo, inicialmente na Argentina e Uruguai, posteriormente no Rio Grande do Sul.

Essa conceituação do gaúcho permite distinguir elementos históricos nas personagens das obras selecionadas, sua relação com o contexto histórico em que aparecem, a criatividade dos autores na construção da figura ficcional do gaúcho e a análise das mudanças de sentido que atravessam a figura do gaúcho.

David Lodge comenta a visão aristotélica de personagem e introduz o conceito de personagem que adotaremos, a fim de analisar a figura ficcional do gaúcho. Para Lodge, a personagem do romance predomina esteticamente sobre o enredo:

[sobre a concepção aristotélica da personagem] Alguém poderia dizer que ela consiste na informação sobre uma personagem representada que excede seu papel de ‘atuante’, de mera função do enredo ou ação. Aristóteles afirmou que o Mito era mais importante que a Personagem, e estava certo, visto que não se pode ter uma narrativa sem enredo, mas se pode ter um enredo sem personagens, no sentido dado acima. Entretanto, em alguns

---

<sup>7</sup> GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Matrero, guerreiro e peão campeiro: aspectos da construção literária do gaúcho. In: Encontro de fronteiras culturais. **Anais do I Encontro de Fronteiras Culturais**. Pelotas: Oikos, 2003. p. 34.

tipos de narrativa – em especial no Romance – a Personagem pode dominar esteticamente o Enredo.<sup>8</sup>

O entendimento conceitual sobre personagem compreenderá uma abordagem baseada em Antônio Candido<sup>9</sup>, dentro de uma perspectiva mimética. Considerando que investigamos na literatura os modos como ela se apropria de um elemento extra-literário (a figura histórica do gaúcho), é indispensável um conceito de personagem baseado na mimese, para dar conta deste objetivo.

Antonio Candido, na sua reflexão sobre a personagem do romance, parte da perspectiva de que essa é antropomorfa, humana, ainda que totalmente ficcional – se fosse real ou descrita exatamente como na vida real, seria a negação do romance, cairia em um caráter monográfico, seria elemento de um texto científico e não ficcional<sup>10</sup>. Quando Candido afirma que “o enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuítos do romance, a vida que decorre dele, os significados e valores que o animam”, a idéia fundamental é: a existência da personagem como um elemento dinâmico, “dá vida” ao enredo, cuja ação torna o mundo ficcional existente. Candido pensa na personagem de uma forma muito mais ligada ao pensamento e à vida do autor, em termos de construção – por consequência, vinculada ao contexto em que o autor/romancista vive, ao mundo que o autor conhece, construído dentro dessas limitações. A personagem pode assumir formas mais ou menos fiéis a realidade, conforme a escolha do seu criador. A verossimilhança interna da personagem, estrutural, também é um elemento destacado por Candido.

Na perspectiva das relações entre história e literatura, segundo Hayden White, ao narrarem, alguns historiadores “acreditam estar fazendo algo fundamentalmente diferente do romancista, visto se ocuparem dos acontecimentos ‘reais’, enquanto o romancista se ocupa dos eventos ‘imaginados’”. Contudo, ele prossegue, “nem a forma nem o poder de explicação da narrativa derivam dos diferentes conteúdos que ela presumivelmente é capaz de conciliar”<sup>11</sup>. Para ele, tanto o historiador quanto o romancista procuram dar sentido ao mundo, emprestando uma forma reconhecível para aquilo que é obscuro. O historiador também é um

---

<sup>8</sup> LODGE, David. **A forma na ficção**: guia de métodos analíticos e terminologia. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS. Porto Alegre, v. 2, n. 1, 1996. p. 31

<sup>9</sup> CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 65-69

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: USP, 1994. p. 115.

escritor de versões, que precisa construir uma narrativa a partir de fatos concretos, mas reconstitui narrativamente a sua versão, entre outras possíveis, da história.

Paul Ricoeur dialoga diretamente com Hayden White, em seu *Tempo e narrativa*, ao concordar com ele quando afirma que “tão logo admitimos que a escrita da história não se ajunta de fora ao conhecimento histórico, mas dele é solidária, nada se opõe a que admitamos também que a história *imita* em sua escrita tipos de armação da intriga herdados da tradição literária”<sup>12</sup>.

Do ponto de vista da história, o grande problema em relação à literatura e à ficção coloca-se da seguinte maneira: se a história trata de fatos, como encarar a narração desses fatos como um evento ficcional? Na visão aristotélica, a história trata dos fatos acontecidos, e a literatura daqueles que poderiam ter acontecido. De acordo com Sandra Pesavento<sup>13</sup>, essa postulação levaria a uma dicotomia entre a narrativa da ficção e da história, em que a narração da última corresponderia à “verdade”. Para ela, a partir do momento que o historiador olha para o passado e busca, através de um discurso, reconstituí-lo, o historiador está elaborando a sua versão da história. O que não invalidaria a busca, desde que ele reconhecesse que pode tentar se aproximar ao máximo da “verdade”, mas não alcançá-la. A diferença entre literatura e história seria o compromisso da história com a realidade, com os fatos passados, compromisso que a literatura não precisa manter. A verossimilhança histórica pertence aos fatos passados, e isso pode ou não estar presente na literatura. David Perkins<sup>14</sup> entende a questão da mesma forma, quando afirma que, no romance, o enredo prevalece sobre a história e o romancista pode imaginar e criar eventos se assim desejar, diferente da narrativa histórica, onde o enredo não é imposto pelo autor, mas extraído do passado histórico. Mesmo apresentando lacunas, a representação da narrativa histórica não poderá ser considerada incorreta, apenas incompleta.

A reunião dos três pressupostos teóricos – os conceitos de gaúcho, de personagem e do diálogo entre literatura e história – permitirá o estudo das obras selecionadas em parâmetros objetivos. O conceito de gaúcho delinearão o alvo a ser localizado nas obras, o de

---

<sup>12</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas, SP: Papyrus, 1997. p. 322-323, 3º volume

<sup>13</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. In: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, número 6 - 2006, disponível em 05 de dezembro de 2006 em <http://nuevomundo.revues.org/document1560.html>.

<sup>14</sup> PERKINS, David. **História da literatura e narração**. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS. Porto Alegre, v. 3, n. 1, 1999. p. 8-9.

personagem permitirá a abordagem e análise aprofundada deste alvo e as questões entre literatura e história respaldam a análise no âmbito do real e do ficcional.

Esta dissertação é estruturada em cinco capítulos. O primeiro, “A figura histórica do gaúcho”, faz a recuperação do contexto em que surge e se desenvolve o gaúcho, apresentando-o conforme é descrito no registro histórico. O segundo capítulo, “A ressemantização do gaúcho”, dá conta de uma recuperação histórica mais contemporânea, verificando como a figura do gaúcho recebe novos significados, atribuídos pela historiografia, pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho, pela imprensa escrita, cinema, televisão e publicidade. O terceiro capítulo, “A figura ficcional do gaúcho”, procede a recuperação literária da figura ficcional do gaúcho, discutindo sua transformação no âmbito do regionalismo literário. Nesse capítulo, apresentamos ainda a compreensão conceitual de gaúcho que alcançamos após os três primeiros capítulos. No quarto e o quinto capítulos, “*O gaúcho*” e “*Perseguição e cerco de Juvêncio Gutierrez*”, e chegamos aos resultados expostos na conclusão. Em anexo, reunimos materiais de difícil acesso, que documentam o estudo feito sobre a ressemantização do gaúcho.

## 1 A FIGURA HISTÓRICA DO GAÚCHO

“Sem um cavalo para montar e uma vaca para caçar, não teria havido o gaúcho (...) cavalos e vacas foram de importância fundamental na formação da classe gaúcha; por essa razão, qualquer estudo sobre o gaúcho pode ser bem iniciado por considerações a respeito da sociedade pastoril da qual essa classe emergiu”<sup>15</sup>

Verificamos que o registro histórico mais remoto sobre o gaúcho é interpretado consensualmente pela historiografia: era um cavaleiro, um ginete. Pensar nas origens do gaúcho sem associá-lo ao cavalo, à sua montaria, é impossível. A introdução do gado e do cavalo na América do Sul, por espanhóis (via Buenos Aires) e portugueses (via capitania de São Vicente), no século XVI, é a condição primordial para o surgimento do gaúcho. Cerca de um século após a contaminação do meio ambiente local por essas espécies alienígenas, o subcontinente já dispõe de reservas imensas de gado e uma quantia bem menor, mas expressiva, de eqüinos, todas em estado selvagem e vagando livres<sup>16</sup>.

Em terras de vastas planícies e pradarias, de longas distâncias, o cavalo constitui um meio de locomoção indispensável. Conforme os relatos de viajantes estrangeiros no Rio Grande do Sul<sup>17</sup>, caminhar a pé pelo campo ou até mesmo na cidade oferecia aos habitantes dos primeiros tempos da colonização ibérica uma visão absolutamente estranha. Os relatos dizem que até mesmo os escravos só se deslocavam a cavalo<sup>18</sup>, mesmo para percorrer distâncias mínimas. Nichols também afirma que “Os cavalos eram usados para puxar toda sorte de coisas. (...) Ordene a um peão para trazer qualquer coisa de cem metros de distância e o seu primeiro movimento será chamar seu cavalo (...)”<sup>19</sup>. A adoção do cavalo como meio de transporte não representa originalidade do gaúcho, uma vez que os primeiros colonizadores estrangeiros da América, ao trazerem cavalos nas embarcações, têm em mente o uso do cavalo como meio de transporte e vantagem tática em caso de conflitos armados com os nativos. O que talvez diferencie a relação do gaúcho com o cavalo, em relação aos demais ocupantes do continente, é transformar o cavalo em um instrumento de diferenciação social. A primeira meta dos colonos alemães e italianos, ao instalarem-se no Rio Grande do Sul durante

---

<sup>15</sup> NICHOLS, Madaline Wallis. **O gaúcho**. Rio de Janeiro: Z. Valverde, 1946. p. 45

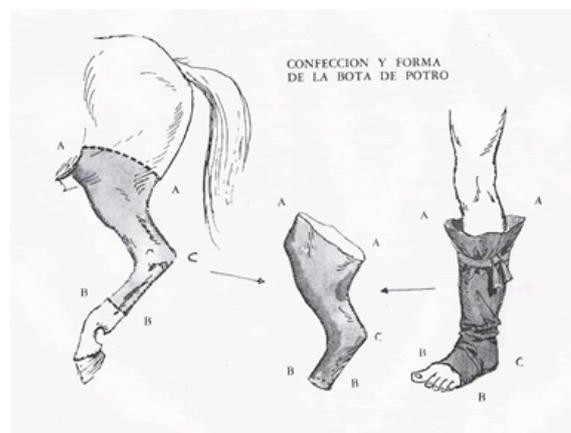
<sup>16</sup> MEYER, Augusto. **Prosa dos pagos**: 1941-1959. Rio de Janeiro : São José, 1960. p. 12-13

<sup>17</sup> REVERBEL, Carlos. **O gaúcho**. Porto Alegre : L&PM, 2002 [1986]. p. 47

<sup>18</sup> Ibidem, p. 134

<sup>19</sup> NICHOLS, Madaline Wallis. op. cit. p. 48

o século XIX, é comprar um cavalo<sup>20</sup>. Andar a pé constituía uma indignidade, e como diz Nichols, “somente quando montado a cavalo estava um homem em condições para se sentir completamente vestido”<sup>21</sup>. Os utensílios colocados nos cavalos, “esporas de prata, os cabos de rebenque lavados até a ouro, as guaiacas recamadas de enfeites, os aperos de prata trançada”<sup>22</sup> dimensionam o *status* do seu cavaleiro – mas apesar da relevância social, os animais vivem mal-alimentados. Para se percorrer grandes distâncias é preciso levar uma tropa de cavalos, para servirem como peças de reposição<sup>23</sup>. O couro dos eqüinos também é aproveitado, esporadicamente, para a confecção de botas (imagem acima<sup>24</sup>).



Se o cavalo é o meio de transporte essencial, o gado é a riqueza vagando pelos campos, reserva imensa de couro. Certos registros históricos falam em “milhões e milhões” de cabeças de gado selvagem por volta de 1634<sup>25</sup>, abrangendo um território que ia do que hoje é São Paulo, até o pampa argentino mais meridional. Esses animais são identificados pela historiografia como *gado chimarrão*. A abundância do gado chimarrão e a facilidade de captura dos mesmos transformam a presença humana nas planícies do sul do continente, determinando as relações econômicas e os costumes, tanto de nativos como colonizadores.

Desde o início da colonização ibérica, até o desenvolvimento da produção em larga escala do charque em fins do século XVIII, o couro do gado chimarrão é o único produto da região do Prata com valor comercial, passível de exportação e trocas com o continente europeu. Nas terras sob domínio espanhol, organizam-se expedições de captura que saem de Buenos Aires e passam semanas ou meses no campo, preando os animais para abate e extração do couro ou retenção nas estâncias<sup>26</sup>. A carne decorrente dos abates é o sustento

<sup>20</sup> OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 114

<sup>21</sup> NICHOLS, Madaline Wallis. **O gaúcho**. Rio de Janeiro: Z. Valverde, 1946. p. 48

<sup>22</sup> REVERBEL, Carlos. **O gaúcho**. Porto Alegre: L&PM, 2002 [1986]. p. 46

<sup>23</sup> Ibidem, p. 44

<sup>24</sup> ASSUNÇÃO, Fernando O. **Pilchas criollas: usos y costumbres del gaucho**. Montevideo: Master Fer, 1979. p. 43

<sup>25</sup> REVERBEL, Carlos. op. cit. p. 28

<sup>26</sup> NICHOLS, Madaline Wallis. op. cit. p. 51-55

principal dos encarregados dessas incursões e frequentemente o excedente fica apodrecendo sobre os campos, desperdiçado – até o advento do charque, esse é o destino da carne<sup>27</sup>. Do lado brasileiro, desde meados do século XVIII, durante o ciclo do ouro, bandeirantes paulistas excursionam cada vez mais ao sul em busca de gado, para o sustento das vilas em ascensão na capitania de Minas Gerais<sup>28</sup>.

O grande movimento relacionado ao couro é, entretanto, aquele oriundo do contrabando – principal atividade econômica do gaúcho. As restrições espanholas ao comércio fora da relação colônia-metrópole estimulam desde muito cedo o contrabando do couro entre os habitantes do Prata e comerciantes portugueses e ingleses – que fazem da Colônia de Sacramento o seu entreposto comercial no Rio da Prata. Conforme as palavras de Nichols,

Os portugueses, e seus aliados ingleses, tinham produtos para vender; os colonos espanhóis necessitavam esses produtos e tinham os seus próprios para oferecer em troca; era, pois vantagem de ambas partes que semelhantes trocas se fizessem. O fato do negócio ser ilegal não pesava eficientemente como obstáculo ao mesmo diante da necessidade econômica<sup>29</sup>

A obtenção do couro não é complicada, dada a abundância de gado chimarrão vagando pelos campos. Decorrente do abate dos animais para extração do couro, se obtém fartamente carne para alimentação. Diante de tanta facilidade, somada ao precário controle fiscal espanhol e a demanda constante pelo produto, muitos homens se tornam caçadores de gado.

(...) Uma classe de caçadores ilegais de couros surgiu para atender às encomendas e introduzir (...), em troca, as mercadorias de contrabando. Esses caçadores eram os gaúchos. Ao princípio ele foi variantemente conhecido por changador, gaudério, guaso ou gaúcho; esse último termo foi o que permaneceu. A origem de todos esses termos é desconhecida.<sup>30</sup>

O gaúcho, nas suas origens mais distantes, é o caçador de gado que contrabandeia couros e se alimenta, basicamente, da carne dos animais abatidos. Anda sempre armado de faca, com a qual abate o gado, prepara a carne da sua alimentação e retira o couro dos

<sup>27</sup> NICHOLS, Madaline Wallis. **O gaúcho**. Rio de Janeiro: Z. Valverde, 1946. p. 53

<sup>28</sup> OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 63

<sup>29</sup> NICHOLS, Madaline Wallis. op. cit. p. 65

<sup>30</sup> NICHOLS, Madaline Wallis. op. cit. p. 22

animais. Para Reverbel, “a naturalidade com que praticavam tais operações, encharcados de sangue, deve ter contribuído para a preparação de muitos degoladores. O couro chegou a valer quatro vezes o preço do gado em pé.”<sup>31</sup>. Além da faca, herança européia, as outras armas do gaúcho, a lança e a boleadeira, possuem origem indígena<sup>32</sup>.

Há uma descontinuidade temporal e geográfica que devemos assinalar, entre os habitantes das possessões espanholas e portuguesas. Embora o tipo humano do gaúcho, conforme qualificado por Madaline Walls Nichols, seja comum a ambos os territórios, o gaúcho *português* aparece muito depois do espanhol: a partir das primeiras décadas do século XVIII. Para Carlos Reverbel, essa descontinuidade entre o espanhol e o português não constitui um grande problema, entendendo que as condições de vida são comuns: territórios fartos em pastagens e cabeças de gado chimarrão, o condicionamento da vida do habitante ao cavalo e ao gado, a vida econômica a girar em torno do couro e do seu contrabando<sup>33</sup>. Reverbel também relaciona outras similaridades, como a superstição contra a monta em éguas e o luxo depositado nos apetrechos de montaria. O pano de fundo dessa descontinuidade entre o gaúcho espanhol e português, é em verdade uma das polêmicas mais renhidas da historiografia rio-grandense. Nas décadas de 1940 e 1950, Moysés Vellinho<sup>34</sup> defende uma versão da história do Rio Grande do Sul em que não se incluem as Missões Jesuíticas, espanholas, mas cravadas no território rio-grandense, como integrantes do passado histórico do estado. A historiografia daqueles tempos é dividida em dois grupos: um que dá valor à influência dos espanhóis na formação do Rio Grande do Sul, outro que despreza essa possibilidade e exalta uma origem portuguesa quase pura. Na reconstrução da história por Moysés Vellinho, nunca há espaço para os índios<sup>35</sup>, menos ainda para índios de Missões Jesuíticas *espanholas*. Termina prevalecendo na historiografia rio-grandense a visão segundo a qual as Missões Jesuíticas dos Sete Povos das Missões fazem parte da história rio-grandense, mesmo sendo espanholas por um longo período, assim como se reconhece a influência e participação dos vizinhos hispânicos da fronteira na formação do Rio Grande do Sul<sup>36</sup>.

---

<sup>31</sup> REVERBEL, Carlos. **O gaúcho**. Porto Alegre : L&PM, 2002 [1986]. p. 103

<sup>32</sup> Ibidem, p. 95

<sup>33</sup> Ibidem, p. 91-92

<sup>34</sup> VELLINHO, Moysés. **Fronteira**. Porto Alegre: Globo, 1975. 244 p.

<sup>35</sup> NEUMANN, Eduardo Santos. Uma fronteira tripartida: a formação do continente do Rio Grande: século XVII. In: **Capítulos de história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004. p. 25-46

<sup>36</sup> Sobre esse assunto, ver GUTFREIND, Ieda. **A historiografia rio-grandense**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

A fundação em 1737 do que hoje é a cidade de Rio Grande, por tropas da coroa portuguesa, inicia oficialmente a colonização lusa do território gaúcho. Inicialmente Comandância Militar do Rio Grande de São Pedro (1738-1760), vinculada a Santa Catarina e subordinada ao Rio de Janeiro, torna-se depois uma unidade política na forma da Capitania de Rio Grande de São Pedro (1760-1807), subordinada ao Rio de Janeiro. Mais tarde Capitania de São Pedro (1807-1822), subordinada ao vice-rei do Brasil. Com a independência do Brasil, o território passa a ser chamado Província do Rio Grande do Sul. Durante a Revolução Farroupilha, República Rio-Grandense (1836-1845) e a partir de 1889, com a proclamação da República e até a atualidade, Estado do Rio Grande do Sul.

A partir do primeiro estabelecimento das tropas portuguesas, o território é paulatinamente povoado por imigrantes do arquipélago português de Açores, além de bandeirantes e tropeiros do resto do Brasil e militares reformados que recebem terras (sesmarias) para assentarem-se. As primeiras sesmarias são concedidas nos arredores de Rio Grande. Com a chegada dos açorianos, em 1752, a localidade de Viamão e a futura Porto Alegre são povoadas. Os primórdios do processo de povoamento, porém, não são pacíficos, em virtude da existência das comunidades indígenas administradas pelos padres da Companhia de Jesus a oeste do território.

Os índios das Missões Jesuíticas também preiam o gado chimarrão e chegam a deter mais de seiscentas mil cabeças de gado<sup>37</sup>, embora não exportem quase nada do couro que produzem, aproveitado essencialmente para suas necessidades internas. Produzem a partir do couro “caixas e arcas, cestos e sacos, toldos de carretas ou embarcações, pelotas, redes, (...) caixões mortuários (...), em vez de pregos, correias, em vez de paredes internas, armações de madeira revestidas de couro”<sup>38</sup>. Eventualmente, os ossos e crânios dos animais são aproveitados como assentos e até para construção de muros<sup>39</sup>.

As aldeias jesuíticas, posicionadas no centro do espaço ocupado pelo gado no continente, são obstáculos ao contrabando, para os gaúchos; concorrentes na preia do gado, para os bandeirantes; moeda de troca pelo controle da navegação do Prata, para espanhóis; compensação territorial pela cessão de Sacramento, para os portugueses.

---

<sup>37</sup> MEYER, Augusto. **Prosa dos pagos**: 1941-1959. Rio de Janeiro : São José, 1960. p. 13

<sup>38</sup> Ibidem, p. 14-15

<sup>39</sup> NICHOLS, Madaline Wallis. **O gaúcho**. Rio de Janeiro: Z. Valverde, 1946. p. 46

O Tratado de Madrid, de 1750, celebrado entre Espanha e Portugal, é o primeiro Tratado de uma série a reordenar as fronteiras coloniais entre os dois reinos. Entre outras implicações, resulta na troca da Colônia de Sacramento, portuguesa, pelas terras espanholas onde se encontram instalados os Sete Povos das Missões. O Tratado considera que a população desses aldeamentos, dezenas de milhares de pessoas, deve mudar de imediato para o lado oeste do rio Uruguai – uma jornada de centenas de quilômetros. Os indígenas e jesuítas recusam-se a tanto, gerando o conflito conhecido como “Guerra Guaranítica”, que ocorre entre 1752 a 1756 e termina com a vitória das tropas espanholas e portuguesas sobre índios e jesuítas.

O território do Rio Grande de São Pedro conhece, após a Guerra Guaranítica, três invasões espanholas na última metade do século XVIII, uma guerra com o atual Uruguai (Guerra da Cisplatina, 1815-20), uma guerra da província contra o Império do Brasil (Revolução Farroupilha, 1835-1845), uma invasão paraguaia (Guerra do Paraguai, 1865-70) e duas guerras civis (Revolução Federalista em 1893-85 e a Revolução de 1923). A historiografia é unânime ao afirmar que o caráter fronteiriço da região foi decisivo para torná-la palco permanente de conflitos bélicos.

A conquista definitiva do que é hoje o Rio Grande do Sul acontece num período de quase cinquenta anos após a Guerra Guaranítica, quando Rafael Pinto Bandeira, grande estancieiro da última metade do século XVIII, organiza tropas que repelem as últimas invasões castelhanas. Com a conquista definitiva do território, a distribuição de sesmarias para colonização ganha impulso; porém, o que ocorre de fato é uma grande concentração de terras nas mãos de poucos proprietários, em quantidades muito superiores ao permitido por lei. A terra é distribuída, mas permanece vazia, despovoada. É o espaço ideal para o desenvolvimento do gaúcho – as estâncias não são cercadas, os animais vagam livres e as pessoas também.

Os gaúchos, que viviam do contrabando de gado, paulatinamente são absorvidos pelos grandes estancieiros, aos quais interessa acumular e proteger as cabeças de gado em seu poder. O emprego da sua mão-de-obra nas estâncias se dá inicialmente através de trabalhos esporádicos, por jornada, evoluindo para uma situação onde o nomadismo do gaúcho dá lugar ao sedentarismo, à fixação às terras dos estancieiros. O gaúcho é incorporado na vida da

estância e torna-se peão; recebe pequenos ranchos para se assentar nas terras do estancieiro, oferecendo seus serviços de condução e controle do gado em contrapartida. Com o desenvolvimento da indústria do charque nos primórdios do século XIX, os estancieiros precisam controlar e proteger seus rebanhos contra ataques de índios e castelhanos, fazendo a integração do gaúcho como mão-de-obra algo permanente e indispensável. As atividades dos peões de estância entram em declínio quase no princípio do século XX, quando o charque gaúcho não consegue competir com os concorrentes uruguaios e argentinos.

Como explica Boris Fausto<sup>40</sup>, o charque gaúcho competia em condição de desigualdade com o produto uruaio. A Guerra da Cisplatina no primeiro quartel do século XIX equilibra a relação a favor dos produtores rio-grandenses, que ganham acesso aos rebanhos uruguaios ao mesmo tempo em que a produção cisplatina entra em crise. O processo de independência do Uruguai, logo a seguir, compromete a vantagem rio-grandense. Além de perder acesso aos rebanhos uruguaios, volta a competir com um produto mais barato. O Império do Brasil, nos seus primeiros anos, não aplica taxas de importação sobre o charque uruaio, para viabilizar a alimentação dos escravos do Sudeste e Nordeste do país a preços mais baixos que os oferecidos pelo produto nacional, rio-grandense. Essa competição arruína a economia do Rio Grande do Sul e revolta os estancieiros, cuja insatisfação política com o Império leva aos eventos da Revolução Farroupilha – basicamente, uma revolta por condições econômicas mais favoráveis ao negócio do charque. A Revolução Farroupilha é o evento histórico de maior influência sobre o pensamento e a literatura do Rio Grande do Sul, repercutindo na cultura local até hoje. Os rio-grandenses foram derrotados pelo Império, no que se considera até hoje um “empate”, pois as condições de rendição foram honrosas – as dívidas da República do Piratini foram absorvidas pelo Império, os militares foram absorvidos pelo Exército com as mesmas patentes que detinham no exército republicano, obteve-se a taxa sobre as importações de charque da região do Prata.

A concorrência do charque uruaio, aliada à decadência da organização de trabalho escravagista, levam o negócio do charque à crise – afetando também os estancieiros, após a década de 1860<sup>41</sup>. Daí por diante, o negócio do gado e do charque alterna momentos de prosperidade e crise, sendo o último dos períodos de prosperidade os anos da Primeira Guerra

---

<sup>40</sup> FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1995. p. 167 a 172

<sup>41</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002. p. 43

Mundial (1914-1918), quando a grande demanda dos países europeus em conflito pelo charque sul-americano gera receitas adicionais pelo produto.

A figura histórica do gaúcho transita na história e assume diferentes significados conforme cada período<sup>42</sup>. Originalmente, o gaúcho é apenas um contrabandista de couros, que vive totalmente livre, à margem da lei e da sociedade, se alimentando do gado que caça para extrair os couros, consumindo constantemente a bebida preparada à base de erva-mate, rica em cafeína e estimulante, mais uma influência indígena. Quando as terras começam a ter proprietários, após a distribuição das sesmarias, o gado passa a ser controlado e disputado pelos estancieiros, que empregam os gaúchos e seus conhecimentos na preia e no abate do gado. Conforme nos explica Reverbel:

O tipo social do gaúcho perdeu a conotação pejorativa quando, deixando de significar gaudério, um marginal, passou a identificar o campeiro destro e desenvolto nas lidas do pastoreio e pronto a transformar-se em soldado. Chegava-se ao trabalho rural estável e ao serviço militar quase institucionalizado, fundamentos da sociedade de 'soldados e pastores'.<sup>43</sup>

Com isso, a denominação de gaúcho também passa a contemplar o peão de estância, aquele que possui as habilidades do gaúcho na monta do cavalo e na preia do gado (captura com laço, conhecimento do espaço geográfico e do tratamento dos animais). Os gaúchos-peões, além de tratarem dos rebanhos, ainda serão utilizados pelos estancieiros também nos conflitos bélicos e militares.

---

<sup>42</sup> MEYER, Augusto. **Prosa dos pagos**: 1941-1959. Rio de Janeiro: São José, 1960.

<sup>43</sup> REVERBEL, Carlos. **O gaúcho**. Porto Alegre : L&PM, 2002 [1986]. p. 117-118

## 2 A RESSEMANTIZAÇÃO DO GAÚCHO

Existe ou não existe, nos dias de hoje, o gaúcho? Sendo um tipo humano muito característico (homem, solitário, preador de gado, contrabandista, ginete, marginal à sociedade), situado em tempo e espaço há muito pretéritos, podemos afirmar com total segurança que o gaúcho, tal qual existiu nas suas origens históricas, não existe mais entre nós, desde fins do século XIX. Mas continuamos a falar em gaúchos, escrever sobre gaúchos, nos definirmos e identificar-nos como gaúchos, alguns de nós até se vestem como gaúchos (ou acreditam que o fazem). Portanto, se o gaúcho registrado na História não existe, a que gaúcho nos referimos desde então? Somente ao peão de estância? Ao escrever sobre o regionalismo gaúcho, Nelson Werneck Sodré manifesta um pensamento a esse respeito:

O regionalismo gaúcho salvou-se, posteriormente, dos embaraços do artifício verbal, despojou-se bastante da carga do linguajar, mas trazia um mal de origem, que atingiu os que vieram depois [de Apolinário Porto Alegre, Simões Lopes Neto, Alcides Maya e Roque Callage] e se enquistou em quase todos eles, tão profundas as suas raízes. Era, no fundo, saudosista e apegava-se ao passado morto com tanto maior esforço quanto mais distante fosse aquele passado, quanto mais o condenasse a realidade do presente. (...) A questão, em sua essência, está na afeição desolada por um tipo humano, o gaúcho, moldado segundo a forma do 'monarca', mas inteiramente extinto. Na medida em que a realidade anuncia, cada vez com mais vigor, a morte daquele tipo, a literatura busca salvá-lo, como se nele estivesse contida a totalidade da vida, o que ela teve de grande pelo menos, o seu espírito de luta, o seu sentido heróico<sup>44</sup>

É interessante que Sodré entenda que o tipo gaúcho, historicamente, está *morto*, e ao mesmo tempo permaneça *vivo* na literatura – a despeito do pecado original do saudosismo. A herança que esse tipo histórico lega é mais presente e mais real que a presença dele, em si, poderia ser. O tipo gaúcho, “extinto”, morto, sobrevive na literatura décadas após a conclusão do autor. Quando Sodré critica o saudosismo, certamente tem em mente um dos mais polêmicos debates sobre o gaúcho de que se tem notícia, aquele que se dá entre Rubens de Barcellos e Moysés Vellinho<sup>45</sup> nas páginas do jornal *Correio do Povo*, entre agosto e setembro de 1925. O estopim da discussão é um artigo de Vellinho que critica a literatura de Alcides Maya, acusando-a de saudosista e falsa, por preconizar o desaparecimento do gaúcho. Nas palavras de Vellinho, com Alcides Maya:

---

<sup>44</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. p. 411

<sup>45</sup> Vellinho escreveu utilizando o pseudônimo Paulo Arinos.

Estava, pois, criado o ‘saudosismo’ na literatura local. Do Sr. Alcides Maya breve ele derivou para outros escritores (...)

Não sabemos distinguir o presente do passado. Pela identidade do seu ânimo e do seu caráter, ambos se fundem num mesmo tempo. A revolução de dois anos atrás [1923, contra mais uma reeleição de Borges de Medeiros] mostra-nos o passado rompendo para diante, na ânsia de renovar-se e de se fazer presente. Não são esses frágeis cercados de arama, que talham e retalham as grandes extensões de campo, que não de intimidar e tolher as expansões do instinto cívico do guasca. Quando é tempo, quando lhe ferem o amor-próprio, ele destrói os aramados e restabelece os primitivos latifúndios, reconstruindo, num repente de loucura e de heroísmo, o cenário das velhas batalhas. Nada de esmorecimentos. A capacidade heróica do gaúcho é sempre a mesma.

Não lhes pedimos uma literatura quixotesca. O que queremos é que o traço das nossas realidade assinale fundo o seu estilo. O que queremos é que eles revelem a nossa terra tal como ela é: não um cemitério de lendas, mas um jardim de palpitantes realidades. Romancistas, ‘conteurs’, poetas, sociólogos, historiadores, como quer que eles sejam, não esqueçam que estamos em presença de todas as nossas tradições<sup>46</sup>

O que Vellinho não aceita é a visão do ocaso proposta na literatura de Alcides Maya, cujas obras *Tapera* e *Ruínas vivas* apresentam o desaparecimento da figura do gaúcho diante do progresso e do tempo, valendo-se de um estilo saudosista que irrita críticos de literatura como Sodré. Vellinho não quer aceitar o fato que os arames cercado o campo não podem ser eliminados pela simples vontade do gaúcho em rompê-los, uma vez que não são simples ripas de madeira a sustentarem os cercados, são os pilares da propriedade, das relações econômicas e de um esboço de capitalismo – cercados intransponíveis até para o mais bravo dos gaúchos. O artigo de Vellinho é uma veemente defesa da permanência do gaúcho na sociedade, porém, um gaúcho considerado herói, bravo e guerreiro – não peão, nem agregado de estância, um pobre-diabo dependente do seu coronel estancieiro. Vellinho é defensor de uma figura idealizada do gaúcho:

O crítico [Vellinho] põe-se frontalmente contra a morte do gaúcho ficcional, morte propiciada pelo entrechoque anacrônico entre a figura tradicional do gaúcho e o tempo presente moderno, ao ponto de contrapor ao gaúcho agonizante outra imagem que lhe possa fazer frente. Esta nova imagem é a do gaúcho sociologicamente adaptado, em oposição ao tipo alcidiano, vinculado ao espaço da Campanha.<sup>47</sup>

<sup>46</sup> BARCELLOS, Rubens de. **Estudos rio-grandenses**: motivos de História e literatura. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1960. p. 106-107

<sup>47</sup> ZISMANN, Tatiana. **A construção de uma referência de identidade nacional para o Rio Grande do Sul nos discursos crítico-literário e historiográfico de Moysés Vellinho**. 2006. 127 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, PUCRS, Porto Alegre, 2006. p. 50

Dessa defesa veemente e cega da permanência de um gaúcho *heróico*, misturada ao ataque contra a literatura de Alcides Maya, surge a réplica igualmente inflamada de Rubens de Barcellos, admirador da literatura de Alcides Maya e pesquisador que não apenas acredita na decadência do gaúcho, como no seu desaparecimento do mundo real.

Não se iluda o meu jovem amigo. A luta de 1923 veio provar que a tradição de rebeldia guerreira está em declínio. Foi um surto tardio, agônico, numa força em recuo. A guerra política, pelejada à gaúcha, está a passar (...) Já pensou o meu amigo que os homens da revolução, que a fizeram, que a dirigiram, acaudilhando-a, foram veteranos, representantes da tradição, forças reacionárias do passado? Fortes e bravos, sem dúvida.

Mas que fizeram, senão fugir dos trens de ferro, dos automóveis, dos telégrafos, das metralhadoras, manejados pelas mãos da autoridade? O progresso material, com a sua teia de forças mecânicas e interesses econômicos, inimigo implacável das antigas formas de heroísmo gaúcho, circunscrevendo-lhe e limitando-lhe a ação, manietou-o, venceu-o. Não, não é o mesmo rio-grandense de agora e o de antanho. O passado não se faz presente.

(...) Adeus, belas cargas de lança seca! Entoaram-nas as últimas estrofes dum canto bárbaro. Talvez ele ainda ressoe nos nossos ouvidos, mas a sua voz está cada vez mais fraca e distante.<sup>48</sup>

Essa discussão é travada por então dois acadêmicos da Faculdade de Direito. Fica bastante clara a divisão entre ambos. Enquanto Vellino acredita na tradição gauchesca do heroísmo, e desacredita uma literatura que expresse o desaparecimento do gaúcho, Barcellos segue o caminho oposto, procura entender como um fato contemporâneo (a Revolução de 1923) reflete um processo de exaustão, refluxo de um grupo de indivíduos que se sustenta na imagem heróica. Ao invés de retirar o gaúcho do processo histórico, ao invés de isolá-lo do tempo e espaço – como procedeu Vellino, idealizando-o, Barcellos contextualiza e insere o gaúcho na história, tornando-se capaz de compreender a realidade, sem os véus mistificadores do heroísmo conservador. O trecho que reproduzimos a seguir é o mais citado de Rubens de Barcellos, analisado há mais de cinquenta anos por Augusto Meyer e há mais de vinte e cinco anos por Antonio Hohlfeldt. Fizemos a escolha de também reproduzi-lo, pela simplicidade e precisão do pensamento:

Tirai ao campeiro os seus instrumentos prediletos de uso cotidiano, o cavalo, as boleadeiras e o laço; limitai a sua liberdade de movimentos; negai-lhe o direito de bater-se cavalheirescamente; modificai-lhe as ocupações do seu viver; que fica?

<sup>48</sup> BARCELLOS, Rubens de. **Estudos rio-grandenses**: motivos de História e literatura. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1960. p. 116-117

A sua efígie característica, esculpida em moldes predatórios e violentos pelo pastoreio e pelas guerras, funções para as quais se sente destinado, desaparece. Se ele cede às alterações do ambiente e emprega a sua atividade em outros mistérios profissionais, então já deixou de ser o ‘gaúcho’.

Não significa esta asserção, e a ninguém de boa mente pode acudir tal propósito, que as qualidades morais ou os traços psicológicos distintivos do tipo social do rio-grandense desapareçam e morram pela circunstância de modificar-se a figura clássica do gaúcho.<sup>49</sup>

Apenas saudade, ou saudosismo, não explica porque o gaúcho insiste em se fazer presente. O saudosismo é sintoma de algo mais. O tipo histórico do gaúcho morre, desaparece, porém suas “qualidades morais ou os traços psicológicos distintivos” permanecem – embora a sociedade, a economia, o mundo se modernize, o meio ambiente do gaúcho desapareça, tudo mude, lá está firme a alma do gaúcho, a figura sobranceira, seus valores morais inabalados. Mas essa “alma”, esses valores morais, não são componentes de uma construção artificial sobre a figura do gaúcho? Como o gaúcho pode legar uma moralidade que nunca possuiu? Que qualidades morais pode possuir um homem solitário, nômade, contrabandista, marginal, cujo bem mais precioso é a liberdade de deslocamento sobre as patas de um cavalo, totalmente alheio a divisões particulares de propriedades, por exemplo? Como um tipo tão identificado com a auto-suficiência, que vive à margem da sociedade, considerado uma ameaça à civilização e ao progresso, que é o gaúcho histórico, pode tornar-se portador de valores morais, se perpetuar na literatura e nas mentes dos escritores como um herói, senão através de um processo de atribuição de sentidos, senão artificialmente?

É injusto creditarmos somente à literatura regionalista e ao seu duvidoso saudosismo a explicação para a permanência, entre nós, da figura deste tipo humano extinto há tanto tempo. E equivocado culparmos essa literatura por representar um tipo humano “morto”, como considera Sodré, quando na verdade o tipo gaúcho representado na literatura regional é quase sempre muito distante e diferente daquele que viveu de fato sobre a terra. Como o gaúcho é *transformado*, como as mudanças políticas e econômicas atravessam esse homem e a sua imagem, o que provoca a inversão do seu sentido na sociedade, a ponto de um bandido tornar-se herói?

---

<sup>49</sup> BARCELLOS, Rubens de. **Estudos rio-grandenses**: motivos de História e literatura. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1960. p. 130

A interessante transformação de tais gaúchos em heróis nacionais a que eles desde então chegaram, foi devida a dois fatores: os bons êxitos do gaúcho na guerra e os bons êxitos da literatura gaúcha.<sup>50</sup>

Para Madaline Walls Nichols, que pesquisa o gaúcho argentino e oriental, o que primeiro modifica a percepção coletiva do que significa *ser gaúcho* é a transformação dos changadores e contrabandistas em soldados<sup>51</sup>, ocasionada pela abertura da economia do pampa espanhol ao comércio direto com a Europa, em 1809. Eliminadas as vantagens do contrabando, uma vez legalizado o comércio direto com portugueses e ingleses, arruinou-se a principal atividade econômica do gaúcho. Sem utilidade econômica, ele é empregado como soldado, cavaleiro e ginete nas guerras de independência e formação dos Estados nacionais, na América do Sul espanhola.

A maneira gaúcha de viver servia-lhe bem no seu novo avatar. Ele sempre tinha vivido nos pampas e era senhor do seu ambiente. Não carecia de guia para encontrar o caminho nos ermos. Sabia onde encontrar água. Se sentia necessidade de se abrigar, sabia como construir esse abrigo nas planícies. Quando o gaúcho se tornou soldado, não teve que modificar muito sua vida; somente se transformou de caçador de vacas em caçador num jogo mais digno – do seu semelhante.<sup>52</sup>

Esse processo de assimilação do tipo gaúcho pela sociedade, no Rio Grande do Sul, também se dá através da guerra, em contexto mais amplo: a manutenção da fronteira portuguesa/brasileira, na segunda metade do século XVIII; a conquista e defesa territorial durante a Guerra da Cisplatina, no primeiro quartel do século XIX. Porém, o processo através do qual o gaúcho é efetivamente assimilado, no lado português, é o da colonização, do povoamento das terras. Quando passa a trabalhar nas imensas sesmarias dos estancieiros, assume o papel de peão, campeiro, agregado, conduz as tropas de gado por campos que se perdem no horizonte. O gaúcho do lado português é fixado à terra, antes de se tornar soldado. Claro que ao estancieiro rio-grandense interessa que esse gaúcho peão também seja soldado, para defender o gado e as terras contra os índios e os castelhanos<sup>53</sup>

Essa assimilação, sozinha, não muda o sentido do que significa *ser gaúcho*. Durante a Revolução Farroupilha, por exemplo, lutam os *rio-grandenses* – não se fala em gaúchos

<sup>50</sup> NICHOLS, Madaline Wallis. **O gaúcho**. Rio de Janeiro: Z. Valverde, 1946. p. 23

<sup>51</sup> Ibidem, p. 101

<sup>52</sup> Ibidem, p. 103.

<sup>53</sup> MEYER, Augusto. **Prosa dos pagos**: 1941-1959. Rio de Janeiro : São José, 1960. p. 32-33

guerreiros naquele período<sup>54</sup>. Para Oliven, a assimilação do gaúcho pela sociedade é racionalizada só muito após acontecer de fato, “o que ocorreu foi uma ressemantização do termo, através do qual um tipo social que era considerado desviante e marginal foi apropriado, reelaborado e adquiriu um novo significado positivo, sendo transformado em símbolo de identidade regional”<sup>55</sup>. Para Albeche, a guerra e o progresso elevam o status do gaúcho, e a reelaboração consciente do significado de *ser gaúcho* é empreendida inicialmente pelos republicanos positivistas rio-grandenses, algumas décadas após o término da Guerra dos Farrapos:

O mito do gaúcho na propaganda republicana é associado aos ideais da Epopéia Farroupilha, onde o culto aos gloriosos farroupilhas é homogenizado como modelo de união e coesão da raça, de unidade moral e mental. A Epopéia Farroupilha, a exemplo dos ideais da Revolução Francesa, passa a ser símbolo de uma idade de ouro de uma tradição exemplificada nos atos de bravura, conduta, honra, lealdade, liberdade, ordem e justiça, de que os positivistas se diziam continuadores.

(...) No positivismo, o mito do gaúcho reata o fio da história como uma raça sociável, pois o gaúcho real é uma contradição à ordem social positivista, não sendo aceito como modelo social.<sup>56</sup>

Albeche vê na identificação comum de *gaúcho* para estancieiros e peões a tentativa positivista de mascarar as diferenças sociais e econômicas entre uns e outros, visando através da designação de uma origem comum, manter a ordem e a estabilidade da situação política.

Se retomarmos a visão de Rubens de Barcellos, para quem, em 1925, há uma permanência apenas dos “valores morais” de um gaúcho já finado há muito no tempo histórico; e colocarmos esse pensamento paralelamente à conclusão de Oliven e Albeche, para quem ocorre uma ressemantização do gaúcho que visa criar tais valores morais e sociais comuns, uniformizantes, para o habitante do Rio Grande do Sul, estabelecendo-se, a partir do gaúcho revisto, um símbolo de identidade regional; é difícil acreditarmos que esses processos tenham se manifestado uma única vez e nunca mais se repitam.

Acreditamos que as tradições são inventadas pelos homens, e portanto podem ser revistas, modificadas conforme as contingências de uma época, de um grupo, de um setor

<sup>54</sup> MEYER, Augusto. **Prosa dos pagos**: 1941-1959. Rio de Janeiro : São José, 1960. p. 36

<sup>55</sup> OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 66

<sup>56</sup> ALBECHÉ, Daysi Lange. **Imagens do gaúcho**: história e mitificação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p. 22-23

econômico<sup>57</sup>. Não é nosso objetivo avaliar se essas construções de sentido sobre o passado logram êxito ou não, e seremos teleológicos se tentarmos elaborar novas hipóteses para justificar as mudanças de significado do gaúcho, ao longo do tempo, sem dados concretos para esse empreendimento. O que nos interessa, para pensar o gaúcho no tempo contemporâneo, são os *processos* de ressemantização, suas ocorrências no nível discursivo, cada vez mais complexo e elaborado, em outras instâncias além da discussão acadêmica. Precisamos visualizar e compreender esses processos, para definir o quê e quem é o gaúcho nas últimas décadas, sob que formatos, construções semânticas e ideológicas ele é tipificado. Uma vez que o gaúcho deixa de ser um tipo real, vivo, para existir como tipo *idealizado*, é essencial flagrarmos os constructos por trás dessa figura, para entender o que o gaúcho vem a significar nos últimos tempos.

Esses processos de reelaboração do significado da figura histórica do gaúcho ocorrem de forma permanente, na historiografia, na indústria cultural, na mídia, na educação, nos confrontos políticos, nas organizações da sociedade civil. A partir de estudos de outros pesquisadores, ou diretamente nas fontes, podemos verificar os significados contemporaneamente atribuídos ao gaúcho.

## 2.1 Historiografia e Tradicionalismo

A historiografia aproveita a constante defesa do povo rio-grandense contra o elemento estrangeiro, fronteiriço e hispânico, para gerar, no nível ideológico, uma tentativa de distinção entre gaúcho e *gaucho*, seu congênere platino de origem espanhola.

Oliven explica que, na Argentina, a palavra *gaucho* oscila entre o símbolo do atraso que cede espaço ao imigrante europeu modernizado, e a significação como figura romantizada, oposta ao materialismo desse mesmo imigrante<sup>58</sup>. Lá também ocorreu um processo de ressemantização, mas o resultado final termina distinto do rio-grandense. Na

---

<sup>57</sup> “Por 'tradição inventada' entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.” HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 9

<sup>58</sup> OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 65

Argentina e no Uruguai, *gaucho* é um símbolo do passado nacional, enquanto gaúcho, no Brasil, se torna o gentílico que designa o habitante do Rio Grande do Sul, esvazia-se de conteúdo histórico.

Carlos Reverbel acredita, não sem sentirmos uma boa dose de contradição nas suas palavras, que apesar das semelhanças econômicas, ambientais e culturais entre o gaúcho do lado português e o *gaucho* espanhol, estes são tipos humanos diferentes<sup>59</sup>. Reverbel argumenta que do lado espanhol, especificamente argentino, ocorre um conflito polarizador entre a cidade e o campo (espécie de conflito inexistente no Rio Grande do Sul), que culmina na autocracia de Rosas. Cita Domingos Faustino Sarmiento, escritor de *Facundo – Civilización y Barbarie*<sup>60</sup> e mais tarde presidente argentino, para lembrar ao leitor que a degola torna-se praticamente institucionalizada por Rosas como um sistema de execução pública. Para fechar seu pensamento, Reverbel afirma:

Nada parecido aconteceu entre nós. O caudilhismo degolador de 93, na guerra civil entre maragatos e pica-paus, apesar de ter apresentado a sinistra performance de cerca de mil degolados, torna-se um tanto desenhado se comparado com as grandes degolas platinas, oficiadas com desembaraço e competência por especialistas de alto coturno, como Don Juan Facundo Quiroga. Não se pode deixar de reconhecer, entretanto, que em determinados momentos os nossos degoladores estiveram à altura dos maiores mestres da outra banda. Mas foram momentos passageiros, praticados sobretudo em 93, quase sem precedentes, nem continuadores.<sup>61</sup>

Para Oliven, a Revolução Federalista, longe de constituir espaço para diferença entre gaúcho e *gaucho*, é mais uma evidência da semelhança,

“Nesse conflito, a maneira preferida de eliminar o prisioneiro era o ritual da ‘degola’ que consistia geralmente em fazê-lo ajoelhar de mãos atadas e com um golpe súbito de faca cortar-lhe a garganta (onde se usavam lenços coloridos que identificavam a filiação partidária) de um lado a outro, seccionando assim as carótidas, do mesmo modo como se abatia um terneiro.”<sup>62</sup>

qualificando esse conflito como “extremamente cruel”. Acrescenta, ainda, que também no Rio Grande do Sul “os caudilhos eram figuras centrais nos conflitos e políticas do estado”. Cita a

<sup>59</sup> REVERBEL, Carlos. **O gaúcho**. Porto Alegre : L&PM, 2002 [1986]. p. 136-137

<sup>60</sup> SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo**: civilización y barbarie en la república Argentina. Madrid: Ed. América, 1950 [1845]. 360 p.

<sup>61</sup> REVERBEL, Carlos. op. cit. p. 138-139

<sup>62</sup> OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 74

revolta de 1923, que impede Borges de Medeiros de tentar mais uma reeleição. Equivoca-se quem pensa no gaúcho português como “bom” e no *gaucho* espanhol como “*malo*”. A extrema violência é comum a ambos.

Outra diferenciação empregada pela historiografia para tentar distinguir o gaúcho do *gaucho* foi a suposta diferença étnica entre ambos, onde ao gaúcho rio-grandense atribui-se uma origem predominantemente branca, enquanto ao *gaucho* platino, uma origem indígena predominante. Neste sistema, o gaúcho rio-grandense surge como “ordeiro, disciplinado e sóbrio”, enquanto o *gaucho* platino aparece “inferior, instável, volúvel e atrofiado”<sup>63</sup>. Existe uma tentativa de justificar as qualidades e atributos do gaúcho, calcada na distinção artificial entre o gaúcho “daqui” e o *gaucho* “de lá”, onde o daqui, por ser supostamente mais branco do que índio, é considerado etnicamente superior ao de lá, supostamente mais indígena do que branco; onde o daqui, ato contínuo, tem mais caráter e é menos selvagem, enquanto o de lá é um bárbaro, sedento de sangue, ávido por degolas.

A partir da 4a série do 1o grau, as crianças do Rio Grande do Sul entram em contato com a história regional. Didaticamente, são iniciadas num processo de fixação de imagens e conceitos sobre o Rio Grande do Sul e seu personagem símbolo, o gaúcho.<sup>64</sup>

Sandra Pesavento, no artigo “Gaúcho: mito e história”<sup>65</sup>, denuncia a postura de setores da historiografia que elabora uma visão idílica e imutável do passado<sup>66</sup>, além de uma exaltação fantasiosa na qual “o Rio Grande do Sul foi sempre o paladino da liberdade, lutou sempre por causas justas e seu povo possui virtudes inatas, representadas na figura do gaúcho: altaneiro, destemido, livre, etc. (...)”. A autora, ao partir do conceito de intelectual orgânico defendido por Antonio Gramsci, critica a história “tradicional e conservadora”, cuja leitura do passado Pesavento vê centrada no seguinte: a homogeneização do habitante do Rio Grande do Sul em torno de uma única figura (o gaúcho da Campanha); a eliminação nos estudos históricos dos conflitos entre interesses e grupos diferentes – peões sem propriedade e grandes proprietários, por exemplo, são representados vivendo sempre juntos, pacificamente; no culto aos feitos heróicos e aos heróis do passado, frutos de uma visão idealista da História. Por fim, a autora centra fogo contra a visão imobilista da História, onde o Rio Grande do Sul e seus

<sup>63</sup> ALBECHE, Daysi Lange. **Imagens do gaúcho**: história e mitificação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p. 24

<sup>64</sup> PESAVENTO, Sandra. Gaúcho: mito e história. In: **Letras de hoje**. Porto Alegre, v.24, n. 3, setembro de 1989. p. 55

<sup>65</sup> Idem.

<sup>66</sup> Ibidem, p. 56-57

habitantes preservariam, desde sempre, o mesmo perfil, sem alterações. Como ela afirma,

O fato de patrão e empregados sorverem chimarrão na mesma cuia, ou do patrão 'parar rodeio' [atividade de deslocamento de gado] tal como o peão não invalida o dado fundamental de que o dono da terra e do gado é realmente o estancieiro e que o produto da venda do rebanho fique retido em suas mãos.<sup>67</sup>

Além da crítica à historiografia rio-grandense, Sandra Pesavento conclui o seguinte:

Nunca se produziu tanto, em termos de história regional, como hoje, com publicações de obras e artigos que vão desde o plano didático, com as comemorações oficiais do sesquicentenário da Revolução Farroupilha até o âmbito universitário, onde trabalhos com linguagem mais sofisticada reproduzem velhos clichês de 50 anos atrás... O saldo, contudo, é o mesmo: uma história regional comprometida com a permanência, com o imobilismo (...).<sup>68</sup>

Apesar dessa conclusão pessimista, a historiografia rio-grandense experimenta mudanças nos anos 1990, especialmente a partir da publicação de *A parte e o todo*, de George Ruben Oliven, em 1992. A obra traz à tona uma série de questionamentos sobre o Movimento Tradicionalista Gaúcho, a forma como se constrói a identidade regional e nacional no Rio Grande do Sul e revê, criticamente, a historiografia sobre o Estado e sobre o gaúcho, concedendo mais espaço e protagonismo aos imigrantes europeus, negros e índios na formação do Rio Grande do Sul, analisando as visões traçadas ao longo do tempo sobre o homem da Campanha. Para validar a sua visão dos processos históricos, Oliven utiliza, além dos tradicionais relatos de visitantes estrangeiros, outros documentos, como estatísticas do Movimento Tradicionalista Gaúcho e dados do IBGE, quebrando o hábito freqüente de alguns historiadores e estudiosos rio-grandenses, de tempos pregressos, acostumados a fazer afirmações sem acessar fontes primárias:

[sobre a obra *Formação do Rio Grande do Sul*, de Jorge Salis Goulart] A obra é rica de imaginação, tão a gosto dos ufanistas regionalistas, mas carente de pesquisas documentais e de crítica histórica.<sup>69</sup>

[sobre Rubens de Barcellos] Dotado de estilo erudito, formado nas leituras em seu gabinete, Barcellos não buscou documentos nem dados que comprovassem suas afirmações.<sup>70</sup>

<sup>67</sup> PESAVENTO, Sandra. Gaúcho: mito e história. In: **Letras de hoje**. Porto Alegre, v.24, n. 3, setembro de 1989. p. 59

<sup>68</sup> Ibidem, p. 62

<sup>69</sup> FLORES, Moacyr. **Historiografia**: estudos. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1989. p. 44

<sup>70</sup> Ibidem, p. 45

[Sobre Fronteira e Capitania D'El Rei, de Moysés Vellinho] também utilizou para a elaboração desta obra somente consultas bibliográficas.<sup>71</sup>

Moacyr Flores, além de apontar vários historiadores que deixam de lado as fontes primárias e documentos ao escrever suas obras, dos quais citamos somente os comentários dos nomes mais relevantes, também ressalta na sua análise da historiografia rio-grandense outros historiadores que, ao contrário, se valem das fontes largamente, como Dante de Laytano, Carlos Teschauer, Carlos von Koseritz. Além de Moacyr Flores, também Ieda Gutfreind<sup>72</sup> se debruça sobre a historiografia rio-grandense, em obra sobre o tema publicada em 1992.

Flores classifica a historiografia rio-grandense em grupos, divididos segundo critérios teóricos – liberalismo, positivismo, determinismo sociológico, etc. Apesar da classificação arbitrária, da qual fica de fora o historiador Guilhermino César<sup>73</sup>, a obra possui o mérito de proceder a uma análise crítica de historiadores rio-grandenses desde o século XIX. Dos historiadores liberais, destaca o modo como as idéias do liberalismo europeu influenciam suas obras de história produzidas no século XIX, o caráter anti-clerical de alguns autores e a difusão do pensamento político e filosófico dos integrantes do Partido Liberal, dos quais o mais conhecido citado por Flores é Joaquim Francisco de Assis Brasil<sup>74</sup>. Sobre os positivistas, identifica nas suas obras a exaltação do herói como agente decisivo da História, o conceito evolucionista do progresso da sociedade e a exaltação conservadora do “conservar melhorando”, a valorização do passado e das “tradições”, vindo na produção dos autores filiados ao positivismo comtiano a origem do regionalismo tradicionalista<sup>75</sup>. Os nomes mais destacados pelo autor são João Cezimbra Jaques e Arthur Ferreira Filho.

Os três autores que Moacyr Flores considera como “deterministas sociológicos” são Jorge Salis Goulart, Rubens de Barcellos e Moysés Vellinho. A base da sua classificação, em tom quase acusatório, se concentra nas críticas às generalizações realizadas por ambos, sem qualquer sustentação documental na maioria das vezes<sup>76</sup>. Em Moysés Vellinho e Jorge Salis

---

<sup>71</sup> FLORES, Moacyr. **Historiografia**: estudos. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1989. p. 51

<sup>72</sup> GUTFREIND, Ieda. **A historiografia rio-grandense**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1998. Nesta obra, a autora revisa a polêmica entre lusitanistas e platinistas, e aprofunda a visão sobre os processos de construção do discurso segundo o qual o Rio Grande do Sul tem apenas origens lusitanas.

<sup>73</sup> FLORES, Moacyr. op. cit. p. 10

<sup>74</sup> Ibidem, 12-23

<sup>75</sup> Ibidem, p. 25

<sup>76</sup> Ibidem, p. 41-51

Goulart, Flores verifica a negação do índio e do negro como componentes positivos do Rio Grande do Sul, inclusive transcrevendo passagens da obra de ambos, nas quais índios e negros são adjetivados como medíocres, inferiores, etc., além de excluídos de qualquer participação nos traços positivos do rio-grandense ou do gaúcho – basicamente, os brancos, descendentes de portugueses, tomados como portadores de todos os bons atributos.

Oliven, ao analisar essa questão<sup>77</sup>, entende que Moysés Vellinho e J. H. Dacanal (este último escreve após 1970), são dois autores que desprezam a contribuição do índio como componente étnico importante do gaúcho rio-grandense. Oliven enfatiza que nem Vellinho, nem Dacanal, se apóiam em dados de pesquisas para estabelecer suas conclusões. Sobre Vellinho, ainda temos a contribuição de Zismann: “O que se observa no discurso de Moysés Vellinho é que há muito mais uma estratégia de evocação ao documento, através de um artifício textual, do que a efetiva tomada dele como fonte de pesquisa histórica”<sup>78</sup>. Resumidamente, racismo intelectualizado, travestido de verdade histórica. Reforçando a visão do gaúcho heróico, branco, senhor da Campanha, temos paralelamente o reforço do Movimento Tradicionalista Gaúcho:

Se no século XVIII todo mundo queria ser estancieiro, avançando nas sesmarias, hoje em dia todo mundo quer ser tradicionalista, invadindo os 'cetegês'. Dizem que existem mais de 800, do Oiapoque ao Chuí. Em todos os lugares onde há gaúchos surgem 'cetegês', com seus galpões, churrasqueiras, cantorias, bailantas, mate amargo, a moçada toda pilchada, oigalê! Se o repertório musical começa a fraquejar, volta e meia tendo-se de repetir as mesmas marcas, é só atravessar a fronteira e trazer na mala de garupa, de torna-viagem, providencial reforço do folclore rio-platense. Nessa matéria, tudo é várzea, pode-se contrabandear a la farta, como se comia carne na tropeada do Tio Lautério

Os centros de tradições são uma projeção do 'monarca das coxilhas' nos tempos bicudos do 'gaúcho a pé'. (...) Quando o presente se apequena, é natural que se cultuem as grandezas do passado, indo ao encontro dos tempos heróicos e neles procurando a própria identidade.<sup>79</sup>

Ser gaúcho, para o Movimento Tradicionalista Gaúcho, significa viver e respeitar as tradições, o que implica adotar, para o culto à tradição, uma indumentária específica, para homens e mulheres, firmadas pelo MTG, conhecer as danças folclóricas, aceitar que as

<sup>77</sup> OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 70-73

<sup>78</sup> ZISMANN, Tatiana. op. cit. p. 77

<sup>79</sup> REVERBEL, Carlos. **O gaúcho**. Porto Alegre : L&PM, 2002 [1986]. p. 130-131

definições do Movimento são verdadeiras e disseminá-las para o maior número de pessoas.<sup>80</sup>

O tradicionalismo é um fenômeno consolidado no Rio Grande do Sul, institucionalizado através de uma organização civil (o Movimento Tradicionalista Gaúcho), que por sua vez congrega os diversos CTG's (Centros de Tradições Gaúchas) fundados tanto no Rio Grande do Sul, como fora dele. O principal trabalho científico desenvolvido sobre o MTG até o momento é a obra *A parte e o todo*, de Ruben George Oliven, cuja primeira publicação se deu em 1992, reeditada com dados revistos e atualizados em 2006.

Conforme nos conta Oliven, em 1947, estudantes do Colégio Júlio de Castilhos<sup>81</sup> fundam um departamento para tradições gaúchas no Grêmio Estudantil. Estes estudantes, em setembro daquele ano, acendem pela primeira vez a *Chama Crioula* e organizam também pela primeira vez o período de festejos que hoje conhecemos como *Semana Farroupilha*<sup>82</sup>. Em 1948, esses jovens estudantes mais alguns adultos, ex-escoteiros, fundam o 35 CTG (Centro de Tradições Gaúchas). O objetivo declarado do 35 CTG é, desde então, reviver as tradições gaúchas, zelar por estas tradições e disseminar a cultura e os costumes do Rio Grande do Sul, levando às camadas populares o tradicionalismo<sup>83</sup>.

Oliven descreve que os CTG's espalham-se rapidamente pelo Estado, passando de 29 entidades fundadas no período 1948-59 para 74 entre 1960-1969. Em um congresso que reuniu entidades tradicionalistas e CTG's do Rio Grande do Sul, em 1966, é fundado o Movimento Tradicionalista Gaúcho, desde então o principal agregador dos CTG's e entidades tradicionalistas. O Movimento Tradicionalista Gaúcho segue os caminhos lançados pelo 35 CTG e dissemina o que entende ser a cultura e os costumes gaúchos, posicionando-se como protetor destes. O gaúcho, tal como entendido pelo tradicionalismo, é o homem campeiro, peão de estância, aquele que vivia e sobrevivia do pampa.

O reconhecimento oficial do tradicionalismo no Estado<sup>84</sup> ocorre em 1964, através de lei estadual oficializando a *Semana Farroupilha*, de 14 a 20 de setembro; em 1966, quando lei

---

<sup>80</sup> MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO. **Regulamento campeiro**. Porto Alegre, [2007]. Carta de Princípios. 5 p.

<sup>81</sup> Maior escola pública estadual do Rio Grande do Sul daquele período até o momento.

<sup>82</sup> OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 106

<sup>83</sup> *Ibidem*, p. 111

<sup>84</sup> *Ibidem*, p. 120-123.

estadual define o Hino Farroupilha como hino oficial do Rio Grande do Sul; em 1974, é criada a Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore. Em fins da década de 1970 e início de 1980, um dos fundadores do MTG, Barbosa Lessa, é nomeado Secretário Estadual de Cultural, Desporto e Turismo, impulso oficial decisivo às atividades regionalistas.

Oliven demonstra que muitas tradições gaúchas, disseminadas pelo MTG como originais e integrantes de um *folclore* legitimamente gaúcho são, na verdade, invenções ou apropriações. Apoiando-se em escritos dos próprios tradicionalistas, ele argumenta: Paixão Côrtes e Barbosa Lessa, os principais intelectuais do tradicionalismo, participam do evento *Dia da Tradição* em Montevideu, na década de 1950, e diante da riqueza cultural dos vizinhos, os dois se decepcionam com a pobreza de temas musicais e danças do Rio Grande do Sul. Um ano depois, para uma apresentação de dança folclórica em Porto Alegre, Côrtes e Lessa exibem ao público danças vistas em Montevideu, obtendo um sucesso que os estimula a aprofundar suas pesquisas<sup>85</sup>; Oliven também cita a história de Barbosa Lessa, que assiste uma apresentação da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre na década de 1980. Em dada altura da exibição, executam uma música de sua autoria, *Negrinho do Pastoreio*, erroneamente anunciada como de “autor desconhecido” – a própria sinfônica ignorava a autoria de Lessa<sup>86</sup>; o vestido das mulheres dos gaúchos, as *prendas*, são inventados pelos membros do 35 CTG a partir de fotos antigas das famílias, trajes das tradicionalistas uruguaias. Buscam inspiração até mesmo nos vestidos caipiras<sup>87</sup> para criar a indumentária feminina típica.

O MTG assume um caráter notavelmente normativo das tradições gaúchas, arrogando para si poderes para definir o que é “certo” ou “errado” em matéria de manifestações culturais. Uma pessoa, ao visitar a página na Internet do MTG no dia 31 de outubro de 2007 encontraria na seção “documentos”<sup>88</sup> uma lista extensa de estatutos e regras para eventos esportivos, provas de dança, atuação profissional nestes eventos, etc. Para evidenciar o que queremos dizer com o termo “normativo”, citamos um trecho do “Regulamento Artístico do Estado do Rio Grande do Sul – MTG/RS” obtido na rede:

Art. 6º - O uso da Pilcha Gaúcha é recomendado para todos os participantes durante a realização dos eventos (patrões, dirigentes,

---

<sup>85</sup> OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 168-169

<sup>86</sup> Ibidem, p. 170-171

<sup>87</sup> Ibidem, p. 173-175

<sup>88</sup> Ver anexo A.

organizadores, comissões, participantes concorrentes).

Parágrafo único - Fica vedado o uso de “piercing”, brincos e outros adereços metálicos ou não, encravados na pele por parte dos concorrentes masculinos de todas as modalidades e categorias. É vedado o uso de “piercing”, também, pelas prendas.<sup>89</sup>

#### Do Concurso de Causos Gauchescos de Galpão

Art. 42 - Esta modalidade visa trazer de volta para o convívio artístico gaúcho, a tradição dos bolichos e galpões, onde gaúchos reunidos contavam suas proezas e feitos, sempre usando a tradicional teatralidade do nosso homem do campo, às vezes exagerando nos detalhes, mas sempre falando a verdade.<sup>90</sup>

A normatividade do movimento é de tal ordem, que chega a ingenuamente supor que todos os gaúchos contadores de causos sempre falam a verdade. É ainda mais sintomático que seja editada uma regra impedindo competidores masculinos de usarem brincos e *piercings*. Além de definir o que *pode*, o movimento tenta definir o que *não pode*, como se uma regra pudesse ocultar o fato de os participantes masculinos das competições efetivamente usarem brincos e *piercings*. Existe uma lei estadual definindo o que é um churrasco gaúcho<sup>91</sup>. O MTG normatiza a indumentária (criou as *Diretrizes para a pilcha gaúcha*), através da Lei Estadual 8.813/89, que prevê como pilcha gaúcha “somente aquela que, com autenticidade, reproduza com elegância, a sobriedade da nossa indumentária histórica, conforme os ditames e as diretrizes traçadas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho”<sup>92</sup>. O MTG também normatiza as “danças tradicionais gaúchas”, através da Lei Estadual 12.372/05, que prevê no seu artigo segundo que “As músicas, as letras e as coreografias das danças tradicionais gaúcha estão definidas nas obras publicadas e adotadas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG”<sup>93</sup>.

Além do movimento tradicionalista, o Rio Grande do Sul conhece outras formas de manifestação das tradições<sup>94</sup>. Festivais de música gaúcha ou “nativa” reúnem milhares de pessoas anualmente, como o Musicanto e a Califórnia da Canção Nativa; existem programas

<sup>89</sup> MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO. **Regulamento Artístico do Estado do Rio Grande do Sul – MTG/RS**. Porto Alegre, [2007]. p. 2

<sup>90</sup> Idem. **Regulamento campeão**. Porto Alegre, [2007]. p. 12

<sup>91</sup> OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 176

<sup>92</sup> BRASIL. Rio Grande do Sul. Lei Ordinária nº 8.813/89, de 10 de janeiro de 1989. **Diário Oficial [do] Estado do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, RS, 11 jan. 1989. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br>>. Acesso em: 29 dez. 2007. Ver anexo B.

<sup>93</sup> BRASIL. Rio Grande do Sul. Lei Ordinária nº 12.372/05, de 16 de novembro de 2005. **Diário Oficial [do] Estado do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, RS, 17 nov. 2005. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br>>. Acesso em: 29 dez. 2007. Ver anexo C.

<sup>94</sup> OLIVEN, Ruben George. op. cit. p. 177-210

de televisão sobre as tradições gaúchas, o mais representativo deles sendo o *Galpão Crioulo*, programa semanal de música e cultura gaúcha em exibição há mais de 25 anos; editoras voltadas exclusivamente para a publicação de obras literárias e pesquisas não-acadêmicas de cunho fortemente regionalista<sup>95</sup>. São alguns exemplos da presença generalizada do tradicionalismo na sociedade civil do Rio Grande do Sul, mas que extrapolam os limites dos CTG's e do movimento tradicionalista. Como diz Oliven,

O Movimento Tradicionalista Gaúcho não consegue controlar todas as expressões culturais do estado, nem disseminar hegemonicamente suas mensagens. Os tempos são outros, existem diferentes formas de ser gaúcho que não passam necessariamente pelos CTG's. O mercado de bens simbólicos ampliou-se e novos atores passaram a disputar segmentos dele.<sup>96</sup>

A influência do MTG é forte até os dias de hoje, como vemos a seguir, ao analisarmos como se processa a ressemantização do gaúcho nos periódicos. Direta ou indiretamente, o movimento se faz presente. Tivemos a oportunidade de experimentar na prática essa influência, da forma mais inesperada, participando sem aviso prévio de um “culto crioulo”, realizado dez dias após o feriado estadual da Revolução Farroupilha. O culto crioulo que assistimos não ocorreu na Igreja católica, e sim na Igreja Metodista Central de Porto Alegre, dia 30/09/2007<sup>97</sup>. Além dos hinos religiosos, cantou-se o hino rio-grandense – provavelmente devido ao atraso para início do culto, não se cantou o hino brasileiro. A acolhida aos presentes ao culto foi realizada por Antônio Augusto Fagundes, apresentador do programa televisivo *Galpão Crioulo* e um dos mais conhecidos tradicionalistas do Estado. Na sua participação desde o púlpito do altar, Antônio Augusto Fagundes exaltou a união dos gaúchos, a paz duradoura entre chimangos e maragatos – inclusive dando um nó em dois lenços, um branco e um vermelho, para simbolizar aquela união. O tradicionalista ainda ressaltou sua satisfação com o respeito e o culto às tradições gaúchas naquele momento. Após esse momento, seguiu-se a declamação de uma poesia, o canto de algumas músicas religiosas contemporâneas em ritmo gaudério – inclusive com um grupo de músicos do litoral, especialmente convidados para o culto crioulo. Além destes procedimentos, apresentaram-se à frente do altar um grupo de crianças do clube esportivo Sogipa (“mescla de guapos”, segundo o boletim da Igreja), dançando passos tradicionalistas. As orações se davam com o toque de gaita ao fundo. Os

<sup>95</sup> Como a Martins Livreiro Editor e a editora Tchê.

<sup>96</sup> OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 178

<sup>97</sup> IGREJA METODISTA CENTRAL. **Boletim informativo**. Porto Alegre, n. 1.863, 30 de setembro de 2007. Ver anexo D

tradicionalistas, incluindo o pastor, apresentavam uma indumentária tradicionalista – bombachas, lenços, camisas sociais de gola alta, alguns usavam botas de couro. Na mesa do altar, havia uma cuia de chimarrão. O Boletim Informativo da Igreja daquele dia reproduziu um trecho da poesia “Alma Gaudéria”, de Rui Cardoso Nunes, que transcrevemos:

...Sou mescla de vários sangues! Dos temidos Caingangues  
sinto a fibra em minha raça! Destas coxilhas sou filho,  
cruza de branco caudilho com ameríndia lindaça!

Fui Charrua e Minuano! Enfreitei o lusitano  
nos campos de Caiboaté! Na região missioneira,  
iluminei a fronteira nas guerrilhas de Sepé!

Fui guerreiro, andei lutando... Surgi mil vezes peleando,  
mil vezes tombei na guerra, eternizando na história,  
numa legenda de glória, as tribos de minha Terra!

Marquei, com sangue estrangeiro, deste Torrão Brasileiro  
as fronteiras que ele tem! E nelas, qual marco vivo,  
deixei meu sangue nativo, as demarcando também!

E se alguém, num dia aziago, quiser tomar este pago,  
ser das coxilhas monarca, há de sentir pelo lombo,  
no impacto de cada tombo, que nossa Terra tem marca!...<sup>98</sup>

Observamos a apropriação que a poesia faz do passado, das lutas das missões jesuíticas, da mescla do branco com o índio para formar o gaúcho e sua “alma gaudéria” - a partir do “branco caudilho” e da “índia lindaça”. A não ser que o branco caudilho de que fala a poesia fosse espanhol, como explicar que o produto dessa mescla enfrenta “o lusitano na batalha de Caiboaté”, a derrota das missões? A mescla, efetivamente, acontece depois, quando o território do Rio Grande do Sul é povoado por açorianos e bandeirantes. A concepção da história do Rio Grande do Sul pelo poeta, ou pelo eu-lírico, se revela contraditória e confusa. Dentro do contexto do culto crioulo celebrado naquele dia, esse tipo de manifestação religiosa, mesclando o tradicionalismo com a religiosidade, os ideais tradicionalistas aos valores cristãos, foi uma experiência surpreendente: assistir Antônio Augusto Fagundes, do púlpito de um altar, exaltando tradições inventadas e uma figura totalmente idealizada do gaúcho – adjetivando-o como valente, bravo, heróico, quando se foi à Igreja esperando o louvor a Cristo. Este episódio reforça a recorrente influência do tradicionalismo na sociedade rio-grandense e a multiplicidade de instâncias, através das quais ele se perpetua socialmente. Penetrando no território do sagrado, mesclando-se com o credo religioso, o tradicionalismo

<sup>98</sup> IGREJA METODISTA CENTRAL. **Boletim informativo**. Porto Alegre, n. 1.863, 30 de setembro de 2007. p. 1

encontra mais um meio para justificar sua existência e evitar o questionamento da sua legitimidade. Moacyr Flores foi a referência historiográfica que encontramos, a tratar sobre apropriação da religião pelo tradicionalismo gaúcho:

Até a Igreja caiu no gauchismo, com sacerdotes rezando a Missa Crioula, em que Deus é chamado de 'patrão velho lá do céu', os fiéis de indiada, com frases e tiradas gauchescas do século passado, destruindo o sagrado de nosso povo, para se transformar num triste espetáculo profano. (...) Só os intelectuais, que pensam chegar ao povo através da destruição do sagrado, é que podem conceber uma missa gaúcha, que nunca existiu em nossa tradição. Ou então é pura ingenuidade. Se querem chegar ao povo, por que não usam músicas campeiras nas missas?<sup>99</sup>

## 2.2 Meios de Comunicação

Letícia Fonseca Richtofen de Freitas e Rosa Maria Hessel Silveira, em artigo publicado em 2004 – “A figura do gaúcho e a identidade cultural latino-americana”, analisam a constituição da “autêntica identidade gaúcha” na educação e formação de crianças e estudantes. Seu *corpus* de análise são algumas reportagens dos periódicos *Zero Hora* e *Correio do Povo*, publicadas em setembro de 2003, mês da Revolução Farroupilha. Entre os méritos do artigo, também está a compreensão das esferas de ressemantização em curso:

No caso da constituição dessa identidade gaúcha privilegiada, várias instâncias, múltiplas e diferenciadas em suas ações e concepções, atuam, como a própria escola (frequentemente – no caso das escolas metropolitanas – inserindo-a numa espécie de “currículo turístico”), a mídia (TV, jornais) e os Centros de Tradições Gaúchas (...)<sup>100</sup>

As duas pesquisadoras observam que a mídia impressa se envolve em um processo de legitimação do reforço das tradições estabelecidas sobre o gaúcho, visando à formação e integração dos jovens no discurso do gauchismo tradicionalista a partir da escola e da família. A cobertura jornalística do período escolhido exalta a participação de crianças no Acampamento Farroupilha<sup>101</sup>, o envolvimento de escolas em desfiles tradicionalistas do 20 de

<sup>99</sup> FLORES, Moacyr. **Historiografia**: estudos. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1989. p. 72-73

<sup>100</sup> FREITAS, Letícia Fonseca Richtofen de. SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A figura do gaúcho e a identidade cultural latino-americana. In: **Educação**. Porto Alegre - RS, ano XXVII, n. 2 (53), p. 266

<sup>101</sup> OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 153. Evento anual, realizado no Parque Maurício Sirotsky desde 1987, em Porto Alegre. Milhares de pessoas, oriundas de diversas partes do Estado, passam duas semanas ou mais acampadas no parque, “vivendo” as tradições gaúchas, fazendo churrascos em fogo de chão, rodas de chimarrão, torneios com

setembro, em narrativas como a do menino de dois anos de idade que queria dormir no Galpão do Acampamento, com o incentivo e aprovação do pai, tradicionalista. Como as autoras observam a certa altura, os pais concordam que “as crianças deveriam aprender, desde cedo, a como 'ser' gaúcho ou gaúcha, participando de desfiles, se 'pilchando' (...), aprendendo a dançar, participando de invernadas, enfim, 'adquirindo o gosto e o espírito do gauchismo”<sup>102</sup> – perfeitamente alinhados com as diretrizes do Movimento Tradicionalista Gaúcho para a educação e formação das crianças no tradicionalismo.

Conforme nos informa o *Correio do Povo*<sup>103</sup>, em escolas públicas de um município do interior do Rio Grande do Sul, crianças do Ensino Fundamental começam a aprender como laçar gado. O prefeito da cidade, incentivador desse acréscimo pedagógico, deseja resgatar as tradições gaúchas com a iniciativa. Foram montadas, em madeira, “vacas paradas”, a serem instaladas nas escolas do município. A introdução das crianças no *métier* do laço, durante os recreios e aulas de Educação Física, permite a participação em torneio de laço a ser realizado durante a Semana Farroupilha. Em outra nota, logo abaixo da reportagem, somos informados que o prefeito tem a intenção de aperfeiçoar a “formação dos futuros tradicionalistas de Jacuizinho”, encaminhando-os aos CTG's locais para “orientações sobre provas campeiras”. Por fim, a nota esclarece que há cinco CTG's na cidade. Apoiados pela prefeitura, esses CTG's participam de rodeios e rateiam os lucros obtidos entre si.

Outras escolas, em Porto Alegre, promovem nos anos 1980 e 1990 festas juninas de temática gaúcha, ao invés da caipira, treinando crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental para apresentações de danças folclóricas, onde as meninas se vestem de prendas e os meninos, pilchados, para apresentarem canções nativistas, como *Céu, sol, sul, terra e cor*<sup>104</sup>. Entre as escolas particulares mais tradicionais de Porto Alegre, apenas uma ainda mantém em 2007 uma festa junina com temática tradicionalista gaúcha, enquanto as demais praticam a festa junina caipira ou não praticam.<sup>105</sup>

---

cavalos. Os acampados geralmente pertencem a piquetes autônomos ou representações de CTG's, mas inúmeras famílias também gozam suas férias no Acampamento. O Acampamento acontece durante a Semana Farroupilha, que acontece de 14 a 20 de setembro.

<sup>102</sup> FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen de. SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. op. cit. p. 273

<sup>103</sup> Escolas terão aulas de tiro de laço. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 14, 8 de julho de 2007. Ver anexo E

<sup>104</sup> O próprio autor, em fins da década de 1980 e início de 1990, testemunhou essa experiência no Colégio Sévigné, sem contudo tomar parte nas apresentações tradicionalistas. Em 2007, na mesma escola e por ocasião da festa junina, foi realizado um casamento caipira, também testemunhado pelo autor. Sinal dos tempos: trocamos a tradição inventada dos gaúchos, para retornarmos à tradição inventada dos paulistas.

<sup>105</sup> As escolas pesquisadas foram Colégio Anchieta, Colégio Marista Rosário, Colégio Sévigné, Colégio La Salle Dores e Colégio Bom Conselho. Destas, o Colégio Marista Rosário mantém a festa junina a gaúcha. O

Ficamos em dúvida se tradições ensinadas nas escolas podem realmente ser chamadas de “tradições”. Rosa Maria Hessel Silveira acredita que a identidade gaúcha nas escolas, principalmente urbanas, constitui um festejo centrado em “cenografia, rito, encenação e teatro”<sup>106</sup>. Uma folclorização estereotipada, a radicalização de um simulacro de tradicionalismo, muito mais vazio do que este, é o que se ensina nas escolas do Estado, conclui a autora.

Sob o título “De modelo a toda Terra”, reportagem de *Zero Hora*<sup>107</sup> celebra os 80 anos do maior expoente vivo do Tradicionalismo gaúcho, João Carlos D’Ávila Paixão Côrtes. A reportagem é dividida em três segmentos. O primeiro segmento apresenta o folclorista em inúmeras fotos de décadas anteriores, com alguns diálogos selecionados pelo jornalista Renato Mendonça e um histórico sobre a estátua *O Laçador*, inspirada em Paixão Côrtes, transferida alguns meses antes para um novo local em Porto Alegre. As fotos são da condução da primeira Chama Crioula em 1948; de Paixão Côrtes em um programa de televisão na França; de Paixão no Rio de Janeiro, recebendo um prêmio musical acompanhado por Pixinguinha; em um convento ensinando danças e folclores para freiras; entre duas índias nas Missões Paraguias; e uma foto colorida, em meia-página, da estátua do Laçador. O segundo segmento descreve o retorno do folclorista à “Festa do Divino Espírito Santo” na localidade de Mostardas, registrada por ele quarenta anos antes, entremeando o relato do jornalista com as observações do folclorista. O último segmento, na contracapa do caderno *Cultura*, é composto por quatro causos recordados por Paixão Côrtes, integralmente escritos pelo folclorista, acompanhados de um *cartum* em meia-página, retratando Paixão Côrtes em um cenário rural, com gado ao fundo e tomando chimarrão, braço esquerdo erguido. A reportagem adota um tom gentil, reverencia Paixão Côrtes. A apresentação na capa do caderno *Cultura* informa que

Paixão Côrtes comemora 80 anos na próxima quinta-feira. O folclorista gaúcho, célebre por ter servido de modelo para *O Laçador*, imagem que saúda todos aqueles que chegam a Porto Alegre, tornou-se ele próprio uma figura meio mítica. Depois de anos de aventuras pelo interior do Rio Grande, ao lado de Barbosa Lessa, recolhendo e fixando danças típicas, trajas campeiros e causos diversos, Paixão é reverenciado como

---

Colégio Bom Conselho realiza uma quermesse. As demais seguem a linha caipira. Dados referentes ao ano de 2007. Ver anexo F.

<sup>106</sup> SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Ser gaúcho/a, escola e Vinte de Setembro. In: **Seminário Internacional de Reestruturação Curricular**. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 2000. p. 283

<sup>107</sup> MENDONÇA, Renato. Caderno *Cultura*. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 4-8, 7 de julho de 2007. Ver anexo G

expressão sincera da cultura tradicionalista.<sup>108</sup>

O principal destaque da matéria são os pensamentos expressados pelo folclorista. Apresentado como “expressão sincera da cultura tradicionalista”, encontramos em Paixão Côrtes diálogos muito mais sóbrios que os textos jornalísticos:

Os tradicionalistas de hoje se preocupam em regular a vivência na tradição, tem uma ação normativa, às vezes, inclusive, sem fundamento. Isso é importante, mas falta a preocupação em progredir, avançar a pesquisa. Claro que é indispensável combater modismos, mas não adianta se contentar em definir o que pode e o que não pode, mas encontrar as razões disso.<sup>109</sup>

[Ao chegar para a cerimônia de reinauguração da estátua O Laçador, antes da recolocação da estátua no novo local] Os trabalhadores na obra me reconheceram e me cercaram. Diziam “O Laçador está aqui” e me abraçavam, choravam compulsivamente, se ajoelhavam. Senti uma coisa esquisita, parecia que eu era um santo.<sup>110</sup>

Nossas tradições não são só laçar e ginetear. Isso [a Festa do Divino Espírito Santo, em Mostardas] também é nossa tradição. Felizes de quem têm uma tradição como a dos senhores da região açoriana.<sup>111</sup>

É interessante constatar a reação de um dos principais folcloristas do Rio Grande do Sul, que empresta sua fisionomia na juventude como o modelo imortalizado do gaúcho na figura de *O Laçador*, considerado pela reportagem até mesmo “uma figura meio mítica”, diante do comportamento algo histérico dos trabalhadores da obra de mudança da estátua. Ele sabe que não é um mito, “sou da cidade e do campo. Sou artista e também pesquisador. Não sou só registrador, eu também interpreto”<sup>112</sup>. As pessoas, porém, o reconhecem apenas pelo mito ao redor da sua figura. Um dos destaques da matéria, nas páginas internas, afirma ser Paixão Côrtes consagrado como “símbolo identitário: personagem-síntese do tradicionalismo gaúcho”. Não há exagero na afirmação. Para as pessoas, Paixão Côrtes é a encarnação viva do gaúcho, ele é *o* gaúcho.

O seu pensamento a respeito do Tradicionalismo e da tradição coloca em perspectiva muitas das críticas que lhes são dirigidas. Embora ainda esteja carregado da noção policialesca, vigilante, “claro que é indispensável combater modismos”, Paixão Côrtes acrescenta e critica, “não adianta se contentar em definir o que pode e o que não pode, mas

<sup>108</sup> MENDONÇA, Renato. Caderno Cultura. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 4-8, 7 de julho de 2007. p. 1.

<sup>109</sup> Ibidem, p. 4.

<sup>110</sup> Ibidem, p. 5.

<sup>111</sup> Ibidem, p. 7.

<sup>112</sup> Ibidem, p. 8.

encontrar as razões disso”. Ele reconhece que esse é um problema principal no Tradicionalismo. Quando afirma que “nossas tradições não são só laçar e ginetear”, Paixão Cortês está se posicionando, ironicamente, contra uma hegemonia do gaúcho da Campanha que ele próprio ajudou a estabelecer (se voluntariamente, ou não, é tema aberto a pesquisa). Sua reflexão, levemos em conta, acompanha um período no qual a cultura rio-grandense abre espaço significativo para a manifestação de outros tipos, o italiano, o alemão, o negro, o brasileiro, seja no cinema, na pesquisa histórica, na cultura popular<sup>113</sup>. Considerando a si próprio como pesquisador, antes de intérprete, ele demonstra coerência ao reconhecer a multiplicidade das tradições que existem no Rio Grande do Sul, além daquelas típicas do gaúcho da Campanha.

Apesar do tom de ressentimento, velado, percebido e bem captado pelo jornalista que conduziu a matéria, em relação ao Tradicionalismo, e apesar do estranhamento em ser reconhecido como “mito”, Paixão Cortês permanece interpretando seu papel de “personagem-síntese”. Conta casos, faz comentários bem-humorados, enaltece os resultados alcançados pelas suas iniciativas desde 1947, “Me preocupo com o que ainda não fiz, e não com o que fiz”, está diante de nós o homem que enfrentou o preconceito dos porto-alegrenses ao verem-no pilchado e montado na década de 1940 e chegou onde chegou. Por mais que ele se esforce em relativizar ou suavizar a proeminência do gaúcho da Campanha, lembrando e mesmo exaltando as diversidades folclóricas do Rio Grande do Sul, sua voz é a única nota levemente dissonante em uma matéria que só reforça os imaginários decorrentes do Tradicionalismo.

Também em *Zero Hora*, outra reportagem, “Um legado que sobrevive”<sup>114</sup>, nos apresenta a sobrevivência da tradição campeira da castração de terneiros a ponta de faca, em uma fazenda do norte do Estado. Acompanhando a reportagem, uma foto maior das sombras de dois gaúchos, um deles montado, no momento em que tentam laçar uma cabeça de gado; uma foto menor do momento em que o animal é imobilizado pelos “peões”; um quadro titulado *Saiba mais*, com detalhes técnicos sobre a castração; uma nota intitulada *Tradição não aprovada*, com o ponto de vista (contrário à tradição) da Secretaria Estadual de Agricultura; um quadro destacando a voz do pecuarista dono da fazenda onde é realizada a reportagem; e, por fim, um quadro intitulado *Para o seu filho ler*, casualmente muito

<sup>113</sup> Alguns exemplos: os filmes *O Quatrilho*, *Saneamento Básico*, os “curtas gaúchos” patrocinados pela RBS, sobre colonizadores europeus de diversas etnias, as pesquisas históricas intensas sobre a escravidão e o papel do negro no Estado, o espaço aumentado do Carnaval em Porto Alegre, etc.

<sup>114</sup> Um legado que sobrevive. *Zero Hora*, Porto Alegre, p. 29, 15 de julho de 2007. Ver anexo H.

informativo de como a tradição é vista hoje:

Pode parecer estranho, mas no interior do Estado era costume fazer uma festa para tirar os testículos dos carneiros.

Os homens do campo, acostumados a tratar com os animais, fazem isso para que os bichos engordem mais depressa, pois ficam mais doces e correm menos pelo campo afora. Assim, produzem mais carne para ser vendida nos açougues.

A tradição de fazer essa festa é mantida em algumas fazendas, embora em muitas outras a retirada seja feita por pessoas como veterinários, que estudaram em universidades para fazer isso.

Hoje em dia, os donos ou funcionários de fazendas fazem a festa só de vez em quando como uma forma de lembrar os costumes dos pais e avós. Se para os moradores da cidade isso parece estranho ou absurdo, para eles se trata de algo normal, que faz parte da cultura do Rio Grande do Sul.<sup>115</sup>

Conforme os filhos dos leitores de *Zero Hora* foram informados, a tradição cuida de preservar um evento que desaparece, enfatizando que se isso parece “estranho ou absurdo” na cidade, para quem mora no campo é algo “normal”. É preciso levar em conta o contexto dos habitantes das cidades. Neste início de século XXI, são pautas quase diárias da imprensa os problemas ambientais e suas conseqüências, o aquecimento global, a preservação da natureza<sup>116</sup>. Os rio-grandenses são especialmente sensíveis aos direitos dos animais. A tradição passa por esse filtro, quando a reportagem destaca em quadro a frase do pecuarista dono da fazenda: “Cuidamos para que os bichos sofram o menos possível. É tudo uma grande festa. Uma legítima festa gaúcha”. O gaúcho contemporâneo castra à faca, mas o *clima de opinião* vigente faz com que ele se mostre preocupado com o sofrimento dos bichinhos. A reportagem também descreve a integração da “lida campeira” com a modernidade quando foca os peões se deslocando em “caminhonetes possantes”, ao invés de cavalos, para alcançarem o local da castração, com a ressalva imediata: “Não dispensam, porém, o figurino gaudério. São seis ao todo. Cada um com seu laço devidamente a postos (...)”. A reportagem ainda nos contempla com o paradeiro das mulheres nessa festa, “enquanto a lida segue no campo, na sede da fazenda as mulheres preparam o almoço (...)”, indicativo de um papel subalterno/submisso<sup>117</sup> que chega a ser caricato, mas muito coerente com um Tradicionalismo

<sup>115</sup> Um legado que sobrevive. *Zero Hora*, Porto Alegre, p. 29, 15 de julho de 2007.

<sup>116</sup> Algumas páginas distante da matéria sobre castração, podemos ler a seguinte reportagem: Aquecimento global – o clima endoidou? *Zero Hora*, Porto Alegre, p. 34, 15 de julho de 2007. Ver anexo I.

<sup>117</sup> Sendo o gaúcho um tipo essencialmente masculino, as mulheres possuem poucas alternativas – a submissão ao papel secundário, ou a apropriação do símbolo masculino como meio de ascensão social simbólica. Oliven observa a respeito das mulheres que, quando elas optam por se vestir “à gaúcha”, muitas preferem vestir peças da indumentária associada aos homens – como o chiripá, que ele cita, Ieda Maria Vargas usou para desfilarem no exterior quando se tornou Miss Universo, em 1963. Ele lembra que os imigrantes italianos e alemães seguem o mesmo caminho ao chegarem ao Estado: procuram incorporar os símbolos gaúchos que

onde a mulher permanece peça figurativa, excluída da participação ativa na tradição.

A imprensa, oferecendo suporte permanente para a ressemantização do gaúcho baseada nos valores do Tradicionalismo, como vimos até aqui, dificilmente abre espaço para visões divergentes, cuja frequência e difusão, conseqüentemente, são muito menores. Num desses raros momentos fora do tom, Juremir Machado da Silva, em coluna no jornal *Correio do Povo* em 27 de julho de 2007, comenta a demissão do ministro da Defesa, Waldir Pires, uma das principais conseqüências políticas do desastre aéreo do vôo Porto Alegre – São Paulo da companhia aérea TAM, ocorrido dez dias antes. Ao qualificar o novo ministro, Juremir afirma o seguinte:

Felizmente, uma solução técnica foi adotada. Nelson Jobim, advogado de formação e ex-presidente do Supremo Tribunal Federal, foi escolhido para substituir Waldir Pires. Jobim tem duas extraordinárias qualificações para a função: é gaúcho e já viajou muito de avião. Conhece o aeroporto de Congonhas como poucos. Tem tudo para dar certo na Defesa. O que está faltando mesmo é um ministro do Ataque. Só duas funções exigem ainda menos prática e habilidade que o Ministério da Defesa: a direção da ANAC [Agência Nacional de Aviação Civil] – em mãos, no momento, de outro profissional qualificado pela sua condição técnica de gaúcho - e a Presidência da República.<sup>118</sup>

A superioridade dos rio-grandenses, uma espécie de *a priori* tácito do senso-comum dos habitantes do Rio Grande do Sul, é alvo da ironia e do sarcasmo do colunista, uma das raras vozes dissonantes do discurso tradicionalista no Rio Grande do Sul. Verificamos a partir da sua ironia um sentido muito disseminado do que significa *ser gaúcho* nos tempos atuais, para o senso-comum: ser naturalmente dotado de todas as aptidões morais, competências técnicas e profissionais para o desempenho, com garbo e desembaraço, de qualquer função, mesmo sem as aptidões realmente necessárias e desejáveis para certos cargos.

O comum em matéria de crônica jornalística é o reforço do gaúcho como indivíduo superior, nobre e valoroso. Um cronista do Segundo Caderno do jornal *Zero Hora*, escrevendo sobre o título “O mito do gaúcho”, compara romanos a gaúchos, a respeito da mitificação que ambos os povos fizeram/fazem do seu passado. A crônica é reveladora do senso-comum que impera sobre o gaúcho:

---

eram reconhecidos como socialmente superiores, na sociedade do Rio Grande do Sul. Para mais detalhes consultar OLIVEN, Ruben George, op. cit. p. 173-174

<sup>118</sup> SILVA, Juremir Machado da. Homenagem ao ministro. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 4, 27 de julho de 2007. Ver anexo J

Quando vejo essas discussões inflamadas sobre a autenticidade do gaúcho e a sua idealização, não posso deixar de pensar no que aconteceu a Enéias, depois da queda de Tróia (...)

Ora, apesar dos gregos terem vencido a guerra, os leitores de todas as épocas sempre se identificaram mais com os troianos, grandiosos mesmo na derrota. Muitos povos alegaram ser continuadores daquela linhagem ancestral de homens admiráveis. Os romanos, aliás, viram aí uma forma de conquistar um passado que estivesse mais à altura do seu destino histórico. (...) ao se transformar num gigantesco império, precisava de uma origem mais adequada, cabendo a um poema épico, a famosa Eneida, de Virgílio, a tarefa de fornecer uma versão mais gloriosa (...) Não era uma mentira; como sempre acontece nesses mitos fundadores, a imaginação criativa tinha completado uma lacuna do relato histórico.

Pisamos aqui naquela faixa impenetrável que fica entre a História e a ficção. Assim como os romanos, a gente do Rio Grande fez instintivamente uma seleção de experiências, valores, modelos e imagens guardadas na memória, construindo em torno do gaúcho um relato sobre a origem deste sentimento difuso, mas inconfundível, de pertencermos a um mesmo grupo. É um mito, e é exatamente por isso que ele nos une. No sábado, debaixo da chuva, perto da ponte, três gaúchos passaram por mim, cavalgando a passo, em silêncio, acompanhados por uma cachorrada miúda. Fiquei com inveja, confesso: todos ali, homens e animais, olhavam na mesma direção, sempre para frente; ao menos pareciam saber de onde tinham vindo - e para onde estavam indo.<sup>119</sup>

Quando o cronista afirma que “assim como os romanos, a gente do Rio Grande fez instintivamente uma seleção de experiências, valores, modelos e imagens guardadas na memória, construindo em torno do gaúcho um relato sobre a origem deste sentimento difuso, mas inconfundível, de pertencermos a um mesmo grupo”, somos levados a crer que “essas discussões inflamadas sobre a autenticidade do gaúcho e a sua idealização” não passam de mera conversa de bar. A posição do cronista, bastante clara, visa desqualificar o debate a respeito do gaúcho e dos seus significados, tentando convencer o leitor que o processo de construção do gaúcho e suas significações são e foram produzidos “instintivamente” – portanto, de forma natural, espontânea, inconsciente; não-racional, irrefletida. Ao mesmo tempo em que se esforça em desqualificar o debate sobre o assunto, o cronista trabalha para reforçar a mitificação do *povo gaúcho*. Segundo o texto, os gaúchos são comparáveis aos troianos: “um povo grandioso, mesmo na derrota”. Os troianos perderam a guerra de Tróia para os gregos, os gaúchos perderam a guerra dos Farrapos para os brasileiros. Percebemos imediatamente o nexu lógico da comparação. “Ora, apesar dos gregos terem vencido a guerra, os leitores de todas as épocas sempre se identificaram mais com os troianos”. Talvez o autor

---

<sup>119</sup> MORENO, Cláudio. O mito do gaúcho. Segundo Caderno. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 18 de setembro de 2007.

pudesse citar, se tivesse mais espaço para escrever, os pensadores troianos que fundam a cultura da civilização ocidental, e com os quais os leitores de todas as épocas se identificam, ou seus heróis – legendários e inesquecíveis, como... Heitor? Vemos nitidamente como o texto se esforça para justificar a grandeza gaúcha, através da associação com o mito clássico, mesmo que a partir de afirmações insustentáveis à menor análise – como essa misteriosa inclinação dos “leitores de todas as épocas” pelos derrotados troianos. Tanto verbo apenas para justificar que os gaúchos são bons, apesar de terem perdido a guerra e a revolução. E essa visão se reflete o tempo todo, não só na mídia, mas também na literatura, como veremos em *Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez*, quando o autor transforma uma partida de futebol em analogia da Revolução Farroupilha. Pena os gaúchos não disporem de um Homero, ou de um Virgílio, que contassem ao mundo a glória da sua derrota – talvez assim a derrota farroupilha poderia, um dia, ser superada.

Em fins da década de 1990, inicia-se uma incipiente mudança na apresentação das tradições gaúchas, que introduz perspectivas do gaúcho diferentes da ressemantização tradicionalista. O filme *Anahy de las misiones*, lançado em 1997, dirigido por Sérgio Silva, apresenta uma outra visão histórica, contando a trajetória de uma mulher e sua família durante a Revolução Farroupilha.

*Anahy de las misiones* conta a história de uma mulher, Anahy, que vaga com sua família e sua carroça de tração humana (o que dimensiona a imensa miséria das personagens, pois naquela época não possuir um cavalo era sinônimo de miséria) pelo pampa rio-grandense, colhendo despojos de guerra durante a Revolução Farroupilha, vendendo-os tanto aos caramurus do Império, quanto aos farrapos que porventura encontram no caminho. Ela é acompanhada pelos filhos, que mudam ou se perdem durante a história. Como explica Miriam de Souza Rossini no artigo “Cinema Gaúcho: construção de história e identidades”<sup>120</sup>, Anahy é uma mulher masculinizada, forte, altaneira, hábil com as armas, que os outros homens e até os comandantes das tropas em campo tratam como um igual. Para Rossini, “na personalidade de Anahy encontramos a coragem e a obstinação do gaúcho; ela é a monarca das coxilhas que não consegue viver ‘querenciada’ (...), viver num único lugar. Ela precisa da liberdade dos pampas, onde se vive sem lei e sem ordem; fora da civilização”<sup>121</sup>. As outras personagens

---

<sup>120</sup> ROSSINI, Miriam de Souza. Cinema gaúcho: construção de história e de identidades. In: **1º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho**. Porto Alegre. Florianópolis : Redealcar, 2003. CD-ROM.

<sup>121</sup> Ibidem, p. 7

femininas do filme, as duas filhas de Anahy e a jovem Tucumã, índia agregada à tropilha de Anahy, também demonstram a fibra da mãe e são contrapontos das fraquezas masculinas. Neste filme, onde a mulher surge masculinizada, o homem destoa dos parâmetros repisados do gaúcho, surge como um fraco. O filho mais velho, Solano, é manco e sempre moderado. Leon é jovem e impetuoso, mas covarde – em luta com um soldado, chega ao ponto de implorar pela própria vida, algo absolutamente inadmissível para um gaúcho. Morre. Sobre o terceiro filho de Anahy, Teo, reproduzimos a fala de Miriam Rossini:

Outro ponto em que o filme, mesmo sutilmente, provoca o mito do gaúcho, é em relação a Teo, o filho de Anahy que parte para a guerra ao lado de um soldado farroupilha (Mateus Nachtergaele). Antes de partir, o jovem soldado promete para Solano que não abandonará seu irmão Teo na vida ou na morte. O que, aliás, acontece. Como lembra Luiz Carlos Merten, a cena em que dois homens morrem nos braços um de outro reproduz a expressão clássica da piedade, imortalizada na obra renascentista *Pietà*, de Michelangelo. Este toque homossexual do filme vem alfinetar o propalado machismo gaúcho, outro mito que o diretor habilmente questiona.<sup>122</sup>

Esse filme coloca em perspectiva as características atribuídas ao gaúcho pelo tradicionalismo, pela historiografia, pelas idealizações variadas que vemos até aqui. O protagonismo da mulher, o papel secundário do homem, a nobreza de valores dos gaúchos na miséria vagando a pé e puxando uma carroça, a liberdade, apresentam inversões de sentido, são questões repensadas no filme. Não estão em cena nem vencidos, nem vencedores, é uma “saga de sobrevivência” como diz Rossini. Ela também considera o cinema inserido dentro de uma estrutura onde a indústria cultural reavalia valores e parâmetros, quando conclui que o cinema é “um veículo que produz discursos que afetam o social. Afinal suas imagens ficam registradas no imaginário das pessoas e passam a compor, junto com seus conhecimentos formais, a memória do seu passado”<sup>123</sup>.

Em estudo publicado em 2003, *O espírito da cavalaria e suas representações midiáticas*, Ada Cristina Machado da Silveira analisa profundamente o programa televisivo *Galpão Crioulo*, nas décadas de 1980/1990<sup>124</sup>. A autora investiga “os desafios da expressão de uma identidade em representações operadas pela indústria cultural” e os comportamentos da mídia nesse foco. A certa altura, ela comenta como a massificação via indústria cultural

<sup>122</sup> ROSSINI, Miriam de Souza. Cinema gaúcho: construção de história e de identidades. In: **1º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho**. Porto Alegre. Florianópolis : Redealcar, 2003. CD-ROM. p. 11

<sup>123</sup> Ibidem, p. 14

<sup>124</sup> SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. **O espírito da cavalaria e suas representações midiáticas**. Ijuí: UNIJUÍ, 2003. p. 60

produz sentidos e constrói identidades, afirmando oportunamente que

As indústrias culturais não alcançam responder às grandes questões com as quais sempre nos temos enfrentado, e costumam executar um pálido reflexo daquilo que viemos construindo desde a profundidade da nossa percepção interior. Não obstante, elas constituem-se numa fonte inesgotável de informações que pressionam nossa sensibilidade e o intelecto no sentido de reinstaurar sua presença. Será com as indústrias culturais que continuaremos indagando-nos sobre como somos, com a diferença de que elas aportam novos fenômenos que vêm refrescar a permanência dessa inquisição.<sup>125</sup>

A autora empreende uma análise minuciosa da construção interna do programa, desde sua estrutura narrativa até a construção do logotipo. Revela como uma estrutura intermediária (além de televisão, jornal, rádio e música) empresta sustentação e legitimidade constantes para os discursos e identidades transmitidos pelo programa, desde seu idealizador/animador/contador de causos/predicador, Antônio Augusto Fagundes, conhecido folclorista, pós-graduado em Antropologia Cultural pela UFRGS. A conclusão do seu escrutínio revela que

(...) pode-se deduzir que o programa televisivo analisado apresenta, pelas prédicas de seu animador, uma metanarrativa das ações militares realizadas na constituição da nacionalidade. No caso em análise temos o uso da narrativa épica que, passando facilmente por realista ao reivindicar eventos registrados pela historiografia oficial, imprime ao discurso do animador o sabor de veracidade requerido à confirmação de tal 'verdade histórica'. Neste processo resultam enfatizados: o vínculo com o território e a identidade construída na sua conquista; a exaltação do tradicionalismo e da versão gaúcha do nacionalismo como características mais marcantes.<sup>126</sup>

Como Ada Cristina explica, o lançamento de Galpão Crioulo no começo dos anos 1980 traz para a televisão uma homogeneização niveladora do gaúcho, que privilegia o tipo da Campanha/Fronteira Sudoeste, uma imagem massificada; proporciona uma unidade simbólica próxima do gauchismo, do movimento tradicionalista, em um período de ocaso do regime militar na política nacional<sup>127</sup>. As intervenções midiáticas do programa, como ela demonstra, não ficam restritas à mera reprodução dos postulados do Movimento Tradicionalista Gaúcho. A partir do sesquicentenário da Revolução Farroupilha, em 1985, o programa promove *A Cavalgada do Mar*, uma cavalgada de gaúchos percorrendo o litoral do Rio Grande do Sul. O

---

<sup>125</sup> SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. **O espírito da cavalaria e suas representações midiáticas**. Ijuí: UNIJUÍ, 2003. p. 34

<sup>126</sup> Ibidem, p. 121

<sup>127</sup> Ibidem, p. 121-123

sucesso da iniciativa inspira mais tarde as *Cavalgadas da Paz*, cobrindo os territórios do Uruguai, Argentina, Chile e Paraguai. Para a autora, as cavalgadas não são uma teatralização – ela entende que as cavalgadas “demonstram o modo de vida particular para a representação do gaúcho como cavaleiro em seu espaço próprio”<sup>128</sup>, produzem uma nova prática a partir de outra mais antiga.

O objetivo de integrar-se com os gaúchos de outras partes, inserindo-se em um contexto latino-americano e relativizando as diferenciações entre *os daqui* e *os de lá*<sup>129</sup>, realmente constituem novidades como significação para o gaúcho. De guerreiro, para promotor da paz; de isolado e puro, para integrado, sem distinção entre o espanhol e o português. O que não oscila, é o constructo intelectual por trás do significado do gaúcho.

Propaganda de 2004 da cerveja *Polar Export*, marca pertencente à multinacional AmBev<sup>130</sup>, explora o mote *a melhor é daqui*. Conforme nos explica Cátia Inês Schuh, no artigo “Polar No Export - o bairrismo como argumento de vendas”, “a Polar Export lançou uma campanha com apelo totalmente regional, afirmando-se como uma cerveja gaúcha e para os gaúchos. Em outras palavras, instigando o sabido bairrismo dos sul-rio-grandenses para o consumo da *sua* cerveja [grifo da autora]”<sup>131</sup>. O vídeo televisivo de trinta segundos que Cátia analisa mostra dois atores interpretando gaúchos jovens, vestidos como jovens do começo do século XXI (jeans, camisetas), de sotaque carregado e linguajar característico, quase estereotipados mas ainda verossímeis, no depósito de um barco com caixas da cerveja *Polar Export*. Eles exaltam a qualidade da cerveja, lembram que ela é produzida “aqui no Sul”<sup>132</sup> e se posicionam contra a exportação dela para fora do Estado, caso contrário, “vai ter briga”, “peleia braba”, na voz dos personagens. Como Cátia esclarece, as evocações à qualidade do produto local, à luta para proteger *o que é daqui*, remetem ao passado das lutas históricas, da valentia e do brio dos gaúchos, “ou seja, a cerveja de alta qualidade, fabricada pelos gaúchos, deve ficar com o povo de alta qualidade, os donos da cerveja – a *nossa* cerveja – os gaúchos [grifo da autora]”<sup>133</sup>.

<sup>128</sup> SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. **O espírito da cavalaria e suas representações midiáticas**. Ijuí: UNIJUÍ, 2003. p. 108

<sup>129</sup> Ibidem, p. 108-110

<sup>130</sup> Originalmente, a cerveja Polar era produzida por uma empresa rio-grandense.

<sup>131</sup> SCHUH, Cátia Inês. Polar No Export - o bairrismo como argumento de vendas. In: Congresso Brasileiro das Ciências da Comunicação, 27., 2004. Porto Alegre. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM. p. 3

<sup>132</sup> Ver anexo K para a transcrição completa desta propaganda.

<sup>133</sup> SCHUH, Cátia Inês. op. cit. p. 7-8

Outra peça publicitária da *Polar Export*, também de 2004, mostra os dois gaúchos novamente, agora em um bar. Eles ouvem uma mulher pedindo cerveja com um sotaque diferente. Aproximam-se da mesa onde estão a moça que pediu a cerveja e uma outra, e perguntam “você não são daqui, né?”, ao que elas respondem, “São Paulo”. Os dois gaúchos iniciam um devaneio: imaginam (e as imagens acompanham o devaneio) que se casam com as mulheres da mesa e se mudam para São Paulo, onde são confrontados com a poluição (eles tosse na rua), a dura vida de negócios (de terno, os dois gaúchos são espremidos em um elevador), o trânsito terrível (eles ficam presos em um engarrafamento, o espelho do carro é arrancado por um motoqueiro), elementos opressivos, mas aos quais resistem. No que parece o fim de um dia em São Paulo, os dois gaúchos chegam a um bar e dizem, “Tchê, dá uma Polar aí”. E o garçom, rindo com ar debochado, diz “Polar? Que que é isso meu?”. Eles gritam, desesperados; termina o devaneio/pesadelo, a cena volta ao bar, onde as moças insistem que eles sentem à mesa, ao que são dispensadas com um sonoro “Bem capaz!”, em uníssono pelos dois gaúchos. Surge a garrafa de cerveja e o slogan, *a melhor é daqui*. Já em outra mesa, os dois gaúchos perguntam para outras duas moças: “tá, mas você são daqui?”. Com o “Arrã” sedutor e cheio de sotaque das moças, confirmando sua procedência, eles as acompanham felizes e realizados com suas garrafas de Polar. Nesta propaganda vemos que as mulheres *daqui* são melhores que *as de lá*, que o progresso, sem as coisas *daqui* (a cerveja, as mulheres), não compensa. São Paulo (os outros) é ruim, enquanto o Rio Grande do Sul (nós) é bom. Um gaúcho pode suportar todo tipo de adversidade, mas não pode agüentar ficar sem a *sua* cerveja. Viver no Rio Grande do Sul (sentar à mesa com as gaúchas) é muito melhor e mais seguro que viver em São Paulo. O jogo do regionalismo aqui não é sutil, a mensagem é óbvia e maniqueísta para não restar dúvida – *a melhor é daqui*.

As duas propagandas são emblemáticas, porque obtêm a associação com o regionalismo gaúcho na oposição ao que *não é daqui*, *não é nosso*, embora os gaúchos da propaganda bebam cerveja, ao invés de chimarrão; se vistam como pessoas urbanas, e não como gaúchos da Campanha; não possuam nenhum outro traço de tradição, além da linguagem característica. A associação da propaganda com o público gaúcho, embora se ampare muito na oposição entre *nós* e *os outros*, se firma mesmo é nessa fidelidade da linguagem adotada pelo roteiro e transmitida pelos atores, repleta do coloquialismo típico do Rio Grande do Sul, conforme podemos verificar nas transcrições e nos vídeos.

Por volta do ano 2000, a operadora de telefonia celular Claro Digital inicia uma

campanha denominada *Fala tchê*, para comercialização de linhas e aparelhos celulares pré-pagos. A linha e o aparelho pré-pagos são produtos voltados para um público consumidor de baixa renda, que prefere pagar esporadicamente para fazer ligações, sem comprometer-se a pagamentos mensais para a empresa. Na época do *Fala Tchê* o pré-pago é o serviço de celular mais disseminado<sup>134</sup> – ou seja, mais acessível a consumidores com menor poder aquisitivo. Notamos que justamente o produto para o público de baixa-renda gaúcho foi chamado *Fala tchê*. O slogan é a apropriação de uma expressão cotidiana e popular da linguagem do Rio Grande do Sul, e sua associação ao celular pré-pago da Claro Digital é evidente. E pelo visto teve algum êxito, pois a campanha inclusive recebeu prêmio de uma associação de Marketing Direto<sup>135</sup>. Além do *Fala Tchê*, as primeiras operadoras de celular no Rio Grande do Sul em fins dos anos 1990 e início dos 2000 (Telet/Claro Digital e CRT Celular/*Telefonica*) apostam pesado na identificação com a população rio-grandense em suas peças publicitárias, como podemos observar no material relacionado por Eduardo de Nonohay Schneider<sup>136</sup>: “Na Semana Farroupilha, lembramos de uma velha tradição gaúcha: a conversa clara” e “Claro Digital chegou na fronteira [ao fundo, um gaúcho pilchado, a cavalo, dizendo “alô?”]<sup>137</sup>. Por parte da *Telefonica*, Schneider comenta,

Já esta vinha abordando um novo tema, o gauchismo, como forma de se aproximar ainda mais de seus consumidores. Criado para enfraquecer a investida de Telet/Claro Digital nas novas áreas que sua cobertura digital passava a atingir no Estado, este clima gaudério na comunicação da Telefonica apresentava um cantor bastante conhecido em todo o Rio Grande do Sul: o Gaúcho da Fronteira.

Agindo assim, a Telefonica visava lembrar o povo gaúcho das raízes da empresa [antiga estatal do Estado] (...) Em um dos comerciais, eminentemente institucional, que apresentava uma trilha sonora bastante tradicional, o Gaúcho da Fronteira segurava um moderno aparelho celular, mas falava, quase declamando, que 'o futuro é uma sucessão de 'presentes'. Hoje se houve a voz, amanhã vai ser a cara dos guri.<sup>138</sup>

Vemos o esforço empresarial em associar a imagem do gaúcho tradicional, grosso, rude, “síntese” da identidade rio-grandense, ao progresso técnico e ao avanço tecnológico. O

<sup>134</sup> Em maio de 2000 o mercado de celulares pré-pagos no Rio Grande do Sul correspondia a uma fração de 54% do mercado (792 mil usuários de cartão, contra 672 mil usuários com conta), percentual que no mesmo período de 2007 já é de 77,6% (5,58 milhões de usuários de cartão, contra 1,61 usuários com conta). Ver TARIFA deve ser reajustada em até 11%. **Vale Paraibano**, João Pessoa, 17 jun. 2000. Disponível em: <<http://jornal.valeparaibano.com.br/2000/06/17/neco/tele.html>>. Acesso em: 15 ago. 2007. Anexo L.

<sup>135</sup> Ver anexo M.

<sup>136</sup> SCHNEIDER, Eduardo de Nonohay. **Telefonica vs. Telet**: agenda-setting através da publicidade. Porto Alegre, 2000. 138 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade dos Meios de Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre, 2000.

<sup>137</sup> Ibidem, p. 121-122

<sup>138</sup> Ibidem, p. 106-107

gaúcho pode manter suas “tradições” (a indumentária, a pompa, a rudeza), a empresa aceita isso. Mas precisa se modernizar, se integrar ao novo mundo dinâmico das transformações da telecomunicação.

Algumas propagandas se valem abertamente do regionalismo para reforçar seus vínculos com os consumidores rio-grandenses, mas seguem uma linha mais institucional, sem vender produtos específicos. Dois exemplos muito pertinentes são as propagandas de Banrisul e General Motors. Enquanto a primeira empresa é, até o momento de elaboração dessa dissertação, um banco público que pertence ao Estado do Rio Grande do Sul, a outra é uma multinacional norte-americana. O Banrisul, com a legitimidade de pertencer ao Estado dos gaúchos, já usou no passado slogans como *o banco que une o Rio Grande e o banco dos gaúchos*, enfatizando mais recentemente o mote *orgulho de ser gaúcho*. A natureza da sua propaganda televisiva é reforçar a imagem do banco junto aos consumidores rio-grandenses de serviços bancários, lembrando a principal qualidade do banco – que não é o atendimento, nem a rentabilidade, nem outra qualidade esperada de um banco, mas o fato de *ser gaúcho*, *pertencer aos gaúchos* e *existir para os gaúchos*. A General Motors, empresa que instalou uma montadora de veículos no Estado com investimento de centenas de milhões de dólares em 1998, gerando milhares de empregos diretos e indiretos, busca aproveitar sua condição importante para o Estado: única montadora automobilística do Rio Grande do Sul, símbolo de progresso industrial e empregos, alvo de acalorados debates políticos antes da sua instalação definitiva. O lema da sua campanha, *Gaúcho, conte comigo*, é uma variação do mote nacional, apenas *conte comigo*. Vejamos as propagandas em um quadro comparativo:

<b>Transcrição da narração em off das propagandas</b>	
<b><i>Banrisul - Orgulho de ser gaúcho</i></b>	<b><i>General Motors - Gaúcho, conte comigo</i></b>
Todos os dias, o Rio Grande desperta e vai em frente, altivo e sonhador, alimentando seus ideais, porque esta é a nossa tradição.	Quem é esse povo, que dança rock, chula, tarantela, rave, samba, música alemã.
Todos os dias, sob esse imenso céu que nos protege, o futuro é construído em cada canto, por cada um de nós. Essa é a marca do gaúcho.	Quem é esse povo que passa de mão em mão a amizade, como se fosse o cachimbo da paz.
Todos os dias essa terra fértil e generosa cresce e se desenvolve, pois tem ao seu lado a força de uma paixão.	Quem é esse povo que fica em silêncio olhando o pampa imenso... mas que também levanta a voz quando precisa.
Banrisul. Um banco que sempre estará junto aos gaúchos. Um banco que tem orgulho de ser gaúcho.	Quem é esse povo que se orgulha dos seus escritores, dos seus pintores, dos seus músicos, dos seus atores, das suas modelagens, dos seus craques, dos seus técnicos, que exporta talentos para o resto do mundo.
Governo do Rio Grande do Sul	Quem é esse povo, que ama tanto o lugar em que

vive, que é capaz de grita o seu amor aos quatro ventos (coro: ah, eu sou ga-ú-cho).
--

Agora, nós sabemos. Gaúcho, conte comigo.
---

As duas propagandas são narradas em *off* por vozes masculinas. Aqui já há uma diferença, pois a peça do Banrisul é narrada por um homem com sotaque gaúcho, enquanto a narração da General Motors não tem um sotaque definido. Como a General Motors propõe o seu texto a partir de uma distinção entre “nós” (a General Motors) e “eles/vocês” (os gaúchos), não seria possível uma narração com voz regional nesses termos – a General Motors não é gaúcha.

Comparando as transcrições das propagandas, o que primeiro chama a atenção é a estrutura repetitiva dos textos, comum aos dois vídeos. Ambos estão divididos em duas partes. A primeira enumera as qualidades dos gaúchos, iniciando sempre com o mesmo prefixo – *Todos os dias* na propaganda do Banrisul, *Quem é esse povo* na da General Motors. A segunda parte é a mensagem que a empresa quer passar – “*Um banco que sempre estará junto aos gaúchos. Um banco que tem orgulho de ser gaúcho*” para o Banrisul e “*Agora, nós sabemos. Gaúcho, conte comigo*” para a General Motors, quando as repetições são quebradas.

O conteúdo dos textos é muito diferente. Enquanto a General Motors se vale do recurso narrativo de apresentar os gaúchos para si mesma, todo tempo se perguntando “quem é esse povo”, com o compreensível objetivo de enaltecer os gaúchos, mostrando-lhes que a empresa vê e compreende e admira a identidade e as características locais, o Banrisul, sendo de casa, dispensa o aparato narrativo dos parâmetros estabelecidos do gaúcho – não precisa apresentar verbalmente, explicitamente, a tradição. A propaganda do Banrisul faz isso através de imagens comuns do imaginário rio-grandense, como o pampa, a natureza, as plantações, o litoral, o cercado da estância, o céu, as cores da bandeira do Rio Grande do Sul, as ruínas de São Miguel, os times de futebol. A General Motors opta por enfatizar símbolos tradicionais (o chimarrão, o pampa, o amor à terra e às suas pessoas famosas), com o texto referindo-se explicitamente a esses símbolos. O vídeo da General Motors tem o mérito de buscar a cumplicidade do seu espectador, ao deixar lacunas para este preencher, quando afirma “quem é esse povo que se orgulha dos seus escritores, dos seus pintores, dos seus músicos, dos seus atores, das suas modelos, dos seus craques, dos seus técnicos, que exporta talentos (...)”, sem nomear esses alvos do orgulho local. Essas lacunas reforçam o vínculo emocional entre

empresa e espectador a partir da seguinte cumplicidade: ambos sabemos quem são os gaúchos famosos, não precisamos nomeá-los – nós sabemos quem são, vocês sabem quem são.

Há um ponto dissonante na propaganda da General Motors, que escapa do padrão tradicional da apresentação da identidade do gaúcho. Vemos, logo no início, o vídeo falar sobre um povo “que dança rock, chula, tarantela, rave, samba, música alemã”. Esse é um avanço muito importante. Os “outros”, ao olharem para nós, viram diversidade. Não viram unidade. As tradições atribuídas ao gaúcho (e os seus sentidos) estão presentes, sim, mas acompanhadas de outras tradições.

Analisando com cuidado o vídeo ou as transcrições das propagandas do Bannisul e da General Motors, e também da cerveja Polar, veremos que o gaúcho pilchado não apareceu uma única vez – quando muito, houve referência às esporas e ao chapéu campeiro, na propaganda da General Motors. Isso é significativo, quando levamos em conta a seguinte afirmação de Oliven, para quem

O modelo que é construído quando se fala em tradições gaúchas – qualquer que seja a perspectiva de quem as cultua – está sempre calcado no campo, mais especificamente na região da Campanha (localizada no Sudoeste do Rio Grande do Sul e fazendo fronteira com a Argentina e o Uruguai) e na figura do gaúcho, homem livre e errante que vagueia soberano sobre seu cavalo, tendo como interlocutor privilegiado a natureza, como ela se descortina nas vastas planícies dessa área pastoril do estado.<sup>139</sup>

Desse modelo de gaúcho só sobraram a natureza e o pampa (“Todos os dias essa terra fértil e generosa cresce e se desenvolve”; “Quem é esse povo que fica em silêncio olhando o pampa imenso...”). O gaúcho está oculto pela sombra da diversidade, cuja proeminência assistimos no conforto de nossas casas, nos cinemas. Ao mercado, ao capitalismo, interessa atingir seu “público-alvo”. Querendo atingir os gaúchos, os publicitários não estão necessariamente comprometidos com a reprodução pura e simples dos símbolos tradicionais, não precisam justificá-los, podem dispensar o que for considerado, por eles, desnecessário ou inútil. Em um universo consumidor amplo, majoritariamente urbano, consumidor ou, na pior das hipóteses, usuário habitual de tecnologia (carros, celulares, computadores), a associação dos gaúchos ao homem pilchado, montado a cavalo, deve surtir pouco efeito de identificação

---

<sup>139</sup> OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 97

entre empresa/produto e consumidores gaúchos. De que outra maneira podemos explicar o sumiço do gaúcho pilchado? Não é nenhum absurdo concluir que, comercialmente, esse gaúcho tradicional já não funciona para vender o peixe alheio.<sup>140</sup>

Se do ponto de vista comercial o gaúcho de estátua anda meio sumido, é equivocado afirmar que o mesmo ocorre na política. O Rio Grande do Sul vivencia, nos últimos anos, o intenso uso dos símbolos do gaúcho como linguagem eleitoral, conforme descreve Paulo Gabriel Martins de Moura na tese *A identidade cultural do gaúcho como abordagem persuasiva do marketing eleitoral de Olívio Dutra em 1998*. Paulo Gabriel busca refletir como um partido de esquerda utiliza o discurso conservador da tradição para obter seu êxito eleitoral, estudando a propaganda de televisão do Partido dos Trabalhadores, produzida para o horário da propaganda eleitoral obrigatória no pleito ao governo do Estado em 1998. A tese possui um forte tom irônico, chama a estratégia da candidatura de Olívio Dutra de “fábula”<sup>141</sup>, definição atribuída ao cineasta Carlos Gerbase (infelizmente, sem indicar a fonte). O autor afirma o seguinte:

A forma como os conteúdos de áudio e vídeo (cenas regionais, trilha sonora, sotaque do locutor, falas de populares, referência ao passado histórico do Estado, e interpretações do 'personagem-candidato') foram sendo introduzidos de forma a envolver o telespectador no enredo da fábula, não deixa nada a dever às melhores peças ficcionais da Rede Globo de Televisão (...)<sup>142</sup>

Fábula ou não, a tese propõe que o candidato Olívio Dutra, no contexto de sua estratégia eleitoral, procura interpretar uma personagem totalmente identificada com o gaúcho, para se diferenciar do principal adversário no pleito, o governador Antônio Britto. Para tanto, relata Paulo Gabriel, Olívio Dutra utiliza trajes e adereços típicos, como bombachas, botas, lenços vermelhos no pescoço; fala carregando no seu sotaque do interior; cumprimenta eleitores e se expressa diante das câmeras fazendo gestos identificados com tradições gaúchos (como o cumprimento em que os homens batem simultaneamente, com as costas da mão, no peito um do outro). As imagens produzidas para a propaganda eleitoral apresentam gaúchos montados em cavalos que empinam, rodas de chimarrão, homens

<sup>140</sup> O músico Gaúcho da Fronteira aparece na propaganda da Telefonica, citada alguns parágrafos antes, em 1998. As propagandas da Polar, Banrisul e General Motors são de 2004, 2006 e 2007, respectivamente.

<sup>141</sup> MOURA, Paulo Gabriel Martins de. **A identidade cultural do gaúcho como abordagem persuasiva do marketing eleitoral de Olívio Dutra em 1998**. Porto Alegre, 2005. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - PUCRS, Fac. de Comunicação Social, 2005. p. 185

<sup>142</sup> Idem.

pilchados<sup>143</sup>. Além da caracterização visual do candidato e do uso de imagens tradicionais associadas ao gaúcho, há a associação do candidato aos valores do gaúcho, muito bem apontada pelo autor:

(...) o candidato Olívio Dutra é apresentado como um líder sincero, comprometido com a verdade; (...) identificado com os valores culturais das tradições gaúchas e incentivador da participação popular no governo. Em contraste, Antônio Britto, é apresentado como tendo atributos de imagem opostos, especialmente, as características da falta de coragem para enfrentar o debate direto com o candidato Olívio Dutra, de falta de compromisso com as tradições gaúchas, notadamente no que diz respeito ao compromisso com a verdade [Nota: Antônio Britto, na eleição anterior, assinara documento se comprometendo a não privatizar patrimônio público, o que ocorreu com a venda da CRT e de partes da CEEE, durante seu governo].<sup>144</sup>

A palavra empenhada em função de um compromisso assumido, é vista pela cultura gauchesca como um indicador de honra e dignidade pessoal do comprometente, o que, portanto, estabelece um vínculo estreito entre o conceito chave do foco da campanha [que era *O governador de verdade que vai mudar o Rio Grande*], e os valores culturais ligados à identidade do gaúcho.<sup>145</sup>

Esse amálgama candidato/personagem, operado pelos programas eleitorais de televisão, na visão do autor, colabora decisivamente para a vitória de Olívio Dutra no pleito de 1998. É o gaúcho tomando controle do Estado, legítimo representante das tradições, “governador de verdade”, em oposição ao “governador de mentira”<sup>146</sup>, algo como o valente contra o covarde.

Contudo, oito anos mais tarde, a identificação direta entre Olívio Dutra e o gaúcho não surtiu o mesmo efeito. Na campanha eleitoral de 2006, indo ao segundo turno eleitoral contra a candidata Yeda Crusius, eleita governadora, o Partido dos Trabalhadores tenta novamente investir na imagem do *Galo missioneiro* (apelido de Olívio Dutra que remete à sua região de origem no Estado), do legítimo gaúcho, contra a “paulista”, a “estrangeira” que queria governar o Rio Grande. Um *jingle* da campanha de Olívio, naquele ano, era tocado à exaustão pelos carros de som que circulavam em Porto Alegre, dias antes do segundo turno:

Vote em gaúcho que é honesto e ordeiro

<sup>143</sup> MOURA, Paulo Gabriel Martins de. **A identidade cultural do gaúcho como abordagem persuasiva do marketing eleitoral de Olívio Dutra em 1998**. Porto Alegre, 2005. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - PUCRS, Fac. de Comunicação Social, 2005. p. 160, 188, 190-192

<sup>144</sup> Ibidem, p. 167.

<sup>145</sup> Ibidem, p. 182

<sup>146</sup> Idem.

Com Olívio no governo veja um Rio Grande altaneiro  
 De que adianta ser tradicionalista,  
 Se o governo dos gaúchos for paulista  
 A nossa história colocou na sua lista  
 O orgulho desse povo é gaúcho e não paulista  
 Nos sentiremos com certeza muito lesados  
 Vendo o vinte de setembro por São Paulo comandado<sup>147</sup>

A reação da candidatura de Yeda Crusius, porém, apela para as raízes dela no Estado, sua família gaúcha, a formação na UFRGS, acusando de preconceituosa a propaganda de Olívio Dutra. O programa de Yeda na televisão, com diversas dificuldades técnicas (quase toda equipe de marketing abandona a campanha semanas antes do término, por falta de pagamento de salários), é apresentado por um gaúcho pilchado, que até arrisca trovas, diante de um cenário improvisado, sem maiores recursos que a própria fala. Olívio Dutra prosseguiu com seu sotaque e seus gestos gaudérios, até a confirmação da sua derrota.

### 2.3 Definição conceitual de gaúcho

Como vimos até aqui, para falarmos em gaúcho somos obrigados a situar o gaúcho historicamente, sob pena de inviabilizar qualquer esforço analítico. Ao definirmos o que entendemos ser a figura do gaúcho, preferimos fazer escolhas que ampliem significados, ao invés de restringi-los.

Entendemos que o gaúcho histórico por excelência, aquele que viveu sobre a terra e constituiu um grupo humano, é o homem vago, solitário, preador de gado e eqüinos, contrabandista de couros, socialmente marginalizado. Suas condições mínimas de existência dependiam dos campos livres, sem obstáculos, sem fronteiras; de gado e eqüinos vagando, igualmente livres, em grandes quantidades por esses mesmos campos; tanto campos, como animais, sem proprietários definidos; nenhuma ou mínima interferência do Estado no seu modo de vida.

Não acreditamos que a mudança nestas condições de existência do gaúcho determina, automaticamente, o seu desaparecimento ou extinção. Antes, consideramos que adaptações foram possíveis e aconteceram. Os campos, paulatinamente, são cercados, cercando também os rebanhos de gado e eqüinos nas estâncias, portanto, vamos admitir que o mesmo processo

<sup>147</sup> Para a transcrição da letra completa, ver anexo N.

ocorre com os gaúchos – eles assentam-se como peões de estância, campeiros, passam a viver nas terras dos grandes proprietários, protegendo e conduzindo os rebanhos destes em contrapartida. Os sucessivos conflitos armados experimentados no Rio Grande do Sul condicionam uma militarização permanente das propriedades rurais, fazem dos proprietários líderes militares e dos seus peões, soldados, todos a atuarem na defesa da propriedade dos estancieiros e do domínio português/brasileiro sobre o território contra índios, espanhóis, castelhanos e brasileiros. O ponto culminante dessa forma de organização é a Revolução Farroupilha de 1835.

Levamos em conta as evidências segundo as quais os grandes proprietários de terras nunca consideraram a si próprios como gaúchos, pelo menos até o fim da Revolução Farroupilha, período no qual a palavra gaúcho ainda possuía tom pejorativo. Apenas muito após 1845 que estancieiros e peões são identificados, igualmente, como gaúchos. O amálgama estancieiro-peão se manifesta primeiro na literatura, em José de Alencar e Apolinário Porto Alegre, na década de 1870, para depois ser assumido como discurso oficial nos primeiros anos da República no Brasil, quando Júlio de Castilhos assume o poder no Rio Grande do Sul. Castilhos e seu grupo republicano, largamente composto por estancieiros, constroem a versão histórica segundo a qual os republicanos de 1890 são os legítimos continuadores dos guerreiros “gaúchos” de 1835<sup>148</sup>, disseminando oficialmente uma nova significação para o gaúcho – herói, guerreiro, leal, trabalhador, sem importar se pobre ou rico, ao contrário das significações pejorativas vigentes até alguns anos antes. A elite rural só se associa à imagem do gaúcho, por lhe convir unificar a sociedade rio-grandense em torno dessa origem comum.

Assim sendo, quando falamos em gaúcho, admitimos vários sentidos: pode designar tanto o vago changador dos séculos XVIII e XIX, quanto o peão-guerreiro do século XIX e o campeiro das primeiras décadas do século XX, todos geograficamente localizados na região da Campanha rio-grandense. Fica entendido que esses indivíduos, até o século XIX, compreendem aqueles com ascendência portuguesa, eventualmente miscigenada a ascendências autóctones indígenas. No século XX, nos seus primeiros anos, o termo gaúcho já se torna um gentílico para o habitante do Rio Grande do Sul. Os imigrantes (alemães, italianos, outras etnias), se encontram em sua maior parte definitivamente integrados no Rio Grande do Sul. Portanto, admitimos que a palavra gaúcho deixa de designar exclusivamente o

---

<sup>148</sup> ALBECHE, Daysi Lange. **Imagens do gaúcho**: história e mitificação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 57.

homem da região da Campanha rio-grandense *per se*, estancieiro ou peão ou campeiro, para designar *aqueles que se identificam* com a figura desse homem ou que, através da figura do gaúcho, são a ela *identificados*. Desse modo, podemos analisar tanto a obra de José de Alencar, *O gaúcho*, onde se encontra personagens mais idealizadas do gaúcho, quanto a obra de Tabajara Ruas, *Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez*, com personagens altamente identificadas com a figura histórica do gaúcho.

Dentro dessa linha de raciocínio reconhecemos que o gaúcho se adapta às mudanças da sociedade e gradualmente é absorvido por ela. Seus hábitos mudam por conta própria, ou por fatores externos. Os homens que trabalham no campo, hoje, não vivem exclusivamente montados sobre seus cavalos, eles utilizam automóveis e outros meios de transporte. Esses homens não se alimentam exclusivamente de bois carneados, sua dieta se diversifica – e mesmo se ainda fosse apenas churrasco, até o churrasco sofre mudanças nos últimos dois séculos<sup>149</sup>. A castração do gado a faca, antigamente uma prática corriqueira, hoje é motivo de festa tradicionalista, como muitas outras práticas resgatadas ou atribuídas aos gaúchos de séculos atrás. O que chega do gaúcho do século XVIII ao gaúcho do século XXI, portanto, são ressemantizações elaboradas ao longo do tempo, em substituição ao registro histórico, utilizadas para fins mercadológicos, eleitoreiros, ideológicos. Contextualizar o gaúcho historicamente não é possível sem essa perspectiva, sob pena, repetimos, de ignorar-se a realidade e a História. Como afirma Regina Zilberman sobre a literatura do Rio Grande do Sul a partir de 1930,

(...) ou [a literatura rio-grandense] passava a filtrar aqueles tópicos pela ótica social, vendo o homem do campo sob o enfoque da classe a que pertencia e cujos valores encampava; ou conservava as técnicas e temas de antes, mergulhando num passadismo cada vez mais acentuado, cultivando tradições que desapareciam e imobilizando a imagem do gaúcho num contexto atemporal a fim de evitar o confronto daquela com o presente e a vida concreta. As correntes tradicionalistas encarregam-se desta tarefa, os movimentos nativistas a fortalecem, alguns *media* eletrônicos, muitas vezes sob o patrocínio de empresas estatais, a difundem.<sup>150</sup>

Admitindo, como demonstramos, que o conceito de gaúcho é móvel, dinâmico, também acreditamos que seus sentidos são atribuídos através dos mecanismos de

<sup>149</sup> OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 176. Além da carne de gado, a polenta, o frango, o porco e a lingüiça são agregadas ao cardápio do churrasco.

<sup>150</sup> ZILBERMAN, Regina. **Literatura gaúcha: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: L&PM, 1985. p. 33

manifestação cultural da sociedade – a literatura, o Movimento Tradicionalista Gaúcho, a imprensa, o cinema, a televisão, etc.

O leitor poderá discordar desse recorte, por tomarmos apenas a figura do gaúcho *homem*, negando participação a um protagonismo feminino. Fazemos isso por partirmos exatamente de uma figura histórica que, sem exceção registrada, sempre foi masculina, e sobre essa figura é que se trata este trabalho. Isso não quer dizer, porém, que o papel desempenhado pelas personagens femininas, por exemplo, será desprezado na análise das obras.

### 3 A FIGURA FICCIONAL DO GAÚCHO

Situado historicamente o gaúcho, voltamos nossos olhos para a sua figura ficcional. A trajetória da figura ficcional do gaúcho na literatura é alvo da análise de Antonio Hohlfeldt em *O gaúcho: ficção e realidade*<sup>151</sup>. Hohlfeldt produz um recorte de autores e obras que visa “uma aproximação entre estudos existentes a respeito do Rio Grande do Sul e do gaúcho desta região, e o gaúcho como foi visto através da ficção, bem como sua evolução”<sup>152</sup>. Escolhe, dos autores José de Alencar, Apolinário Porto Alegre, José de Alencar, Simões Lopes Neto, Alcides Maya, Érico Veríssimo e Cyro Martins, as obras mais relevantes sobre o gaúcho ficcional, para cotejar pontualmente a ficção com o registro histórico. O foco do estudo centra-se mais sobre a literatura, os conflitos internos estéticos de cada obra e autor – a relação com a história do gaúcho, ou do Rio Grande do Sul, fica em segundo plano. Embora Hohlfeldt fale em “evolução”, com a leitura do estudo entendemos que seu objetivo é recompor a passagem do gaúcho através do tempo e das visões dos autores, sem intenção de propor uma “evolução” no sentido estrito da palavra – partir de uma situação inferior para outra superior.

Hohlfeldt<sup>153</sup> identifica como os autores partem de uma visão romântica, idealizada de gaúcho (José de Alencar e Apolinário Porto Alegre), basicamente descritiva da natureza e das qualidades do homem livre e bruto, para um momento de transição, com Simões Lopes Neto, no qual se faz o primeiro contraste entre os tempos pregressos da liberdade total nos campos, do gaúcho sem fronteiras, com os primeiros anos da propriedade definida e cercada. Seguindo a sua análise, Hohlfeldt vê em Alcides Maya o fim da transição e a primeira constatação de que o tempo muda para o gaúcho, começando o desenraizamento da terra, onde os campos estão todos cercados, quando coexistem as inaptações decorrentes do progresso, da industrialização, quando a marginalização do gaúcho não é mais psicológica, ou íntima, mas provocada por contingências sociais, e o gaúcho se vê diante da decisão de retirar-se cada vez mais ao sul, ou para novas fronteiras pastoris em estados mais ao norte do Brasil. Hohlfeldt encontra na ficção “documental até a radicalidade” de Cyro Martins o agravamento da situação econômica e social do gaúcho, quando o desenraizamento elimina o campo como

---

<sup>151</sup> Obra esgotada, lançada em 1982 e da qual tivemos a felicidade de obter um exemplar

<sup>152</sup> HOHLFELDT, Antonio. **O gaúcho**: ficção e realidade. Rio de Janeiro: Edições Antares. 1982. p. 12

<sup>153</sup> Ibidem, p. 34, 45 e 73

alternativa para a vida e propõe como única opção o êxodo para a cidade, que não atinge mais somente peões e campeiros, incluindo também estancieiros de menor porte, engolidos ambos pela industrialização do Brasil.

Hohlfeldt chega a nove conclusões a respeito do gaúcho e fornece direcionamentos para estudos futuros. Constatamos que, passados vinte e cinco anos, muito do que Hohlfeldt conclui ainda é atual e se verifica na realidade:

“1. A literatura sobre o gaúcho soube escolher a figura típica do campeador ou do peão, e não a do estancieiro (...) na medida que as ações de fundo das narrativas se distanciam da Revolução Farroupilha de 1835, também os destinos de ambos se distanciam, já que o cercamento dos campos tende a evidenciar a diferença de classes. (...)”

2. Até João Simões Lopes Neto, ainda existe a possibilidade de idealizar o tipo do gaúcho. Por isso mesmo, podemos visualizar esta obra como de transição. A partir de Alcides Maya, porém, evidencia-se a diferenciação de classes.

4. A ficção acompanha a diferenciação provocada por 1835 (...)<sup>154</sup>

Regina Zilberman, no artigo *História e Literatura no Rio Grande do Sul*<sup>155</sup>, vê em Érico Veríssimo o distanciamento definitivo da Revolução Farroupilha, pelo fato desse autor escolher como partida da sua narrativa outra Revolução, a de 1893, colocando a Farroupilha em segundo plano. Como ela explica, “quando Érico Veríssimo começa a redigir *O tempo e o vento*, ele sabe que tem atrás de si esses modelos de representação [baseados em 1835], a serem endossados ou recusados. É por escolher a contramão dessa até então aparentemente via de mão única que o escritor de Cruz Alta foi capaz de recriar o gênero, oferecer novos parâmetros a seus sucessores (...)”. Efetivamente, a distinção entre estancieiros e peões é muito bem definida desde as primeiras linhas da trilogia de Érico. Não há idealização a respeito dos Terras e Cambarás estarem ao mesmo nível dos Carés<sup>156</sup>.

Hohlfeldt também define o que é o gaúcho, como ele é retratado na literatura e de que maneira está inserido no contexto histórico:

<sup>154</sup> HOHLFELDT, Antonio. **O gaúcho**: ficção e realidade. Rio de Janeiro: Edições Antares. 1982. p. 107

<sup>155</sup> Zilberman, Regina. *História e Literatura no Rio Grande do Sul*. In: **Cultura e Identidade Regional**. Coleção Memória das Letras, 18. 2004. p. 75

<sup>156</sup> Terras e Cambarás são as famílias originárias dos protagonistas em *O tempo e o vento*, legítimos signos de força e fibra. Caré é o nome da família mais genérica, pobre e miserável descrita na obra, de pessoas vagantes e perdidas, fracas e sem terra, mas resistentes e capazes de multiplicarem-se.

3. O tipo gaúcho é, basicamente, um marginal psicológico e social, pela própria atividade de que se origina, e também pelas origens mais imediatas, familiares, quase sempre um mestiço ou um sujeito sem família.

5. As principais características do gaúcho estão englobadas na ficção que o toma como tema, mesmo quando o idealiza (...)

6. Não ousei a ficção ainda, ao que sabemos, salvo, talvez, em tentativa recente, focalizar diretamente a imagem do gaúcho bandido, ou a sobrevivência do peão em seu rancho paupérrimo, a não ser em péssimos exemplos de sub-literatura (...)

8. Da situação de liberdade e sobrevivência possível, na vida marginal inicial, o gaúcho, enquanto figurado sobretudo no peão, ingressou numa sobrevivência dependente e ainda mais marginal, na medida em que a própria sociedade brasileira começou a sofrer modificações.<sup>157</sup>

A primeira obra a realizar parcialmente a ousadia proposta por Hohlfeldt na sua sexta conclusão é justamente *Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez*, a novela de Tabajara Ruas que analisaremos. Nessa obra temos a personagem de Juvêncio completamente associada ao gaúcho contrabandista de gado. Embora *Perseguição e cerco...* proponha a quebra de inúmeros paradigmas relacionados ao gaúcho, mantém a representação da figura dentro da definição proposta por Hohlfeldt: a marginalidade social e a distância da família. Podemos acrescentar mais um elemento nessa caracterização, o *desejo de retornar à terra*, após o desenraizamento provocado pelo êxodo para a cidade, pela industrialização. O autor clarifica a divisão social do gaúcho, entre proprietários e não-proprietários de terras:

7. Pode-se desmitificar e desmistificar a imagem de glória que envolve as lutas de fronteira e as guerras civis na província, na medida em que os estudos teóricos e também a ficção evidenciam a desvinculação dos interesses do changador-vaqueno-peão dos interesses de quem chefiou e manipulou tais atritos guerreiros.<sup>158</sup>

Como verificamos ao analisar a figura histórica do gaúcho e sua ressemantização, a desmitificação e a desmistificação podem até estar em curso, mas há vinte e cinco anos esperam por se consumar. Embora a academia produza estudos teóricos desfazendo as mistificações, não há circulação ou difusão desse conhecimento fora dos muros das universidades. Na publicidade e no cinema começam a surgir visões alternativas do passado para além do arquétipo tão conhecido do gaúcho da Campanha, porém ainda são manifestações esparsas, incipientes. O gaúcho permanece tratado e entendido socialmente,

<sup>157</sup> HOHLFELDT, Antonio. **O gaúcho**: ficção e realidade. Rio de Janeiro: Edições Antares. 1982. p. 107-108

<sup>158</sup> Ibidem, p. 108

conforme já vimos, como um herói guerreiro, ou como peão de estância, ou um amálgama dos dois. O único reparo a ser feito é em relação à última conclusão de Hohlfeldt:

9. As transformações econômicas por que já passaram o país e o estado a partir de 1930, integrando-os definitivamente no capitalismo mundial, embora de forma periférica, situação que perdura ainda hoje, transformaram o gaúcho num tipo em extinção, fazendo com que inúmeras vezes, pela imprensa, o problema volte ao debate.<sup>159</sup>

Hohlfeldt não explicita qual a sua definição de gaúcho, o que provoca uma confusão entre *peão*, *campeiro* e *gaúcho*, de tal modo que o autor considera as três figuras sinônimas. Com o cercamento dos campos iniciado e consolidado na década de 1870 e a instalação das estradas de ferro, o meio em que surgiu o gaúcho (a terra livre de cercas, o gado vagando sem rumo) desaparece por completo, retirando a possibilidade da existência ou permanência de um gaúcho solitário e vago a prear gado sem dono e contrabandear couros, o gaúcho histórico por excelência. Peões e campeiros continuaram sendo chamados *gaúchos*, e depois toda a população do Rio Grande do Sul, como explica Meyer<sup>160</sup>, por isso é complicado afirmar que o gaúcho entra “em extinção” a partir da década de 1930, como faz Hohlfeldt. Seria mais adequado falar que o peão, o campeiro, e até mesmo o estancieiro, *gaúchos fixados à terra*, é que enfrentam o processo de desaparecimento do campo, posterior àquele já então experimentado pelo gaúcho original, vago, contrabandista, ou clarificar que existem vários gaúchos, um para cada época.

Regina Zilberman também entende que a literatura rio-grandense sofre impacto da Revolução de 1930, racionalizando essa questão melhor do que Hohlfeldt. Para Zilberman<sup>161</sup>, as mudanças políticas e econômicas decorrentes da subida de Vargas ao poder central não conseguem “alargar o campo de representação do Regionalismo, mantendo-o fiel ao universo da Campanha e seus protagonistas, proprietários e peões, montados ou a pé”, mas obrigam uma mudança da literatura produzida pelos autores. Ou essa literatura passa a ver os tópicos regionais de uma ótica social, ou permanece “cultivando tradições que desapareciam e imobilizando a imagem do gaúcho num contexto atemporal”. A temática permanece a mesma, a abordagem muda.

<sup>159</sup> HOHLFELDT, Antonio. **O gaúcho**: ficção e realidade. Rio de Janeiro: Edições Antares. 1982. p. 108.

<sup>160</sup> MEYER, Augusto. **Prosa dos pagos**: 1941-1959. Rio de Janeiro : São José, 1960. p. 35

<sup>161</sup> ZILBERMAN, Regina. **Literatura gaúcha**: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: L&PM, 1985. p. 33

Zilberman, analisando o gaúcho como tema da “literatura de inspiração regionalista”<sup>162</sup>, também fará uma recuperação histórica numa perspectiva cronológica, como Hohlfeldt, resgatando o gaúcho como tema desde 1850, em Caldre e Fião, mais tarde em Apolinário Porto Alegre (fins de 1868 e década de 1870) e em José de Alencar (1870)<sup>163</sup>. A autora verifica que, após a produção inicial desses autores, é na República Velha que ocorre o maior volume de produção literária sobre o gaúcho. Zilberman observa:

Enquanto vigora a perspectiva autonomista e federalista no Rio Grande do Sul, vigora também o Regionalismo. Este, por sua vez, assume traços peculiares perante seus co-irmãos brasileiros, ao seguidamente apresentar o gaúcho como superior aos outros tipos humanos (...) ao estrangeiro (...) ou então é superior ao nacional não rio-grandense, como o homem refinado e urbano (...) ou o caipira.<sup>164</sup>

Esse processo de diferenciação deve-se, no entendimento da autora, ao ideário republicano rio-grandense, que preconiza a descentralização do poder da Monarquia e maior autonomia para as Províncias. Daí uma figura ficcional como a do gaúcho ser alçada a vãos na literatura, “o gaúcho que, por ancestralmente associado à independência pessoal e à falta de laços domésticos (...) podia simbolizar a autonomia desejada”<sup>165</sup>. A revolução de 1930 é vista pela autora como marco temporal para um período em que o Regionalismo muda de forma (do conto para a novela e o romance), sob influência da urbanização acelerada, das conseqüências da industrialização, da expansão do público leitor no Brasil<sup>166</sup>, abrindo espaço para novos autores e com dois caminhos a seguir, ou aprofundar a análise social do campo, ou paralisar a imagem do gaúcho no tempo e ignorar a passagem da História. O primeiro caminho é o escolhido por autores como Cyro Martins e Erico Veríssimo. O segundo, também constatada a autora, é escolhido pelos tradicionalistas<sup>167</sup>. Analisando os autores da década de 1980, Zilberman verifica que por aqueles anos começa a ocorrer uma diversificação temática, em que o gaúcho da Campanha cede espaço a outros protagonistas, como a mulher, até ali sempre posta em segundo plano.

Maria Eunice Moreira, em 1978, publica um estudo tipológico<sup>168</sup> para a “prosa de

<sup>162</sup> ZILBERMAN, Regina. **Literatura gaúcha**: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: L&PM, 1985. p. 20-40

<sup>163</sup> Ibidem, p. 22-23

<sup>164</sup> Ibidem, p. 27

<sup>165</sup> Idem.

<sup>166</sup> Ibidem, p. 31-32

<sup>167</sup> Ibidem, p. 33

<sup>168</sup> MOREIRA, Maria Eunice. **Regionalismo gaúcho**: um estudo tipológico. Porto Alegre, 1979. 210 f.

ficção regionalista sul-rio-grandense”, apoiando-se em onze textos publicados entre 1872 e 1922<sup>169</sup>, um recorte situado entre Apolinário Porto Alegre (*O Vaqueano*) e Alcides Maya (*Alma Bárbara*). Do *corpus* definido pela autora, três obras são publicadas ainda no tempo do Império, as outras oito quando o Brasil vive o período da República Velha, escritas por sete autores diferentes. O objetivo de Moreira é verificar as ocorrências comuns sobre as paisagens, a forma (casos ou contos), o herói e outras personagens, o tempo e o espaço, desenvolvidos na literatura sobre o gaúcho. Os resultados dessa tipologia são úteis, na medida em que resumem um espectro de temas e assuntos de uma amostra representativa da literatura regionalista do Rio Grande do Sul daqueles tempos.

A respeito do paisagismo<sup>170</sup>, Moreira identifica o caráter fotográfico das obras de Alcides Maya e Roque Callage, retirando o homem da paisagem e isolando-o em cenas estáticas. A paisagem também é vista por Moreira como elemento de introdução a narrativa, para demonstrar a passagem do tempo e as diferenças entre o passado e o presente e as relações entre o homem e o meio, de dominância ou submissão de um ao outro. A paisagem também dimensiona a grandeza do herói – “se ele convive com os fortes, se ele vence os fortes, ele mesmo se torna forte e, ainda que absorvido pelo cenário, o é por um cenário imenso, porque grande é o homem”<sup>171</sup>

Sobre a forma, Moreira verifica que a maioria dos textos do seu *corpus* possui uma tendência não para o conto (estático, descritivo, sem pretensão de ser real), e sim para o caso (dinâmico, mais narrativo que descritivo, pretendendo ser real)<sup>172</sup>.

Apresentando a sua tipologia em artigo publicado em junho de 1980<sup>173</sup>, as personagens são divididas em três grandes grupos: heróis e anti-heróis; heróis decaídos; todas as demais personagens (mulheres, negros e crianças).

<sup>169</sup> Conforme a autora, *O vaqueano* (Apolinário Porto Alegre, 1872), *Paisagens* (Apolinário Porto Alegre, 1875), *Os farrapos* (Luis Alves Leite de Oliveira Bello, 1877), *Ruínas vivas* (Alcides Maya, 1910), *Tapera* (Alcides Maya, 1911), *Contos gauchescos* (João Simões Lopes Neto, 1912), *Nas coxilhas* (João Fontoura, 1912), *Casos do Romualdo* (João Simões Lopes Neto, 1914), *Terra Gaúcha* (Roque Callage, 1914), *Rincão* (Roque Callage, 1921), *Alma Bárbara* (Alcides Maya, 1922).

<sup>170</sup> MOREIRA, Maria Eunice. **Regionalismo gaúcho**: um estudo tipológico. Porto Alegre, 1979. p. 37-40

<sup>171</sup> *Ibidem*, p. 41

<sup>172</sup> *Ibidem*. p. 42-44

<sup>173</sup> MOREIRA, Maria Eunice. Características tipológicas do regionalismo gaúcho. **Letras de Hoje**, n.40, 1980. Porto Alegre. p.57-71

Os heróis são identificados por Moreira como “as personagens ligadas ao campo, à Campanha, às atividades pastoris, enfim, aquele tipo ideologicamente reconhecido como o gaúcho”<sup>174</sup>. Esse herói é registrado na literatura como saudável, forte, valente, viril, totalmente integrado à terra, caráter duro, leal, honrado, é uma personagem “fortemente adjetivada”. O seu antagonista, o anti-herói, além de possuir menos ou não possuir em absoluto as virtudes físicas e morais do gaúcho, é também caracterizado como estrangeiro, no sentido daquele que *não pertence à terra* – brasileiro de outros estados, espanhol, castelhano, imigrante, homem da cidade, todos esses são estrangeiros. O anti-herói, portanto, é fraco, medroso, preguiçoso; covarde, desonrado, mal, falso.

Moreira enquadra os gaúchos “caídos”, aqueles deslocados pelo meio ou pelas transformações sociais do período, em um segundo grupo, dos que “não se enquadram nos modelos do herói e do anti-herói, ainda que possuam características”<sup>175</sup>. São os que não se adaptam ao progresso do Brasil.

Por fim, no terceiro grupo<sup>176</sup>, Moreira enquadra negros, mulheres e crianças, personagens secundárias. Das personagens negras, a autora destaca, em caráter de exceção, o negro Bonifácio, figura da obra de João Simões Lopes Neto. As mulheres são secundárias, nunca protagonizam ou assumem papéis de heroína. Nas personagens crianças a autora vê “a voz ou a fala da raça” – Moreira não esclarece se as crianças de que fala são somente meninos, ou se também há meninas.

O tempo<sup>177</sup> nas obras analisadas mostra, para Moreira, a dicotomia entre passado e presente. O passado representa um tempo mítico de união, a época das lutas e do aparecimento do herói gaúcho. O presente é o oposto, a fragmentação, onde o mundo em que surge o herói gaúcho desaparece, dando lugar a um tempo sem lutas. Quanto ao espaço, sem nenhuma dificuldade a autora verifica que o *locus* exclusivo das obras selecionadas é a Campanha gaúcha.

A caracterização tipológica do trabalho é o ponto alto do estudo de Maria Eunice

<sup>174</sup> MOREIRA, Maria Eunice. **Regionalismo gaúcho**: um estudo tipológico. Porto Alegre, 1979. p. 45

<sup>175</sup> Idem. Características tipológicas do regionalismo gaúcho. **Letras de Hoje**, n.40, 1980. Porto Alegre. p. 63

<sup>176</sup> Ibidem, p. 65

<sup>177</sup> MOREIRA, Maria Eunice. Características tipológicas do regionalismo gaúcho. **Letras de Hoje**, n.40, 1980. Porto Alegre. p. 67

Moreira. Porém, é importante registrar uma das conclusões de seu estudo, que demonstra o alcance ideológico da construção literária da figura ficcional do gaúcho e gera debate entre diferentes autores:

(...) o ressurgimento do gaúcho-herói representa a identificação e a revalorização da ideologia da classe dominante (...). Quando ocorre o surto na ficção regionalista do Rio Grande do Sul, nas duas primeiras décadas do século, o Estado encontra-se em plena fase de implantação de um modelo capitalista. O momento deve ser de afirmação da classe dominante. Realçando todas essas condições – do homem forte, hospitaleiro, democrático, afável – facilita-se a aceitação de uma nova mentalidade.

(...) a idealização é retomada para esconder as condições do Estado que deixava de ter na pecuária a base de sua economia (...) exaltando-se o gaúcho, desviava-se a atenção para as reais condições do Estado, ao mesmo tempo em que se realçava uma série de características necessárias à ascensão da classe mandatária. E a ficção, tomando o gaúcho como herói, exacerbando as qualidades do homem simples e divulgando a democracia aqui vigente, realiza a *propaganda* adequada ao fazendeiro. A literatura, então, torna-se veiculadora da ideologia necessária à sustentação da classe dominante.<sup>178</sup>

Ponderando essa conclusão à qual chegou Moreira, em cujo *corpus* de pesquisa há três obras de Alcides Maya, Albeche diz o seguinte:

Alcides Maya cultuou um tempo primordial de forma saudosista e pessimista criando um herói desregrado. Esta imagem não pode ser tomada como referência do gaúcho real, pois seu herói pertence à categoria mítica que contradiz o gaúcho real.<sup>179</sup>

A questão é: como o gaúcho decadente e desenraizado de Alcides Maya pode oferecer sustentação ideológica para os fazendeiros/estancieiros? É uma crítica pertinente levantada por Albeche. Flávio Loureiro Chaves, pensando sobre a mesma questão, do suporte ideológico oferecido pela literatura de Alcides Maya, responde a essa crítica:

Aquele tema romântico da volta ao passado histórico transforma-se assim em contradição intransponível entre o passado e o presente, desembocando na denúncia social. Não nos enganemos, entretanto: ao fazê-la, Alcides Maya configura uma atitude profundamente reacionária. É suficientemente lúcido para identificar as contradições da sua sociedade e registrá-las, mas não para enfrentá-las. Tudo o que escreveu está impregnado de pessimismo saudosista, assinalado por Moysés Vellinho em polêmica famosa [a que abordamos no capítulo 2], determinando a nostalgia do tempo heróico. Por isso mesmo torna-se o

<sup>178</sup> MOREIRA, Maria Eunice. Características tipológicas do regionalismo gaúcho. **Letras de Hoje**, n.40, 1980. Porto Alegre. p. 119

<sup>179</sup> ALBECHÉ, Daysi Lange. **Imagens do gaúcho: história e mitificação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p. 144

caso limite duma tradição. As guerras, as trincheiras, os estandartes e o gaúcho heróico só são possíveis na evocação; deu-se o esgotamento do modelo épico, legado pela narrativa romântica.<sup>180</sup>

O conservadorismo do texto de Alcides Maya, ao contrário do que vê Albeche, não está na superfície do texto – as personagens decadentes, o herói desregrado contrariando a imagem “real” do gaúcho do começo do século XX. Chaves explica que o conservadorismo se verifica na forma do texto, na sua estrutura: o saudosismo, a lembrança do passado glorioso. Já que não se pode falar mais em glórias do presente, porque o tempo já não é de glórias, a saída é afirmar a existência de um passado glorioso. E aqui podemos compreender o que conclui Moreira: o herói idolatrado, o gaúcho valoroso que interessa a uma elite dominante, aos estancieiros, não precisa ser cantado pela ficção no tempo presente. Ele pode – e será – narrado a partir do passado, e a construção do gaúcho como um herói, como uma figura valorosa e homogeneizadora da sociedade, se dá através da construção de um passado onde esse herói possa existir e ao qual se possa recorrer sempre que preciso.

Albeche, porém, também fala em “categoria mítica”. E aqui entramos na seara em que algumas autoras entendem a figura ficcional do gaúcho como um instrumento para a difusão do “mito” do gaúcho<sup>181</sup>. O regionalismo literário propaga determinadas visões do gaúcho que atendem (até hoje) a alguns interesses específicos. Porém, certas ponderações são pertinentes quando o assunto é “mito”, para não correremos o risco de diluir a história em mitificação, ou simplificar a figura ficcional do gaúcho como mitificação pura e simples, como faz Albeche ao tentar encaixar o gaúcho dentro do conceito de mito:

O estudo do mito do gaúcho permite-nos entrar no imaginário de uma determinada realidade histórica, que confrontada com outras manifestações passa a nos revelar o nível profundo de continuidade da longa duração que caracteriza o núcleo simbólico. Os qualificativos míticos literários atribuídos à imagem do gaúcho fazem parte de uma estrutura capaz de se repetir, cujo significado é constantemente reinterpretado. Assim, não podemos definir uma representação da imagem imutável do gaúcho na literatura e na historiografia.<sup>182</sup>

A questão a ser levantada, nesse caso, é a seguinte: se o mito possui um núcleo simbólico, este núcleo deve ser identificável. Albeche, porém, ao longo do seu trabalho,

<sup>180</sup> CHAVES, Flávio Loureiro. **Simões Lopes Neto: regionalismo & literatura**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 55

<sup>181</sup> LARA, Elizabeth Rizzato. A desideologização do gaúcho na obra de Cyro Martins. **Letras de Hoje**, n.73, 1988 Porto Alegre. p. 19.

<sup>182</sup> ALBECHÉ, Daysi Lange. **Imagens do gaúcho: história e mitificação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p. 9

nunca define qual é o núcleo simbólico do gaúcho, embora fale nele o tempo todo<sup>183</sup>. Contraditoriamente a essa afirmação, de que existe um núcleo simbólico, a autora também afirma que não se pode definir “uma representação da imagem imutável do gaúcho na literatura e na historiografia”. Ora, se um núcleo simbólico tem por característica “revelar o nível profundo de continuidade da longa duração”, temos um problema: ou se acredita que existe algo imutável sobre a imagem do gaúcho, um “núcleo simbólico” com componentes de longa duração, portanto estáveis, portanto pouco variáveis, ou se opta pelo entendimento que a imagem do gaúcho muda o tempo todo. Albeche opta por seguir os dois caminhos, simultaneamente, algo problemático quando o objetivo é definir como o gaúcho é visto através da literatura. Outra autora, Lara, afirma o seguinte, discorrendo sobre o “mito” do gaúcho:

O término da Revolução de 1930 aponta para uma nova etapa da sociedade brasileira. Essa fase de transição prevê uma modificação das elites, há a disputa do poder pela classe média e a sociedade encaminha-se para novos rumos. Não há mais lugar para o mito criado pela antiga oligarquia para respaldar seus interesses, só que poucos percebem isto e este mito tem ressonâncias até hoje, comprovando a consistência com que foi criado.<sup>184</sup>

Temos pela frente a visão de que a sociedade não tem “mais lugar para o mito criado pela antiga oligarquia” e que, se ele persiste até os nossos dias, é “pela consistência com que foi criado”. Lara escreve em 1988. Se até ali o mito continua vivo, atribuir sua sobrevivência a uma qualidade intrínseca é muito simplista. A sociedade moderniza-se, a antiga oligarquia é ultrapassada e se, o “mito” ainda assim teima em permanecer, sem dúvida é porque cumpre funções na sociedade, ainda responde algo para as pessoas. Se a autora afirmasse que não há mais lugar para o mito *na literatura*, poderíamos concordar. Porém, ela fala sobre a sociedade, e na sociedade ainda há muito espaço para uma imagem idealizada do gaúcho e do passado, como a própria autora admite, e os processos de ressemantização, que já abordamos anteriormente, reafirmam até o presente momento.

Para além dessa questão, Lara trabalha com a caracterização do “mito” de forma similar à que Maria Eunice Moreira procede para a tipologia do gaúcho: buscando dentro de certo *corpus* literário o que é “intrínseco e extrínseco” ao “mito” (o tema histórico-guerreiro,

<sup>183</sup> ALBECHÉ, Daysi Lange. **Imagens do gaúcho: história e mitificação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p. 17-32

<sup>184</sup> LARA, Elizabeth Rizzato. A desideologização do gaúcho na obra de Cyro Martins. **Letras de Hoje**, n.73, 1988 Porto Alegre. p. 19

os valores morais de honra, a coragem; as roupas, a alimentação). Fica claro que falar em “mito” apenas provoca equívocos numa abordagem desnecessária. Em seu artigo, embora trabalhando sobre um *corpus* distinto, a autora concorda com Moreira no sentido de que há tanto a representação de um gaúcho ficcional, heróico, ligado à terra (“é no sentimento telúrico que se apóia principalmente a temática dos contos de Simões Lopes Neto e Darcy Azambuja”), quanto uma figura oposta em Cyro Martins, onde se verifica o seguinte:

(...) gaúcho decadente, vivendo numa sociedade também decadente e isto não é mera coincidência. Ocorre agora o contraponto entre a campanha idealizada da estância, do galpão, da fartura, do cavalo, da distância e da crise desta mesma estância, da subdivisão dos campos, da mestiçagem dos rebanhos e do despovoamento.<sup>185</sup>

São conclusões análogas a que chega Moreira, sem que essa precise de qualquer mediação do conceito de mito sobre a literatura. O conceito de mito, da forma como é empregado por Albeche e Rizzato para analisar a literatura sobre o gaúcho, revela-se fonte de confusões por ser apenas vagamente definido.

Contextualizando a figura ficcional do gaúcho numa perspectiva regionalista e cronológica, Regina Zilberman<sup>186</sup> estabelece que do século XIX, principalmente a partir da década de 1870, até fins dos anos 1980 (data em que ela escreve), o regionalismo está presente como estilo literário, destacando a produção de Apolinário Porto Alegre e do Partenon Literário (década de 1870), e dos romancistas pós-1930, dos quais ela cita especificamente Cyro Martins, Aureliano de Figueiredo Pinto e Ivan Pedro Martins. Zilberman não considera a influência de Alencar sobre o regionalismo gaúcho, postura diferente da adotada por Flávio Loureiro Chaves: “*O gaúcho* de Alencar já é aqui mais do que um modelo; tornou-se uma fórmula, a fórmula preferencial do regionalismo, de Apolinário Porto Alegre em diante”<sup>187</sup>. Criticado ou assimilado, para Chaves é somente a partir de *O gaúcho* que se fixa uma temática regionalista bem definida no Rio Grande do Sul<sup>188</sup>, que serve de parâmetro dali por diante.

<sup>185</sup> LARA, Elizabeth Rizzato. A desideologização do gaúcho na obra de Cyro Martins. **Letras de Hoje**, n.73, 1988 Porto Alegre. p. 22

<sup>186</sup> ZILBERMAN, Regina. **Literatura gaúcha**: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: L&PM, 1985. p. 49

<sup>187</sup> CHAVES, Flávio Loureiro. **Simões Lopes Neto**: regionalismo & literatura. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 49

<sup>188</sup> Ibidem, p. 40

Descrevendo o regionalismo gaúcho, Zilberman caracteriza-o<sup>189</sup> como concentrado no pampa, na região da Campanha, cujas personagens se confundem com o homem dessa região, o gaúcho. Para a autora, “no texto regionalista há divisão social, não, porém, desigualdade ou conflito. Estancieiro e vaqueano, pretos e brancos, estão juntos nas lidas campestres e na guerra”. O regionalismo gaúcho reproduz um ideal de “unidade entre os homens”. Além dessa “ordem social”, o gaúcho do regionalismo é inserido numa “ordem natural”, integrado à natureza, ao campo e aos animais.

Zilberman também considera o regionalismo gaúcho como instrumento de difusão dos valores da “classe proprietária”<sup>190</sup>. Para Zilberman, a literatura regionalista, tornando protagonistas e heróis o peão e o gaúcho, facilita a adoção, pelos ocupantes das posições inferiores na escala social, dos princípios difundidos por essa mesma literatura, principalmente a igualdade entre os homens, independente das suas posições sociais. Flávio Loureiro Chaves também concorda com essa perspectiva, afirmando:

Afinal, o anacronismo de todos os regionalistas que vieram do século XIX e invadiram a literatura do século XX não residia em tomarem o *gaúcho* como tema literário e sim na sua transformação em elemento ideológico que, nascido na imaginação, procurava-se apresentar como padrão da realidade, justamente subvertendo-a e mascarando-a.<sup>191</sup>

É preciso esclarecer, entretanto, que a literatura regionalista que empresta suporte ideológico a uma classe proprietária ou dirigente sulina, interessada em difundir a sua própria visão do passado e das pessoas para o restante da população, está restrita ao período que vai de 1870 até a década de 1920. Nenhum pesquisador vê esse processo acontecendo na literatura após 1930. Pelo contrário, o que se verifica desse período em diante é o tom de denúncia social – como identificado por Hohlfeldt e Zilberman em Cyro Martins. Desde então, nenhuma obra literária de temática regionalista gaúcha, digna de nota, alcançou a repercussão que os pesquisadores verificam em Alcides Maya, Apolinário Porto Alegre e outros autores pré-1930 – exceto Cyro Martins, que sobrevive e ainda repercute hoje em dia. A literatura regionalista de temática gaúcha, a partir de 1930, deixa de ser um meio para a difusão de valores e ideologias, além de perder espaço diante das inovações da literatura,

---

<sup>189</sup> ZILBERMAN, Regina. **Literatura gaúcha**: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: L&PM, 1985. p. 49-51

<sup>190</sup> Ibidem, p. 51

<sup>191</sup> CHAVES, Flávio Loureiro. op. cit, p. 55

como a prosa urbana de Dyonélio Machaco, Erico Verissimo e outros<sup>192</sup>. O que se vê em Cyro Martins, nas palavras de Hohlfeldt, é o seguinte:

Dos contos de *Paz nos Campos* às novelas *Porteira Fechada* e *Estrada Nova*, (...) o tema não será outro: o desenraizamento de que é vítima o peão.

Não mais o peão, apenas, está marginalizado, mas a transformação das pastagens, a modificação econômica da província, (...) faz com que também os pequenos e médios estancieiros sofram uma marginalização. (...) É o gaúcho a pé que se introduz na gauchesca rio-grandense. Aquela possibilidade aventada por Alcides Maya: o retirar-se cada vez mais para o sul, que o conto 'Para o Sul', em Tapera, enfoca; ou a retirada para o Mato Grosso, que 'Por vingança' também sugere; nenhuma delas está aqui colocada. Existe, sim, apenas, a terceira, a pior: a mudança para a marginalização da pequena cidade, ou até mesmo da capital, no caso do peão. Ou a simples retirada do campo, após sua venda (...) <sup>193</sup>

Zilberman identifica na obra de Cyro Martins as marcas do período em que viveu o autor<sup>194</sup>: as mudanças na sociedade brasileira, uma organização social nova, com novos conflitos – oriundos da modernização da sociedade, da implantação do capitalismo. A autora também vê Cyro Martins indicar que o homem gaúcho só pode se libertar da marginalização, se tiver contato com outras culturas, acesso ao conhecimento do mundo urbano. Ela vê o autor indicar esses acessos como formas indiretas de suscitar a rebeldia, que nada mais seria do que o questionamento da ordem social, ou alguma forma de oposição à ordem vigente.

As obras de Cyro Martins mais relevantes para o regionalismo sulino são as que compõem a trilogia do gaúcho a pé, produzidas ao longo de quase vinte anos, *Sem Rumo* (1937), *Porteira fechada* (1944) e *Estrada nova* (1954). Após Cyro, Zilberman<sup>195</sup> ainda vê algum uso da temática regionalista em autores como Moacyr Scliar (*O centauro no jardim*, 1980), Laury Maciel (*O homem que amava cavalos*, 1983) Aldyr Schlee (*Contos de sempre*, 1983), Sérgio Faraco (*Manilha de espadas*, 1984) entre outros, observando:

São textos que narram mutilações, internas, como a de Guedali [o centauro de Moacyr], e externas, como procedem os demais. Mas sugerem a mudança ocorrida, qual seja, a crise dos valores próprios ao mundo rural, inadequados para a situação experimentada pelas personagens. Sua consequência são as rupturas que se evidenciam: de um lado, com a tradição glorificante de outras épocas e com a opção

<sup>192</sup> ZILBERMAN, Regina. **Literatura gaúcha**: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: L&PM, 1985. p. 131

<sup>193</sup> HOHLFELDT, Antonio. **O gaúcho**: ficção e realidade. Rio de Janeiro: Edições Antares. 1982. p. 72-73

<sup>194</sup> ZILBERMAN, Regina. op. cit., p. 87

<sup>195</sup> Ibidem, p. 35-37

pela nostalgia que rememora saudosamente méritos idos; de outro, com a tendência à representação realista documental que condicionou fortemente a prosa de 30. Com efeito, os textos exploram possibilidades inovadoras de expressão literária (...) <sup>196</sup>

Essas possibilidades inovadoras são como inversões, onde a mulher pode assumir o papel de protagonismo sempre associado aos personagens masculinos, como Zilberman identifica no texto “A viúva de Quineros”, de Aldyr Schlee<sup>197</sup>. São abordagens onde o tema e o contexto ainda são regionais, ainda falam de um espaço específico (a Campanha, o Rio Grande do Sul), mas já não corporificam as qualidades da figura do gaúcho no seu velho paradigma – o homem livre, o campeiro, etc.

O regionalismo gaúcho como estilo literário é carente de novos estudos, posteriores aos de Zilberman, Hohlfeldt e Chaves. A produção literária nessa área, posterior à década de 1980, ainda aguarda estudos, pois, mais detalhados.

---

<sup>196</sup> ZILBERMAN, Regina. **Literatura gaúcha**: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: L&PM, 1985. p. 36

<sup>197</sup> Ibidem, p. 40

#### 4 O GAÚCHO

O autor de *O gaúcho*, José de Alencar, nasce no interior do Ceará, na cidade de Mecejana, em 1829 e morre no Rio de Janeiro, em 1877. Segundo Alfredo Bosi<sup>198</sup>, José de Alencar, filho de pai senador, formou-se em direito estudando em Olinda e São Paulo. Iniciou sua vida literária em jornais cariocas, na década de 1850, mais tarde iniciando uma produção intensa de romances e peças para teatro. Segundo Otto Maria Carpeaux<sup>199</sup>, suas três obras de maior sucesso e alcance são *O guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *As minas de prata* (1865).

*O gaúcho* é considerada uma obra menor na literatura de Alencar, geralmente classificada numa fase regionalista do autor. A publicação de *O gaúcho* em 1870 provoca reações no Rio Grande do Sul, onde Apolinário Porto Alegre publica em 1872 o livro *O vaqueano*, e no Rio de Janeiro, onde Franklin Távora critica duramente o estilo romântico e não-realista obra. Os estudos de literatura e regionalismo gaúcho dividem-se entre aqueles que levam em consideração a influência de José de Alencar e seu *O gaúcho* e os que minimizam ou desconsideram sua influência, na fixação e caracterização do gaúcho como figura ficcional e tema literário.

Regina Zilberman apenas admite que José de Alencar poderia estar nas origens<sup>200</sup> da apropriação do gaúcho como tema pelos escritores do Partenon Literário, na década de 1870, sem se propor a discutir ou analisar a questão e optando pela visão segundo a qual são “os sócios do Partenon Literário que fixam o padrão romântico da literatura regionalista, destacando-se, entre eles, Apolinário Porto Alegre”<sup>201</sup>. Luiz Marobin, em *Painéis da Literatura Gaúcha*, de 1995, o estudo mais recente que encontramos sobre literatura rio-grandense, também opta por ignorar a influência de Alencar, especialmente quando se propõe a dissertar sobre a “*Ascensão e queda do Monarca das Coxilhas*”<sup>202</sup>. Ao analisar *O vaqueano*, de Apolinário Porto Alegre, sequer refere a influência de Alencar, principal romancista e escritor do Brasil à época, sobre esse autor e sua obra. Entendemos que Marobin opta por

<sup>198</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 37. ed. São Paulo : Cultrix, 1994. p. 134-135.

<sup>199</sup> CARPEAUX, Otto Maria. **Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira**. Rio de Janeiro : Ed. de Ouro, 1968. p. 97-102

<sup>200</sup> ZILBERMAN, Regina. **Literatura gaúcha: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: L&PM, 1985. p. 23

<sup>201</sup> ZILBERMAN, Regina. **História e Literatura no Rio Grande do Sul**. In: Cultura e Identidade Regional. Coleção Memória das Letras, 18. 1992. p. 49

<sup>202</sup> MAROBIN, Luiz. **Painéis da literatura gaúcha**. São Leopoldo : Ed. UNISINOS, 1995. 366 p. 205-244

falar apenas na literatura rio-grandense e nas obras produzidas no Rio Grande do Sul; porém, os leitores do estudo ficam prejudicados com tal escolha.

Flávio Loureiro Chaves, por outro lado, não simplifica nem ignora a questão, entendendo que a fixação do gaúcho como tema se dá a partir da obra de Alencar<sup>203</sup>. Para Chaves, não se pode desprezar as conseqüências “no plano histórico ou sociológico” da publicação de *O gaúcho* apenas em função dos problemas internos da obra ou da sua qualidade literária intrínseca (da falta dessa, no caso). O autor chega a três conclusões sobre essa questão: o gaúcho foi plasmado na literatura pela primeira vez por Alencar; as representações posteriores do gaúcho, com uma ou outra modificação, derivam direta ou indiretamente do “tipo idealizado por Alencar” – e Chaves não fala apenas de literatura quando traça esta conclusão, mas de um modo geral de se perceber o tipo gaúcho nacionalmente; e por fim, que a literatura regionalista do Rio Grande do Sul, “que então se encontrava em lento processo de formação”, adota o modelo. Para o autor, “a matriz que se consolida de Apolinário Porto Alegre a Simões Lopes Neto é uma matriz nacional: reside no Romantismo e na ficção de José de Alencar”.

Antonio Hohlfeldt, analisando separadamente *O gaúcho* e *O vaqueano*<sup>204</sup>, considera a obra de Alencar precedente à de Apolinário Porto Alegre quanto à introdução da temática e formação das tendências do regionalismo rio-grandense. O autor salienta que, apesar de não observar a realidade de um ponto de vista sociológico, como faz Apolinário, Alencar demonstra a existência do peão marginalizado<sup>205</sup>.

Augusto Meyer avalia criticamente *O gaúcho* e verifica inúmeras inconsistências no emprego do vocabulário regional rio-grandense<sup>206</sup>. Meyer pondera a grande quantidade de imprecisões na descrição do gaúcho e da sua paisagem, entendendo que a obra literária deve ser avaliada não só pela sua capacidade de mímese da realidade, mas também a partir do estilo, da inventividade – donde o crítico entende originar-se um dos motivos para a longevidade de *O gaúcho* e sua relevância.

---

<sup>203</sup> CHAVES, Flávio Loureiro. **Simões Lopes Neto: regionalismo & literatura**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 30-32

<sup>204</sup> HOHLFELDT, Antonio. **O gaúcho: ficção e realidade**. Rio de Janeiro: Edições Antares. 1982. p. 13-31

<sup>205</sup> Ibidem, p. 24

<sup>206</sup> MEYER, Augusto. **Prosa dos pagos: 1941-1959**. Rio de Janeiro : São José, 1960. p. 80-84

Flávio Loureiro Chaves e Antonio Hohlfeldt aprofundam<sup>207</sup> a análise do texto e seus elementos literários e concordam em inúmeros pontos, como a perspectiva romântica, onde homem e espaço estão amalgamados (“romântica até a medula, a idealização do gaúcho”, dirá Hohlfeldt); a personagem de Manuel Canho como concentradora dos pontos principais da idealização sobre o gaúcho; e o papel secundário da mulher, reduzida a objeto.

A integração total entre homem e natureza ocorre em *O gaúcho*, para Hohlfeldt, através da personagem de Manuel Canho – um herói “primitivo e selvagem”, coerente com o ideário romântico e totalmente identificado com aquele mundo intocado pela civilização, o pampa, descrito por Alencar. Chaves acrescenta nessa identificação homem-natureza um elemento chave da obra, os cavalos, com os quais Manuel Canho tem um relacionamento mais estreito do que aquele que mantém com as pessoas, até mesmo sua família. Nessa integração os autores encontram a origem dos atributos do gaúcho Manuel Canho: a natureza é indômita, a paisagem das planícies e do pampa é vasta, os animais são velozes... e assim é Manuel Canho.

A relação de Manuel Canho com as mulheres também merece atenção especial de Chaves e Hohlfeldt. Ambos comentam uma cena de *O gaúcho* na qual Manuel Canho ganha, no jogo, todo o dinheiro, o cavalo e a mulher de outro personagem, Chico Baeta. Como descreve Chaves, Canho se compadece do perdedor e lhe devolve o cavalo. A mulher, embora não seja “devolvida” como o cavalo, é desprezada por Canho – que já tem outra em vista, a jovem Catita. Canho considera que o cavalo é o melhor amigo de um homem e que é muito difícil encontrar outro igual, enquanto dinheiro e mulher em qualquer lugar se encontra<sup>208</sup>. Tal é a integração do gaúcho com os elementos da natureza na idealização de Alencar, que a mulher é representada como menos importante que o cavalo, para o gaúcho.

*O gaúcho* é uma obra que apresenta, através da personagem Manuel Canho, o tipo humano da região da Campanha rio-grandense e seu meio ambiente, o pampa. A trama compreende uma série de episódios na vida de Manuel Canho, descritos em ordem cronológica, com algumas interrupções pontuais para contar episódios do passado do protagonista. O tempo em que se desenvolve a trama compreende o período entre os anos que

---

<sup>207</sup> Ver HOHLFELDT, Antonio. op. cit. p. 13 e CHAVES, Flávio Loureiro. op. cit. p. 26

<sup>208</sup> CHAVES, Flávio Loureiro. **Simões Lopes Neto**: regionalismo & literatura. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 27

antecedem a Revolução Farroupilha (1835-1845), até quase o final da Revolução. Há o alargamento de certos episódios, intercalados com saltos de meses e anos adiante, a critério do narrador.

O espaço é a Campanha, onde Manuel percorre os caminhos do pampa cumprindo as ordens de Bento Gonçalves ou resolvendo questões pessoais. Também transita nas regiões de Porto Alegre e Camaquã, junto com a personagem de Bento Gonçalves. Em Piratini, o espaço começa a ganhar um ar de cidade, de um urbano que suga as forças do gaúcho: estacionando em Piratini, ele se apaixona por Catita, muda seus hábitos, diminui sob o olhar da mulher. E no pampa, na Campanha, *habitat* natural do homem romântico irmanado à natureza, recupera as forças – vide o último capítulo do quarto e último tomo, quando a tempestade é a metáfora do reagrupamento das forças do gaúcho voltando ao “deserto” verde do pampa. Nas descrições mais específicas do espaço, há as estâncias onde as personagens pousam quando em trânsito; a casa da mãe e da irmã de Canho; os pousos, pequenas cabanas abandonadas no mato. A referência espacial mais distante é da cidade de Buenos Aires – aonde o narrador não vai, apenas a personagem de Manuel, com a ação da trama se deslocando para a personagem Catita durante alguns capítulos. As longas distâncias do espaço são percorridas, sempre, a cavalo.

O narrador, identificado como *Sênio*, é onisciente, consegue revelar aos leitores os pensamentos e sensações das personagens que focaliza, além de fazer comentários sobre personagens, situações e paisagens. A narração da trama é dividida em quatro partes, “Peão”, “Juca”, “Morena” e “Hupa!”. A primeira parte, “Peão”, relata as circunstâncias da tentativa de vingança que Manuel Canho pretende empreender contra o assassino de seu pai – o pedido de bênção ao padrinho Bento Gonçalves, o percurso até o Uruguai, o primeiro encontro com o chileno Romero e a égua Morena numa estalagem. Canho ganha a Morena em aposta contra Romero, ao ser bem-sucedido em montá-la, feito que nenhum homem conseguia realizar. O narrador apresenta toda a extensão do amor e afeto de Canho pelos equinos, ao desenvolver na trama a ação salvadora do gaúcho no resgate ao filhote recém parido da égua, do qual Morena tinha sido apartada por ter sido capturada pelo chileno Romero, seguindo-se as descrições do amor do gaúcho Canho pelos cavalos, que são descritas por Hohlfeldt como “por vezes beirando o ridículo, ou problemas de psicologia que Sigmund Freud gostaria de

analisar, porque episódios assim se multiplicam no livro”<sup>209</sup>. Canho não consegue realizar a sua vingança na primeira parte da trama, por encontrar adoentado e acamado o algoz de seu pai. Acaba ajudando a família do homem a curá-lo, para depois retornar para sua casa.

A segunda parte, “Juca”, mostra o retorno frustrado de Canho. O narrador explica a frieza dele com sua mãe e sua irmã revelando o passado do gaúcho: o pai morre pelas costas na sua casa, pelas mãos de um homem e mais dois comparsas, tentando ajudar um estranho que se refugia na casa da família. Alguns meses após a morte do pai de Canho, o homem que cria a situação que provoca a morte de seu pai passa a cortejar a viúva e, por fim, casa com ela. Revoltado e insatisfeito com a situação, Canho passa a se dedicar exclusivamente às atividades e às coisas que tinham sido de seu pai – camperear e cuidar dos cavalos, pelos quais começa a ter devoção. O Morzelo, cavalo do seu pai, derruba o novo marido da mãe, quando este o monta contra a vontade de Canho. Casualmente, o Morzelo derruba o homem de tal forma que este não resiste e morre, deixando a mãe de Canho viúva pela segunda vez e esperando a segunda filha, meia-irmã de Canho, Jacinta (ou Jacintinha). Esclarecido o passado de Manuel Canho, a narrativa retoma a ação no tempo real – o gaúcho mata Barreda, o assassino de seu pai. Canho escapa da morte graças à atenta intervenção da égua Morena, que o alerta instantes antes de ser alvejado pelas costas. Na volta da viagem da vingança cumprida, Manuel encontra Bento Gonçalves no caminho, que o felicita por estar vivo e ter honrado o pai. O padrinho entrega ao gaúcho uma moeda de ouro para comprar presentes para a mãe e a irmã. Parando na cidade, Canho conhece Catita, então somente uma menina entrando na adolescência. Durante uma conversa no bolicho do pai de Catita, ela surpreende a todos os presentes afirmando que seu noivo será Canho – e este, arredio, trata de se escapar dali. É pego de surpresa e reage como um bicho do mato quando Catita se adona do presente comprado para a irmã Jacintinha. No final da segunda parte, há um salto de dois anos na narração, para o ano de 1834. Sabedor que Bento Gonçalves fora demitido do posto de Coronel pelo Império, Manuel trata de se reunir ao padrinho para servi-lo no que puder, deixando sozinhas as duas mulheres da sua casa. Apenas uma semana após a sua partida, o chileno Romero, de passagem pelas bandas da casa de Canho, começa a cortejar Jacintinha.

Se a primeira parte apresenta o gaúcho, seu caráter, suas habilidades com os cavalos, e a segunda esclarece o passado de Manuel Canho, na terceira parte temos a contextualização

---

<sup>209</sup> HOHLFELDT, Antonio. **O gaúcho**: ficção e realidade. Rio de Janeiro: Edições Antares. 1982. p. 20

da Revolução Farroupilha no ambiente da trama, o envolvimento de Canho com a guerra e com Catita, já então uma moça. Ocorre uma série sucessiva de pequenos episódios: Canho resgata Catita do lombo de uma mula arredia que quase se precipita num precipício; o pai de Catita, Lucas, escapa de ser preso no sete de setembro de 1835, em Porto Alegre, salvo por Bento Gonçalves e Canho; Canho é desafiado por Félix, empregado de Lucas e apaixonado por Catita, mas zomba de Félix e terminam resolvendo a questão numa jogatina de baralho; numa jogatina com Chico Baeta, Canho ganha tudo que este possuía – dinheiro, cavalo e mulher; o episódio seguinte, quando Canho despreza Missé (a mulher de Baeta), revela a contradição da personagem de Canho, que é corajoso para cumprir as ordens de Bento Gonçalves, mas fraco para enfrentar Catita. Obedecendo à ordem de Bento, Canho vai até o coronel Neto, que por sua vez lhe ordena espreitar as forças imperiais para averiguar seu número de homens. No cumprimento do dever, o cavalo que era do pai de Canho, o Morzelo, é ferido mortalmente por dois peões e Félix, esse, bandeado para o lado legalista apenas para confrontar Canho. A morte do cavalo é duramente vingada sobre Félix, a quem Canho rasga a cara num golpe de lança. Porém, os legalistas acodem Félix e atacam Canho, que consegue fugir mas tem mais um cavalo ferido, a Morena, e um desaparecido, o Juca, filho da égua. Desesperado, o gaúcho tenta retirar a bala que feriu a anca do animal, sem obter sucesso. Amanhece e Catita vai à beira do rio com a mãe para banhar-se, quando Juca se revela para ela. Catita, sabendo que Canho deveria estar por perto, segue o cavalo e encontra a égua ferida e vestígios de Canho, que naquele momento não está ali. Canho retorna e encontra Catita velando a égua, cena que enternece o gaúcho. No mesmo momento, porém, aparecem Lucas e um uruguaio, Verdum, querendo atacar com trinta e sete homens as forças legalistas. Canho não quer ir, para não se afastar da égua – motivo não revelado aos homens, pois Canho teme o que eles podem pensar disso. Catita aparece no mesmo momento, trazendo a bala extraída do ferimento da égua. Canho, sabendo que isso salva a vida da amiga equina, sai com os homens para o embate em que quase todos morrem, menos Canho e Lucas. Quando Canho retorna, encontra no lugar onde estavam Catita e a égua apenas um charco sangrento. Pensa que foram atacadas por cães famintos, e parte pensando assim, indo ao encontro do padrinho Bento Gonçalves. Poucos dias depois desses acontecimentos, Canho está observando as tropas inimigas sob as ordens de Bento, quando de repente surge Catita, montando a Morena. O encontro é cheio de emoção e significação, os dois se beijam e logo são perseguidos por homens das tropas legalistas.

A quarta e última parte mostra as duas quedas – a da Revolução Farroupilha e a do

gaúcho Manuel Canho. Apaixonado por Catita, totalmente enlevado pelo amor, Canho perde a sua identidade. Catita é assediada por Romero, o chileno, que está em Piratini. Canho perturba-se com a sua presença, e mais ainda quando o padrinho lhe pede para ir até Buenos Aires, entregar uma correspondência para o ditador castelhano Rosas. Na ausência de Canho, Catita é seduzida por Romero. Quando concorda em se encontrar com o chileno numa madrugada, Romero droga Catita com confeitos de baunilha que continham um narcótico indígena, entrando em seu quarto e deflorando a menina. Félix, que assiste a tudo até o momento do chileno entrar no quarto de Catita pela janela, corre a alertar Lucas, que está de guarda no outro lado de Piratini. Até trazer o pai de Catita de volta à sua casa, o estrago está feito. O chileno foge pelo telhado da casa e escapa do cerco dos homens que acompanham Lucas. Canho, nesse meio tempo, está na sua casa, onde a mãe e a irmã lhe contam que Jacintinha fica “noiva” do chileno Romero, mas que este some depois de tentar forçar-se para dentro do quarto da meia-irmã de Canho. Sabendo disso, o gaúcho fica alarmado e teme pelo que pode ter acontecido durante sua ausência de Piratini. Quando chega e constata o mal que o chileno provoca – a desonra sobre o pai de Catita e sobre si próprio, traído pela mulher que amava, Canho sai ao encalço do chileno. Com a ajuda dos seus amigos equinos, Canho encontra e captura o chileno, trazendo-o de volta à Piratini e obrigando-o a se casar com Catita. Após o casamento, Canho e Romero duelam e Canho mata Romero. A história termina ainda com mais uma morte, a de Félix, atirado contra o precipício por Canho, Catita e Morena. O gaúcho, Catita e os animais abalam-se para o deserto do pampa e assim termina a trama.

A trama apresenta uma série de situações e personagens que se enquadram dentro dos parâmetros da literatura regionalista gaúcha delineados por Moreira, Zilberman e Hohlfeldt, com algumas ressalvas. Embora não haja protagonismo das mulheres na trama, Catita centraliza o destino de Manuel Canho desde o início da segunda parte e é uma peça fundamental. Conforme Hohlfeldt conclui no seu estudo sobre o gaúcho na ficção, estancieiro e peão em *O gaúcho* são portadores da identidade comum, sendo a Revolução Farroupilha o aparecimento e o ápice desse amálgama entre os dois tipos. Bento Gonçalves e Manuel Canho representam faces diferentes de uma mesma figura, o gaúcho. Os antagonistas do gaúcho estão qualificados parcialmente conforme a tipologia de Moreira. No caso de Romero, o chileno, ele é um estrangeiro que vive do comércio e não se prende à terra alguma – aparece muito diferente de um gaúcho como Canho, preso à terra por laços emocionais, que vive do trabalho como peão. Porém, ao invés de fraco ou covarde, o chileno tem alguma força e é

bastante artiloso, consegue inclusive ser muito mais sedutor com as mulheres do que o gaúcho Canho. Outra diferenciação importante, pela configuração romântica da obra, é a vinculação com a natureza, da qual Romero é excluído – o único que consegue domar e montar a Morena, no início da trama, é Canho. Os animais desempenham legítimo protagonismo, algo também fora de registro na tipologia de Moreira.

Manuel Canho e Bento Gonçalves, o novo e o velho, o peão e o estancieiro, afilhado e padrinho, configuram juntos uma figura de gaúcho calcada em coragem, honra, valentia, força. Além das diferenças de idade, atividade e importância social, também os diferencia a relação com o mundo e a natureza. Bento Gonçalves é o líder, integrado na sociedade, protagonista da vida política do Império e do Rio Grande. Canho é o servidor, integrado à natureza, disposto a obedecer o padrinho no que for. Bento é culto e inteligente dos conhecimentos sociais, Canho possui o conhecimento profundo da Campanha. São personagens que se completam. Sobre a personagem de Bento Gonçalves, Hohlfeldt identifica que Alencar

(...) individualiza no orgulho e na altivez do coronel a figura do gaúcho e, ao mesmo tempo, defende uma posição política que implica, enfim, uma posição também coerente da personagem: a traição desonra, e a honra é um valor supremo do gaúcho, tanto como a liberdade. (...) [uma] aliança com os orientais ou argentinos contra as forças imperiais do Brasil (...) não seria possível, em sendo Bento Gonçalves um gaúcho, e, portanto, acima de tudo, um indivíduo honrado, e cuja honra se concretiza através da fidelidade.<sup>210</sup>

Se em Bento Gonçalves as qualidades do caráter são as mais destacadas numa figura gaúcha, os atributos externos da personagem de Canho incluem um profundo conhecimento da natureza, do meio ambiente e dos animais, principalmente os cavalos. No começo da história, Canho é definido como “cavaleiro moço de 22 anos quando muito, alto, de talhe delgado, mas robusto (...). Pelo traje se conhecia o gaúcho (...) poncho de pano azul (...) chiripá enrolado nos quadris (...) botas inteiriças de potrilho”. Além disso, tinha a “cinta onde se cruzavam a longa faca de ponta e o amolador em forma de lima”. Externamente, temos um gaúcho bem afinado com o registro histórico. Carrega sempre a sua faca, conhece o seu ambiente, é hábil com o laço:

Foi quando o animal com as mãos já erguidas sobre o precipício ia

<sup>210</sup> HOHLFELDT, Antonio. **O gaúcho**: ficção e realidade. Rio de Janeiro: Edições Antares. 1982. p. 23

despenhar-se, que Manuel, atirando o laço, o suspendeu em meio da queda.<sup>211</sup>

Então o braço projetou-se; o laço arremessado com força apanhara o namorado [Romero] pela cintura, semelhante à garfa fatal e invisível de um grifo que o arrebatasse pelos ares.<sup>212</sup>

Os exemplos na trama são inúmeros, com adjetivações heróicas e idealizadas das habilidades do gaúcho – salva os animais da morte, captura o chileno que desonra Catita, com suas habilidades sempre associadas à natureza ou a figuras mitológicas.

A caracterização interna da personagem de Manuel Canho mostra, como principal componente, o amor pelos cavalos, objeto de vários trechos do livro. A trama estereotipa o valor que o gaúcho dá à sua montaria, colocando-a acima até mesmo das mulheres. O melhor exemplo disso está em um trecho seguinte ao salvamento do filhote da égua Morena:

– Caramba! exclamou Pérez. Por uma noiva e pelo pequerrucho que ela lhe desse, você não fazia mais do que pela égua e seu poldrinho. O Canho fitou no semblante do entre-riano os olhos surpresos. Estranho sorriso perpassou-lhe nos lábios.  
 – Por uma mulher, nada!  
 – Ai, que você está mordido, Canho! Alguma lhe fizeram. Essas raparigas são assim mesmo; gostam de moer a gente, como pimenta em almofariz.  
 – A mim, não, que não lhes dou este gostinho.  
 – Ora!  
 – Acredite, se quiser; mas digo-lhe que nunca até hoje me bateu o coração por mulher: e desejo assim. Não pode haver maior desgraça para um homem.<sup>213</sup>

O registro histórico mostra claramente a importância dos cavalos na vida do gaúcho, que a trama leva muito além do exagero. Os cavalos desempenham papéis secundários importantes. O Morzelo, cavalo que pertenceu ao pai de Canho, é responsável pela morte do padrasto de Canho, por exemplo. Durante uma das primeiras missões que Canho desempenha durante a Revolução Farroupilha, o Morzelo fica para trás numa fuga a galope do gaúcho. Dando falta do animal, o gaúcho retorna para encontrá-lo:

Afinal avistou Canho além o rancho dos peões, e imediatamente distinguiu a meio caminho um vulto negro, que ele reconheceu. (...) O rincho triste e plangente da Morena, que assomava ao longe a sotavento, era uma elegia de dor e saudade.

<sup>211</sup> ALENCAR, José de. **O gaúcho**. São Paulo: Ática, 1978. p. 134

<sup>212</sup> Ibidem, p. 222

<sup>213</sup> Ibidem, p. 64

Quando Manuel chegou junto do corpo, tinha o coração túmido e os olhos cheios de lágrimas. Ainda vivia o velho corcel; mas estava moribundo. (...) O cavalo fitou os olhos no dono, com uma expressão eloqüente e expirou.

Ajoelhado junto ao cadáver e abraçado com ele, Canho deu expansão à sua dor.

- Morreste, meu amigo; (...) eu sempre pensei que a ti, o bravo dos bravos, estava reservada a fortuna de morrer combatendo, e não pela mão traiçoeira de um malvado! (...)

Canho fez um esforço; tinha ainda um dever a cumprir para com o amigo; era o de dar-lhe sepultura, para que não fosse pasto dos abutres. (...) arrastando o corpo de Morzelo o inumou nesse jazigo que ele consagrou com uma cruz, como se fosse o túmulo de um cristão.<sup>214</sup>

Canho dá “expansão à sua dor” e aos seus sentimentos, apenas com os cavalos. O narrador associa Canho e os cavalos a uma mesma natureza, onde ambos dividem os mesmos valores e identidades – especialmente a liberdade, a beleza e a independência. Tal é a identificação do gaúcho com os animais, que sua família real parece ser os cavalos, e não sua mãe e irmã. Daí a origem do “centauro dos pampas”, a ligação entre homem e cavalo, se quebrada, destrói o gaúcho. Os equinos são a “família selvagem” de Canho, as personagens com as quais ele mais dialoga durante a trama. Montando sobre Morena, Morzelo ou Juca, Canho integra-se à natureza e ao pampa.

Como identifica Chaves<sup>215</sup>, existem problemas sérios na construção da personagem de Canho que não podem ser ignorados. Esses problemas se originam no seguinte: o mesmo homem que é bravo e corajoso para a luta, é fraco e sente desprezo ou medo pelas mulheres. Por mais que a trama explique que, por problemas de infância, a personagem aprendeu a confiar mais nos equinos do que nas pessoas, e que Canho se considera traído pela mãe, a postura tímida e medrosa do gaúcho indica uma construção desarmônica. O momento mais crítico é este, já nos estertores da trama:

Rasgou-se nesse momento o céu e a meio do algar, suspenso aos galhos de uma árvores seca, apareceu o cadáver do chileno.

- Olha! Ele te espera! Disse Manuel suspendendo a moça para arremessá-la no precipício.

Mas Catita lhe cingira os braços ao pescoço; seu hálito crestou-lhe o rosto. A esse contato desamparou-o toda sua força; os braços lhe caíram inertes e ele afastou-se com o passo trôpego, vacilando como um ébrio. A moça, espavorida do que fizera, seguia Manuel com um olhar pasmo.<sup>216</sup>

<sup>214</sup> ALENCAR, José de. **O gaúcho**. São Paulo: Ática, 1978. p. 169

<sup>215</sup> CHAVES, Flávio Loureiro. **Simões Lopes Neto**: regionalismo & literatura. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 29-30

<sup>216</sup> ALENCAR, José de. op. cit., p. 234.

Catita, contudo, é uma mulher especial. Ela é a mulher que consegue ser gaúcha, montando a égua que apenas Canho consegue domar e montar, ninguém mais. Embora não chegue a ser chamada de “centaura” por José de Alencar, a caracterização de Catita como “gaúcha” está muito próxima disso:

A Morena se erguera espasmando os flancos; o talhe esbelto de Catita ondulava-lhe sobre o dorso, ufano desse troféu. A moça e a baía não formavam mais do que uma só existência e uma só pessoa. Era o tipo da beleza esplêndida da campanha; a rainha dos pampas; a gazela do deserto, a amante do centauro americano; a gaúcha enfim.<sup>217</sup>

Se o gaúcho é o rei da criação, o cavalo serve-lhe de trono<sup>218</sup>

Integrar-se ao mundo de Manuel, do gaúcho, significa montar a égua Morena, integrar-se simbolicamente à natureza e ao animal. A mulher, porém, não pode ser gaúcha. Ela é fraca e suscetível. Sua transformação é ilusória. Sendo mulher, ela jamais poderá se igualar ao gaúcho. Sua participação na trama determina o destino de Canho. Depois desse momento em que ela, corajosamente, galopa sozinha até onde está o gaúcho, ele se desencaminha. Como se Manuel não pudesse amar, como se fosse indigno para o gaúcho amar uma mulher (ao invés de amar um cavalo ou uma égua), o amor rebaixa, faz mal a Canho:

Manuel já não era o mesmo homem. O amor tinha domado o rei do deserto, o centauro dos pampas, e o atirava de roço aos pés de uma mulher. Ele dançava com bastante graça, fazendo ruflar as chilenas; e ninguém improvisava melhor no desafio. Entretanto, quem o conhecesse, passava por uma estranha surpresa, vendo aquele caráter indômito e rígido tão fora de sua natureza. O gavião real, arrulhando como a juruti, não produziria igual impressão.<sup>219</sup>

Catita desorganiza o mundo do gaúcho, representa a sua ruína. Nós podemos dizer que, simbolicamente, Canho juntar-se a Catita representa uma fixação da vida do gaúcho, uma restrição à sua liberdade completa – uma interferência no amálgama homem-equino. Mais um elemento da caracterização do gaúcho fica claro: a sua existência como gaúcho depende da sua liberdade completa e absoluta, da falta ou do desligamento de vínculos emocionais entre o homem e a mulher. A partir do momento em que esse vínculo se ativa, o gaúcho cai em desgraça.

<sup>217</sup> ALENCAR, José de. **O gaúcho**. São Paulo: Ática, 1978. p. 184

<sup>218</sup> Ibidem, p. 45

<sup>219</sup> Ibidem, p. 189

Os elementos anti-gaúchos da trama, o chileno Romero e o rio-grandense Félix, antagonizam com Manuel Canho, embora, no caso de Félix, por vias que nos parecem hoje exageradamente românticas. Romero, estrangeiro, caixeiro-viajante, homem sem vínculos com pessoas, familiares ou com terra alguma, que se vale de subterfúgios para seduzir as mulheres das cidades por onde passa, não chega a ser um antagonista claramente definido. Os seus valores são diferentes dos valores de Canho, o que assegura a antipatia imediata de Canho por Romero logo na primeira vez que se vêem. Domada a égua Morena, o chileno fica agastado com a facilidade de Canho na doma. Os dois homens estranham-se. Nas palavras do narrador,

(...) sentia ao mesmo tempo que a presença do chileno produzia nele uma desagradável impressão.  
As súbitas antipatias são incompreensíveis; é este um mistério d'alma, que a ciência ainda não conseguiu perscrutar.  
(...) uma aversão irresistível se estabeleceu logo do brasileiro para o chileno. Recente era o encontro; Manuel o tinha visto pela primeira vez há cerca de uma hora; poucas palavras trocara com ele, e não obstante parecia-lhe que desde muito tempo o detestava.<sup>220</sup>

A descrição do chileno, “mais própria para despertar sentimentos benévolos”, é a de um homem jovem, de estatura mediana mas “de porte airoso”. O problema, aponta o narrador, é “o excessivo donaire que afeta geralmente a raça espanhola”. O chileno é um homem muito bem trajado, contrastando com a simplicidade rústica de Canho. Mais pela caracterização externa da personagem de Romero, do que propriamente pelo seu caráter, é que a trama constrói o antagonismo entre o chileno e o gaúcho. É intrigante a escolha da nacionalidade de Romero por parte de Alencar, especificamente chilena – ou seja, embora hispânico, ele está fora da esfera de identificação com uma identidade platina, argentina ou uruguaia, todas gaúchas. O chileno, sendo hispânico, não-platino, bem-trajado, é completamente estrangeiro para o gaúcho. Bem-trajado, aliás, deveria parecer ao gaúcho Manuel Canho algo afetado, feminino – mas essa descrição ou impressão não surge em nenhum momento da trama, passa em branco.

Pela descrição das ações do chileno, vemos a principal diferença entre ele e o gaúcho. Romero tenta seduzir uma mulher em cada cidade sempre que possível, “Quando tinha a bolsa recheada, e achava encanto no lugar, deixava-se ficar uns oito ou quinze dias, quantos

<sup>220</sup> ALENCAR, José de. **O gaúcho**. São Paulo: Ática, 1978. p. 42

bastavam para concluir alguma aventura amorosa (...)”<sup>221</sup>. Esse antagonismo entre Canho e Romero apóia a construção da figura ficcional do gaúcho, reforçando-a através desse contraste.

A outra personagem anti-gaúcha, Félix, é um sujeito que vive e trabalha fora do campo, associada ao que é fraco, degenerado. Félix é apaixonado por Catita, que o rejeita por amar Manuel – logo Félix odeia Manuel e quer enfrentá-lo e matá-lo até os últimos momentos da trama. Revela a fraqueza do homem que não vive como o gaúcho, algo em que Manuel quase se transforma quando fica um período em Piratini, cortejando Catita e vivendo longe do campo, afastado de si próprio – já que na trama o gaúcho é o pampa e o pampa é o gaúcho.

Em síntese, as personagens de *O gaúcho* podem ser categorizadas da seguinte forma:

	Personagens	Características individuais	Características Gerais
<b>Pró-gaúchos</b>	Manuel Canho	Peão, forte, valente, independente, respeita e segue o padrinho, veste à gaúcha, monta a cavalo e doma a Morena. Integrado à terra e à natureza.	Força; Valentia; Independência; Desprezo pelas autoridades; Unido ao cavalo;
	Bento Gonçalves	Coronel, independente, despreza as autoridades imperiais, valente, veste à gaúcha, coronel, monta a cavalo	
<b>Anti-gaúchos</b>	Romero	Caixeiro-viajante, elegantemente vestido, sedutor mas se valendo de subterfúgios, galanteador, covarde, monta a cavalo mas não é capaz de domar a Morena, estrangeiro.	Sem vínculo com a terra; Fraqueza; Covardia; Desprezado;
	Félix	Fraco, desprezado por Catita, ciumento, não trabalha no campo, não monta a cavalo	
<b>Animais</b>	Morzelo	Cavalo velho, brioso, respeitado por Canho	Força Fidelidade Beleza
	Morena	Forte, fiel e companheira	
	Juca	Forte e fiel	
<b>Mulheres</b>	Catita	Fraca, infiel, instável.	Fraca, infiel

<sup>221</sup> ALENCAR, José de. *O gaúcho*. São Paulo: Ática, 1978, p. 34

## 5 PERSEGUIÇÃO E CERCO A JUVÊNIO GUTIERREZ

O autor de *Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez*, Tabajara Ruas, nasce no interior do Rio Grande do Sul, na cidade de Uruguaiana, em 1942. Segundo o seu exemplar na coleção *Autores Gaúchos*, editado em fins da década de 1980 pelo Instituto Estadual do Livro, Tabajara Ruas começa a escrever na década de 1960, mas seu primeiro romance é publicado apenas em 1978, em Portugal. Durante a ditadura militar no Brasil, exila-se no exterior, inicialmente no Chile, depois na Argentina, Dinamarca, São Tomé e Príncipe e Portugal – entre os anos de 1971 e 1981. Entre os itens da sua obra literária, encontramos romances, ensaios, folhetins, histórias em quadrinhos. Alguns textos são adaptados para o cinema, como o capítulo “O dia em que Dorival encarou a guarda”, trecho de *O amor de Pedro por João*, em 1986, e o livro *Netto Perde sua Alma*, filmado em 2001.

A entrevista concedida por Tabajara Ruas ao Instituto Estadual do Livro, realizada um ano antes da publicação de *Perseguição e cerco...*, esclarece a influência da experiência pessoal do autor sobre a obra, quando comparamos o depoimento de Tabajara com um dos trechos de *Perseguição e cerco...*:

Nasci em Uruguaiana. Minha formação é a de um guri de fronteira. Não tenho razões científicas para afirmar isso, mas acho que é diferente dos que se criaram em outras regiões. A gente tem um contato muito direto com o outro lado e isso já determina a visão de mundo. Foi a partir desse elemento fronteira/pampa que tive o primeiro choque cultural. Eu era adolescente e estava defronte a minha casa lendo *O tempo e o vento* quando passou um gaúcho a cavalo. Tive a exata sensação de que aquele gaúcho estava saindo do livro; isso me deu uma identificação muito grande com a realidade e a criação.<sup>222</sup>

Apanhei sem olhar um livro da estante – um bem grosso – e corri para o portal de entrada. (...) Fiquei amassando o livro nas mãos, perdido em devaneios imprecisos, até meus olhos caírem no título: *O tempo e o vento*, primeiro volume, *O Continente*. (...)

Abri o livro ao acaso. Comecei a ler: 'Ninguém sabe ao certo como o capitão Rodrigo Cambará entrara na vida de Santa Fé'. O adolescente sentado no portal lia sem parar as aventuras de Rocambole, Scaramouche, Os Três Mosqueteiros, aventuras que se desenrolavam em países distantes (...). O mundo da aventura e da imaginação eram privilégio desses países (...). Mas o poder do artista já tinha soprado vida ao capitão Rodrigo Cambará. (...) Ali, naquele sábado, no portal da casa, depois do almoço, aquecido pelo sol da primavera, o adolescente ouviu som de patas de cavalo e levantou os olhos da página que lia. O cavaleiro vinha pelo meio da rua de terra, a trote, silencioso e solitário,

---

<sup>222</sup> Tabajara Ruas. *Autores Gaúchos*. IEL: Porto Alegre, n. 27. 1989. p. 4

imponente no poncho negro, chapéu de barbicacho, rebenque pendendo do pulso. O cavalo subia e descia a cabeça inquieta, as crinas relampejavam. O cavaleiro passou em frente ao rapaz, tocou com dois dedos na aba do chapéu e foi se afastando no mesmo trote cadenciado, como uma aparição, ou como se tivesse saído das páginas do livro.<sup>223</sup>

A produção acadêmica sobre as obras do autor ainda é bastante limitada. Em 1994, Paulo Seben de Azevedo publica dissertação de mestrado pela PUCRS intitulada *A fundação do épico na literatura sul-rio-grandense: os Varões Assinalados, de Tabajara Ruas*. Lea Masina, em 2004, publica o artigo *Netto perde sua alma, de Tabajara Ruas: identidade fronteiriça e intervocalidade*. Também em 2004, são apresentadas as dissertações de Evelin Leite Kantorski, *O gaúcho na literatura de Cyro Martins e Tabajara Ruas: símbolo da campanha platina na ótica de escritores sul-rio-grandenses*, e de Gilson Vedoin, *A região submersa: a conjuntura pós-64 sob as máscaras da sátira e da narrativa policial*, ambas pela Universidade Federal de Santa Maria.

Ironia ou não, Luís Augusto Fischer pergunta, na entrevista a Tabajara Ruas, sobre sua relação com a crítica e qual a relevância dela para o autor e sua obra. A resposta de Tabajara permanece atual:

Quanto a mim, não tive maiores problemas com a crítica, porque não fui notado por ela. Recebi algumas resenhas, umas indiferentes, outras nem tanto. *O amor de Pedro por João* foi muito bem recebido, os outros também, mas acho que não tive nenhuma crítica importante no sentido de realmente tentar analisar o que escrevi, descobrir coisas e tal.<sup>224</sup>

*Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez* é uma novela curta, de linguagem acessível ao público jovem, cujo narrador incorpora na maior parte do tempo seu *eu* adolescente. A obra costuma ser indicada pelas escolas de Porto Alegre para o público infanto-juvenil.

Publicada pela primeira vez em 1990, a trama desenvolve-se sobre as memórias de um narrador adulto, que relembra, quase trinta anos depois, um acontecimento marcante da sua adolescência: o retorno do tio Juvêncio Gutierrez, foragido das autoridades brasileiras e escondido na Argentina durante anos, e sua morte por um violento cerco policial. O narrador, ao mesmo tempo protagonista da trama, é um homem mais velho que vê a si mesmo no passado quando adulto, adolescente e criança. Há momentos em que o narrador assume sua

<sup>223</sup> RUAS, Tabajara. **Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 38-40

<sup>224</sup> Tabajara Ruas. **Autores Gaúchos**. IEL: Porto Alegre, n. 27. 1989. p. 8

onisciência, explicando ao leitor o que se passa realmente em determinados momentos, que ele mesmo não sabe na época do acontecimento:

Fui levado pela inércia, sem vontade de nada, olhando nossas sombras no chão, a lua entre as nuvens. Onde estaria tio Juvêncio nesse momento? Escondido em algum galpão, chegando na casa de algum compadre, batendo na janela de alguma mulher? (Como em outras noites, Esther esperou-o na sombra da escada, vestida de negro, trêmula, apertando as mãos, antecipando o prazer brutal e silencioso.)<sup>225</sup>

Predomina a narração sobre o período de um final de semana da primavera de 1958, de sexta-feira à noite – quando é dada a notícia do retorno de Juvêncio Gutierrez no sábado, vindo de trem da Argentina, até domingo – dia da morte de Juvêncio pelo cerco policial e de seu enterro. O narrador lembra a época em que contava treze anos de idade. Há outros saltos temporais, esparsos, como o relato de alguns encontros mantidos pelo narrador com o irmão mais novo em Porto Alegre, trinta anos depois do final de semana contado na trama, nos quais comentam os fatos daqueles dias e outras histórias familiares. Também ocorrem escapes do narrador para memórias da sua infância, recordando episódios esporádicos com os pais, o tio, a família e os amigos.

A trama é ambientada em Uruguaiana, cidade rio-grandense localizada na fronteira com a Argentina. O campo, o pampa vasto a se perder de vista, não é mais do que uma sombra em *Perseguição e cerco*.... Toda a ação se desenvolve no cenário urbano da cidade. Os gaúchos e os anti-gaúchos atuam todos nesse mesmo território. Há constantes referências narrativas ao Uruguai, à Argentina, à fronteira. O narrador alterna sua existência, quando encarna sua personagem adolescente, entre a casa, a escola, o campo de futebol, os trilhos do trem, o centro da cidade, o rio que banha a cidade, a visão da fronteira e o pampa, a planície no horizonte. A vida é urbana, mas a cidade é pequena e convive com a perspectiva da vida rural, campeira. Em alguns momentos, a presença do narrador no texto sai do final de semana de 1958 para avançar no tempo, até os encontros mantidos com seu irmão em Porto Alegre, bairro Petrópolis, mais especificamente no bar Viscaya – uma referência intertextual, entre as inúmeras encontradas no livro, das quais falamos mais adiante.

*Perseguição e cerco*... é dividido em três partes. Cronologicamente, a primeira parte

---

<sup>225</sup> RUAS, Tabajara. **Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. 128 p. 93

compreende a sexta-feira à noite até o sábado pela manhã, a segunda parte do sábado à tarde até a noite, a terceira parte da noite de sábado até a noite de domingo.

No contexto da trama, a primeira parte é uma introdução ao mundo da adolescência do narrador, aos acontecimentos que dominam seu pensamento naqueles dias – um torneio de futebol da escola a ser decidido no sábado, contra estudantes mais velhos; a paquera às meninas da cidade; a chegada iminente do tio. O narrador apresenta a paisagem, ressaltando, no retrato que produz, o rio Uruguai, fronteira entre o mundo de lá e o mundo de cá, e o trem, elemento de ligação entre os dois mundos, provocador do fascínio e do receio no espírito da personagem adolescente do narrador. Também é apresentada a família do narrador, o pai, a mãe e o irmão, além da empregada Ifigênia, que criou a mãe do narrador e seu irmão Juvêncio desde pequenos, por serem órfãos desde tenra idade – as origens de Juvêncio e sua irmã não são esclarecidas.

Sábado é o dia do jogo de futebol, apresentado como uma guerra com horário marcado, que provoca ansiedade na personagem adolescente, cujo nome nunca nos é revelado, ansiedade essa agravada pela notícia de que Juvêncio Gutierrez retorna da Argentina no sábado, exatamente na hora do início da partida final do campeonato da escola. O time do narrador é treinado por um professor e irmão marista, fanático por futebol. O adolescente tem sua rotina normal, vai à escola pela manhã, encontra os amigos (Bolão, Feito às Pressas), paquera as meninas (especificamente uma, chamada Beatriz). O narrador lança as bases da trama quando coloca na fala do amigo Bolão a revelação de que Juvêncio será perseguido, tão logo cruze a fronteira, pelo delegado Facundo, rival e antagonista de Juvêncio. Ainda na primeira parte da novela, o narrador também relembra as conversas que mantém com seu irmão, em Porto Alegre, no bar Viscaya, quase trinta anos depois do final de semana fatídico. Ao leitor é facultado situar o tempo preciso desses encontros a partir de uma referência trivial, um comentário do narrador sobre uma visita a Uruguaiana durante edição da *Canção Nativa*<sup>226</sup>.

A segunda parte inicia com a concentração para a decisão do campeonato de futebol, onde a partida é tratada como uma guerra. O narrador paraleliza os acontecimentos do jogo de futebol à chegada de Juvêncio Gutierrez e às lembranças que possui do tio, por exemplo, ter

---

<sup>226</sup> Evento musical nativista cujo ápice foi na década de 1980.

visto a primeira partida de futebol sobre o lombo do cavalo de Juvêncio. A derrota para os mais velhos na partida de futebol dá a tônica do destino que aguarda Juvêncio. Voltando para casa, o narrador encontra um dos amigos do tio, o taxista Antonelli, que lhe oferece carona. No caminho, são parados por um tropel de brigadianos a cavalo, informando que em função do cerco a Juvêncio em um armazém, ninguém está autorizado a seguir – desta maneira o adolescente se torna ciente que o cerco ao tio ocorreu. Algumas personagens secundárias são apresentadas, além do taxista: uma antiga companheira de Juvêncio, Esther, também amiga da mãe do narrador; Martha Rocha, o travesti local; o rengo Maidana, gaúcho amigo de Juvêncio; o negro cego Gaspar, funcionário do pai do narrador na livraria do mesmo. Compõe-se totalmente o universo da narrativa e se apresenta ao leitor, através da narração vinda do tempo futuro entre os dois irmãos, informações sobre o passado da mãe e do pai do narrador – especialmente uma situação obscura, na qual a mãe viaja para a Argentina com o irmão mais novo do narrador, a fim de cuidar de Juvêncio, ferido a bala. Como a estadia da mãe para cuidar do seu irmão Juvêncio, no outro lado da fronteira, se prolonga demasiadamente, o pai do narrador enlouquece, chegando ao ponto de manifestar sua loucura em praça pública, conforme conta o narrador.

A terceira e última parte da obra contempla a transformação da personagem adolescente do narrador em adulto. Em uma única noite, vagando pela cidade com os amigos, o narrador testemunha uma felação do travesti Martha Rocha no seu amigo Feito às Pressas, inala lança perfume, troca carícias íntimas com a menina Beatriz, conhece pessoalmente a prostituta favorita do seu tio Juvêncio, Mirta del Sol, descobre que seu tio foi morto pelos policiais, busca o corpo crivado de balas do tio junto com seu pai – testemunhando um ato inédito de coragem intrépida do pai e voltando do necrotério até sua casa com o corpo do tio em seu colo. E para fechar a noite e a trama, sai para beber com o mais fiel dos amigos do tio, o rengo Maidana.

A personagem que mais representa o gaúcho na trama, Juvêncio Gutierrez, aparece somente referenciada pelas outras personagens, ou através de memórias do narrador, nunca *per se*. Juvêncio, embora subtraído da ação e da aparição na narrativa, apenas evocado, é protagonista de pelo menos duas histórias distintas dentro da trama: a mais evidente, que dá título ao livro, da sua influência sobre a vida do narrador e sobre o final de semana por ele descrito; e a subjacente, da sua influência obscura sobre a irmã e mãe do narrador, sobre a família que ela construiu, sobre as vidas das pessoas de Uruguaiana, das quais se tem apenas

pistas na narrativa. É certo que o protagonista da obra, aquele que desempenha a maior parte das suas ações e é fundamental para sua continuidade, é o narrador, cuja personagem adolescente de 1958 é sua principal materialização no texto. O livro só não leva o nome do narrador, ao invés do de Juvêncio Gutierrez, porque desse modo não existiria história alguma a ser contada. Juvêncio é o fio condutor da vida do narrador, o parâmetro e o imaginário que regula os valores da personagem protagonista. O gaúcho Juvêncio Gutierrez é um homem viril, forte, esbelto, culto, intrépido, temerário, contrabandista, fiel aos amigos e à família, e solitário.

Somos informados através das memórias do narrador e dos testemunhos das personagens que Juvêncio Gutierrez foi um representante comercial, que trabalhava para sustentar sua família – no caso, a sua irmã, também mãe do narrador. Quando essa se casa, Juvêncio, poucas semanas depois, abandona seu emprego de representante comercial para tornar-se contrabandista, não apenas de gado como um gaúcho tradicional seria, mas também dos mais variados produtos<sup>227</sup>. Esse é um dado relevante, uma vez que Juvêncio não “nasce” gaúcho, ele assume essa identidade já adulto. Sobre sua vida pessoal, Juvêncio é constantemente associado pelo narrador a uma noção bem acabada de virilidade – tinha as mulheres que queria:

Todo mundo sabia que tio Juvêncio não pagava os serviços das mulheres do Ivo. Dava-lhes presentes: lenços coloridos, vestidos finos, perfumes estrangeiros, artigos que, imagino, faziam parte do seu comércio. Tio Juvêncio fascinava as mulheres. Era calavera, era gastador, mas não conheci nenhuma mulher que falasse mal dele. Magro e musculoso, permanentemente queimado de sol e de vento, tinha os cabelos negros compridos, quase nos ombros (“dava pra fazer trança” dizia Ifigênia); os olhos cintilavam certa arrogância brincalhona que incomodava os homens.<sup>228</sup>

Juvêncio fascina todas as mulheres, sem exceção. Há no texto inúmeras referências do narrador e das personagens sobre o relacionamento sentimental de Juvêncio com a irmã. Uma das passagens mais significativas é aquela na qual Ifigênia (uma personagem algo indefinida, que aparece associada aos trabalhos domésticos da casa do narrador, que cria o casal de irmãos quando crianças e órfãos e já velha no tempo do final de semana objeto da trama) fala ao adolescente, que se aprontava para sair no sábado à noite:

---

<sup>227</sup> RUAS, Tabajara. **Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 75

<sup>228</sup> Ibidem, p. 23

Arrumou minha gravata, sem que eu pedisse.  
 – Quer dizer que ele escapou?  
 – Parece que escapou, Ifi.  
 Tentei sair, mas ela não largava minha gravata.  
 – Tu está bonito, também. – Ela pensava noutra coisa, a velha índia silenciosa. – Ele tinha uma gravata parecida com esta. Ele e tua mãe formavam o casal mais bonito que já se viu quando iam aos bailes juntos. Eles dançavam horas sem parar, como um casal apaixonado, e toda gente ficava maravilhada com a beleza deles.  
 Me livrei das mãos de Ifigênia.  
 – Tchau, vou me atrasar.<sup>229</sup>

Nesse caminho turvo das lembranças do narrador e dos testemunhos das personagens, surgem outras referências da sensualidade entre os dois irmãos, algumas explícitas, outras nem tanto. Conversando com seu irmão, Vladimir, em Porto Alegre, o narrador conhece e constrói detalhes do episódio no qual sua mãe, avisada que Juvêncio fora ferido à bala no peito, parte desabaladamente para a Argentina a fim de tratar o seu ferimento.

Nossa mãe ergueu o lençol. Pálida ao ver o sangue, não disse nada. Quietamente, sentado na cadeira, o pequeno Vladimir assistiu a nossa mãe descer as escadas, dar ordens, pedir toalhas e curativos (...)  
 – Ele vestia apenas uma bombacha. Acho que acordou, tentou caminhar sozinho, foi cambaleando, amparado por mamãe.  
 Vladimir seguiu-os. Pelo vidro quebrado da porta do banheiro (...) observou nossa mãe sentar tio Juvêncio na banquetela de madeira. (...) Mamãe foi arrancando a bombacha, puxando-a pelas pernas, deixou-o nu. Amparou-o até a banheira cheia de água fresca, ele mergulhou com um gemido de prazer. Nossa mãe ajoelhou-se ao lado ao lado da banheira, ainda vestida como tinha chegado (...) e enquanto cantarolava baixinho uma canção, uma canção monocórdia, uma canção embaladora, levemente rouca, ia ensaboando lentamente, lentamente, os braços, os ombros, o tórax musculoso onde escorregava como mel a luz da clarabóia. Os olhos de tio Juvêncio se fecharam; o rosto ficou liberto da dor.<sup>230</sup>

Viril, forte e sedutor, Juvêncio ainda tinha uma cultura musical e literária de autodidata. O taxista Antonelli fica amigo de Juvêncio quando este manda três fuzileiros navais se calarem, no cabaré do Ivo, para que Antonelli pudesse cantar o trecho de uma ópera de Verdi:

Teu tio estava numa mesa com uma percanta – a Mirta, se não me falha a memória – quando se levantou com a mão apoiada no cabo da faca e disse, deixem don Antonelli cantar o que tem vontade, o próximo que rir vai me deixar na obrigação de ensinar respeito à boa música. (...)  
 – Fiquei amigo dele. Era o único com quem eu podia falar desses assuntos: música, poesia, essas coisas... Aqui na cidade isso é difícil. Claro que falo com teu pai e com o Dr. Fagundes, mas é diferente. Esses

<sup>229</sup> RUAS, Tabajara. **Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 74

<sup>230</sup> *Ibidem*, p. 92

estudaram, tem uma cultura que eu não tenho nem teu tio. Nós conversávamos assim, vamos dizer, de ouvido. Um dia trauteei um trechinho de Bizet pra ele e disse, não é uma beleza? Sabe o que ele me respondeu? Eu gosto, ele disse, mas a beleza é inatingível, don Antonelli.<sup>231</sup>

Em outra passagem da trama, Juvêncio chega mesmo a ler francês<sup>232</sup>, aprofundando o desvio da personagem em relação à caracterização de uma figura gaúcha tal como a demonstrada historicamente – o homem vago e rude do pampa, ou literariamente – como na tipologia de Moreira, obtida sobre um *corpus* literário de fins do século XIX e início do século XX, na qual não se tem notícia de qualidades intelectuais, como a inteligência, a cultura beirando o erudito, serem atribuídas a uma figura gaúcha, ainda mais uma figura afinada com o registro histórico – vaga, contrabandista, marginal. O desvio proposto na personagem em Juvêncio Gutierrez é sem dúvida uma inovação para o tema regionalista, na tentativa de inserir a figura do gaúcho do passado em um novo tempo. A identificação de Juvêncio como gaúcho dá-se também pela coragem, pela intrepidez. Um policial descreve para o narrador a atitude de Juvêncio durante um dos tiroteios da polícia contra ele:

– O seu Juvêncio podia ser bandido, mas era macho. (...) não dava tréguas. Houve até uma hora em que acertaram uma rajada no pulso dele. A mão ficou balançando presa por um fiapo de carne. Eu disse, bueno, vai se entregar. Mas ele cravou os dentes no fiapo de carne e deu um tirão. Arrancou a mão. E depois cuspiu. Quando vi já estava detrás duma cerca dando tiro.<sup>233</sup>

Juvêncio é definitivamente identificado como gaúcho quando, apesar do desvio intelectual, além da sua atividade no contrabando, do fascínio exercido sobre as mulheres e da admiração e do terror inspirado sobre os homens, é investido pelo narrador na sua indumentária e paisagem originais:

Em muitos domingos pela manhã, quando saíamos de piquenique pelos arredores, tio Juvêncio nos acompanhava montado no cavalo; vinha com os cabelos negros turbilhonando; vinha vestido com uma camisa deslumbrantemente branca; vinha de bombachas largas, claras; vinha calçando alpargatas brancas compradas em Bella Unión, Uruguai. (Sobre o árabe meu tio era claro como um sol.) Num susto, passava tropejante à nossa direita; mal respirávamos e estava na esquerda, fazendo continência para papai, bufando ao volante; piscava o olho para mim e para mamãe, o que nos fazia rir de felicidade, saltava a cerca da carreteira e disparava desatinado pelo pampa.<sup>234</sup>

<sup>231</sup> RUAS, Tabajara. **Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 56-57

<sup>232</sup> Ibidem, p. 63

<sup>233</sup> Ibidem, p. 110

<sup>234</sup> Ibidem, p. 62

O piquenique era em família. Juvêncio não entra no carro com sua irmã, seu cunhado e seus sobrinhos. O gaúcho, como vimos, é historicamente um homem solitário. E quando é adulto e possui família, vive distante dela. A personagem de Juvêncio Gutierrez jamais poderia entrar, viva, naquele veículo – era o espaço da família, da qual ele fazia parte mas onde era marginal, o que se efetivaria pouco tempo depois da lembrança do narrador daqueles domingos de piquenique, quando o Juvêncio fugiria para a Argentina. O gaúcho também é o centauro dos pampas, o monarca das coxilhas, de acordo com a figura construída na literatura. Associá-lo ao sol, vestindo-o em roupas brancas mas ao mesmo tempo tradicionais, típicas do que hoje se atribui ao gaúcho, e montá-lo sobre um cavalo árabe, foi apenas uma maneira mais floreada para evocar a sua grandeza. E sendo gaúcho, Juvêncio é um filho do pampa, elemento indissociável da natureza dessa paisagem, cujas planícies e horizontes largos deram margem a todo tipo de metaforização sobre a liberdade e a amplitude – um sujeito desembaraçado de vínculos pessoais ou sociais fixos e duradouros. Juvêncio Gutierrez, vestido de branco e posto a galopar ao lado do veículo, para depois disparar campo afora, não representa somente uma ação “natural” da personagem – executa uma ação obrigatória para sua caracterização indiscutível como gaúcho.

Completam a caracterização de Juvêncio Gutierrez como gaúcho, outras personagens, secundárias – algumas acrescentando elementos à personagem maior de Juvêncio, outras criando contrastes como antagonistas. No caso das personagens colaborativas, adjuvantes, temos o séqüito de amigos de Juvêncio, representado principalmente pela figura do rengo Maidana, secundado pela personagem de seu Domício, fiéis companheiros do gaúcho:

Dois vultos imóveis esperavam perto do portão da casa. Papai diminui a marcha, cauteloso. Um dos vultos aproximou-se de um poste de luz.

– É Maidana – disse meu pai.

O rengo Maidana era dos mais antigos comparsas de tio Juvêncio. Granjeira fama de brabo na época da farinha, quando esfaqueou outro contrabandista no bar do Átila, mas em geral era homem pacato, que cuidava de seus negócios e não se preocupava com o resto. Conhecia cada pedaço do Alto Uruguai, mas nunca viu o mar. Vivia numa espécie de barbárie inocente, talvez voluntária.<sup>235</sup>

O rengo Maidana é apresentado como contrabandista, assim como Juvêncio. Embora valente e exercendo o mesmo ofício do outro, o fato de ser rengo e isso ser relevante para o

<sup>235</sup> RUAS, Tabajara. **Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 70

narrador, único na obra a chamá-lo e apresentá-lo como rengo, nos diz o seguinte: primeiro, que Maidana anda a pé durante toda a trama, por isso a sua deficiência chama tanto a atenção do narrador, tanto que na saída do enterro de Juvêncio, Maidana chega a ganhar uma carona no carro da família<sup>236</sup>. Segundo, que Maidana, por não possuir um cavalo, é sempre um gaúcho a pé – e um gaúcho a pé, como aponta o registro histórico dos tempos de Saint-Hilaire, era na prática um sujeito deslocado da paisagem; e um sujeito empobrecido, como o gaúcho representado na obra de Cyro Martins.

Maidana é leal a Juvêncio, em quem reconhece um líder ou um chefe. Está disposto a enfrentar as autoridades da cidade com mais dois de seus companheiros – se a família do narrador assim quiser, porque Juvêncio não autoriza<sup>237</sup>. Levando em conta a desvantagem numérica e logística de um empreendimento desses no contexto da trama, no qual a Brigada Militar mata Juvêncio com mais de quarenta tiros, verificamos que Maidana é corajoso, mas temerário.

Seu Domício, como o nome indica, é um senhor de meia-idade – segundo a memória precisa do narrador, conta cinquenta e dois anos no final de semana em que ocorre a trama. Como um narrador, lembrando fatos ocorridos trinta anos antes, sabe exatamente a idade de uma personagem secundária na trama, jamais saberemos. O fato é que a seu Domício, um dos comparsas de Juvêncio Gutierrez, coube uma caracterização estética da atividade dos contrabandistas da fronteira – ele atravessa sem maiores dificuldades o rio Uruguai, numa chalana, no cair da madrugada, debaixo de chuva forte, para avisar a família da chegada iminente de Juvêncio no trem das três da tarde de sábado. Sua perícia no contrabando lhe permite atravessar o rio sem riscos. Montado a cavalo, vai ao encontro da família. No enterro de Juvêncio ao final da trama, em outra aparição descrita pelo narrador, “Seu Domício ficou ao largo, montado no cavalo. Sabia que não podia facilitar; o enterro era uma pequena trégua. O rengo Maidana também ficou longe, sentado num túmulo, à sombra da asa de um anjo, pitando o palheiro.”<sup>238</sup>. Seu Domício, como sabemos logo no começo da história, também é casado com uma índia paraguaia e fala guarani.

As duas personagens que antagonizam Juvêncio Gutierrez, exibindo características

---

<sup>236</sup> RUAS, Tabajara. **Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 115-116

<sup>237</sup> *Ibidem*, p. 70

<sup>238</sup> *Ibidem*, p. 115

diferentes e freqüentemente antagônicas às do gaúcho, são o delegado Facundo e o pai do narrador. Há também o Coronel Fabrício, embora de modo muito pontual e sem maior ênfase. O delegado Facundo, representante da autoridade e da força do Estado em Uruguaiana, é apresentado ao leitor como um sujeito fraco e efeminado, em completa oposição a Juvêncio, totalmente em desacordo com a figura do gaúcho:

(...) parei em frente à Barbearia Vitória. O delegado Facundo estava sentado numa das poltronas, com o rosto ensaboado, um avental cobrindo o corpanzil, o barbeiro Saladino curvado sobre ele, raspando-lhe o rosto. A mulher de Saladino, gorda e oxigenada, tratava as unhas do delegado. O delegado tinha uma vaidade quase repugnante para um homem. Aquelas unhas, lixadas e esmaltadas, nas mãos toscas e brutais, cintilavam, obscenas. O delegado abriu os olhos e olhou para mim. Me afastei. (...) <sup>239</sup>

O modo como o narrador percebe a vaidade do delegado, “quase repugnante”, indica sua filiação ao imaginário do seu tio e do gaúcho. Uma coisa é vestir-se com as roupas tradicionais em um domingo, exibir a estampa despretensiosa, natural, cabelos ao vento, como faz Juvêncio – esse é o indicador máximo de vaidade aceitável para o gaúcho, vestir-se bem dentro da tradição. O delegado, além da vaidade quase feminina – daí a repugnância do narrador – ainda tinha um “corpanzil”. Considerando-se o tom pejorativo, seus atributos físicos são associados pelo narrador aos de um homem gordo e pouco saudável.

Adiante do aspecto exterior da personagem, há a fraqueza emocional da paixão do delegado por uma prostituta que o despreza, o humilha em público e – muito pior, é a prostituta favorita de Juvêncio Gutierrez. Como todas as mulheres, Mirta del Sol se entregava a Juvêncio quando este assim desejasse:

Desnecessário pedir a Mirta del Sol para maltratar o delegado Facundo. (...) Aproximava-se do delegado com um sorriso enigmático e o dedo indicador apontado para suas costelas. Era o suficiente para ele se contorcer em cócegas terríveis. O delegado dobrava o corpo, esquivava o dedinho ameaçador, recuava, escorregava pelos cantos, começava a não reprimir um riso abafado que o envergonhava, a não poder impedir que as lágrimas escorressem de seus olhos e essa impossibilidade o transportava para próximo do pavor. Mirta o perseguia pelos corredores: atravessavam o pátio calçado, invadiam quartos, derrubavam cadeiras. O delegado entregava-se de vez ao pavor infantil e soluçava grotescamente, não, não, não, até cair na cama, soluçante, exausto. Mirta mordida seu pescoço com fúria. <sup>240</sup>

<sup>239</sup> RUAS, Tabajara. **Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 29

<sup>240</sup> Ibidem, p.60

O delegado é o anti-gaúcho por excelência. Sente cócegas, fraqueja diante da mulher, é patético, abjeto, embaraçoso se comparado com o gaúcho Juvêncio – Facundo é exatamente o oposto da força e da virilidade de Juvêncio Gutierrez, da cólera e da força representada por este. Mirta del Sol afirma ao narrador:

Baixou a alça do vestido negro, mostrou o seio.  
 – Vês esta marca?  
 Sorriu.  
 – Foi él.  
 Fiquei confuso.  
 – O delegado?  
 Ela ampliou o sorriso.  
 – Teu tio. Com um charuto. Yo no me importo. Es su recuerdo. Às vezes tenía acceso de choro no meu ombro, às vezes tenía acceso de fúria. Me quemó com un charuto. Yo no me importo. Es su recuerdo.  
 (...)  
 – Não acredita?  
 – Meu tio?  
 Agarrou firme meu pulso.  
 – Teu tio, sim, bonitinho! Teu tio me marcó com um charuto no seio, teu tio me chicoteava com o cinto, depois de chorar no meu ombro!<sup>241</sup>

A personagem adolescente do narrador associa a marca imposta por Juvêncio no seio de Mirta del Sol a um ato de maldade. Como a maldade só poderia ser praticada pelo delegado, o adolescente deduz que a marca de charuto só podia ser dele. Um engano típico do jovem, inexperiente, que vê o bem e o mal claramente distintos. Escapa à compreensão do adolescente que a marca do charuto não é uma agressão gratuita, mas a marca de Juvêncio sobre a mulher, um indicador da sua posse, como o gaúcho pratica sobre o couro do cavalo ou da rê. Uma posse bastante agressiva, marcar o seio da mulher. A atitude de Juvêncio é muito diferente da adotada pelo delegado, que se apaixona perdidamente por Mirta del Sol desde a primeira vez que a vê, sente ciúmes quando ela o relega a segundo plano para atender outros clientes e ainda por cima “o delegado Facundo nunca entendeu que aquele olhar fixo e enigmático era apenas leve estrabismo, e enlouqueceu de amor, transtornado pela secreta luxúria que ele [o olhar] sugeria.”<sup>242</sup>. Facundo não tinha jeito com as mulheres, além de ser “casado no civil e no religioso com uma beata de bigode; (...) tinha oito filhos”.

Como se não bastassem seus defeitos físicos e sua fraqueza emocional, o delegado também é caracterizado como um homem aprisionado pelas convenções da sociedade, sem nenhuma chance de ser livre. Mesmo sendo a autoridade policial de Uruguiana, Facundo não

<sup>241</sup> RUAS, Tabajara. **Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 95

<sup>242</sup> Ibidem, p. 22

goza de liberdade para agir como entende, sempre subordinado aos interesses do Coronel Fabrício, espécie de chefe político local que faz aparições esparsas na trama. A questão da liberdade, seja de ação, seja de consciência, é fundamental na trama para a figura do gaúcho. Nem no seu próprio trabalho Facundo é livre. Pior: sua única possibilidade de ser respeitado socialmente, é pela coerção, pela força, bem ao contrário de Juvêncio, respeitado pelos habitantes da cidade por suas aptidões naturais (beleza), intelectuais (gosto artístico), físicas (força) ou sociais (charme, respeito pelas outras pessoas). Nessa caracterização calcada em antagonismos de toda espécie, o narrador assenta o ódio mortal do delegado por Juvêncio. O ódio do escravo contra o homem livre.

Já o pai do narrador oferece uma perspectiva menos maniqueísta, mais sutil, para comparação com a personagem de Juvêncio. Na primeira parte da obra, o pai tem uma discussão inócua e patética com a personagem do narrador sobre Hemingway e a Guerra Civil Espanhola<sup>243</sup>. O narrador vê em seu tio Juvêncio o modelo a ser seguido, admirado e respeitado, ao invés de procurar modelar-se por seu pai. É curioso o processo através do qual o narrador e sua personagem identificam em Juvêncio o *homem* da família – as passagens em que ele vê sua mãe e Juvêncio calados, um segurando a mão do outro; momentos em que Juvêncio lê trechos de *Os Frutos da Terra*<sup>244</sup> para a irmã, lançando olhares longos e cheios de significados não esclarecidos. Juvêncio é mais que o homem da família, ele é o legítimo dono do coração da mãe do narrador, aquele por quem ela se abala até a Argentina, deixando o marido sozinho com o narrador por semanas – episódio do qual o narrador lembra a loucura provocada no pai:

Voltávamos para casa, silenciosos. Pensávamos que ela ficaria uns quinze dias, mas o ferimento deve ter sido grave, porque ela demorou quase todo o verão. Mamãe escrevia belas cartas dando conta da saúde de tio Juvêncio. Mesmo assim, papai ficava cada vez mais nervoso. Comia pouco, passava o dia escutando rádio e descuidava da aparência. Andava com a camisa encardida e a barba por fazer.<sup>245</sup>

A fraqueza do pai frente à separação momentânea de sua esposa dimensiona a sua falta de fibra. Completando a descrição dessa loucura, o narrador conta o episódio em que seu pai, catatônico, protagoniza o triste espetáculo de caminhar, feito um autômato, de um lado para outro na Praça da cidade, à vista jocosa de toda a comunidade, obrigando o narrador –

<sup>243</sup> RUAS, Tabajara. **Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 31

<sup>244</sup> Obra sensual de André Gide.

<sup>245</sup> RUAS, Tabajara. op. cit. p. 72

quando viu ele próprio a cena, ao voltar da escola – a pedir ajuda para pará-lo e retirá-lo de lá. Essa lembrança é uma humilhação marcante na vida do adolescente, “aquele homem perdido, era meu pai, o respeitado livreiro da rua Duque”, a tal ponto que dali em diante não o respeita mais:

Minha mãe e eu tínhamos um segredo: desprezávamos papai. Eu não sabia como ela o fazia. Meus motivos também não eram claros, mas relacionavam-se com o verão em que tio Juvêncio foi ferido. Nos uníamos naquele segredo que me feria através de sorrisos que ninguém via, de olhares cúmplices quando ele derramava café na camisa (...) <sup>246</sup>

O pai é um homem vacilante, fraco. Cheio de idéias na cabeça, confuso, incompreendido. Mal consegue ajudar a sustentar a família (“Papai tinha uma livraria na rua Duque e estava sempre à beira da falência”<sup>247</sup>). A sua descrição externa nunca é positiva. Ora está de terno, gravata e chinelos – desarmônico, contraditório, incompleto; ora é adjetivado como “curvado”<sup>248</sup>. Comunista, sua posição política é marginal e minoritária. Enquanto Juvêncio procura cuidar apenas dos seus negócios no contrabando, o pai do narrador tem, entre suas raras distrações, “reuniões do Partido, livros, e ópera aos domingos”<sup>249</sup>. Se nem de longe lembra um gaúcho como Juvêncio, nem no modo de encarar a realidade o pai consegue ser comparável a Juvêncio, aos olhos do narrador.

[Juvêncio] Não se intrometia em questões políticas, por exemplo. Assistia a discussões desse tipo com riso irônico que enfurecia meu pai, possuído pela chama santa de um mundo organizado pelas massas trabalhadoras. Mordendo o palheiro apagado, tio Juvêncio contemplava os casebres miseráveis na beira do rio e murmurava com amargo desprezo:  
– O pobrerio não tem culhão. Taí, manso, morrendo de fome.  
Meu pai se afastava, sacudindo a cabeça. <sup>250</sup>

Uma vez cientes da morte de Juvêncio, seus familiares e amigos se reúnem na casa do narrador. O pai considera desfeita do delegado ele recusar entregar o corpo de Juvêncio ao padre. Ato contínuo, o pai do narrador não admite ser “desfeitado” e anuncia para todos: irá buscar o corpo de Juvêncio. No momento de sair de casa para ir até o necrotério, assistimos a uma longa discussão entre os pais do narrador, porque a mãe percebe que seu esposo carrega um revólver no bolso:

<sup>246</sup> RUAS, Tabajara. **Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 36

<sup>247</sup> Ibidem, p. 15

<sup>248</sup> Ibidem, p. 16

<sup>249</sup> Ibidem, p. 73

<sup>250</sup> Ibidem, p. 75

Minha mãe entrou na sala, olhando diretamente para meu pai, os olhos fuzilando.

- Pedro, tu estás com um revólver no bolso. (...)

- Vou lá buscar o corpo.

- Pára com essa loucura. Já chega de loucuras por hoje. Me dá esse revólver.

Meu pai vacilou.

- Isso é assunto de homem, Não vou ser desfeito por um delegado ignorante.

- Me dá esse revólver. (...)

- É preciso enterrar o corpo.

Minha mãe ficou enorme:

- Por mim podem atirar o corpo pros caranchos! Eu não sou cristã! Eu quero é que essa loucura acabe! (...)

- Está bem, está bem.

Tirou o revólver e deixou-o sobre o sofá.

- Eu não vou dar tiro em ninguém. Nunca fui homem de dar tiro. Nem bala o revólver tem. E nesta hora não tem lugar onde se possa comprar balas.

Minha mãe permaneceu curvada, como se não o escutasse; pouco a pouco, foi acalmando (...).

- Vou lá buscar o corpo, sim.<sup>251</sup>

Ela insiste para que ele lhe entregue o revólver, mas somente após ela se desesperar e externar esse desespero em diálogos quase furiosos, o marido cede e lhe entrega o revólver – que estava sem balas. Mesmo com um revólver sem balas, depois sem revólver, o pai do narrador sai para buscar o corpo. A sucessão dos fatos da trama provoca uma mudança na percepção do narrador a respeito do seu pai. Chegando ao necrotério, pai e filho são informados que somente podem retirar o corpo se assim for autorizado pelo delegado. Sem hesitar, o pai se dirige à delegacia, o narrador sempre a tiracolo. Ao entrar na delegacia, a personagem do pai completa sua transformação:

Meu pai parecia leve na sua agitação. Parou na frente da mesa.

– Quero ver o delegado.

O brigadiano olhou para ele com deboche, exatamente como eu esperava. Mas meu pai pairava acima disso tudo, aferrado a um poder interior insuspeitado, que o tornara, a meus olhos, desconcertante, e, cada vez mais, desconhecido.<sup>252</sup>

O pai se torna corajoso e temerário; enfrenta a autoridade. Age, ao invés de pensar. Ignora o deboche do brigadiano. Ingressa nos padrões de comportamento de Juvêncio; ultrapassa a limitação e a letargia que lhe caracterizam. A cena imediata é a entrada do pai na sala do delegado, sem pedir licença para isso, o bate-boca que segue entre o pai e o delegado,

<sup>251</sup> RUAS, Tabajara. **Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 104-105

<sup>252</sup> Ibidem, p 107

que nega a liberação do corpo. Acompanhando o delegado, estava o Coronel Fabrício, o dirigente político local. Ao notar a presença do Coronel, o pai passa a dirigir-se a este, ao invés do delegado:

– Coronel, eu só quero levar o corpo pra ser velado e dar um enterro decente. Se é o senhor quem manda aqui, então é para o senhor que estou pedindo.

O delegado deu um pulo da cadeira.

– Não admito desaforo comigo!

– Então dê a ordem.

(...)

– Acontece que não posso – disse com voz profissional que não conseguiu sustentar; logo ela foi se tornando corrompida, canalha: – Não posso e não quero.

– Isso é coisa de gente mesquinha, delegado.

– Tu ta querendo levar um tiro na cara.

– Então dá.<sup>253</sup>

E a continuação dessa cena é completada com o pai do narrador apontando seu dedo para a barriga do delegado e torturando-o com cócegas, como faz Mirta del Sol. O delegado, de arma em punho, se contorce, levando estocadas na barriga, até o Coronel Fabrício interromper a cena patética e mandar o delegado liberar o corpo. Mas o pai do narrador não tem ilusões: “Me desculpe, Coronel, mas o senhor também é um bom filho da puta. A mim é que não me engana”<sup>254</sup>. O pai agora tem um nome, é Pedro, ou don Pepe; de antagonista de Juvêncio, excluído de qualquer identificação com o gaúcho, Pedro assume o desafio à autoridade, a valorização da honra, o respeito pela família. Não gostava do cunhado, assim como o delegado Facundo. Após a morte de Juvêncio, porém, Pedro percebe que a antipatia contra o cunhado o coloca em oposição à família, aos amigos da família – e lado-a-lado com Facundo, algo inaceitável após o término funesto do cerco. Sendo assim, Pedro, o pai, assume as porções que lhe são possíveis das características atribuídas ao gaúcho Juvêncio Gutierrez. Ele não pode se transformar num admirador de cavalos, nem em contrabandista. Não poderia de uma hora para outra pretender uma virilidade que nunca possuiu. Mas a coragem, a valentia e a temeridade, Pedro é capaz de assumir.

O Coronel Fabrício é caracterizado como “o sorriso que enchia os muros da cidade nas vésperas das eleições e que sorvia seu uísque de olho parado nas cadeiras de vime diante do Clube Comercial”. Aparentemente, excetuada a paixão pelos cavalos, nada mais une o Coronel Fabrício aos gaúchos da estirpe de Juvêncio, Maidana e Domício. Na trama, o

<sup>253</sup> RUAS, Tabajara. **Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 109

<sup>254</sup> Ibidem, p. 110

Coronel Fabrício participa do cerco a Juvêncio Gutierrez, interessado em proteger o carregamento de cinquenta cavalos brancos, importados da Argentina. Juvêncio estava no mesmo trem que transporta os animais. Na chegada do trem, nada acontece; porém, na metade da trama, os cavalos fogem da estação:

O coração do Coronel Fabrício quase parou no momento em que erguia o copo de uísque em direção à boca: um fantasmagórico cavalo branco avançava em disparada pelo meio da rua. (...) E logo apareceu outro cavalo, e logo um tropel enlouquecido de cavalos brancos. (...) Era um sonho longamente acalentado: deixar mudo de espanto o príncipe de Gales, que passaria um dia na sua fazenda, vindo de Santiago do Chile. O Coronel realizaria um desfile de cinquenta ginetes bem pilchados, montados nos cinquenta puros-sangues mais formosos e perfeitos que já se viu na superfície da terra. (...) Só faltava aquele renegado de meia pataca colocar seu projeto em risco.<sup>255</sup>

Há o abismo da posição social entre eles, uma indicação coerente para um obra de tema regionalista escrita após as obras de Cyro Martins. Porém, *Perseguição e cerco...* vai mais adiante e não fica restrita apenas à separação social entre o Coronel e os gaúchos, incluindo também a degradação moral do Coronel e da sua descendência como marca distintiva entre os tipos, gaúchos e anti-gaúchos. Na cena em que o taxista Antonelli conduz o narrador em seu carro e encontra o travesti Martha Rocha, sábado à tarde, há o seguinte diálogo:

– O que tu sabe, Martha? Esse rapaz é sobrinho dele.  
Me olhou com interesse. Martha Rocha tinha os cabelos pintados de vermelho, maquilagem carregada e usava brincos. Os olhos azuis estavam sérios.  
– Só sei o que vi. Cheguei na Estação lá pela uma, fui esperar o trem da Barra. Vocês sabem, eu carrego ração para o quartel. Quando me dei conta começou a chegar brigadiano armado como quem vai pra uma guerra. Mandaram embora todo mundo que estava lá. Pelas duas chegou o Coronel Fabrício na Rural, dirigida pelo neto, que fez que não me conhecia.<sup>256</sup>

É relevante percebermos essa informação. Sabendo que na trama os rapazes da cidade freqüentam a casa dos travestis em Uruguaiana, o neto do Coronel “fazer que não conhecia” o travesti é um bom indicativo da sua utilização, alguma vez, dos serviços sexuais do sujeito. Por que outra razão o neto ignoraria o travesti? Por inúmeras outras, provavelmente, mas se tal sugestão está no texto, está para cumprir alguma função. O narrador e sobrinho de Juvêncio, diante da felação do amigo por um dos travestis, sai do quarto onde isso ocorria; sua

<sup>255</sup> RUAS, Tabajara. *Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 87

<sup>256</sup> Ibidem, p. 58

preferência sexual é bem definida, pela menina Beatriz, a quem bolina horas antes de testemunhar o ato homossexual<sup>257</sup>. Mais uma distinção, portanto: os gaúchos da estirpe de Juvêncio não utilizam os serviços sexuais dos travestis, enquanto a estirpe do Coronel tem vergonha, se degenera.

Ampliando o espectro da nossa análise, podemos observar que o gaúcho em *Perseguição e cerco...*, por mais que repudie a sociedade dominante e tente, por todos os meios, colocar-se à margem dela – optando pelo contrabando como meio de vida, por viver sem família ou longe dela, em afrontar os poderes constituídos da sociedade, por mais que insista, o gaúcho já está indissolúvelmente unido a essa sociedade:

Como se estivesse revelando um segredo íntimo, sem raiva, sem aliciamento, o rengo Maidana aproximou de mim a cabeçorra ruiva e sussurrou, quase com doçura:

– A lei é uma mentira, muchacho. A justiça é uma mentira. A religião é uma mentira. Tudo é uma mentira.

Moveu de leve a mão, indicando a multidão apressada.

– Os homens são escravos dessas mentiras.

(...)

Quando parou na Aduana o rengo tirou o relógio da guaiaca, abriu a tampa, aproximou-o do ouvido, aprovou com um aceno e só depois olhou o mostrador.

– Ele não era um escravo.

Sua voz tornou-se triste.

– Por eso lo mataron.

Fechou a tampa do relógio, guardou-o na guaiaca. O trem estremeceu, chamando nossa atenção.<sup>258</sup>

De dentro da guaiaca, Maidana retira o relógio de Juvêncio, com o qual a irmã dele o presenteia. Verifica se o mesmo ainda funciona, uma vez que o relógio estava o tempo todo com Juvêncio durante o tiroteio e pode estar danificado. Vendo que funciona, vê o horário. O trem se aproxima. Por mais que o gaúcho seja descrente da sociedade constituída e dos seus valores, ele adota o tempo imposto por essa mesma sociedade. Os gaúchos históricos, aqueles que vagam pelos campos preando o gado chimarrão, ou mais tarde, os gaúchos que se assentam nas estâncias para cuidar dos animais dos estancieiros, estes não contam as horas. Não precisam contar as horas. Estão no campo. Dependem, para sobreviver, apenas do campo e dos animais. Maidana, embora ainda possa pensar a si mesmo como um gaúcho vago e independente, na prática não o é, nem o pode ser.

<sup>257</sup> RUAS, Tabajara. *Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 82

<sup>258</sup> Ibidem, p. 118-119

Apesar do caráter pessoal que a trama coloca na perseguição imposta a Juvêncio por parte do delegado, o que paira acima das personagens é uma nova leitura para um velho confronto, o da civilização contra a barbárie. Não é nem um pouco gratuito o fato de Tabajara Ruas nomear a personagem do delegado com o nome Facundo, como veremos adiante. A conclusão desse confronto é na verdade a única possível: o gaúcho morre no final. Ele tem que morrer. O gaúcho não pode viver nem sobreviver, isolado do resto do mundo, numa sociedade cada vez mais integrada e integradora. Ou o gaúcho adapta-se e é absorvido (ou deixa-se absorver, como Maidana), ou é eliminado. Não há coexistência possível, se o gaúcho for aquele gaúcho vago, contrabandista e marginal do registro histórico, como é Juvêncio Gutierrez, apesar dos desvios propostos por Tabajara Ruas. A existência de um gaúcho desta estirpe constitui uma afronta aos valores do conjunto da sociedade, à autoridade constituída pelo Estado, independentemente do fato dessa autoridade ser moralmente fraca ou representada por sujeitos indignos, como o delegado.

O rengo Maidana é aquela porção do gaúcho que permanece entre nós até os dias de hoje. Um gaúcho ajustado, adaptado ao meio. Mantém “tradições”. Nele encontramos a indumentária característica, como a guaiaca, o cigarro de palha, o gosto pela marginalidade, pelo confronto com a autoridade. Mas ele já anda de carro, controla o tempo, vai ao bar no domingo à noite beber com os amigos. Está domesticado, civilizado. No plano das idéias, continua um utópico, não acredita em nada, a não ser na liberdade, no código de honra. Juvêncio opta por aplicar ao mundo real as idéias que, em Maidana, são utopias: confronta a sociedade e sua estrutura organizada, questiona a autoridade do delegado e do chefe político local, insiste em penetrar em um território do qual estava banido – assim sela o seu destino. Para a família e os amigos, Juvêncio não é um bandido, ele é um herói. A sociedade, porém, considera sua situação emocional, sua simpatia na comunidade, irrelevante; leva em conta apenas suas ações. E suas ações são desestabilizadoras. Um contrabandista atua contra a economia, contra a arrecadação de impostos, contra o Estado. E se ainda por cima for um contrabandista valente, bem armado e estimado pelas pessoas, um sujeito desses põe em risco todo o sistema e aí sim é que não pode prevalecer.

Também devemos ter em vista que a narração é tendenciosa: Juvêncio é tio do narrador, considerado pelo sobrinho um verdadeiro herói. Se o narrador fosse, por exemplo, um dos filhos do delegado, identificado plenamente com os valores de Facundo, assim como o narrador se identifica com Juvêncio, certamente teríamos uma trama na perspectiva oposta:

a nobre jornada da autoridade limpando os últimos resquícios da barbárie representada pelos gaúchos.

Nesse confronto entre mundos, entre visões de mundo, exposto na trama, o narrador, um adolescente em plena fase de aprendizagem do que é a vida, constitui a representação do típico membro da sociedade rio-grandense: o sujeito influenciado por mundos diferentes e incompatíveis entre si, o da tradição, com seus valores morais vigentes e cada vez mais desconectado da realidade; e o mundo do presente, do progresso técnico e científico, da integração econômica. Esse processo gera paradoxos, cria situações contraditórias. O narrador, quando adolescente, quer que a vida tenha valores estáveis e duradouros, nos quais possa se reconhecer, para os quais possa voltar-se – a permanência dos valores de Juvêncio, onde a força e a coragem do homem montado sobre o cavalo árabe são como a materialização de um mundo heróico, alegre, viril. Mas esse adolescente não é capaz de viver sem o cinema, a música, a literatura e todas as influências da cultura estrangeira, seja ela americana ou francesa, sem o futebol, o conforto da casa da família. Ele nunca imagina a si próprio cavalgando pelo pampa, solitário, como Juvêncio lhe parece.

Olhei os cartazes (...) ali estavam Ava Gardner, Susan Hayward, Gregory Peck e a aristocrática Hildegarde Neff em “As neves do Kilimanjaro”: a África em technicolor num sábado à noite...<sup>259</sup>

Não freqüentava bailes nem reuniões-dançantes, o que tornava as sessões de cinema de sábado e domingo o centro de minha vida social. Sempre me atingia o momento em que a música parava, o gongo batia sonoramente três vezes e a cortina escarlate começava a abrir-se (...)<sup>260</sup>

– Vamos no bolicho do Átila tomar um trago.  
É a frase mais bela que alguém jamais disse para mim. Não era um convite para beber. O rengo Maidana me chamava para o mundo de Juvêncio Gutierrez. (...)<sup>261</sup>

O narrador quer incorporar à sua vida o imaginário do gaúcho e de Juvêncio: o espírito livre, o indivíduo acima da sociedade, a força, a beleza e a inteligência associadas ao desafio permanente contra a realidade, o homem integrado à natureza e não à sociedade. Ele ressentido, porém, a imensa dificuldade de conciliar os dois mundos:

O pequeno Vladimir tinha ciúmes de mim. Trinta anos depois o pequeno Vladimir transformara-se num homem gordo e triste, com o hábito de

<sup>259</sup> RUAS, Tabajara. **Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 28

<sup>260</sup> Ibidem, p. 79

<sup>261</sup> Ibidem, p. 120

sorrir antes de iniciar uma frase (...). Encontrávamo-nos uma ou duas vezes por ano no Viscaya, bar no bairro Petrópolis, em Porto Alegre. A última vez que nos encontramos no Viscaya chovia.

- Estive em Uruguaiana, na Califórnia do ano passado – eu disse.
- Faz tempo que não vou lá. Nem quero. Fazer o quê?
- Ver as pessoas. Lembrar das coisas.<sup>262</sup>
- Não quero ver nem lembrar de nada.

Desde o princípio do livro, sabemos que o narrador se torna um adulto integrado à sociedade, habitante de Porto Alegre, a capital do Estado. Mas também sabemos que ele sente saudade das suas origens gaúchas, a tal ponto que vai a Uruguaiana assistir à Califórnia da Canção Nativa. O festival, até a época de publicação do livro, início da década de 1990, era um dos grandes símbolos do renascimento cultural das tradições gaúchas na música<sup>263</sup>. Percebemos aqui como o narrador é incapaz de se desligar completamente do imaginário do gaúcho, mesmo depois de adulto – corre nas suas veias uma saudade dos velhos tempos, que ele próprio não viveu. É o saudosismo mais uma vez presente.

Em relação a uma das regras gerais do regionalismo gaúcho, não há desvio na trama de *Perseguição e cerco...*. As mulheres, embora tenham uma participação consistente, permanecem desempenhando papéis secundários. A mãe do narrador, Esther, Ifigênia, Mirta del Sol e Beatriz, contemplam diferentes perspectivas da figura feminina na obra. Em comum, essas mulheres representam o amor na trama, em diferentes estágios: Beatriz, a menina, na fase das descobertas sexuais e emocionais; Esther, a mulher bonita, mas solteira, apaixonada mas preterida por Juvêncio; Ifigênia, idosa, sábia, com seu amor saudosista de mãe de criação; Mirta del Sol, a mulher que pretende ser forte através do sexo (exercendo sua “crueldade”, como afirma o narrador, sobre o delegado Facundo), quando na verdade é frágil e suscetível, cheia de mágoa e saudade de Juvêncio; por fim, a mãe do narrador, expressão do que o amor tem de nebuloso, de misterioso, como indicam suas interações com o irmão Juvêncio, resgatadas pelo narrador, e também a mulher mais forte da trama, lembrando as mulheres de Erico Verissimo em *O tempo e o vento*.

A mãe do narrador é professora de francês em um colégio de freiras e responsável por boa parte do sustento da família. Mulher de estilo independente, vai de bicicleta até a escola, “novidade absorvida com certo mal-estar por parte das freirinhas”<sup>264</sup>, assim como sua

<sup>262</sup> RUAS, Tabajara. **Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 35-36

<sup>263</sup> Para mais detalhes no assunto, ver OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 177-181

<sup>264</sup> RUAS, Tabajara. op. cit. p. 16

preferência literária por André Gide e sua literatura cheia de uma sensualidade que quase lhe custa o emprego – “para a renda da família seria uma catástrofe”. Seu caráter se constitui na fidelidade ao irmão Juvêncio, ou melhor, na correspondência ao que esse espera encontrar em uma mulher. Em um diálogo com a amiga Esther, logo que ficam sabendo da situação do cerco, isso fica muito claro:

Escutei a voz de minha mãe.  
 – Chorar não adianta.  
 – Eu não tenho essa tua calma. Eu sou uma pessoa muito nervosa, tu sabes muito bem. Eu não consigo parar de pensar.  
 – Ele detestava esse tipo de comportamento, Esther.  
 – Detestava?  
 Silêncio  
 – Detesta. Acho até que por isso que ele não ficou contigo. Porque no fundo sabia que tu ia acabar reagindo assim, como uma mulherzinha histérica qualquer. É o que ele mais detesta.<sup>265</sup>

A irmã de Juvêncio é dura, firme. Não podia ser uma “mulherzinha” qualquer, sob pena de não ser amada – tanto que, no enterro do irmão, suas lágrimas são apenas duas grossas lágrimas, nada mais. Já Esther era apaixonada, passional, sem controle sobre as próprias emoções. Solteira, não teve sucesso em conquistar Juvêncio.

O território da figura feminina é invadido por personagens como Martha Rocha e Dalila, que são travestis, e Ivo, dono do cabaré onde trabalha Mirta del Sol.

O cabaré ficava numa esquina, não muito longe da casa de Martha Rocha. O proprietário, Ivo Rodrigues, viera fugido de Passo Fundo, onde – dizem – tinha matado um homem. Mais de metro e noventa de altura, barriga imensa, cento e cinquenta quilos de peso, Ivo fazia a barba de três em três dias. Tinha cabelos apenas na base do crânio, o que lhe dava uma careca enorme, redonda e brilhante. Usava os lábios pintados de um violeta agressivo. Também estava sempre com as unhas pintadas, paradoxais nas mãos grandes e peludas. Usava um vestido comprido (...) Era amado pelos moradores dos arrabaldes; uma vez por mês distribuía comida aos pobres; no inverno, cobertores e roupas. (...) A população o tolerava com sombria reserva<sup>266</sup>

Mesmo que esses homens não sejam gaúchos no sentido conceitual, ou em sentido algum além do estabelecido pelo gentílico, é sem dúvida uma ruptura no regionalismo literário gaúcho a inserção de personagens homens que se travestem de mulheres. Se por um lado o narrador admira o mundo viril e bravo dos gaúchos da têmpera de Juvêncio Gutierrez,

<sup>265</sup> RUAS, Tabajara. **Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 61

<sup>266</sup> Ibidem, p. 93-94

por outro esse mesmo narrador convive com a realidade radicalmente oposta aos brios da honra heterossexual: os homens habitantes do Rio Grande do Sul também são capazes de assumir trejeitos femininos, expõem-se desse modo publicamente, sem maiores conseqüências. São tolerados, encarados até com certa naturalidade como parte integrante da sociedade.

Um caso bastante específico é Dalila, travesti que trabalha em conjunto com Martha Rocha. Dalila é “um adolescente gordo, mulato, grande para a idade, rosto esbranquiçado de pó e maquilagem, peruca loura, cílios postiços”<sup>267</sup>. Quando o narrador, Bolão e Feito às Pressas chegam, na noite de sábado, à casa de Martha Rocha, são atendidos por Dalila:

Dalila morava com Martha Rocha e o ajudava no negócio de fretes, carregando farinha e carvão para as padarias e milho para o quartel.

– Querem ver quem?

– Martha Rocha – rugiu bolão. - Não gostamos de cu de negro.

Dalila fez um trejeito.

– Não vou tolerar desaforos na mina casa. Se querem ver o Martha Rocha vão ter que esperar sentados e bem quietinhos. Tem três na frente. Esta noite já passaram mais de dez e ele atendeu a todos com uma paciência! É uma santa criatura, não sei como pode agüentar as grosserias de vocês.<sup>268</sup>

Os adolescentes visitam a casa dos travestis. Os travestis não se sustentam apenas com o serviço sexual, mas também obtêm renda distribuindo produtos alimentícios para a padaria e os milicos. De certo modo, eles alimentam a cidade, uma bela ironia. No prosseguimento dessa cena, a trama associa o consumo de uma droga (lança-perfume) com a entrada no território proibido do homossexualismo.

Enfiei o nariz no lenço encharcado de éter e imediatamente percebi que a luz do quarto de Dalila era lilás, que rolava uma música em surdina e que iniciava a invadir meu cérebro, enchia meus vazios, que me deixava pesado e lento e ameaçava me sufocar e me amparei à porta, angustiado, vendo escuro e redondo, Dalila emergir de dentro da saia azul rodada, o pênis negro ereto, ajoelhar-se na frente de Feito às Pressas, imobilizado por Bolão, abrir a braguilha dele, puxá-lo de encontro à língua ávida. Saí do quarto, afundei na atmosfera vermelha da sala de Martha Rocha (...)  
269

O narrador não apóia ou faz qualquer apologia do homossexualismo, apenas apresenta uma versão de realidade na qual os jovens do final dos anos 1950 consomem lança-perfume e

<sup>267</sup> RUAS, Tabajara. **Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 88

<sup>268</sup> Ibidem, p. 88

<sup>269</sup> Ibidem, p. 90

visitam casas de travestis. Apresentar o comportamento sexual não convencional, associando-o ao consumo de um entorpecente, propõe um posicionamento onde o homossexualismo é tratado apenas como experiência entre adolescentes. Porém, a personagem de Bolão, amigo do narrador, desfaz essa perspectiva. Bolão “não gosta de cu de negro”<sup>270</sup>, e pede Martha Rocha, o travesti branco. Entretanto, estranhamente, Bolão também é macho, briga com os estudantes mais velhos no jogo de futebol, apanha, bate, sangra, bate novamente, briga na rua, fala alto, é grosseiro. Bolão é um rapaz seguro, tem as suas próprias experiências:

– Ele é virgem, Dalila, e tem uma guasca deste tamanho. Olha aí, até já tá duro.  
Feito às Pressas, trêmulo e nervoso, não conseguia esconder a ereção.  
Bolão empurrou a todos para dentro do quarto de Dalila  
– Aproveita, porra, aproveita – dizia no ouvido de Feito às Pressas – deixa de ser imbecil. Tu vai ver o que é bom.<sup>271</sup>

Ser valente, lutador, viril ou macho, são características atribuídas às personagens sem prejuízo das suas opções e experiências sexuais. Bolão dá a entender que sabe “o que é bom”, conhecendo o travesti Dalila a ponto de lhe falar com intimidade. É um rapaz “saudável”. Fala das meninas. E também gosta dos travestis. O narrador e seu irmão Vladimir concluem essa questão singelamente:

As sombras que roçavam o rosto de Vladimir, no Viscaya, me recordaram os peixinhos da sala de Martha Rocha  
– Tu nunca foste no Martha Rocha? - perguntei.  
Vladimir alisou uma sobra verde na testa.  
– Já. Quem não foi?  
– O Martha e Dalila eram uma espécie de mensageiros do tio Juvêncio. Eram eles que avisavam as putas quando ele chegava com contrabando.<sup>272</sup>

Dalila é a única personagem referenciada pelo narrador como negro. As duas únicas personagens índias na trama são a mulher do seu Domício, apenas citada, e Ifigênia, espécie de governanta da casa do narrador. A etnia das demais personagens é branca, lusitana, com as exceções de Mirta del Sol e Maidana, cujas diálogos, entremeados de palavras em castelhano/espanhol, sugerem origens hispânicas. A ausência da participação de negros e índios é um dos aspectos em que *Perseguição e cerco...* não inova, nem no sentido histórico, nem no literário, filiando a trama a uma visão da realidade onde a população rio-grandense é majoritariamente branca, onde mesmo os gaúchos (Maidana, Domício e Juvêncio) são

<sup>270</sup> RUAS, Tabajara. *Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 88

<sup>271</sup> Ibidem, p. 89

<sup>272</sup> Ibidem, p. 90

brancos, dentro do espírito mais conservador da recuperação histórica. A única índia participando da trama é uma senhora idosa; o único negro, um adolescente travesti. Lembramos muito aqui de Moysés Vellinho, para quem índios e negros nada diziam ao gaúcho rio-grandense, como se não existissem. Na trama de *Perseguição e cerco...*, essas etnias mais uma vez não comparecem para formar o gaúcho, ou pelo menos, o rio-grandense. E ocupam papéis menores, embora a velha Ifigênia surja na trama como uma espécie de oráculo, de pessoa sábia.

Duas situações da trama merecem atenção, pelas relações que podemos identificar a partir delas: a descrição da partida de futebol e a briga que ocorre na noite após a partida. No caso da partida, a final do campeonato, temos a seguinte perspectiva desde o princípio da sua descrição:

(...) Irmão Arno deu um passo adiante, cruzou as mãos na frente do corpo (...) e, sem elevar a voz, como se recitasse um texto monótono da aula de latim, discursou com o sotaque alemão:

– Os que vão jogar hoje têm uma responsabilidade especialmente grande, porque vão nos representar. Pensem nisso como uma honra. Hoje não vamos falar de tática, porque já falamos o suficiente sobre essas questões. Hoje o que importa é a luta. Vamos lutar por cada pedaço de chão. Por cada segundo com a bola. (...) Nem sempre ganhar significa o triunfo. Às vezes, quem perde ganha (...)<sup>273</sup>

Nós temos a associação entre a partida de futebol e a guerra. Apesar do tom monótono do discurso do irmão marista, ele manda seus comandados lutarem “por cada pedaço de chão”, lembrando que, às vezes, perder não significa deixar de ganhar. A personagem fala de uma partida de futebol, lembrando da Revolução Farroupilha nas entrelinhas. Ainda hoje ouvimos as pessoas mais críticas comentarem, em tom de brincadeira, que os gaúchos comemoram no dia vinte de setembro uma revolução derrotada, a guerra que o Rio Grande do Sul perdeu. A partida de futebol, sendo uma guerra, teve nos seus jogadores os soldados e guerreiros. Ironicamente, Bento é o nome do capitão do time adversário à equipe do narrador. Seria uma referência a Bento Manuel? Sim ou não, o fato é que a ação da partida é descrita como uma batalha campal,

Recordo o jogo como um mural de figuras patéticas, musculosas, retorcidas, esbravejando contra uma muralha intransponível. É uma imagem tola, mas aquele segundo tempo foi algo parecido: músculos,

<sup>273</sup> RUAS, Tabajara. *Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 44

suor, angústia e barro.<sup>274</sup>

E do ponto de vista do conflito social, das tensões sociais, a briga que ocorre na noite após a final do campeonato é emblemática. Bolão e Bento marcam a briga para o sábado a noite, na praça da cidade, a fim de acertarem contas das suas ofensas durante a partida de futebol. Na prática, a briga entre os jovens lembra muito um duelo. Eles se enfrentam de mãos limpas e Bolão leva a melhor. Quando Bento, caído no chão, começa a levar chutes de Bolão,

Um vulto intrometeu-se e empurrou Bolão com força.

– Pára seu covarde, não se chuta homem caído.

(...) Virou-se para o intruso com olhos incendiados (...) Bolão entendeu quem era o responsável pela interferência. Era o guarda-noturno encarregado de vigiar a Praça. Bolão arreganhou os dentes para ele, as mãos em garra:

– Seu filho da puta. A audácia desse pé-de-chinelo morto de fome se meter na minha vida. Tu não sabe com quem tá falando seu corno de merda. Meu pai é advogado e tu vai aprender a não se meter com gente que não é da tua laia.

Bento, pálido, arrumava a camisa para dentro das calças.

– Esse gordo tem razão. Quem é esse pé-de-chinelo pra se meter onde não é chamado? Vai te meter com as tuas negras lá no barraco onde tu mora, seu pé-rápado.<sup>275</sup>

Diante da interferência do guarda-noturno, os dois adversários que se enfrentam ferozmente se unem de súbito para espancar o intruso, que acaba sendo vítima de vários chutes enquanto está caído no chão, tentando inutilmente se defender, no prosseguimento desta cena. É uma extrapolação, mas nada nos impede de associar os dois rapazes a membros de uma mesma elite, que até pouco antes se enfrentavam em campo, para agora unirem-se novamente, contra um inimigo comum, uma interferência nas suas próprias lutas. O pobre recebeu o que merecia, de acordo com a visão das personagens, por se meter onde não era chamado.

Há também uma passagem de *Perseguição e cerco...* que lembra muito um trecho de *O gaúcho*. Independentemente de constituir um intertexto, ou não, a semelhança mostra o quanto a obra de Tabajara Ruas referencia a temática regionalista anterior. Também podemos verificar o quanto permanece idêntico o cenário para o qual os olhos de Juvêncio se voltam, na comparação entre as décadas de 1830 e 1950, períodos em que se desenvolvem ambas as tramas.

<sup>274</sup> RUAS, Tabajara. **Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 52

<sup>275</sup> Ibidem, p. 84-85

Mordendo o palheiro apagado, tio Juvêncio contemplava os casebres miseráveis da beira do rio e murmurava com amargo desprezo:  
– O pobrerio não tem culhão. Taí, manso, morrendo de fome.<sup>276</sup>

Embaixo, lá na margem do Ibicuí, viam-se cinco ou seis ranchos esparsos pela campina; alguns pertenciam à estância cuja casaria destacava-se no horizonte, em meio de um bosque de arvoredos frutíferos; outros, à gente pobre a quem o proprietário consentia habitar suas terras.<sup>277</sup>

Finalmente, completando nossa análise, em toda a obra registramos inúmeras referências intertextuais a outras obras literárias e artísticas. Além daquelas referenciadas explicitamente no texto, caso dos filmes e músicas norte-americanos, de livros de Hemingway e Orwell, há muitas outras espalhadas no subtexto. Um levantamento logo nos oferece a perspectiva da literatura gauchesca no horizonte do autor. Vemos no nome do delegado a inspiração do autor na obra de Domingos Faustino Sarmiento, *Facundo - Civilización y Barbarie - Vida de Juan Facundo Quiroga*. O nome do bar onde o narrador e seu irmão conversam, *Viscaya*, e um personagem apenas mencionado na primeira parte do livro, o gordo *Hernandez*, referenciam respectivamente Vizcaya, personagem de um velho metido a sábio e matreiro em *La vuelta de Martín Fierro*, escrito por José Hernández. A escolha dos nomes das personagens e dos locais, nesses casos, nada tem de coincidência – o autor quer mostrar-nos seu planejamento da obra a partir da literatura já existente, situando suas personagens dentro ou fora de certos universos de significados. A obra de Hernández, o poema épico do gaúcho, dos sextetos de *El Gaúcho Martín Fierro* e *La vuelta...*, exalta o gaúcho guerreiro, simples, habitante do campo, avesso às modernidades que lhe querem impor de cima para baixo, interferindo diretamente na sua vida. Já *Facundo – Civilización y Barbarie...* propõe exatamente a visão oposta, na qual o gaúcho é um inimigo da civilização, um representante do que é primitivo, do bárbaro. Propondo ao delegado o nome Facundo, situando o narrador como freguês do bar Viscaya, o autor define exatamente os universos aos quais as personagens pertencem: o delegado representa a visão do progresso, da cidade; o narrador e sua família são filiados à tradição que canta e exalta os feitos do gaúcho.

O autor manipula habilmente o uso do intertexto a partir dos nomes e situações propostas às personagens. Sabemos que o pai do narrador é comunista. Certamente o nome do irmão mais novo do narrador, Vladimir, refere-se a Vladimir Lênin, o primeiro líder soviético.

<sup>276</sup> RUAS, Tabajara. **Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 75

<sup>277</sup> ALENCAR, José de. **O gaúcho**. São Paulo: Ática, 1978. p. 74

Martha Rocha, o principal travesti da cidade, foi batizado com o nome da primeira Miss Brasil. Temos ainda Bento, personagem antagonista de Bolão, que embora possa ser considerada uma referência à personagem histórica de Bento Gonçalves, como intentam muitos autores, pais e mães batizam suas crias no Rio Grande do Sul, mais provavelmente é um dos tributos do autor a Erico Verissimo. Acreditamos mais nesse possibilidade, em função do campeonato de futebol ser conduzido por irmãos maristas, fanáticos pelo esporte em *Perseguição e cerco...*, tal como ocorre na trilogia *O tempo e o vento*, especificamente no primeiro volume de *O retrato*. A personagem do estudante Bento, nessa perspectiva, pode ser uma referência a Bento Amaral, principal antagonista do Capitão Rodrigo em *O continente*. A hipótese ganha credibilidade quando recordamos o contexto no qual a personagem de Bento surge na trama: o jogo de futebol narrado como uma guerra, e não uma guerra qualquer, mas uma que lembra muito a Revolução Farroupilha. A julgar que o narrador admira o Capitão Rodrigo, é bastante plausível o capitão do time adversário ser chamado de Bento em reforço da referência.

Podemos sintetizar a apresentação das personagens em *Perseguição e cerco...* no seguinte quadro:

	<b>Personagens</b>	<b>Características individuais</b>	<b>Características gerais</b>
<b>Pró-gaúchos</b>	Juvêncio	Viril, forte, valente, independente, despreza as autoridades, inteligente, fala francês, culto, desejado pelas mulheres, veste à gaúcha, monta a cavalo, marginal	Virilidade; Força; Valentia; Independência; Desprezo pelas autoridades; Contrabandista; Marginal;
	Maidana	Independente, despreza as autoridades, valente, veste à gaúcha, contrabandista, marginal	
	Domício	Contrabandista, monta a cavalo, veste à gaúcha, valente, marginal	
	Pedro/Don Pepe	Valente, despreza as autoridades, culto, marginal	
<b>Anti-gaúchos</b>	Facundo	Efeminado, delegado de polícia, fraco, covarde, dependente do Coronel, desprezado pelas mulheres, anda de carro, infeliz, ciumento	Feminino; Fraco; Covarde; Submisso; Desprezado; Age como mulher; É e/ou respeita as autoridades.
	Pai do narrador*	Fraco, desprezado pela mulher e pelos filhos, culto, politicamente isolado, mal-sucedido nos negócios, ciumento	
	Martha Rocha	Branco, efeminado, veste e age como mulher	
	Dalila	Negro, gordo, efeminado, veste e age como mulher	
	Coronel Fabrício	Velho, influente, manda-chuva político local, rico, seu neto se relaciona com Martha Rocha	
	Ivo	Branco, alto, forte, veste como mulher, age como homem (dono e leão-de-chácara do cabaré da cidade)	
<b>Mulheres</b>	Mãe do narrador	Forte, comanda e sustenta a família	
	Mirta del Sol	Prostituta, alcoólatra,	
	Ifigênia	Idosa, sábia, habilidosa na cozinha	
	Beatriz	Jovem, bonita, sensata	
	Esther	Solteira, emocionalmente fraca, chora muito	

## CONCLUSÃO

Dentro da proposta de identificarmos como se opera a construção da figura ficcional do gaúcho em *O gaúcho* e *Perseguição e cerco...*, acreditamos ter alcançado esse objetivo. A contextualização histórica e semântica situa o universo de significados atribuídos ao gaúcho, permitindo que a análise da construção da figura ficcional seja possível.

É importante nos voltarmos para uma obra como *O gaúcho* de Alencar, como quem se volta para uma foto de família muito, muito antiga. Precisamos ver as representações que estão em jogo no passado, para termos chance de compreender o que muda no nosso tempo. Nos últimos cinquenta anos esse é apenas o terceiro trabalho que se volta para essa perspectiva em relação a *O gaúcho*, de Alencar. Ainda há muito a ser estudado. Uma tipologia de gaúcho que incluísse essa obra no *corpus* de análise levaria, necessariamente, a mudanças na perspectiva da personagem feminina. Afinal, em *O gaúcho*, Catita é a única pessoa além de Canho a ser capaz de montar a égua Morena; a sua personagem leva o protagonista a toda espécie de quedas e desvios na trama. É um papel ativo e participativo da mulher, que coincide mais com as mulheres representadas por Erico Verissimo em *O tempo e o vento*, que com as mulheres do *corpus* da literatura regionalista gaúcha visto por Moreira. Por sua vez, a personagem de Manuel Canho, matriz da figura dos gaúchos na literatura regionalista, pode ser objeto de estudo comparativo com outras protagonistas de obras posteriores. Enfim, são inúmeras as possibilidades.

Entre *O gaúcho* e *Perseguição e cerco...*, há visivelmente uma grande diferença na paisagem habitada pelo gaúcho. Em Alencar, vemos a natureza indômita caracterizar e adjetivar o gaúcho. Cartas são entregues transportadas por cavaleiros. A comunicação é lenta, o ritmo daquele mundo é muito diferente, comparado à realidade representada mais de um século depois. No mundo que Tabajara Ruas coloca no papel, as comunicações chegam por rádio ou trem – embora também ainda cheguem a cavalo. O Rio Grande sai do isolamento e integra-se ao Brasil, ao Prata e ao mundo de outras formas além das guerras e do gado – através da cultura de massas, o cinema, a literatura, a música, o futebol; do trem que atravessa a fronteira e dos veículos que encurtam as distâncias; através da educação, algo inexistente nos tempos de Manuel Canho, mas valiosíssimo no mundo de Juvêncio Gutierrez, em que um gaúcho contrabandista e fora da lei fala e lê francês.

A figura ficcional permanece firmemente atada aos valores do heroísmo, da justiça, da valentia, da honra. O caráter de Manuel Canho e Juvêncio Gutierrez é o mesmo. Se eles enfrentam e matam outros homens, o fazem por defenderem seus princípios e não gratuitamente, menos ainda por maldade. O paradigma de Alencar está vivo na obra de Tabajara, assim como a Revolução Farroupilha permanece presente como referência histórica em ambas as obras – Manuel Canho vive a guerra de fato, o sobrinho de Juvêncio vive a guerra simbolicamente. Tanto Canho quanto Juvêncio vivem afastados de suas famílias durante as tramas, ambos vagam pelo território rio-grandense – embora, no caso de Juvêncio, seu deslocamento não signifique liberdade plena de movimento. O progresso da vida e a urbanização que acomete o gaúcho se faz sentir na trama de *Perseguição e cerco...*: Juvêncio não é um homem amalgamado à natureza, embora ainda esteja ligado a ela através do cavalo; Maidana é um gaúcho manco e sem cavalo, o gaúcho que anda a pé, aceita carona para se deslocar de carro. Nem monarca nem centauro, o gaúcho se torna apenas mais um homem. Se em Manuel Canho a virilidade está demonstrada através da luta e do confronto físico, em Juvêncio Gutierrez virilidade é confronto, afronta, mas também é a atração física exercida sobre as mulheres – uma forma de ligação com o mundo, com a realidade, que Manuel Canho dispensa sistematicamente, na sua idealização virginal. Em resumo, se Canho pode escolher, ao final da trama da sua narrativa, ir viver no deserto do pampa a glória de ser livre, a única liberdade possível para Juvêncio é a morte – porque a sua liberdade de gaúcho é interdita e ilegal.

Como o gaúcho pode ser fraco diante das mulheres? Essa é uma construção literária em *O gaúcho* que não corresponde ao registro histórico. Manuel Canho é patético diante das mulheres. Em *Perseguição e cerco...*, o registro da sexualidade do gaúcho está vinculado à força e à virilidade, não à fraqueza e à covardia. Dominar, impor-se sobre as mulheres é imprescindível para a caracterização do gaúcho Juvêncio Gutierrez. Talvez algum pesquisador consiga, futuramente, avaliar a possível influência da obra de Alencar na visão que o resto do país adquiriu do gaúcho. Manuel Canho, embora seja o primeiro representante literário da figura histórica do gaúcho e esteja baseado em um bom grau na realidade, é construído sobre uma série de idealizações de Alencar. Mesmo em fins do século XIX, os leitores de *O gaúcho* devem ter percebido claramente o horror que as mulheres despertavam em Manuel Canho, o apreço desmesurado dele pelos cavalos. Não seria absurdo considerarmos que as piadas sobre a sexualidade dos gaúchos tenham ganho impulso a partir dessa obra.

Entre uma obra e outra, vemos como muda a relação entre os homens e os cavalos. Em *O gaúcho*, cavalo e homem (ou égua e homem) são identificados como membros de uma mesma família, amalgamados na imagem do *centauro dos pampas*. Os cavalos desempenham função narrativa, participam da ação. Em *Perseguição e cerco...* isso muda bastante, mas não completamente. É sobre o lombo de um cavalo de Juvêncio que o narrador assiste pela primeira vez a uma partida de futebol; é sobre o cavalo que o narrador vê Juvêncio, nas suas recordações de infância. Mas a relação entre homem e cavalo já esmaece, através da personagem do rengo Maidana, o gaúcho a pé, e do próprio Juvêncio, que retorna a Uruguaiana pelo trem, e não a cavalo.

A realidade contemporânea pressiona fortemente a visão do gaúcho em *Perseguição e cerco...*, uma vez que ele não pode mais viver isolado, nem impunemente livre – sua atividade, mesmo a de contrabandista, precisa ser diversificada. Canho, filho de um gaúcho que se assentara na terra, já nasce peão e nada espera mais da vida. Nós não sabemos a circunstância do nascimento de Juvêncio e sua irmã, exceto que são órfãos, mas sabemos que Juvêncio escolhe se tornar um gaúcho contrabandista igual ao gaúcho dos primórdios. A decisão do homem em assumir essa identidade mostra que *ser gaúcho*, no século XX, é uma questão muito mais ideológica do que social. Já não se nasce gaúcho, torna-se gaúcho. E o gaúcho que Juvêncio escolhe tornar-se, aquele que vivia à margem da lei e da sociedade, o mais próximo possível das origens históricas, está longe daquele gaúcho tal Manuel Canho, peão, fixado à terra, servidor do seu coronel, humilde apesar de bravo, quase ingênuo. Também não é, por exemplo, o gaúcho paralisado das tradições do MTG, com a sua indumentária, músicas e esportes altamente normatizados, servidor fiel do governo constituído, peça decorativa dos desfiles da Semana Farroupilha, objeto de leis comemorativas.

Hoje nós vemos pessoas, como a personagem Juvêncio, adotando a figura do gaúcho como parâmetro de vida. Algumas fazem isso conscientemente – como quem frequenta os CTG's. Outras são ensinadas a fazer isso, como as crianças nas escolas, tanto faz se públicas ou privadas, da capital ou do interior. Mas muitas outras, ao que as evidências culturais indicam, realizam esse processo sem plena consciência. São as pessoas que lêem jornais, assistem televisão e estão expostas à mídia e à publicidade que falam sobre o gaúcho, recebem conteúdos que explicam quem são e o que fazem os gaúchos, diariamente. E as

peças desse último e numeroso grupo escolhem reproduzir, ou não, essas construções, identificarem-se ou não. E pelo visto muitas ainda se identificam, porque o processo permanece em plena atividade, como vimos analisando algumas peças publicitárias já referidas.

A distância entre a idéia de gaúcho contida em Juvêncio Gutierrez e a realidade contemporânea, é grande. Na época em que *Perseguição e cerco...* surge, essa época na qual o gaúcho é tratado como herói e ordeiro, leal e obediente, nos aparece essa figura dissonante que é a personagem Juvêncio. As dissonâncias desse protagonista, em relação aos sentidos vigentes para o gaúcho, nos indicam que está em curso um processo onde o *ser gaúcho* adquire novos significados. Não sabemos afirmar se é bom ou ruim que este processo se mantenha; o que podemos constatar é que o significado de *ser gaúcho* atravessa uma etapa de transformação onde a figura tradicional do homem do campo cede lugar a uma figura indefinida, ou multifacetada, que tanto pode ser o italiano, o alemão, o jovem bebedor de cerveja do bairro Bom-Fim, o negro, a mulher<sup>278</sup>. Antes da década de 1990, nunca uma figura feminina foi protagonista de uma história de gaúchos – o que ocorre com *Anahy de las misiones*. Também ocorre no romance de Letícia Wierchowsky, *A casa das sete mulheres*, mas não encontramos estudos acadêmicos a respeito desta obra. A academia do Rio Grande do Sul, para analisar a produção literária local, sofre do mesmo problema que Sodré vê na literatura regionalista gaúcha: um saudosismo mortal. É incapaz de ver e pensar o presente.

Se desde os anos 1960 o MTG insiste na figura do gaúcho da campanha, montado a cavalo, como aglutinador das “tradições” do Rio Grande do Sul, de alguns anos para cá a publicidade iniciou um movimento contrário, muito mais abrangente, qualificando de gaúchos a todas as pessoas e afastando desse discurso a imagem do homem solitário da campanha montado sobre o cavalo. *Ser gaúcho* deixa de exigir adesão a normas de indumentária e comportamento, se torna adesão pura e simples – ser colorado, gremista, gostar do pôr-do-sol de Porto Alegre, beber uma cerveja só consumida aqui, isso já se torna suficiente para alguém *ser gaúcho*. Nada mais anacrônico e raro, atualmente, que uma propaganda onde um cidadão completamente pilchado aparece falando grosso e vendendo algum produto, sua imagem está cada vez mais ausente da mídia, porque não ajuda a vender. Se ajudasse, estaria por toda a

<sup>278</sup> Os índios continuam apartados dessa composição, não são convidados a participar – não aparecem nas reportagens, nos filmes, no MTG, nas produções acadêmicas, em lugar algum. Talvez eles realmente não existam. Há uma foto de Paixão Côrtes ao lado de duas índias no caderno Cultura de *Zero Hora*, no qual pesquisamos. Índias paraguaias. Nós ignoramos, deliberadamente, a influência dos índios que habitaram e habitam o território do Rio Grande do Sul, na formação do gaúcho. Essa é uma lacuna que pede pesquisas há anos.

parte. A lógica do mercado, pelo menos nisso, é simples de entender. As fórmulas que apresentam sucesso, essas são repetidas – como as propagandas televisivas de GM e Banrisul. Aquelas que não alcançam resultados, são abandonadas. Já não assistimos, há muitos anos, gaúchos pilchados vendendo celulares. Não se tem notícia de grandes empresas empregando o gaúcho pilchado nos seus esforços publicitários. Esse é um campo que pede um estudo aprofundado, para verificarmos desde quando e com que profundidade ocorre essa tendência da desassociação da publicidade com a imagem do homem da campanha, que simultaneamente recicla os significados de ser “gaúcho”. A Polar, uma cerveja, se tornou a bebida dos gaúchos. As pessoas que bebem essa cerveja são gaúchos, hoje – quem bebe Polar está aderindo a uma identidade.

O processo não é uniforme, admitimos: enquanto o cinema e a publicidade apontam para o esmaecimento do gaúcho da campanha como símbolo unitário do Rio Grande do Sul, a imprensa parece passar em branco pelo processo, opta por reproduzir a figura oficialista do gaúcho, normatizada pelo MTG. Talvez questões ideológicas estejam por trás disso. Talvez seja o momento histórico da globalização a esmaecer a figura do gaúcho. Ou, quem sabe, a afirmação dos cidadãos urbanos e das mulheres como protagonistas de um cenário social que não é contemplado pela figura tradicional do homem da campanha – pode ser tudo isso, ou nada disso, o certo é que temos esse horizonte largo, esse campo imenso de investigação, esperando alguém que o percorra e o desenvolva.

Um livro como *Perseguição e cerco...*, que apresenta, incrustados no universo do gaúcho, homens vestidos de mulheres e mantendo relações sexuais com outros homens (estes vestidos de homens), é um poderoso indicador do quanto começou a mudar a forma de apresentar o regionalismo gaúcho e o gaúcho, a partir dos anos 1990. Seu narrador é um homem adulto, mas que narra a partir da personagem de si próprio adolescente; a história se desenvolve na cidade, ao invés do campo; o progresso econômico, científico e cultural está por toda a trama. Em nada lembra a literatura regionalista gaúcha tradicional, onde o narrador geralmente é um adulto o tempo todo, o espaço é o campo e há a sensação permanente de nostalgia do passado, dos velhos tempos. Ainda está para surgir, conforme apontou Hohlfeldt nas suas conclusões, o escritor de boa literatura que escreverá sobre o último peão do último rancho paupérrimo. Embora *Perseguição e cerco...* atualize a figura histórica primordial do gaúcho, ele ainda é retratado como um herói, um bravo, até mesmo um louco, mas honrado e adorado. Juvêncio é um contrabandista, um fora-da-lei, portanto um bandido. Mas um

bandido muito melhor que a autoridade, no caso o delegado Facundo, um bandido por quem somos forçados a sentir simpatia, graças ao maniqueísmo de uma trama onde o gaúcho é a representação de tudo que é bom e justo, enquanto a autoridade personifica o mal, a falta de liberdade. A literatura regionalista rio-grandense, se quiser atualizar seu repertório, precisa de um gaúcho realmente bandido, mal – um que seja rio-grandense e não estrangeiro, que possamos pensar como sendo um de nós. Um que se tornasse desleal, um gaúcho que ainda poderia ser monarca das coxilhas, talvez dirigindo um carro da General Motors ao invés de montar um árabe, mas um monarca, embora puxando mais para Ricardo III, que para qualquer outro monarca.

A literatura, com Alencar, lançou um paradigma de gaúcho que segue influente até hoje. Esse paradigma, porém, está esgotado. Tanto que Tabajara Ruas atualiza a figura com a cultura, a escolaridade, alguma ligação com o mundo social; inclui elementos históricos esquecidos, como a marginalidade, a ligação com o contrabando, o desprezo pela autoridade da figura histórica do gaúcho. Mesmo assim, mesmo atualizado, o gaúcho Juvêncio Gutierrez morre ao final trama, ele é o gaúcho morrendo, o paradigma morrendo. Solitário, honrado, contrabandista, arredio e oposto à autoridade, ele precisa morrer, uma personagem assim, se sobrevivesse, estaria em desacordo com o mundo desenhado na trama – moderno, cercado, bem delimitado, com forte presença do aparato policial do Estado. O bandido, contrabandista, isolacionista, um gaúcho assim não pode viver. A sociedade só aceita a idealização, a utopia separada da ação, um rengo Maidana, absorvido e vencido, saudosista. Para onde seguir? Como construir um gaúcho ao avesso? Isso fica a cargo dos escritores. Mas precisa ser feito. A literatura rio-grandense já tem o seu Capitão Rodrigo. Precisa agora de um antagonista à altura. O processo de superação do gaúcho está em andamento. Foi-se o tempo do homem solitário galopando pelo pampa imenso, carregando a faca e uma vida inteira na mala de garupa. Os tempos atuais pedem uma figura intrépida, sagaz, ardilosa, versátil, inteligente, fria, empreendedora – um capitalista, um bandido urbano, um político, um advogado, protagonistas diferentes do padrão homem/branco/português, que carregasse alguns caracteres inequívocos do gaúcho contrabandista de couro e gado (a coragem, o gosto pelo desafio, o mate), mas abandonasse outros (a honra, o respeito, a honestidade, o antagonismo contra a autoridade), dando prosseguimento ao caminho aberto por *Perseguição e cerco...* A figura ficcional do gaúcho precisa mesmo é de um herdeiro, um descendente. Alguma personagem que seja diferente do gaúcho, mas ainda um pouco como ele, uma personagem que acrescente algo mais que apenas galopar sobre o pampa, para lá e para cá, sem legar absolutamente nada.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **O gaúcho**. São Paulo: Ática, 1978. 176 p.

ALBECHE, Daysi Lange. **Imagens do gaúcho: história e mitificação**. Porto Alegre : EDIPUCRS, 1996

ASSUNÇÃO, Fernando O. **Pilchas criollas: usos y costumbres del gaucho**. Montevideo: Master Fer, 1979. 423 p.

BARCELLOS, Rubens de. **Estudos rio-grandenses: motivos de História e literatura**. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1960.

BORTONCELLO, Cleber. (2007) “Um legado que sobrevive”. **Zero Hora**, p. 29, 15 de julho.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 37. ed. São Paulo : Cultrix, 1994. p. 134-135.

BRASIL. Rio Grande do Sul. Lei Ordinária nº 8.813/89, de 10 de janeiro de 1989. **Diário Oficial [do] Estado do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, RS, 11 jan. 1989. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br>>. Acesso em: 29 dez. 2007. Ver anexo B.

BRASIL. Rio Grande do Sul. Lei Ordinária nº 12.372/05, de 16 de novembro de 2005. **Diário Oficial [do] Estado do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, RS, 17 nov. 2005. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br>>. Acesso em: 29 dez. 2007. Ver anexo C.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.

CHAVES, Flávio Loureiro. **Simões Lopes Neto: regionalismo & literatura**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. 240 p. (Série Documenta, 12).

CARPEAUX, Otto Maria. **Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira**. Rio de Janeiro : Ed. de Ouro, 1968. p. 97-102

CÔRTEZ, João Carlos D'Ávila Paixão. (2007) "Causos apaixonantes". **Zero Hora**, Cultura, p. 8, 7 de julho.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1995. 650 p.

FLORES, Moacyr. **Historiografia**: estudos. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1989. 94 p.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen de; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A figura do gaúcho e a identidade cultural latino-americana. **Educação**. Porto Alegre - RS, ano XXVII, n. 2 (53), p. 263-281. 2004.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. **Matrero, guerreiro e peão campeiro**: aspectos da construção literária do gaúcho. In: ENCONTRO DE FRONTEIRAS CULTURAIS, 2003, Pelotas. Anais do I Encontro de Fronteiras Culturais. Pelotas: Oikos, 2003. p. 33-38.

GUTFREIND, Ieda. **A historiografia rio-grandense**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

HELENA, Lucia. **A solidão tropical**: o Brasil de Alencar e da modernidade. Porto Alegre: Edipucrs, 2006

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 316 p.

HOHLFELDT, Antonio. **O gaúcho**: ficção e realidade. Rio de Janeiro: Edições Antares. 1982.

<http://groups.google.com.br/group/alertaapovo/msg/4c5df0f7c85d4298> - De que adianta ser tradicionalista se no rio grande o governo for paulista.

IGREJA METODISTA CENTRAL. **Boletim informativo**. Porto Alegre, n. 1.863, 30 de setembro de 2007

KÜHN, Fábio. **Breve história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.

LARA, Elizabeth Rizzato. **A desideologização do gaúcho na obra de Cyro Martins**. Letras de Hoje, n.73, 1988 Porto Alegre. p. 17-25

LODGE, David. **A forma na ficção**: guia de métodos analíticos e terminologia. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS. Porto Alegre, v. 2, n. 1, 1996.

MAROBIN, Luiz. **Painéis da literatura gaúcha**. São Leopoldo : Ed. UNISINOS, 1995. 366 p.

MENDONÇA, Renato. (2007) "De modelo a toda Terra". **Zero Hora**, Cultura, p. 4-5, 7 de julho.

\_\_\_\_\_. (2007) "Em Mostardas, seu passado o espera". **Zero Hora**, Cultura, p. 6-7, 7 de julho.

MEYER, Augusto. **Prosa dos pagos**: 1941-1959. Rio de Janeiro: São José, 1960. 334 p.

MOREIRA, Maria Eunice. **Regionalismo gaúcho**: um estudo tipológico. Porto Alegre, 1979. 210 f.

MORENO, Cláudio. "O mito do gaúcho". Segundo Caderno. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 18 de setembro de 2007.

MOURA, Paulo Gabriel Martins de. **A identidade cultural do gaúcho como abordagem persuasiva do marketing eleitoral de Olívio Dutra em 1998**. Porto Alegre, 2005. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - PUCRS, Fac. de Comunicação Social, 2005. 214 f.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO. **Regulamento campeiro**. Porto Alegre, [2007]. Carta de Princípios. 5 p.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO. **Regulamento Artístico do Estado do Rio Grande do Sul – MTG/RS**. Porto Alegre, [2007]. 15 p.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO. **Regulamento campeiro**. Porto Alegre, [2007]. 10 p.

NICHOLS, Madaline Wallis. **O gaúcho**. Rio de Janeiro: Z. Valverde, 1946. 232 p.\

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 2006. 228 p.

PERKINS, David. **História da literatura e narração**. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS. Porto Alegre, v. 3, n. 1, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. In: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Número 6 - 2006, disponível em 05 de dezembro de 2006 em <http://nuevomundo.revues.org/document1560.html>.

\_\_\_\_\_. **História do Rio Grande do Sul**. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002. 141 p.

\_\_\_\_\_. Gaúcho: mito e história. In: **Letras de hoje**. Porto Alegre, v.24, n. 3, setembro de 1989. p. 55-63

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M.. **Dicionário de narratologia**. 4. ed. Coimbra: Almedina, 1994. 459 p

REVERBEL, Carlos. **O gaúcho**. Porto Alegre : L&PM, 2002 [1986]

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução de: Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papyrus, 1997. 3v.

ROSSINI, Miriam de Souza. Cinema gaúcho: construção de história e de identidades. In: **1º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho**. Porto Alegre. Florianópolis : Redealcar, 2003. CD-ROM.

RUAS, Tabajara. **Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. 128 p.

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo**: civilización y barbarie en la república Argentina. Madrid: Ed. América, [1950?]. 360 p.

SCHNEIDER, Eduardo de Nonohay. **Telefónica vs. Telet**: agenda-setting através da publicidade. Porto Alegre, 2000. 138 f.

SCHUH, Cátia Inês. Polar No Export - o bairrismo como argumento de vendas. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 27, 2004. Porto Alegre. Anais. São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM. <http://hdl.handle.net/1904/17459>

SILVA, Juremir Machado da. (2007) "Homenagem ao ministro". **Correio do Povo**, p. 4, 27 de julho.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. **O espírito da cavalaria e suas representações midiáticas**. Ijuí: UNIJUÍ, 2003. 256 p.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Ser gaúcho/a, escola e Vinte de Setembro. In: **Seminário Internacional de Reestruturação Curricular**. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 2000. p. 277-287.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1976

IEL. Tabajara Ruas. **Autores Gaúchos**. IEL: Porto Alegre, n. 27. 1989. 24 p. : il.

TARIFA deve ser reajustada em até 11%. **Vale Paraibano**, João Pessoa, 17 jun. 2000.  
Disponível em: <<http://jornal.valeparaibano.com.br/2000/06/17/neco/tele.html>>. Acesso em: 15 ago. 2007

TESCHE, Otto. (2007) "Escolas terão aulas de tiro de laço". **Correio do Povo**, p. 14, 8 de julho.

VELLINHO, Moysés. **Fronteira**. Porto Alegre: Globo, 1975. 244 p.

WHITE, Hayden. **Meta-história: A imaginação histórica do século XIX**. Tradução de: José Laurêncio de Melo. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. 456 p. (Coleção Ponta, 4).

\_\_\_\_\_. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. Tradução de: Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. 310 p. (Ensaio de Cultura, 6).

ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto: 1992. 216p.

\_\_\_\_\_. **História e Literatura no Rio Grande do Sul**. In: Cultura e Identidade Regional. Coleção Memória das Letras, 18. 1992.

\_\_\_\_\_. **Literatura gaúcha: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre : L&PM, 1985. 131 p.

ZISMANN, Tatiana. **A construção de uma referência de identidade nacional para o Rio Grande do Sul nos discursos crítico-literário e historiográfico de Moysés Vellinho**. 2006. 127 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

**ANEXOS**

A - Documentos MTG, página de internet

# MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO



# MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO

PÁGINA INICIAL

MTG

O QUE É MTG  
SIMBOLOGIA  
DIRETORIA  
HISTÓRIA DO MTG  
DOCUMENTOS  
CARTÃO TRADICIONALISTA  
CALENDÁRIO ANUAL  
RTs E ENTIDADES  
DEPARTAMENTOS  
FILIAÇÃO  
CARTA DE PRINCÍPIOS  
GRUPO DOS 8

HISTÓRIA RS

TRADICIONALISMO

FOLCLORE

CURSOS

EVENTOS

SEMANA FARROUPILHA

FUNDAÇÃO CULTURAL

REGULAMENTOS DO MTG

RODEIOS

EDITORIAIS

TEXTOS DIVERSOS

FOTOS

ORCAV

NOTÍCIAS

PROSEANDO

LINKS

LOJA DO MTG

CONTATO

## MTG >> DOCUMENTOS

Clique sobre os arquivos para baixá-los para seu computador.

### DOCUMENTOS

Estatuto  
Regulamento Geral  
Carta de Princípios  
Regulamento Concurso Prendas  
Regulamento Concurso Peões  
Regulamento ENART  
Regimento Interno dos Narradores  
Regulamento Campeiro do RS  
Regulamento de Esportes do RS (Tava, Truco, Tatarfe, Bocha Campeira e Solo)  
Regulamento de Esportes do RS (Alterações 70ª Convenção)  
Regulamento de Artístico do RS  
Regulamento da FECARS  
Estatuto de Piquete  
Regimento do Departamento de Piquetes  
Código de Ética  
Termo de Adesão Voluntária de Instrutores e Posteiros (modelo de contrato)  
Cerimonial e Protocolo  
Medalha Barbosa Lessa  
Diretrizes para as Encilhas  
FIAC - Fundo de Incentivo às Atividades Culturais  
Contrato para Conjuntos Musicais  
Modelo de Regimento Interno de Piquete Dependente  
Questionário a ser aplicado nos avaliadores campeiros de rodeio  
Cat - Certificado de Adequação Técnica  
Ficha para Inscrição de Narradores

[topo](#)

### ESTATUTO

Estatuto Padrão para Entidades  
Estatuto Padrão para as RTs

[topo](#)

### PORTARIAS 2007

Portaria CONCURSO DE PRENDA E PEÕES - 2007/ 2008  
Portaria 09/2007 (comissão concurso peão farroupilha)  
Portaria 08/2007  
Portaria 07/2007  
Portaria 05/2007 (comissão análise recursos)  
Portaria 04/2007 (transferência de sede)  
Portaria 02/2007  
Portaria 01/2007

| Para ver as PORTARIAS 2006, clique aqui |

[topo](#)

#### RESOLUÇÕES

03/2006 - Prestação de contas das RTs  
01/2006 - Lista Destaques Tradicionalistas  
01/2005 - Doação de Órgãos  
02/2005 - Regulamento ENART  
04/2005 - Trófeu Maior Pontuação do ENART  
05/2005 - Alteração no Regulamento Campeiro

[topo](#)

#### LEIS E DECRETOS

Lei Nº 12.567 - Altera a Lei nº 11.719  
Lei Nº 12.422 - Oficializa a Semana Farroupilha  
Decreto Nº 44.448 - Organiza e orienta a programação da Semana Farroupilha  
Lei das Danças Tradicionais  
Lei da Pilcha  
Lei dos Rodeios  
Lei do Churrasco e do Chimarrão  
Lei da Semana Farroupilha  
Lei do Gaúcho  
Lei do dia do Cavalo  
Lei da Erva Mate  
Lei do Trabalho Voluntário  
Lei do Cavalo Crioulo  
Lei do Quero-Quero

[topo](#)

#### MOVIMENTO . . TRADICIONALISTA . . GAÚCHO - MTG - RS

Rua Guilherme Schell, 60 | Porto Alegre | RS | Fone: (51) 3223-5194

Todos os direitos reservados. Proibida reprodução total ou parcial sem autorização prévia.

B – Lei Ordinária 8.813/89 do Estado do Rio Grande do Sul



## Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul

### Resultado da Pesquisa - Sistema LEGIS

**Norma:** LEI 8.813

**Data:** 10/01/1989

**Links:** [Texto Integral](#)

**Proposição:** PL 301/1988

**Ementa:** OFICIALIZA COMO TRAJE DE HONRA E DE USO PREFERENCIAL NO RIO GRANDE DO SUL, PARA AMBOS OS SEXOS, A INDUMENTARIA DENOMINADA "PILCHA GAUCHA".

**Fonte:** D-O 08 DE 11/01/89 P-1

**Termos:** PILCHA GAUCHA. . TRAJE DE HONRA. OFICIALIZACAO.



## Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul Sistema LEGIS - Texto da Norma



### LEI: 8.813

LEI Nº 8.813, DE 10 DE JANEIRO DE 1989.

Oficializa como traje de honra e de uso preferencial no Rio Grande do Sul, para ambos os sexos, a indumentária denominada "PILCHA GAÚCHA".

DEPUTADO ALGIR LORENZON, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul.

Faço saber, em cumprimento ao disposto no § 5º do artigo 37 da Constituição do Estado, que a Assembléia Legislativa decretou e eu promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º - É oficializado como traje de honra e de uso preferencial no Rio Grande do Sul, para ambos os sexos, a indumentária denominada "PILCHA GAÚCHA".

Parágrafo único - Será considerada "Pilcha Gaúcha" somente aquela que, com autenticidade, reproduza com elegância, a sobriedade da nossa indumentária histórica, conforme os ditames e as diretrizes traçadas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Art. 2º - A "Pilcha Gaúcha" poderá substituir o traje convencional em todos os atos oficiais, públicos ou privados, realizados no Rio Grande do Sul.

Art. 3º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO, em Porto Alegre, 10 de janeiro de 1989.

C – Lei Ordinária 12.372/05 do Estado do Rio Grande do Sul



## Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul

### Resultado da Pesquisa - Sistema LEGIS

**Norma:** LEI 12.372

**Data:** 16/11/2005

**Links:** [Texto Integral](#)

**Proposição:** PL 189/2005

**Ementa:** RECONHECE COMO INTEGRANTES DO PATRIMONIO CULTURAL IMATERIAL DO ESTADO, AS DANCAS TRADICIONAIS GAUCHAS E RESPECTIVAS MUSICAS E LETRAS.

**Fonte:** D-O 217 DE 17/11/05 P-1

**Termos:** MUSICA GAUCHESCA. DANCA GAUCHA. . . PATRIMONIO CULTURAL. DECLARACAO..



**Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul**  
**Sistema LEGIS - Texto da Norma**



**LEI: 12.372**

**LEI Nº 12.372, DE 16 DE NOVEMBRO DE 2005.**

**Reconhece como integrantes do patrimônio cultural imaterial do Estado, as danças tradicionais gaúchas e respectivas músicas e letras.**

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.

Faço saber, em cumprimento ao disposto no artigo 82, inciso IV, da Constituição do Estado, que a Assembléia Legislativa aprovou e eu sanciono e promulgo a Lei seguinte:

Art. 1º - Ficam reconhecidas como integrantes do patrimônio cultural imaterial do Estado do Rio Grande do Sul as danças tradicionais gaúchas e respectivas letras e músicas.

Parágrafo único - São danças tradicionais gaúchas o Anu, o Balaio, a Cana Verde, o Caranguejo, o Chico Sapateado ou Chiquinho, a Chimarrita, a Chimarrita Balão, o Chote Carreirinho, o Chote de Sete Voltas, o Chote de Duas Damas, o Chote de Quatro Passi, o Chote Inglês, a Havaneira Marcada, o Maçanico, a Meia Canha (polca de relação), o Pau de Fitas, o Pezinho, a Queromana, a Rancheira de Carreirinha, o Rilo, a Roseira, o Sarrabalho, o Tatu, o Tatu de Volta no Meio e a Tirana do Lenço.

Art. 2º - As músicas, as letras e as coreografias das danças tradicionais gaúchas estão definidas nas obras publicadas e adotadas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho - MTG.

Art. 3º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

PALÁCIO PIRATINI, em Porto Alegre, 16 de novembro de 2005.

**FIM DO DOCUMENTO.**

D – Boletim da Igreja Metodista Central de Porto Alegre



# *Igreja Metodista Central* *Porto Alegre/RS*



Cor Litúrgica - Verde: Perseverança

Boletim Informativo – Nº 1863 – 30 de Setembro de 2007

## Alma Gaudéria

*Rui Cardoso Nunes*

...Sou mescla de vários sangues! Dos temidos Caingangues  
sinto a fibra em minha raça! Destas coxilhas sou filho,  
cruza de branco caudilho com ameríndia lindaça!

Fui Charrua e Minuano! Enfrentei o lusitano  
nos campos de Caiboaté! Na região missioneira,  
iluminei a fronteira nas guerrilhas de Sepé!

Fui guerreiro, andei lutando... Surgi mil vezes peleando,  
mil vezes tombei na guerra, eternizando na história,  
numa legenda de glória, as tribos de minha Terra!

Marquei, com sangue estrangeiro, deste Torrão Brasileiro  
as fronteiras que ele tem! E nelas, qual marco vivo,  
deixei meu sangue nativo, as demarcando também!

E se alguém, num dia aziago, quiser tomar este pago,  
ser das coxilhas monarca, há de sentir pelo lombo,  
no impacto de cada tombo, que nossa Terra tem marca!...

*“Celebrando a nova vida em Cristo: fé, compromisso e desafio”*

## **CULTO CRIOULO – 30.09.2007**

*Para o amigo e irmão que chega este rancho não tem tramela...*

**Prelúdio...** Entrada de alguns símbolos da Fé cristã e na nossa Tradição.

**Hinos:** Brasileiro e do Rio Grande do Sul.

***ORAÇÃO NO ALTAR*** - Oração do Pai Nosso (todos)

► Acolhida - Sr. Antonio Augusto Fagundes - (Nico Fagundes )

**Adoração:**

\*Expressões de adoração: Sr. Nei Machado / Rubens Cardoso.

### **Confissão**

📖 Leitura Bíblica: Salmo 139.23-24 – Pr. Roberval Trindade

**Momentos de Oração Silenciosa** -TOQUE DA GAITA- Mauricio Cainelli

Declaração de Perdão –

#### **Louvor**

\* **Ofertório** – Gratidão e Louvor.

\*Participação Invernada Artística: Mescla de Guapos da Sogipa.

\*Expressões de Gratidão... Canto/Verso e Prosa.

Sr. Rubens Cardoso / Sr. Maurício Cainelli e Juliana C. Almeida.

♪ **Cânticos Comunitário**

**Edificação**

**Mensagem Pastor:** Roberval Trindade

♪ **Cânticos Comunitário:**

#### **CREDO APOSTÓLICO:**

Creio em Deus Pai, todo-poderoso, criador do céu e da terra, em Jesus Cristo, seu Unigênito Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido, por obra do Espírito Santo, nasceu da virgem Maria, padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, ao terceiro dia ressurgiu dos morto, subiu ao Céu e esta a direita de Deus Pai, todo-poderoso, de onde há de vir , para julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo, na Santa Igreja de Cristo, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição do corpo e na vida eterna. Amém.

***Benção Apostólica***

***Abraço da Paz bem apertado...***

E – Escolas terão aulas de tiro ao laço, reportagem de Correio do Povo

# Escolas terão aulas de tiro de laço

## Iniciativa do prefeito de Jacuizinho envolverá alunos de nove estabelecimentos da rede municipal

**Otto Tesche**  
Um novo instrumento passará a fazer parte ainda neste mês do dia-a-dia dos alunos das nove escolas municipais de Jacuizinho, na região do Alto Jacuí. A Secretaria de Educação colocará em cada estabelecimento de ensino uma vaca parada para a iniciação à prática do tiro de laço. O material será de madeira, com aproximadamente 80 centímetros de comprimento, 60 centímetros de altura, aspas, pernas e testeira, dificultando, assim, que o laço caia para o pescoço. O prefeito Antônio Gilson de Brum teve a ideia ao participar de uma festa campeira na cidade de Gravataí. Ele explica que esta será uma forma de resgatar as tradições gaúchas, inserindo no enfoque das atividades da área de educação. O prefeito afirma que o município foi um dos primeiros na região a realizar os torneios de laço.

A montagem das nove vacas paradas começou no início de junho na propriedade de Nerone Antunes Vieira, em Serra dos Engenheiros, a 15 quilô-

metros da cidade. Ele criou os modelos com madeira de angico e eucalipto. O marceneiro participa dos torneios de laçadores durante as festas campeiras. De acordo com o secretário municipal de Educação, João Osvaldo Has Dimm, o único custo para a execução do projeto é com a confecção dos instrumentos, ao valor de R\$ 20,00 cada.

Os pequenos laçadores vão aprender as técnicas para acertar a armada na vaca de madeira durante os períodos de recreio e nas aulas de



Marceneiro do interior confeccionou as vacas paradas

LUZIA HELFER / GAZETA DO SUL / ESPECIAL / CP

Educação Física. O secretário e até mesmo o prefeito, que participam de torneios de tiro de laço, vão auxiliar nas orientações aos alunos, com o apoio da equipe da Secretaria de Educação.

O secretário explica que durante a Semana Farroupilha haverá um torneio entre as escolas. As provas serão divididas em duas categorias. Uma delas reunirá crianças de 1º a 4ª séries e a outra da 5ª a 8ª séries. O projeto prevê ainda atividades com música e danças gaúchas com os alunos durante as festividades comemorativas.

BENTO GONÇALVES

## Viva Bento prevê revitalização da Via del Vino

Um amplo plano coordenado pelo Centro da Indústria e Comércio (CIC) de Bento Gonçalves, envolve 20 entidades do município para promover o crescimento e o desenvolvimento da cidade para os próximos 20 anos. A iniciativa, denominada Viva Bento, prevê a revitalização da Via del Vino, além de mudanças em vias centrais e a qualificação do comerciante e comerciário.

As ações estão sendo coordenadas pelos comerciantes Rogério Valduga e Jamirto Benazzi. Criada em 1989, a Via del Vino está situada na rua Marechal Deodoro, no trecho entre as ruas Saldanha Maranhão e Júlio de Castilhos. Inicialmente, o espaço retratava

uma típica vila italiana, com coreto, chafariz, palco, casas de artesanato, produtos coloniais e restaurante. Hoje, passados quase 20 anos, o local não mantém as características

originais, restando poucas opções, entre elas, o chafariz em frente à prefeitura, que jorra uma imitação de vinho para a alegria dos poucos turistas que passam pelo Centro.

Conforme Jamirto Benazzi, não há como retirar a Via del Vino do centro da cidade. No entanto, o espaço passará por estudo técnico, que apontará mudanças, permitindo acesso com maior facilidade. Benazzi explica que pesquisa feita pela Universidade de Caxias do Sul, apontou que a população simpatiza com o local. Com a iniciativa, o Via del Vino deverá ganhar o coreto, a casa do artesanato e locais para apresentações artísticas e vendas de produtos coloniais.



Espaço foi criado em 1989, na rua Marechal Deodoro

FABIANO MAZZOTTI / ESPECIAL / CP

## GRAMADO Reformulação muda paisagem no Centro

As obras de reformulação da Avenida Borges de Medeiros, com faixa subterrânea e recuperação asfáltica, está mudando o cenário no centro de Gramado, mas os transtornos irritam moradores e turistas. Segundo o secretário Municipal de Planejamento, Vonet Benetti, "a ideia inicial era apenas fazer um reaparelamento, mas devido às obras das redes subterrâneas, foi necessário um trabalho mais aprofundado". A obra prevê investimentos de R\$ 3,5 milhões. Os postes dos canteiros centrais serão substituídos por novos e recuados. A Borges terá nova iluminação pública e cenográfica para a vegetação. Também serão im-

PASSO FUNDO

## Cavalo de catador tem atendimento gratuito

Um estudo dos alunos da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Passo Fundo (UPF)

financeiras dos catadores, faz com que os animais sofram doenças e desnutrição, observam os alunos.

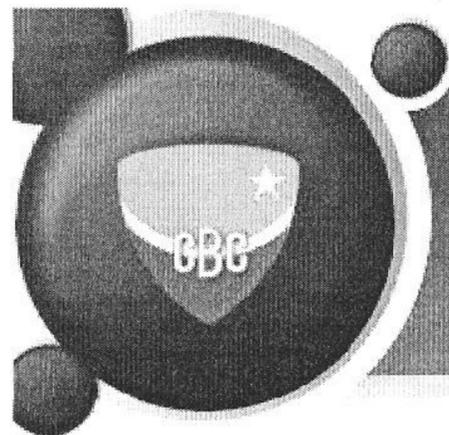
Desde 2006, mais de 200 cavalos foram atendidos e tratados gratuitamente pelos estudantes. Os acadêmicos fizeram levantamento sobre o estado físico e sanitário de 106 equinos de tração. O estudo revela que 91,5% não recebiam alimento necessário para o tipo de trabalho exigido, apenas 11,3% eram vacinados e 15% recebiam controle de parasitas. Levantamento com 84 famílias apontou que 87% delas usam a carroça como única fonte de renda. Dessas, apenas 11% possuem renda mensal superior a um salário mínimo.



Alunos constataram que 90% dos animais são mal alimentados

JAIQUES HICKMANN / ESPECIAL / CP

F – Escolas particulares e registros de festas juninas



**Mais que aprendido,  
uma educação  
para a Vida.**

**Matrículas abertas  
2008**

**Clique aqui  
e faça a sua!**

Bom Conselho  
Estrutura  
Educação Infantil  
Ensino Fundamental  
Ensino Médio  
Extracurricular  
Comunidade  
Serviços  
Projetos  
Notícias  
**Agenda**  
Matrículas  
Transporte Escolar  
Biblioteca Online

## Agenda



07/07/2007

### Quermesse Solidária

#### "QUERMESSE 2007: 102 ANOS CONSTRUINDO A SOLIDARIEDADE"

O Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho é uma escola confessional cristã, católica, com o carisma e a filosofia franciscana, comprometida com os valores evangélicos e com a prática de São Francisco e de Madre Madalena. Por isso, dentro do processo educativo, propõe e desafia à prática da

solidariedade, pois acredita numa sociedade onde vigoram os valores da fraternidade, da entre-ajuda e da liberdade responsável.

**A quermesse beneficente tem este espírito: auxiliar no resgate da dignidade das pessoas excluídas e desamparadas.**

***Obrigada pela sua participação!***

**Em breve mais informações e fotos do evento!**

### CBC Online

Login   
Senha   
Aluno

### ✉ Fale Conosco

Rua Ramiro Barcelos, 996  
Porto Alegre-RS  
Fone: (51) 3311.0522

[Veja todos eventos arquivados](#)

[Voltar](#)

[Topo](#)

2005 © Colégio Bom Conselho, Todos os direitos reservados.  
Design [Studio On](#)  
Programação [ADD](#)



# Festa Junina (320 imagens)

Data: 29/06/2007

Clique em uma imagem para ver um modo de exibição maior.





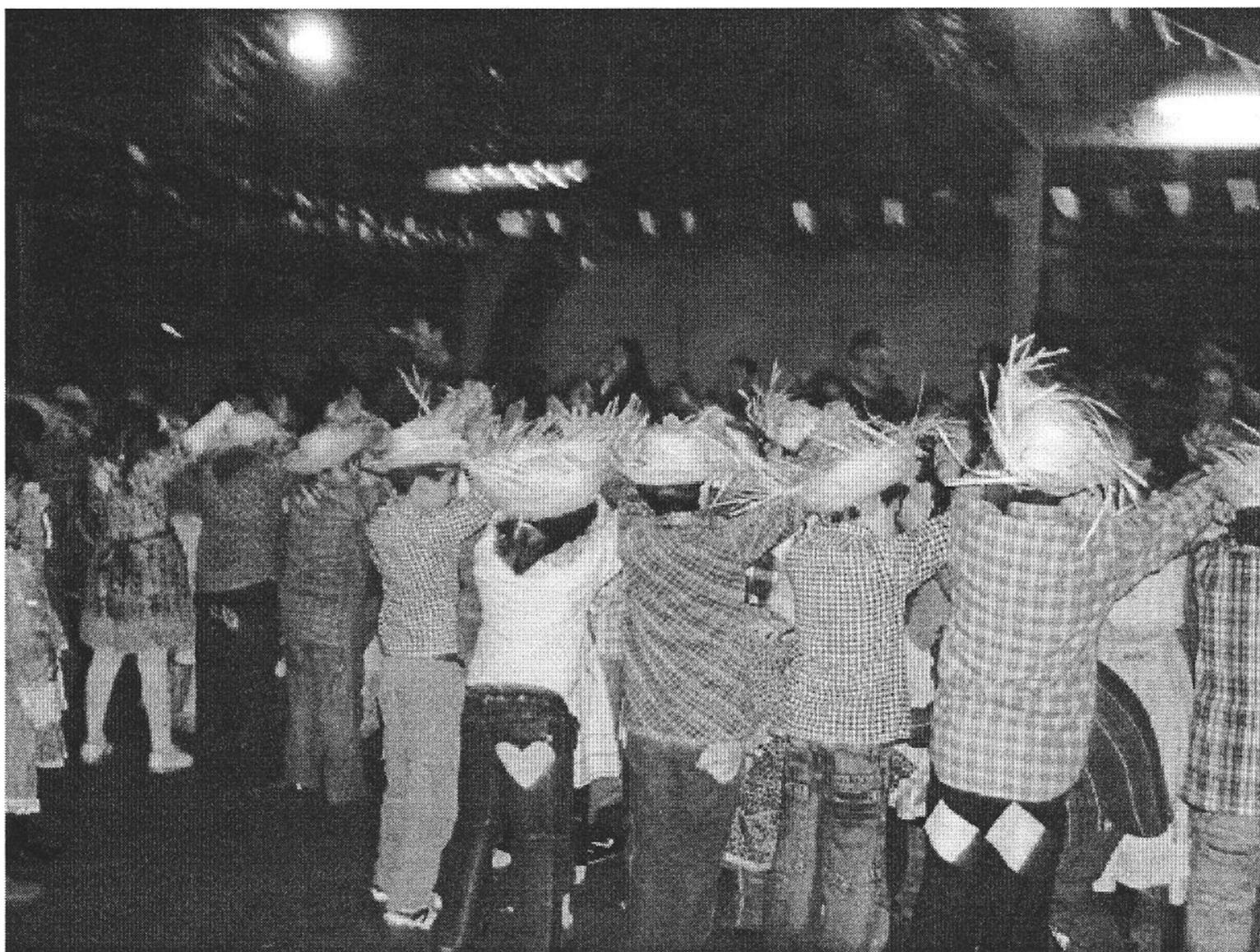
## Festa Junina -- dsc04239.jpg

[Primeiro](#) | [Imagem anterior](#) | [PrÃ³xima imagem](#) | [Ãšltimo](#) | [Miniaturas](#)



## Festa Junina -- dsc04390.jpg

[Primeiro](#) | [Imagem anterior](#) | [Próxima imagem](#) | [Último](#) | [Miniaturas](#)





pesquisar...

meucolégioAnchieta

29/10/2007 - Segunda-feira

Seja bem-vindo ao site do Colégio Anchieta

Home

- ▼ Colégio
- ▼ Proposta Pedagógica
- ▼ Níveis de Ensino
- ▼ Atividades Complementares
- ▼ Projetos
- ▼ Responsabilidade Social
- ▼ Serviços Online
- ▼ Associações
- ▼ Novidades
- ▼ Fale Conosco

 Biblioteca

 Show Musical Anchieta

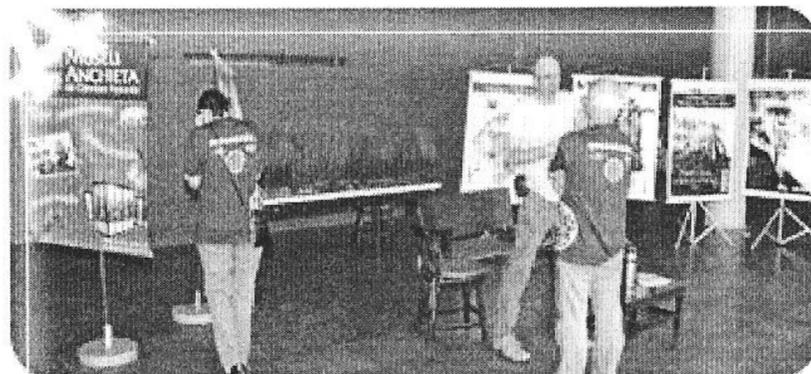
 Igreja da Ressurreição

## Notícias

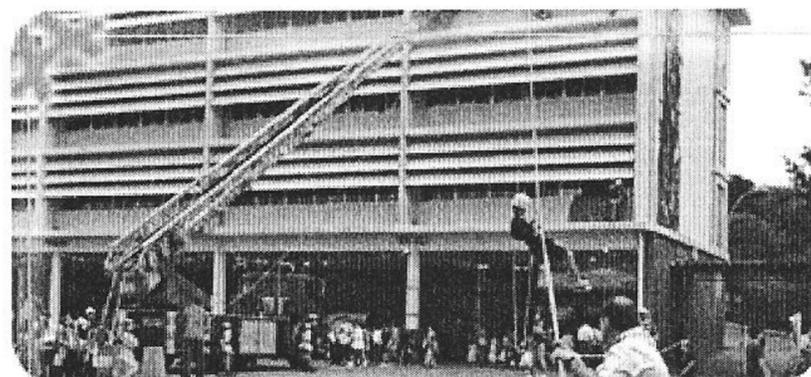
### Festa Junina do Colégio Anchieta ganha versão Carbon Free



A tradicional Festa Junina do Colégio Anchieta que aconteceu no sábado, 23 de junho, no pátio da Escola trouxe uma novidade neste ano. Além de diversão e convívio, a festa foi marcada por uma filosofia especial de conscientização quanto à questão do meio-ambiente. Utilizando-se do conceito Carbon Free, a Associação de Pais e Mestres (APM) calculou a quantidade de gases poluentes que foi sendo produzida durante a atividade e distribuiu aos participantes a quantidade de mudas de árvores necessárias para neutralizar os efeitos desses gases na atmosfera. Esse conceito já vem sendo utilizado nos grandes eventos pelo país e visa gradativamente conscientizar as pessoas sobre os danos causados ao meio-ambiente em todos os tipos de atividades que realizamos.



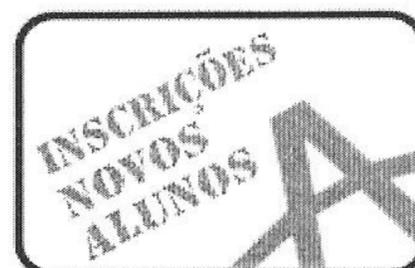
O evento, organizado pela APM com apoio da Direção do Colégio, teve até uma cadeia estilizada e, além dos clássicos como a pescaria, a galera se divertiu sob a orientação do Corpo de Bombeiros de Porto Alegre que posicionou a escada magirus até o terceiro andar do prédio central para que os alunos subissem por ela e descessem por uma corda com uma roldana! Claro que a novidade agradou, rendendo longas filas de espera para o grande momento.



## Calendário Escolar

OUTUBRO  
2007

D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			



[voltar](#)

[Colégio](#)[Aluno](#)[Família](#)

### Álbum de Fotos

#### Festa Junina da Educação Infantil

As turmas da Educação Infantil, manhã e tarde, divertiram-se na Festa Junina feita especialmente para eles no dia 25 de junho. Nas fotos, eles aparecem no pátio dos pequenos, onde participaram de diversas brincadeiras. Confira

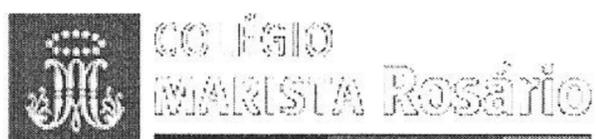


16-22 de 22 fotos

◀ [1] 2 ▶

[◀ Voltar](#)

Copyright © 2004 Maristas - Todos os Direitos Reservados



[Colégio](#)

[Aluno](#)

[Família](#)

[Educador](#)

[Fale conosco](#)

Álbum de Fotos

**Festa Junina**

A Festa Junina do Rosário aconteceu no sábado, dia 16 de junho. Muitas atrações, comidas típicas e quentão animaram os presentes. Confira as fotos da festança



80-96 de 236 fotos

◀ [1] [2] [3] [4] [5] 6 [7] [8] [9] [10] [11] [12] [13] [14]  
[15] ▶

◀ Voltar

[Agenda](#)



[Fotos](#)



[Esporte](#)



[Biblioteca](#)



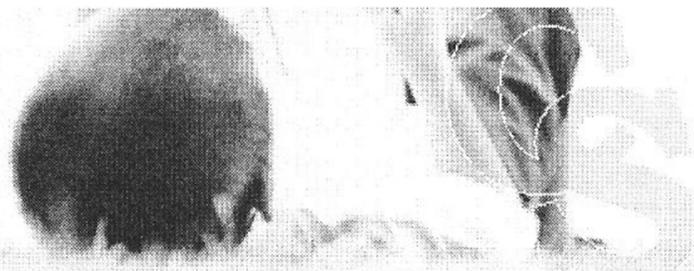


# Portal do Colégio Sévigné

[Skip to content](#)



**COLÉGIO SÉVIGNÉ**



<a href="#">Institucional</a>	<a href="#">Etapas de Ensino</a>	<a href="#">Noticias</a>	<a href="#">Agenda</a>	<a href="#">Álbum de fotos</a>
<a href="#">Ferramentas</a>	<a href="#">Mapa por categorias</a>			

- [Home](#)
- [Voltar](#)
- [Contato](#)

You are here:

[Principal](#) [Albums](#) [Público](#) [Eventos](#) [Festa Junina 2007](#)

## Login

Usuário ou endereço de e-mail: \*

Senha: \*

Login

[Criar nova conta no site](#)  
[Solicitar uma nova senha](#)

Acesse o



**Portal do Aluno**

## Alunos em Destaque

[Lucas Oliveira, Gabriel Palma, Ludmila Fonseca, Ulisses Carrilho e Rayssa Moreira são premiados pelo Kasuka Atletas nota dez! João Vitor, Rodrigo, Vilmar e Luis Guilherme](#)  
[Juliana Pires representa o Brasil em torneio de tênis](#)

[mais](#)

## Pesquisar


Rua Duque de Caxias, 1475  
Centro - Porto Alegre - RS  
CEP 90010-283  
[www.sevigne.edu.br](http://www.sevigne.edu.br)  
Fone/FAX: 3225-7499 / 3226-8655  
e-mail: [geral@sevigne.g12.br](mailto:geral@sevigne.g12.br)



Conheça o ISES

# Festa Junina 2007

[ver](#) [slideshow](#)

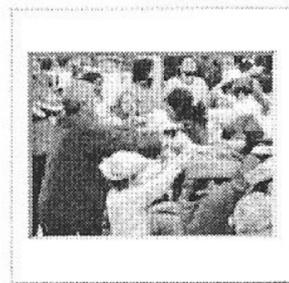
1 2 3 4 5 6 7 8 9 ... [próxima >](#) [última >>](#)



P6300184



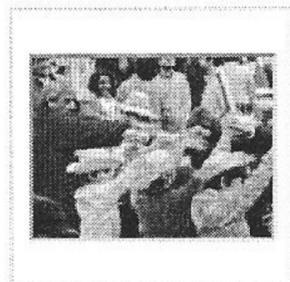
P6300183



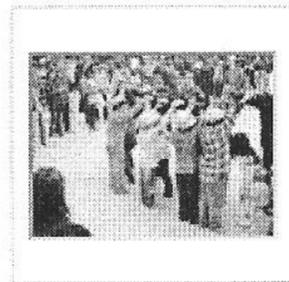
P6300182



P6300181



P6300180



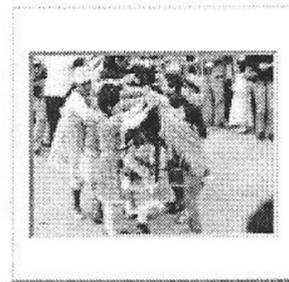
P6300179



P6300178



P6300177



P6300176



P6300175



P6300174



P6300173

**Álbum de fotos da Festa Junina Sévigné 2007!**

# Portal do Colégio Sévigné

[Skip to content](#)



## COLÉGIO SÉVIGNÉ

[Institucional](#)

[Etapas de Ensino](#)

[Notícias](#)

[Agenda](#)

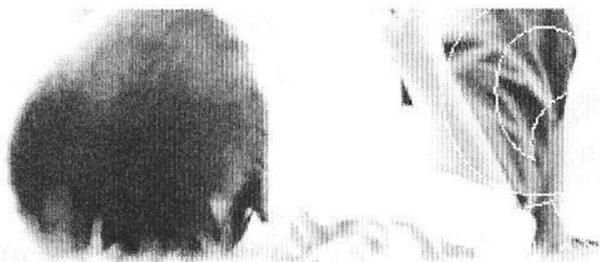
[Álbum de fotos](#)

[Ferramentas](#)

[Mapa por categorias](#)



### Informações sobre matrícula



You are here:

[Principal](#) [Albums](#) [Público](#) [Eventos](#) [Festa Junina 2007](#)

### Login

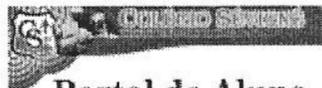
Usuário ou endereço de e-mail: \*

Senha: \*

[Criar nova conta no site](#)

[Solicitar uma nova senha](#)

Acesse o



Portal do Aluno

### Alunos em Destaque

[Lucas Oliveira, Gabriel Palma, Ludmila](#)

[Fonseca, Ulisses Carrilho e Rayssa](#)

[Moreira são premiados pelo Kasuka](#)

[Atletas nota dez! João Vitor, Rodrigo,](#)

[Vilmar e Luis Guilherme](#)

[Juliana Pires representa o Brasil em torneio](#)

[de tênis](#)

[mais](#)

### Pesquisar



Rua Duque de Caxias, 1475

Centro - Porto Alegre - RS

CEP 90010-283

[www.sevigne.edu.br](http://www.sevigne.edu.br)

Fone/FAX: 3225-7499 / 3226-8655

e-mail: [geral@sevigne.g12.br](mailto:geral@sevigne.g12.br)



Conheça o ISES

## Festa Junina 2007



P6300183



Visite o portal do ISES

G – Caderno Cultura de Zero Hora sobre Paixão Côrtes

PORTO ALEGRE

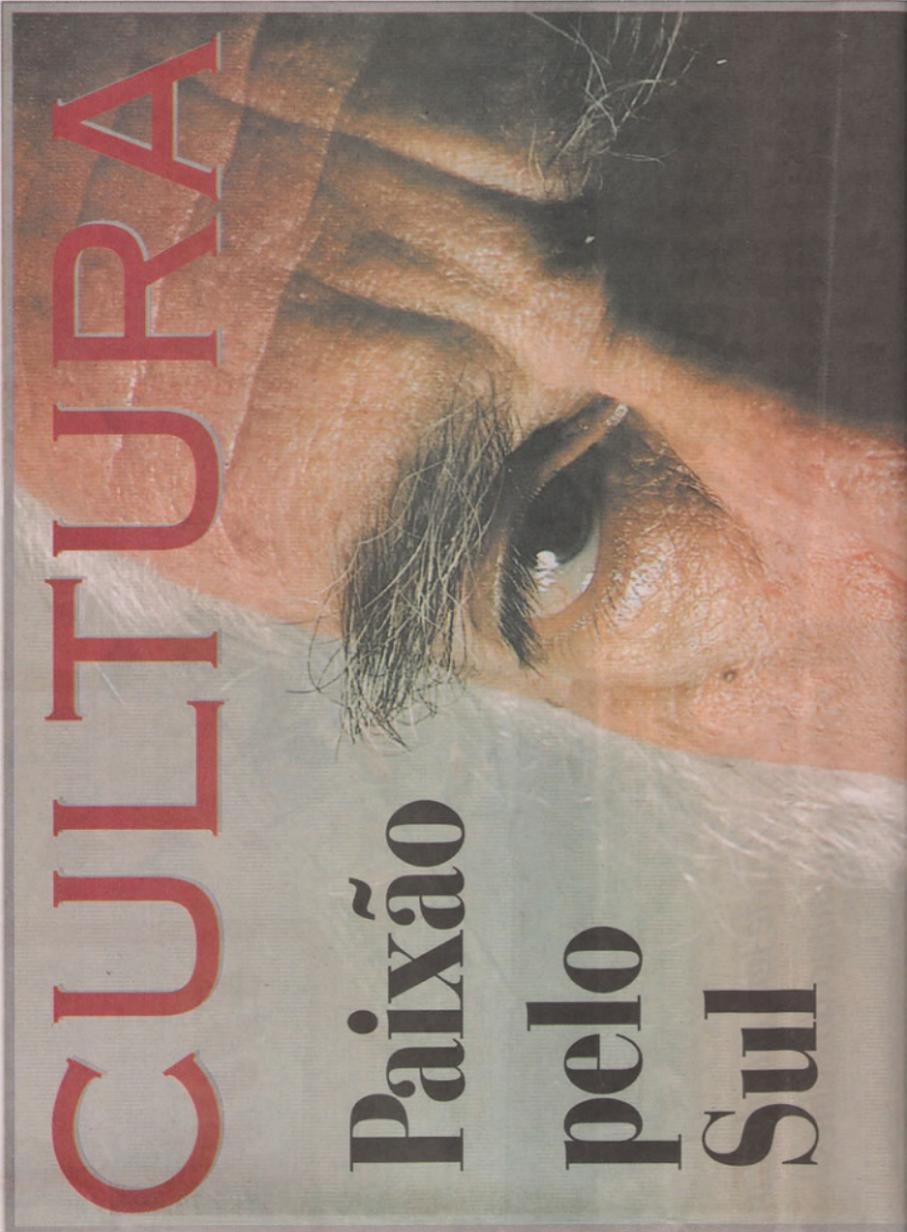
ZERO HORA

SÁBADO, 7 DE JULHO DE 2007

RICARDO DUARTE

# CULTURA

**Paixão  
pelo  
Sul**



# Sul

*Paixão Côrtes comemora 80 anos na próxima quinta-feira. O folclorista gaúcho, célebre por ter servido de modelo para O Laçador, imagem que saúda todos aqueles que chegam a Porto Alegre, tornou-se ele próprio uma figura meio mítica. Depois de anos de aventuras pelo interior do Rio Grande, ao lado de Barbosa Lessa, recolhendo e fixando danças típicas, trajes campeiros e causos diversos, Paixão é reverenciado como expressão sincera da cultura tradicionalista*





Paixão Côrtes registra em seu gravador de rolo informações sobre a Dança dos Facões. O ano é 1957 e o local é o CTG Paixão Côrtes, em Cavias do Sul

Em 1962, Paixão Côrtes (E) foi premiado no teatro Municipal do Rio por ter lançado o melhor elefante folclórico daquele ano. Ao lado dele, Príngüinha

gente simples cantar e contar coisas.

Mais façanhas que servem de exemplo. Em 1º de maio de 1955, criou o programa *Grande Rodão Coriçaga*, uma espécie de *Fantástico* da época, que por anos parava boa parte do Estado entre 20h e 21h de domingo. Em 1948, foi um dos organizadores do primeiro Centro de Tradições Gaúchas, o 35 CTG. Em 1956, publicou, ao lado de Lessa, o *Manual de Danças Gaúchas*, revivendo o balalaio, o xote e a rancheira. Em 1958, liderando o grupo de música e dança Os Gaudérios, se aranchou no Olympia, de Paris, entre outros teatros da Europa. Nos anos 70, gravou elepês que tiveram reconhecimento nacional, popularizando ritmos que provocaram nós nos dedos do virtuose Baden Powell (*leia mais na continuação deste caderno*).

A maior façanha de Paixão Côrtes, entretanto, ele a faz em si mesmo. A poucos dias de se tornar octogênio, cabelo, suíças e bigodes brancos, ele não perde o prazer da peleia, do chiste e da independência.

— Uma noite dessas, foram me homenagear em uma loja maçônica. Olhei para um amigo que estava me elogiando, e observei que o nó do laço que ele trazia no pescoço tinha sido inventado por mim há 60 anos. Ele ficou com os olhos marejados. *Vê só: já deram mil nomes para aquele nó, já disseram até que ele é o nó da lança que se usava na Guerra dos Farrapos.*

Para quem gosta de coincidências, o apartamento em que Paixão mora com sua mulher, Marina, está atualmente em reformas. O único aposento que sobrevive às demãos de pintura e reboco é o escritório do folclorista.

nos um repertório de três ou quatro músicas, hoje elas são milhares. Me preocupo com o que ainda não fiz, e não com o que fiz.

Nesta última frase, parece estar comido um ressenhimento de Paixão, que o próprio não confessa. Ele prefere arriscar alguma teoria:

— Os tradicionalistas de hoje se preocupam em regular a vivência na tradição, tem uma ação normativa, às vezes, inclusive, sem fundamento. Isso é importante, mas falta a preocupação em progredir, em avançar a pesquisa. Claro que é indispensável combater modismos, mas não adianta se contentar em definir o que pode e o que não pode, mas encontrar as razões disso.

Paixão, que preenche sua agenda atualmente com cursos que ministra no Paraguai, Paraná, Santa Catarina e raríssimas vezes no Rio Grande do Sul, diz que nunca foi chamado pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) para opinar em nada. Mas, logo em seguida, Paixão conta mais uma de suas histórias e, sem querer, ensina como se deve lidar com a amargura. Ele diz que, no final dos anos 1940, ele e Barbosa Lessa foram experimentar a tal de Coca-Cola num bar do Centro de Porto Alegre. No primeiro gole, o xarope mais conhecido do mundo tinha gosto mais amargo que chamarrão. Paixão não hesitou: cobocou apertar e beber.

Com outra piada, ele sugere qual seria a melhor homenagem que poderia receber nos seus 80 anos: — Querem me homenagear? Então me dêem trabalho. Editem meus livros.



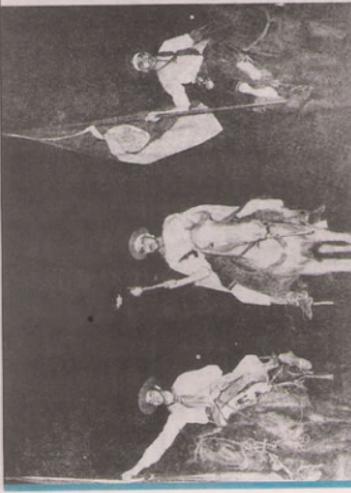
Em 1958, durante a temporada que passou em Paris, Paixão (de chapéu) e Zé Gomes (E) participaram de programa na televisão francesa



Depois da liberalização do Concilio Vaticano 2, Paixão viajou a Belo Horizonte para ensinar folclore a padres e freiras. O ano é 1959



Barbosa Lessa fotografou Paixão Côrtes ao lado de duas índias, durante pesquisa nas Missões paraquaias



Em setembro de 1948, o primeiro piquete de cavalheiros do 35 CTG sai às ruas de Porto Alegre para conduzir a Chama Crioula. Paixão Côrtes (D) está acompanhado de José Laerte Vieira Simch (E) e de Antônio Cândido da Silva Neto (C)



Paixão Côrtes registra em seu gravador de rolo

# De modelo a todo

RENATO MENDONÇA

— Hoje em dia, todo mundo quer ser *O Lacaíder*. Quem afirma tem autoridade para tal. É João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes, que nos anos 1940 serviu de modelo para que o escultor polonês Antônio Carini (1905 – 1981) criasse a estátua d'*O Lacaíder*.

Não foi essa a única façanha de Paixão Côrtes. Em 5 de setembro de 1947, ao lado de sete colegas do Colégio Júlio de Castilhos, o santanense goloupor pelas ruas de Porto Alegre portando a Chama Crioula e acendendo a auto-estíma e a tradição gaúchas, que estavam sob ataque dos modismos norte-americanos pós-II Guerra Mundial. Outras batalhas vieram: aliado com o amigo Barbosa Lessa (1929 – 2002), Paixão pesquisou e regis- trou jetos, sapateios, músicas, danças, roupas, gráias e histórias para recuperar o modo de ser gaúcho. Ao lado de Lessa, garimpou folclore na América Latina, às vezes se alimentando apenas de água, bolachas e idealismo. Sozinho, armado de um gravador de rolo, depois casse- te, no início apenas da memória, perambulou por bolicinhos, biraços e grotesos do Interior gaúcho, ouvindo gente simples cantar e contar coisas.

Mais façanhas que servem de exemplo. Em 1º de maio de 1955, criou o programa *Grande Rodado Corrigido*, uma espécie de *Fantástico* da época, que por anos parava boa parte do Estado entre 20h e 21h de domingo. Em 1948, foi um dos organizadores do primeiro Centro de Tradições Gaúchas, o 35 CTG. Em 1956, publicou, ao lado de Lessa, o *Manual de Danças Gaúchas*, revivendo o balado, o xote e a ranchêira. Em 1958, liderando o grupo de música e dança Os Gaudérios, se arranchou no Olympia, de Paris, entre outros teatros da Europa. Nos anos 70, gravou elepês que tiveram reconhecimento nacional, populari- zando ritmos até associarmos nós nos dedos do virtuosos

*O fofo* *quim* *de vi* *sim!*  
E que, nisso, ele não muda. Espalhadas pelo sofá e pela mesa, anotações que darão estofo ao próximo livro de Paixão, uma publicação de 558 páginas que virá com- plementar o *Manual de Danças Gaúchas* com mais 80 temas coreográficos.

Em volta de Paixão, está a prova de que ainda há muito trabalho a ser feito, e que, aparentemente, as par- tuntas estão escasseando. Em sacos plásticos, e em uma série de caixas de papel, resistem centenas de gravações, em fitas de rolo e cassetes, à espera de serem digitaliza- das e sistematizadas.

— Sempre viajei e coletei material às minhas expen- sas (*Paixão foi funcionário da Secretaria da Agricultura do Estado*) e com a ajuda de amigos. Só no ano passado, tive enfim o meu primeiro livro publicado com o apoio do governo do Estado.

Paixão se orgulha de ter caminhado junto com o re- nascimento da tradição gaúcha. Lembra que o piquete começou com oito pessoas e que agora existem mais de 4 milhões de pessoas ligadas ao movimento.

— Nos anos 40, não havia nem sequer churrascurias, agora elas funcionam até nos Estados Unidos. Tinhamos um repertório de três ou quatro músicas, hoje elas são milhares. Me preocupo com o que ainda não fiz, e não com o que fiz.

Nesta última frase, parece estar comido um resseni- mento de Paixão, o que o próprio não confessa. Ele prefe- re arriscar alguma teoria:

— Os tradicionalistas de hoje se preocupam em re- gular a vivência na tradição, tem uma ação normativa, às vezes, inclusive, sem fundamento. Isso é importan- te, mas falta a preocupação em progredir, em avançar a pesquisa. Claro que é indispensável combater modis- mos, mas não adianta se contentar em definir o que po- de e o que não pode, mas sim, combater as razões disso.

cas, hoje elas  
já não fíz, e

um ressen-  
sa. Ele prefé-

apam em re-  
o normativa,  
é importan-  
em avançar  
bater modis-  
o que po-  
es disso.

lmente com  
Santa Cata-  
Sal, diz que  
adiconalista  
logo em se-  
órias e, sem  
margura. Ele  
sa Lessa fo-  
bar do Cen-  
arope mais  
xopo que chi-  
e bebem.  
a melhor ho-  
anos

em trabalho.



FOTOS ARQUIVO PESSOAL

na mão a Chama Crioula e reinvair uma  
tradução esquecida. Mas, no dia 31 de  
março de 2007, ele confessa que não sa-  
be bem o que sentiu.

Este dia marcou a transferência da es-  
tátua *O Leãoador* para a frente do termi-  
nal 2 do Aeroporto Salgado Filho, distante uns 600 me-  
tros do pedestal original, na entrada da cidade, onde a  
estátua repousava desde 1958, resistindo a depredações  
e até a impactos de caminhões desgovernados. Paixão  
Córtes, que há mais de 50 anos servira de modelo pa-  
ra que o escultor Antônio Cártes criasse *O Leãoador*, foi  
convidado especial do evento. Mas as homenagens que  
mais tocaram o faldorista começaram antes da cerimô-  
nia, quando ele foi visitar o pedestal ainda vazio.

— Os trabalhadores na obra me reconheceram e  
cercaram. Diziam “O *Leãoador* está aqui” e me abraçavam,  
choravam compulsivamente, se ajoelhavam. Senti uma  
coisa esquisita, parecia que eu era um santo.

Houve quem sugerisse que Paixão subisse ao pedestal  
e simulasse a pose original. Não precisou falar duas vezes.  
O modelo, entretanto, confessa que sentiu algo estranho,  
como se fosse passageiro de uma viagem incômoda:

— Me lembrei direitinho de estar lá em casa, e o Cártes  
desenhando. E era aquilo: os aviões passando por cima, o  
pessoal buzinaando, os trabalhadores gritando. A esquer-  
da, o verde do gramado do aeroporto. Ao fundo, a cidade.  
Do lado, Guatiba. Não deu jeito, o corpo velho não agüen-  
tou. No dia seguinte, baixei hospital com hipertensão.



Imagem de  
Paixão feita  
pelo fotógrafo  
Stoma  
Breitman,  
em 1954,  
época em que  
o folclorista  
posou para  
“O Leãoador”



Paixão Córtes não sabe precisar se em 1980 ou em 1981, mas a foto registra a última vez que ele encontrou o escultor Antônio Cártes, em Pelotas

MEMÓRIA

# toda Terra

*O folclorista santanense Paixão Côrtes completa 80 anos na próxima quinta-feira. Em entrevista para o Cultura, ele revisa sua trajetória de vida e de pesquisa — um percurso que chegou a consagrá-lo como símbolo identitário; personagem-síntese do tradicionalismo gaúcho*

sofá e pela  
no livro de  
vira com-  
em mais 80

e ainda há  
nte, as par-  
e em uma  
e gravações,  
a digitaliza-

has expen-  
Agricultura  
no passado,  
om o apoio

com o re-  
e o piquete  
em mais de

irrascarias,  
Tinha-  
mas, hoje elas  
a não fiz, e

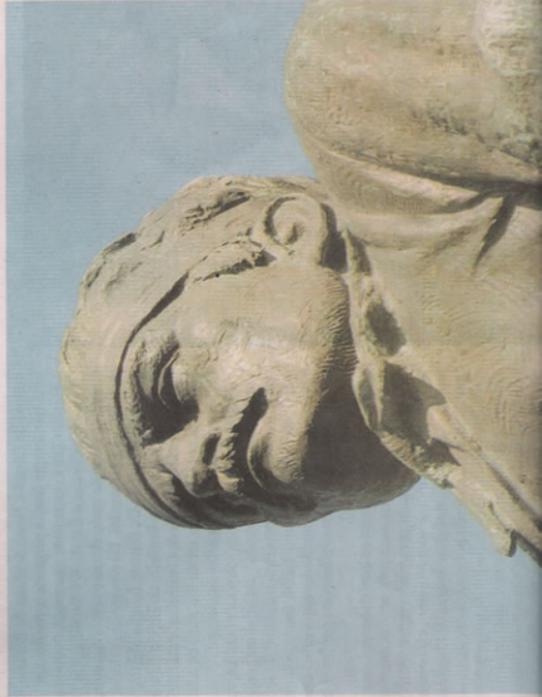
m ressen-  
a. Ele prefé-

am em re-  
normativa,  
é importan-  
em avançar  
ater modis-  
ir o que po-  
disso.



Flagrante do auditório da Fátima Gaúcha, em 1958, mostrando Paixão Côrtes (D) e concorrentes de um festival de Termos de Reis

ADRIANA FRANCIOSI, 80 — 9/8/2004



## Uma escultura em carne e osso

Paixão Côrtes achava que já tinha sentido tudo. O encantamento de sapatear no palco do Teatro Olympia, em Paris. O prazer solitário de descobrir uma dança ou canto na voz de um gaúcho desconhecido. O orgulho de cavalgar levando na mão a Chama Cronia e reavivar uma tradição esquecida. Mas, no dia 31 de março de 2007, ele confessou que não sabe bem o que sentiu.

Este dia marcou a transferência da estátua *O Laçador* para a frente do terminal 2 do Aeroporto Salgado Filho, distante uns 600 metros do pedestal original, na entrada da cidade, onde a estátua reponsava desde 1958, resistindo a depredações e até a impactos de caminhões desgovernados. Paixão Côrtes, que há mais de 50 anos servira de modelo para que o escultor Antônio Carrigi criasse *O Laçador*, foi convidado especial do evento. Mas as homenagens que

SIOMA BREITMAN, DIVULGAÇÃO



Imagem de Paixão feita pelo fotógrafo Sioma Breitman, em 1954, época em que

e *Twist and Shout*, mas mantinha como carro-chefe a canção *Bandeira do Divino* (composta por Ivan Lins e Vitor Martins em 1978).

Quando o cortejo chegou ao local da batalha, centenas de pessoas estavam ansiosas para ver o desenrolar de uma luta que religiosamente termina com a vitória dos cristãos. Nos extremos de uma área gramada semelhan-te a um campo de futebol, duas equipes de 12 cavaleiros, uma de azul, cristã, tendo por símbolo a estrela, outra vermelha, moura, com a meia-lua de insígnia. Nos 40 minutos seguintes, as duas tropas se batiam em lutas a cavalo coreografiadas, usando espadas e pistolas, dis-putando a atenção com os espiares, três palhaços a cavalo que servem tanto para demarcar a posição do público quanto para distraí-lo enquanto os cavaleiros se prepa-ram para novas arremetidas. No microfone, sua uma voz conhecida, agora em tom professoral. É o doutor Públio, que narra as novidades no front moura-cristão usando sua experiência como radialista entre os anos 50 e 80:

— Essa é uma cerimônia que acontece bem antes da descoberta do continente de São Pedro do Rio Grande do Sul. Reparem que a disputa é entre o castelo, que fica no Norte, e a cruz, que fica no Sul. É a guerra pela cate-quesse, a salvação pela cruz.



Os palhaços Espiares usam humor para conter o público



Festa do Divino Espírito em Mostardas e Iavarias, nova rituais da colonização açouana

## MEMÓRIA

# Em Mostardas, seu passado o espera

ZH acompanhou Paixão Côrtes na Festa do Divino Espírito Santo, cerimônia que, há quase 40 anos, ele registrou em suas pesquisas

TEXTO DE RENATO MEMBRÇA  
FOTOS DE EMÍLIO PEDROSO

Em 26 de maio, o caderno Cultura esteve por 12 horas ao lado de Paixão Côrtes. No dia anterior, o folclorista de 80 anos estava excitado como uma criança. Passaria o final de semana em Mostardas, como convidado especial da Festa do Divino Espírito Santo. Paixão tinha seus motivos: a viagem representaria uma volta de quase 40 anos em sua vida. Em 1970, de máquina fotográfica e filmadora em punho, foi em Mostardas que ele registrou as chamadas Promessas de Ensaio à Nossa Senhora do Rosário. Uma volta traz sempre junto a pergunta: o que mudou?

Paixão Côrtes certamente não mudou. Quando a reportagem alcançou o Galpão Sol Nascente, em Mostardas, no início da tarde, ele era o centro das atenções de todos os interessados. De repente, fogueirão: era a fanfara da Escola Dr. Dinarte Silveira Martins que chegava para escoltar a Bandeira do Divino até o local onde ocorreria a Corrida de Cavalhadas, uma tradição que remonta à Europa do século 8, a título de celebração da vitória dos cristãos sobre os mouros.

Enquanto o cortejo seguia sob o sol e pela rua, rumo a um campo junto à Lagoa de Mostardas, era perceptível como a tradição corre perigo, mas também se afirma. O repertório da fanfara incluía *Over the Rainbow* e *Twist and Shout*, mas mantinha como carro-chefe a canção *Bandeira do Divino* (composta por Ivan Lins e Vinícius Martins em 1978).

Quando o cortejo chegou ao local da batalha, centenas de pessoas estavam ansiosas para ver o desenrolar de uma luta que religiosamente termina com a vitória dos cristãos. Nos extremos de uma área gramada semelhante a um campo de futebol, duas equipes de 12 cavaleiros, uma de azul, cristã, tendo por símbolo a estrela, outra vermelha, moura, com a meia-lua de insígnia. Nos 40 minutos seguintes, as duas tropas se bateriam em lutas a cavalo coreografiadas, usando espadas e pistolas, disputando a atenção oros e espas, três palhaços a cavalo



bolchimento. Em um bar, que faz as vezes também de salão de sinuca e minimercado, o folclorista estava degustando uma cachachinha de butiá — como não se render às tradições do lugar? — e discutindo com os visitantes que se vendia por ali, o que se discutia por ali.

Aí foi chegar ao Recanto do Gaiteiro, onde se faria o pagamento da Promessa de Ensaio. O local — chão de madeira, paredes de madeira sem tórno — é de um simétrico tocante. Paixão estava absolutamente à vontade. A primeira coisa que fez foi invadir a cozinha e trocar uma palavra com cozinheiras e cozinheiros. Depois seguiu para o pátio, onde uma fogueira aquecia uma grande panela de ferro com sopa. Esta muito escuro, mas Paixão aborda o grupo de dançantes que dali a pouco vai assumir a festa.

— E tu? Tá af e a goela? Está boa? — é o pesquiador saudando novatos e veteranos — no mínimo dois dos participantes do ensaio eram conhecidos de Paixão desde 1970.

Quando os 18 integrantes da comitiva entraram no salão, divididos em duas filas, cantando e dançando com os braços colados ao corpo, Paixão sentiu no pequeno palco do Recanto do Gaiteiro e se transformou em espectador. Mas o tipo do espectador que fala enquanto o espetáculo acontece.

— Ouve só, eles estão cantando em quicumbi (*áditorna afrizano*). Primeiro cantam os de frente, os de trás respondem depois. Repara, a batida do pandeiro e da cantinha (*reco-reco*) ficou diferente.

Vê que tem gente de boia, ténis, bombacha. Não importa se não é fãtasia. Não é fantasia, é a melhor roupa deles. Pode não haver dinheiro, mas há crenda.

A cantoria, repetitiva e monótona, de repente é abulada por um homem (com uma camiseta do punk Ramones) que fica provocando aquele que seria o embaixador da comitiva.

— Olha ali. Ele se faz de sono para tentar atacar o embaixador — diz Paixão —. Igualzinho ao que eu vi aqui há 30 anos.

No final, agressor e comitiva se abraçam e se cumprimentam, e o folclorista comenta:

— O que a Igreja estimula agora, esta tradição já faz há centenas de anos.

Nesse momento, pela segunda vez no dia, Paixão Côrtes é cumprimentado espontaneamente por alguém: um dos membros da comitiva sai da fila e o abraça. A última demonstração de carinho aparece quando a sopa é servida, primeiro para a comitiva, depois para todos os participantes da festa. Como de costume, quem se achava habilitado fazia o que se chama de "botar suidade"; ou

Viva o amigo Gordo / E também o amigo Paixão.  
 Outro se habilita, safando-se na métrica mas pecando na rima:  
 — Eu botei a mão no corpo / E vou falar devagarinho / Viva o Paixão Côrtes / E todos os convidados.

Paulo Tadeu Teixeira de Souza integra a comitiva agora e já a integrava há 30 anos. Seu pai, Domingos, que era o guia do grupo, morreu em Janeiro.

— Não estou no espírito, mas a comitiva não pode parar. Lembro do Paixão indo lá em casa há uns 40 anos para conversar com o pai. Ele sentava com a gente para comer arroz e galinha e comer. Ele tem muita facilidade de chamar as pessoas.

O dia 26 de maio de Paixão Côrtes termina quase no dia 27. Conduzido pela insistência da mulher, Marina, finalmente decide ir embora, mas percorre todo o Recanto do Gaiteiro para se despedir. Esta noite, ele voltou ao passado, viveu o presente e certamente garantiu que um pedacinho da tradição vai sobreviver ao futuro. Um gaúcho, com modestia proporcional aos seus 1m82cm de altura e quase cem quilos, que se define assim:

— Eu sou um escrevinhador, a arte é deles.



O chamado Feijão de Galinha é o prato principal da festa

não tem nada para nos dar".

Na casa de Carlos Alberto, ou melhor, no grande apartamento que reúne cozinha e sala, no melhor tradição açorianana, tendo à frente leite quente servido com concha, pato, mel, morçilha e queijo (para quem quisesse, havia ainda o conforto da cachachinha de butiá), os assuntos são postos em dia entre um fogão a lenha e um forno de microondas. Se Marina, mulher de Paixão, está dentro, recita-se a erva de baleeira, colhida, claro, ali atrás. Luiz Agnêdo, folclorista de Tavares, apelidado Gordo, comenta a arquitetura da colonização açorianana, normalmente de casas baixas:

— Era o medo ancestral dos açorianos pelas tormentas. Por isso, construíam casas perto de taquinetas. Paixão se protegeu, eles também colocavam uma cruz de sal no canto da mesa.

Carlos Alberto, 55 anos, lembra de sua juventude, ocupada por viagens até Viçosa e Porto Alegre, cinco dias conduzindo uma caureta com charque e camarão seco:

— E voltávamos com açúcar mascavo e farinha.

Nesses horas, Paixão é quase invisível. Interfere pouco, observa muito, exibindo a técnica que pratica há 60 anos: ouvir, valorizar, registrar.

Antes de ir para o compromisso da noite, Paixão



"A 'retrada da argolinha' é uma atividade das Cavalhadas

Paixão Côrtes usa o combate para atacar algumas visões de tradicionalismo.

— Nossas tradições não são só laçar e ginetear. Isso também é nossa tradição. Feliz de quem têm uma tradição como a dos senhores da região açoriana.

No final da cerimônia, mouros, cristãos e espíus conpetiram para ver quem conseguia esperar com a lança numa argola de 10 centímetros de diâmetro. O primeiro que conseguiu foi Elizaburo Costa Gonçalves, "mouro", agricultor que segue a tradição de seu pai, Elizaldo, que correu por 48 anos a cavalo. Elizaburo estrecou esse ano, arrematou a argola e a ofertou para — quem? — Paixão.

Depois de a batalha encerrada, Paixão e Elizaburo conversam. Aos 65 anos, o pai de Elizaburo argumenta:

— Tradição gaúcha se faz em qualquer lugar, campo ou cidade. Acho que a tradição não vai morrer, vai resistir. Não vamos nos converter à modernidade como os mouros se converteram aos cristãos.

O sol já se punha quando Paixão bateu à casa do agricultor Carlos Alberto Cardoso da Silva. A razão era presenciar a chegada da Folia do Divino, mas também conversar, aprender e conviver. Os cavaleiros, liderados pelo Imperador Festeiro Tércio Cardoso da Porciuncula, chegaram com pouca luz, mas muita fé, ao som compassivo do tambor de Paulo Tadeu Teixeira de Souza, 50 anos. Paixão está atento à religiosidade, mas observa em voz baixa:

— Quando o festeiro chegava numa casa em que sabia que o morador não doaria nada, o tamborileiro fazia um ritmo que sugeria os versos "esse batba de farelo não tem nada para nos dar".

Na casa de Carlos Alberto, ou melhor, no grande apoteose que reúne cozinha e sala, na melhor tradição açoriana, tendo à frente leite quente servido com concha, pão, mel, morchilla e queijo (para quem quisesse, havia ainda o conforto da cachachinha de bô, os assuntos são postos em dia entre um fogão à lenha e um forno de microondas. Se Marina, mulher de Paixão, está docente, receita-se a erva de baleeira, colhida, claro, ali atrás. Luiz Agnelo, folclorista de Ilvares, apelidado Gordo, comenta a arquitetura da colonização açoriana, normalmente de casas baixas:



Paixão Côrtes, junto aos dançantes da Promessa de Ensaio realizada no Recanto do Gaiteiro, localidade de Olhos D'Água, em Ilvares

acompanhar ainda a Bandeira do Divino pelas ruas de Mostardas até a Igreja Central da cidade. Tinha ainda um encontro marcado com o passado, no município de Ilvares, na localidade de Olhos d'Água. Desta vez, a reportagem de ZH encontrou Paixão em outro local tradicionalmente valioso para a coleta de informações: o bolicho. Em um bar, que faz às vezes também de salão de sinuca e minimercado, o folclorista estava degustando uma cachachinha de butiá — como não se render às tradições do lugar? — e discutindo com os videntes o que se vendia por ali, o que se plantava por ali.

Aí foi chegar ao Recanto do Gaiteiro, onde se faria o pagamento da Promessa de Ensaio. O local — chão de cimento, paredes de madeira, sem forro — é de um sinicetezote tocante. Paixão estava absolutamente à vontade. A primeira coisa que fez foi invadir a cozinha e trocar uma palavra com cozinheiras e cozinheiros. Depois seguiu para o nádio, onde uma fogueira aquecia uma

seja, emoar uma quadra improvisada de saudação. Paixão Côrtes explica:

— Isso é claramente português.

Mas as homenagens o inerrconpm. Um dos membros da comitiva canta alto:

— Eu botei a mão no copo / E também no coração / Viva o amigo Gordo / E também o amigo Paixão.

Outro se habilita, safando-se na métrica mas pecando na rima:

— Eu botei a mão no copo / E vou falar devagarinho / Viva o Paixão Côrtes / E todos os convidadas.

Paulo Tadeu Teixeira de Souza integra a comitiva agora e já a integrava há 30 anos. Seu pai, Domingos, que era o guia do grupo, morreu em janeiro.

— Não estou no espírito, mas a comitiva não pode parar. Lembro do Paixão indo lá em casa há uns 40 anos para conversar com o pai. Ele sentava com a gente para comer arroz e galinha e conversar. Ele tem muita facilidade

Em uma esteira, os açorianos pedis tornem-



pachinho de um metro e meio por meio e meio. E foi lá que Lamião me ensinou as danças, que eu repetia, às vezes batendo sem querer no sino. O difícil era lembrar da coreografia e da melodia quando voltava a Porto Alegre. Eu reunia meus músicos, tapava os dois ouvidos e cantava uma melodia que tinha ouvido. Fazia uma regressão. Engraçado: quando me pedem para cantar a música nesse ou naquele tom, digo que não consigo. Só consigo cantar no tom em que ouvi pela primeira vez. E assim minha memória.

## Corrigindo Baden

Fui gravar meu primeiro elepê em 1962, em um estúdio carioca. Comigo, só levei o acordeonista Neneco, que fazia parte de Os Gaudérios. Eu não sabia da minha autenticidade, e o Neneco garantia o sustentável. Os arranjos tinham ritmo, contrabaixo, violão e rabeca. Lá no Rio, nem se falava de rabeca — era violino. Para ajudar os músicos de lá a encontrarem o andamento certo eu cantava e dançava, e pedia para eles anotarem os tempos fortes do sapateado. E tinha um violonista bem novinho, bem quieto, que tocava seu instrumento colocando um pé sobre o outro, como na música erudita. Ele era bom no violão, mas não acertava o andamento. Eu falei:

— Companheiro, não é bem isso. E o Neneco ficava me gesticulando, tentando me chamar a atenção. Quando fomos almoçar, ele me falou:

— Páxto, tu sabes quem era o tocador de violão que tu estavas corrigindo? E o Baden Powell!!!

Quando voltamos, peguei leve com o Baden Powell:

— Estou encantado com o senhor. Pegar tão rápido coisas inéditas.

E o elepê *Folclore do Pampa*, juntando gaúderio e concertista, foi o melhor disco de folclore daquele ano. Interessante que, no Rio Grande do Sul, não houve repercussão maior. Aquilo era folclore, e aqui se queria gauchada mesmo.

## O pezinho

A redescoberta da dança do Pezinho foi em 1950. Eu e Barbosa Lessa estávamos desesperados para recuperar a dança, até que um dia um colega meu de faculdade de Agronomia, Nei Azevedo, disse que na cidade de Palmares, a família dele costumava tomar vinho enquanto primeiros e primas dançavam o Pezinho na praia.

Fomos para lá. No meio da festa, o seu Alípio, pai de Nei, interrompeu a festa e misturou os nossos bailarinos com os dele para ensaiar os passos.

Mas nem sempre era tão fácil. Quando a gente chegava a um bolicho, era recebido com desconfiança. Quando começava a assuntar, eles pensavam que estávamos atrás de uma herança, não de folclore. Minha técnica era chegar pichado no bolicho. Enquadrava o corpo e pedia um martelo de cadação. Otitava o corpo e pedia outro. Dava uma bicada e engolia tudo. E boia ou-tro. Dali a pouco, a peonada ia chegando. Às vezes, eu colocava a roupa cidadão (não pichado) e ia nas raias das cidades declarar uns versos para ficar conhecido e ganhar confiança do pessoal.

Acho que aí que está a diferença. Sou da cidade e do campo. Sou artista e também pesquisador. Não sou só um registrador, eu também interpreto.

## No túnel

Em 1951, eu e o Barbosa Lessa tínhamos uma idéia fixa: visitar um reducto de negros brasileiros que tinham se radicado na Bolívia depois da Guerra do Paraguai. Desceremos de hidroavião em Resistência, no Paraguai, atravessamos o Chaco e fomos até o Pico da Chacallaia, que é a estação de esqui mais alta do mundo (*mais de 5 mil metros acima do nível do mar*). Neve, neve, neve, e nós dois caminhando naquele silêncio.

Um dia, vimos um índio boliviano vindo lá de longe, vestindo um poncho curto e usando o sandália, puxando uma lhama e tocando flauta. Ele não sabia se estava no céu ou no inferno. Aquele pontinho preto ia desaparecendo na neve, e a gente ouvindo a querna. Até hoje me arrepio ao lembrar.

Bom, o fato é que o Barbosa feriu os olhos com a claridade da neve e teve de usar uns óculos bem escuros, que não o deixavam enxergar quase nada. Na volta, pegamos um trem, e Barbosa decidiu tirar uma soneca. Só que ele acordou bem na hora em que estávamos passando por um túnel. Gritou assustado:

— Páxto! Tô cego!

Mas logo saímos do túnel e a luz voltou, o Barbosa me agarrou e não perdooar.

— Como é que tu me deixas passar fiasco aqui, a mais de 3 mil metros de altura?

*"At está a diferença:  
sou da cidade e do campo,  
sou artista e também  
pesquisador!"*

# Causos apaixonantes

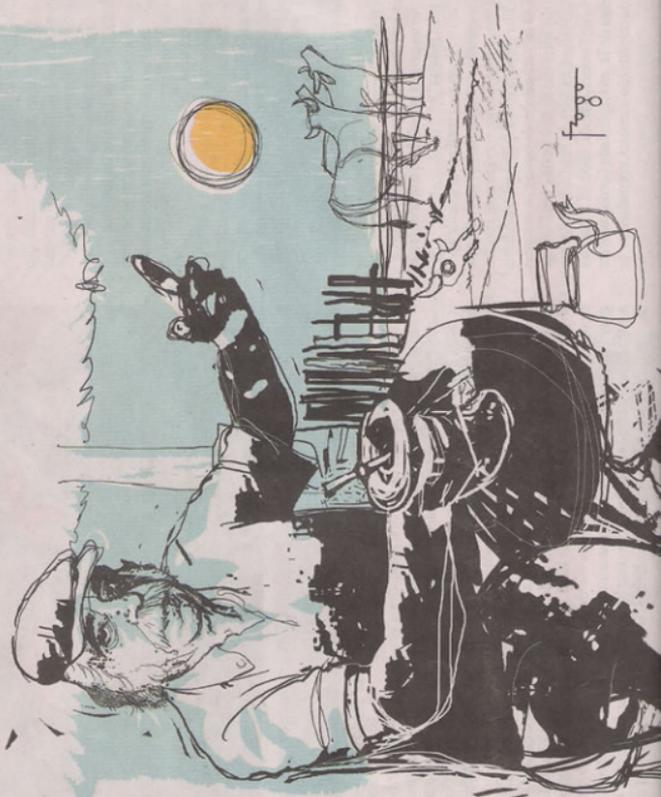
*O folclorista Paixão Côrtes recorda quatro episódios antológicos de sua trajetória*

## Bate o sino

Era 1956, e eu tentava de alguma forma registrar o que era o fandango. Eram danças da época da Revolução Farroupilha, que se faziam sob as ramadas, sobre o chão batido, junto às casas, os bailarinos usando esporas. Imaginar: dançar de esporas, hoje, é ofensa social. Ai fiquei sabendo que Lamão Joca, que tinha uns 70 anos, lá no Rincão da Mulada, então município de Bom Jesus, tocava violão de 12 cordas e ainda sabia as danças sapateadas do fandango. Fui até lá, mas Lamão se constrangeu de dançar em casa. A localidade era pequena, de construção só tinha a capela de madeira. Seguimos para lá. Na hora de dançar, Lamão deu uma olhadinha para o oratório e disse:

— Seu Paixão, aqui não dá!

Me desesperei: era uma dança inédita. Sugeri que a gente subisse para o campanário, um espacinho de um metro e meio por meio e meio. E foi lá que Lamão me ensinou as danças, que eu repetia, às vezes batendo sem querer no sino. O difícil era lembrar da coreografia e da melodia quando voltava a Porto Alegre. Eu reunia meus músicos, tapava os dois ouvidos e cantava a melodia de memória o que tinha ouvido. Fazia uma regressão. Engratado: quando me pedem para cantar a música nesse ou naquele tom, digo que não consigo. Só consigo cantar no tom em que ouvi pela primeira vez. E assim minha memória.



H – Um legado que sobrevive, reportagem de Zero Hora

# Tradição não aprovada

FOTOS TADEU VILANI

Mesmo reconhecendo que se trata de uma tradição arraigada no Rio Grande do Sul, a Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento não aprova a castração à lâca. Na avaliação do chefe do Serviço de Doenças Infecciosas do órgão, Nilton Rossato, os argumentos dos tradicionalistas, de que esse tipo de técnica é o menos dolorido e o de menor custo, são contestáveis.

O estresse provocado no animal e o risco de infecções são apontados como pontos negativos.

— Além de poder até mesmo perder uma cabeça do rebanho, por doença, o produtor ainda tem de se preocupar na recuperação emocional, já que o estresse pode fazer o animal deixar de se alimentar por dias — revela o chefe.

A sugestão da secretaria é que, sempre que for necessário realizar o procedimento, o produtor rural procure um médico veterinário ou uma instituição especializada. Na avaliação de Rossato, já houve um grande avanço na conscientização dos produtores gaúchos nos últimos anos.

— Mas ainda há muito a se fazer — conclui.

**TELMO DE QUADROS,  
PECUARISTA EM PONTO**  
*“Cuidamos para que os bichos sofram o*

## Saiba mais

> A castração é feita em ternários para facilitar o manejo do rebanho. Ao ter os testículos retirados, o animal perde a libido. Como não sente desejo pela fêmea, se torna mais dócil, se alimenta melhor e não provoca contusões quando as fêmeas entram no período fértil > Há basicamente quatro Mo-



# Lida campeira

# Um legado que sobrevive

# que sobrevive

Penão

GLEBER BERTONCELLO

Com o sol do amanhecer estampado no rosto, Telmo Rodrigues de Quadros, 62 anos, toma chimarrão na varanda de sua casa, na localidade de Lagoa Bonita, interior de Pontão, norte do Estado.

Trajando bombacha, camisa branca e botas com esporas, ele tem ao lado o filho caçula, Marcelo, 28 anos, igualmente pilchado. Ambos aguardam a chegada de parentes, amigos e vizinhos, esperados para um evento tradicional. Um lote de 45 terneiros da família passara pelo centenário ritual da castração à faca. E dia de festa na fazenda Belmira II.

Mesmo não recomendada pela Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento, a técnica está crivada nas tradições gaúchas e passa de geração para geração no mundo dos cantos do Estado. Músicas, poesias e histórias contam a celebração que acontece nestes dias.

Geralmente, os animais são castrados após o terceiro mês de vida. Os de maior porte e beleza, que podem se tornar uma boa matriz genética, são preservados. Mas os demais não escapam do rito.

Os peões que irão auxiliar no tra-



Imobilizado, o animal é marcado com ferro e tem os testículos retirados à faca

balho não chegam mais a cavalo, mas sim em possantes caminhonetes. Não dispensam, porém, o figurino gaúcho.

Entre uma castração e outra, muita diversão, brincadeiras e desafios para ver quem consegue laçar o maior número de animais. Filhos e netos acompanham com atenção. Mais do que uma intervenção necessária para facilitar o controle do rebanho é uma reunião de amigos.

— Cuidamos para que os bichos sofram o menos possível. E tudo uma grande festa. Uma legítima festa gaúcha — diz o patriarca, que calcula já ter castrado mais de 600 animais.

o animal perde a libido. Como não sente dor pela lâmina, se torna mais dócil, se alimenta melhor e não provoca contusões quando as fêmeas entram no período fértil

> Há basicamente quatro técnicas de castração. A mais primitiva é praticada em desuso e a castração à mão, que utiliza um martelo e causa mais sofrimento ao animal. A mais comum nos campos gaúchos é a castração à faca. Existe também a conhecida como burdizzo, onde se usa uma espécie de alicate. A mais recomendada por veterinários é uma pequena cirurgia, feita com anestesia, por profissionais habilitados

> As castrações geralmente são feitas no inverno para diminuir os riscos de infecção

TELMO DE QUADROS,  
PECUARISTA EM PONTÃO

“Cuidamos para que os bichos sofram o menos possível. É tudo uma grande festa. Uma legítima festa gaúcha.”



**P**ode parecer estranho, mas no interior do Estado era costume fazer uma festa para tirar os testículos dos terneiros.

Os homens do campo, acostumados a tratar com os animais, fazem isso para que os bichos engordem mais depressa, pois ficam mais dóciles e correm menos pelo campo afora. Assim, produzem mais carne para ser vendida nos açougues.

A tradição de fazer essa festa é mantida em algumas fazendas, embora em muitas outras a retirada seja feita por pessoas como veterinários, que estudaram em universidades para fazer isso.

Hoje em dia, os donos ou funcionários de fazendas fazem a festa só de vez em quando como uma forma de relembrar os costumes dos pais e avós. Se para os moradores da cidade isso parece estranho ou absurdo, para eles se trata de algo normal, que faz parte da cultura do Rio Grande do Sul.

Enquanto a lida segue no campo, na sede da fazenda as mulheres preparam o almoço, que terá um churrasco de ovelha. Em um espeto, ambos são cobocados os testículos retirados dos terneiros. Levados à brasa da churrasqueira, eles compõem outra parte do costume. A tradição já leva integrantes da família a percorrer quase 4,5 mil quilômetros — entre ida e volta — até o norte de Mato Grosso, aceitando um convite para participar de um dia de castração.

— Isso é uma coisa que jamais irá morrer, pois é a nossa cultura viva — aponta Marcelo.

► [gleber.bertoncello@zerobora.com.br](mailto:gleber.bertoncello@zerobora.com.br)

I – Aquecimento global, reportagem de Zero Hora

# Aquecimento global

## O clima endoidou?

CARLOS ETCHICHURY

Enquanto cientistas de todo o mundo debatem propostas para conter o aquecimento global e suas consequências catastróficas, a geada castiga Porto Alegre, o município de Bage, na Campanha, registra a temperatura de julho mais baixa em meio século e flocos de neve branqueiam Buenos Aires – o que não acontecia desde 1918.

Contração? Pelo contrário, asseguram pesquisadores. O inverno poderá registrar recordes de temperatura negativa no futuro devido justamente ao aquecimento global.

– As massas de ar polar são fenômenos característicos do inverno no sul da América Latina há milhares de anos e devem continuar ocorrendo, mesmo em um contexto de aquecimento global – garante Lauro Tadeu Guimarães Fortes, coordenador-geral de Desenvolvimento e Pesquisa do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet). E tem mais. Segundo os especialistas, não só as massas polares continuarão gelando o Rio Grande do Sul como poderão produzir, no futuro, temperatura ainda

mais severa.

– É possível que sejam batidos recordes de temperatura mínima – complementa o cientista Carlos Nobre, pesquisador titular do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

A possibilidade de temperatura ainda mais rigorosa está relacionada à energia existente na atmosfera gerada pelo efeito estufa, que provoca o aquecimento global.

– O efeito estufa aumenta a energia na atmosfera. Com mais energia, os contrastes térmicos devem ser maiores, com massas polares podendo ser mais intensas. Uma analogia pode ser feita com o verão e o inverno. As tempestades no verão, por exemplo, são mais intensas do que no inverno – detalha Nobre, engenheiro eletrônico e doutor em meteorologia pelo renomado MIT (Massachusetts Institute of Technology).

Apesar de induzir quedas pontuais da temperatura mínima, o aquecimento da Terra aumenta a média das marcas registradas ao longo de todo inverno. Nos últimos cinco anos, por exemplo, de acordo com um levantamento realizado pelo professor de Climatologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Francisco Eliseu Aquino, os meses

**FRANCISCO DE ASSIS DINIZ**  
ASSESSOR TÉCNICO DO  
INSTITUTO NACIONAL DE  
METEOROLOGIA

*“Será cada vez mais comum ter dias de calor seguidos por massas polares.”*

de inverno registraram temperatura acima da média histórica. Até 2004, os termômetros ficaram em média entre 0,3 e 0,4 grau acima do normal. Nos últimos dois anos, mais de um grau além dos padrões. O recorde do período ficou com o inverno de 2005: 1,6 grau acima da média.

**Previsão é de que situação  
crie refugiados ambientais**

A previsão é de que, cada vez mais, gaúchos irão conviver com massas polares extremas intercaladas por longos períodos de temperaturas amenas.

– O aquecimento global contribui para a existência de irregularidades. Será cada vez mais comum ter dias de calor seguidos por massas polares

– afirma Francisco de Assis Diniz, assessor técnico do Inmet.

As alterações climáticas geradas pelo aquecimento global assustam a comunidade científica internacional. Entre as transformações projetadas, estão a existência de milhões de refugiados ambientais, proliferação de furacões, verões escaldantes e transformação de florestas em savanas.

Em maio, propostas para frear o fenômeno provocado especialmente pela ação do homem na natureza foram apresentadas por cientistas ligados ao Painel Intergovernamental sobre Mudanças do Clima (IPCC, em inglês) – criado pela Organização Meteorológica Mundial e pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente para avaliar informações científicas técnicas e socioeconômicas sobre mudanças climáticas.

Entre as sugestões, estão a limitação do tráfego de veículos em determinados horários, o aumento da eficiência das indústrias e o estímulo ao biocombustível.

➤ [carlos.etchichury@zerohora.com.br](mailto:carlos.etchichury@zerohora.com.br)

Gelo cobre campos em Rio Grande



J – Homenagem ao ministro, crônica de Juremir Machado da Silva em Correio do Povo



K – Transcrição de propaganda televisiva da cerveja Polar

## Transcrição VT Polar – 35 segundos - Paulistas

Seis personagens. Duas paulistas, dois gaúchos, um barman paulista, duas gaúchas

(Uma mão retira uma garrafa de cerveja polar da prateleira de um freezer. Barulho de garrafa sendo aberta e copo sendo servido acompanham a imagem de um copo de cerveja com espuma transbordando, um bar ao fundo. Muda para as duas moças, cena aberta no bar)

Moça 1 – Ô meu, você traz dois copos pra gente por favor!

(Gaúchos, vestido informalmente, se olham com cumplicidade, pegam seus copos e se aproximam da mesa das moças, com considerável sotaque paulista)

Gaúcho 1 – E aí, beleza?

Gaúcho 2 – Bah, mas vocês não daqui, né?

Moça 1 – Não. São Paulo.

Gaúcho 1 e Gaúcho 2 – São Paulo...

Moça 2 – Então, vocês querem sentar com a gente?

(Gaúchos se olham com cumplicidade novamente. Toca o som de uma arpa. Eles imaginam que estão de fraque casando com as moças, diante de uma tradicional mesa com bolo de noiva em cima. Ambos beijam e abraçam as mulheres, casam-se. A cena corta para a Av. Paulista. Os dois casais lado a lado parados no meio-fio, diante de uma placa que indica o nome do local e ao lado da traseira de um ônibus. Os gaúchos estão de terno.

Gaúcho 2 – Ah, São Paulo! - neste instante o ônibus sai, despejando fumaça nos quatro. Os gaúchos tosseem e se contorcem, as mulheres apenas seguram eles expressando preocupação.

(Cena em elevador cheio. Os dois gaúchos à frente. Uma ascensorista fora da cena diz “Descendo” com forte sotaque paulista. Entram mais pessoas no elevador, que fica abarrotado e espreme os gaúchos, que fazem caretas)

(Nova cena. Os dois gaúchos dentro de um carro, sentados à frente, suas mulheres no banco de trás. O trânsito está parado, carros em volta, simulando um congestionamento, o dia é nublado, com garoa, os limpadores do para-brisa arranham o vidro. O gaúcho 2 expressa inconformidade, está com uma mão segurando a cabeça. Um motoqueiro ultrapassa o veículo no lado do motorista e arranca o espelho retrovisor. O gaúcho 1 se inclina totalmente sobre o volante, simulando desconsolo. As mulheres ficam preocupadas com a reação)

(Nova cena. Os dois gaúchos, ainda de terno e gravata, entram um bar, expressões felizes. Chegam ao balcão do barman)

Gaúcho 2 – Tchê, dá uma polar aí.

Barman – Polar? Que que é isso meu?

(Os dois gaúchos ficam com expressões faciais de indignação. Acaba o devaneio e eles voltam ao bar, à mesa das moças paulistas. A paulista 2 olha para eles, meneia a cabeça para os bancos vazios e insiste que eles sentem com elas)

Moça 2 – Então? (apontando os bancos com a cabeça)

Gaúcho 1 e Gaúcho 2 em uníssono – Bem capaz!

(aparece uma mão arrancando a palavra *export* do rótulo de uma garrafa de polar, prateleiras de bar com bebidas ao fundo).

Voz em Off – Polar. A melhor é daqui. Beba com moderação.

(os dois gaúchos se aproximam de outra mesa, com outras duas moças que bebem polar)

Gaúcho 1 – Tá, mas vocês são daqui né?

As duas moças – Arrã...

Os dois gaúchos – Mas ah!

L – Tarifa deve ser reajustada em até 11%, reportagem de Jornal do Vale Paraibano

**► Telefonia fixa****Tarifa deve ser reajustada em até 11%****Aumento deve ser anunciado na próxima quarta-feira pela Anatel; correção do valor é feita anualmente***São Paulo (AE)*

O presidente da Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações), Renato Navarro Guerreiro, disse ontem que o reajuste das tarifas de telefonia fixa deve ficar entre 10% e 11% sobre a conta média do usuário. "Não chega a 12%", afirmou.



A correção das tarifas da telefonia fixa é feita anualmente, com base no IGP-DI, que foi de 14,2% entre maio de 99 e 2000. Guerreiro explicou que esse índice não será usado integralmente em todos os itens que compõem a cesta de tarifas.

No caso das chamadas nacionais de longa distância, o reajuste dever ser de 11%. Nas ligações internacionais, haverá um abatimento de 9% no IGP-DI de maio --ambos os descontos são decorrentes de ganhos de produtividade que as companhias telefônicas são obrigadas a repassar ao usuário.

Os itens ligados ao serviço local que compõem a cesta de tarifas (assinatura, pulso e habilitação) devem utilizar o IGP-DI e heio porque o repasse da produtividade só terá validade a partir de 2001. O aumento nas tarifas deve ser anunciado no próximo dia 21.

**CELULAR CRESCE** - O celular pré-pago, também chamado sem-conta, já responde por 48,34% dos 17,8 milhões de aparelhos que havia em todo o Brasil em maio, segundo dados da Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações). O pós-pago, com assinatura mensal, tem os restantes 51,66%. Há um ano, o serviço com conta representava 90,8% dos 9,5 milhões de celulares. A fatia de mercado do pré-pago cresceu 428% nesse período.

O celular sem conta foi uma solução rápida para as empresas ampliarem a base de clientes, mas a receita mensal é inferior ao do pós-pago porque tem sido usado apenas para receber chamadas. O pré-pago já supera o número de usuários do celular com conta nos Estados do Rio, Rio Grande do Sul e região Centro-Oeste.

Na área de operação da ATL e da Telefônica Celular (RJ e ES), o número de pré-pagos chegou a 2,193 milhões contra 1,135 dos pós-pagos. No Rio Grande do Sul, o pré-pago representa 792 mil usuários e o pós-pago, 672 mil. Na região Centro-Oeste, 672 mil clientes das operadoras Americel e TCO optaram pelo pré-pago e 608 mil, pelo celular com conta.

A concorrência também deu retorno para as operadoras da banda B, que aumentaram sua participação no mercado em todo o Brasil de 23,9% em maio de 1999 para 30,6% no mês passado.

O mercado mais competitivo é o da região metropolitana de São Paulo, com a BCP, operadora da banda B, detendo 41,98% dos usuários, e a Telesp Celular, da banda A, com 58,02%. No interior e litoral do Estado, a Telesp Celular ainda detém liderança clara com 73,57%.

AE

O presidente da Anatel, Renato Guerreiro, disse ontem que reajuste da tarifa do telefone fixo "não chega a 12%"

---

Vale do Paraíba, sábado, 17 de junho de 2000  
Copyright © **O ValeParaibano** 2000

M – Case premiado da propaganda Fala Tchê, da Claro Digital/Telet

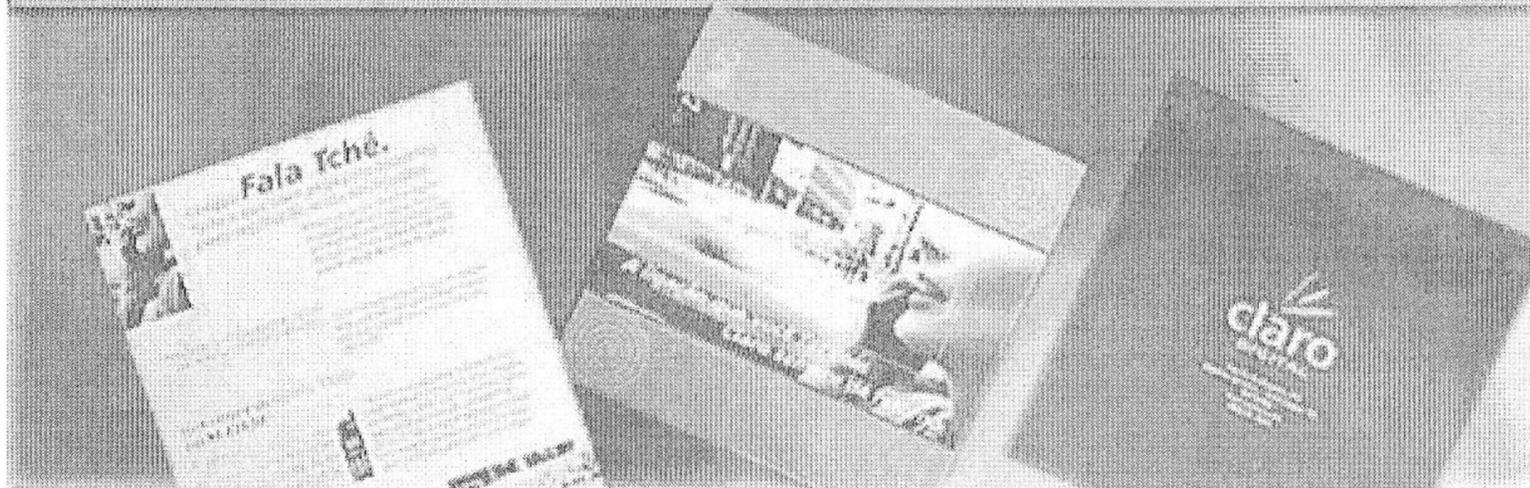
# Peça Avulsa-B2C

## Venda Direta - Serviço Telecom

**Case : Fala Tchê Losango**

**Agência : US PONTO COM Comunicação Integrada Ltda**

**Anunciante : Telet S/A**



**Categoria:**

Peça Avulsa - Business to Consumer - Venda Direta - Serviço Telecom

**Descrição do case:**

Desenvolvimento de um Self Mailer para venda de Kit Fone Pré-Pago Fala Tchê.

Para o desenvolvimento desta ação, a Claro Digital contou com a parceria da Losango no final da compra do aparelho e no fornecimento do mailing utilizado. A abordagem adotada buscou celular com cartão Fala Tchê, da Claro Digital, como uma oportunidade para quem sempre quer aparelho celular, mas não tinha condições de adquiri-lo. Desse modo, explorou-se o benefício Pré-Pago, que permite ao usuário maior controle com os gastos mensais das ligações realizadas como o retorno do valor pago com a aquisição do aparelho em créditos para serem utilizados em ligações durante o ano. Objetivo: Venda de 500 kits. Obstáculos: Atingir clientes de baixa renda da oferta dos serviços de telefonia móvel Pré-Pago.

**Créditos:**

Cliente - TELET:

Fábio Dias Monteiro - Gerente de Operações de Marketing

Victor Gomes - Marketing de Aquisição

Flávia Costa e Silva - Analista de Marketing

Fernanda Hartmann - Marketing de Relacionamento

Monica Boesing - Marketing de Relacionamento

Agência - US.COM:

Ricardo Barreto - Diretor de Planejamento e Atendimento

Claudio Govêa - Diretor de Criação

Alexsandro Bianco - Diretor de Arte

N – Letra de música cantada na campanha eleitoral ao governo do RS em 2006



alertaaopovo

De que adianta ser tradicionalista se no rio grande o governo for paulista

alertaaop...@gmail.com

\*\*\*\*\*

Alerta ao Povo  
<http://alertaaopovo.blogspot.com/>

\*\*\*\*\*

Biruta do Sul  
<http://birutadosul.blogspot.com/>

\*\*\*\*\*

Quem trabalha duro na globo apoia lula.  
Veja o vídeo:  
<http://video.google.com/videoplay?docid=8336399580329967884>

\*\*\*\*\*

De que adianta ser tradicionalista se no rio grande o governo for paulista  
Essa música ta engraçada....

Baixe o mp3:  
<https://twiki.softwarelivre.org/pub/Blogs/BlogPostMarceloBra>

Letra da música.

Vote em gaúcho que é honesto e ordeiro  
com olívio no governo veja um rio grande altaneiro

--- Refrão ---  
... de que adianta ser tradicionalista se no rio grande o governo for paulista. 2X

Povo gaúcho o acorda vestebrado de um taura apaixonado pelo tal tradicionalismo a nossa história colocou na sua lista o orgulho desse povo é gaúcho e não paulista

... a nossa história colocou na sua lista o orgulho deste povo é gaúcho e não paulista

--- Refrão ---  
... de que adianta ser tradicionalista se no rio grande o governo for paulista. 2X

Como será a semana farroupilha um festa que esse povo suas raizes la encilha, nos sentiremos com certeza muito lesados, vendo o vinte de setembro por São Paulo comandado

... nos sentiremos com certeza muito lesados, vendo o vinte de setembro por São Paulo comandado

paulista. 2X

Ainda vejo nosso sangue derramado os heróis se levantando pela honra desse estado, nós não podemos esquecer nossas raízes, vendo o povo do rio grande por São Paulo comandado.

... nós não podemos esquecer nossas raízes, vendo o povo do rio grande por São Paulo comandado

--- Refrão ---

... de que adianta ser tradicionalista se no rio grande o governo for paulista. 2X

Leia mais em:

<http://alertaapovo.blogspot.com/2006/10/de-que-adianta-ser-tradicion...>

---

Mais informações: <http://alertaapovo.blogspot.com/>  
Coletivo Alerfa ao Povo

## **CURRICULUM VITAE**



## Eduardo Silveira Cabral de Melo

Dados pessoais

possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004) e mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2007). Atualmente é escriturário no Banco do Brasil S. A. e vice-presidente da ONG Projeto para o Livre Uso do Saber - PLUS.  
(Texto informado pelo autor)

Última atualização do currículo em 02/05/2008

Certificado  
pelo autor  
em  
02/05/08

Endereço para acessar este CV:

<http://attes.cnpq.br/8583317092938123>

Nome	Eduardo Silveira Cabral de Melo
Nome em citações bibliográficas	MELO, Eduardo S. Cabral de
Sexo	Masculino
Endereço profissional	Banco do Brasil S. A., Ag. Senador Salgado Filho. Av. Senador Salgado Filho 135 Centro 90010-221 - Porto Alegre, RS - Brasil Telefone: <b>(51) 32122929</b>
Endereço eletrônico	profmelo@gmail.com

<b>Formação acadêmica/Titulação</b>	
2006 - 2007	Mestrado em Teoria da Literatura Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC RS, Brasil. <i>Título: A figura histórica e ficcional do gaúcho. Ano de Obtenção: 2008.</i> <i>Orientador:</i> Dr. Vera Teixeira de Aguiar. <i>Bolsista do(a):</i> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil. <i>Palavras-chave:</i> gaúcho; história; literatura; José de Alencar; publicidade; mídia. <i>Grande área:</i> Linguística, Letras e Artes / <i>Área:</i> Letras / <i>Subárea:</i> Literatura Brasileira. <i>Grande área:</i> Ciências Humanas / <i>Área:</i> História / <i>Subárea:</i> História do Brasil. <i>Grande área:</i> Ciências Humanas / <i>Área:</i> História / <i>Subárea:</i> História do Brasil / <i>Especialidade:</i> História do Rio Grande do Sul. <i>Setores de atividade:</i> Outros setores.
1999 - 2004	Graduação em História (Licenciatura), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil.

<b>Atuação profissional</b>	
Projeto para o Livre Uso do Saber, PLUS, Brasil.	
Vínculo institucional	
2007 - Atual	Vínculo: Livre, Enquadramento Funcional: Vice-Presidente
Outras informações: O objetivo da PLUS é disseminar publicações artísticas e científicas por meio eletrônico (e-books), promovendo acesso universal, irrestrito e gratuito à cultura. A PLUS é uma pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, fundada em outubro de 2007. Os primeiros e-books com ISBN serão publicados em junho de 2008. <a href="http://www.editoraplus.org">www.editoraplus.org</a>	
Atividades	
10/2007 - Atual	Direção e administração, Diretoria, ... Cargo ou função Editor de conteúdos científicos.
Banco do Brasil S. A., BB, Brasil.	
Vínculo institucional	
2001 - Atual	Vínculo: Celetista, Enquadramento Funcional: Escriturário, Carga horária: 30
Atividades	
02/2004 - Atual	Ensino, Nível: Outro. Disciplinas ministradas Treinamento para formação de caixas-executivos Grafoscopia

<b>Áreas de atuação</b>	
-------------------------	--

<b>Idiomas</b>	
Compreende	Inglês (Bem), Espanhol (Bem), Francês (Razoavelmente).

Fala Inglês (Bem), Espanhol (Razoavelmente), Francês (Pouco)  
Lê Inglês (Bem), Espanhol (Bem), Francês (Razoavelmente).  
Escreve Inglês (Razoavelmente), Espanhol (Pouco), Francês (Pouco)



[Ver informações complementares](#)

#### Produção em C, T & A

##### Produção bibliográfica

##### Produção bibliográfica

##### Resumos publicados em anais de congressos

1. MELO, Eduardo S. Cabral de . Uma História de Ficção: A Identidade Contemporânea do Gaúcho em "História de Cronópios e Famas", de Julio Cortázar. In: XII Seminário Nacional de Literatura e História, 2005, Porto Alegre. Caderno de Resumos, 2005. p. 19-19.



#### Eventos

##### Participação em eventos

1. XII Seminário Nacional de Literatura e História. Uma História de Ficção: a identidade contemporânea do gaúcho em "História de Cronópios e Famas", de Julio Cortázar, 2005. (Participações em eventos/Seminário).
2. XVII Salão de Iniciação Científica. XVII Salão de Iniciação Científica - UFRGS, 2005. (Participações em eventos/Outra)



Página gerada pelo Sistema Currículo Lattes em 03/05/2008 às 12:23:34